



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social

Zélia Malheiro Marques

**CORRESPONDÊNCIAS DE MULHERES DO ALTO SERTÃO DA BAHIA (1844 -
1950): PRÁTICAS DE LEITURA E DE ESCRITA**

Belo Horizonte
2021

Zélia Malheiro Marques

**CORRESPONDÊNCIAS DE MULHERES DO ALTO SERTÃO DA BAHIA (1844 -
1950): PRÁTICAS DE LEITURA E DE ESCRITA**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação.

Área de Concentração: História da Educação

Orientadora: Prof^ª. Dra. Mônica Yumi Jinzenji

Belo Horizonte
Abril de 2021

FICHA CATALOGRÁFICA

M357c T

Marques, Zélia Malheiro, 1963-

Correspondências de mulheres do alto sertão da Bahia (1844 - 1950) [manuscrito]:
práticas de leitura e de escrita / Zélia Malheiro Marques. - Belo Horizonte, 2021.
246 f.: enc, il.

Tese -- (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de
Educação.

Orientadora: Mônica Yumi Jinzenji.

Bibliografia: f. 223-240.

Anexos: f. 241-246.

1. Gomes Neto, José Antônio, -- Barão de Caetité -- 1822-1889 -- Família -- Teses. 2. Teixeira, Deocleciano Pires, -- 1844-1930 -- Família -- Teses. 3. Educação -- Teses. 4. Educação -- História -- Bahia -- Séc. XIX -- Teses. 5. Mulheres -- Escrita -- História -- Bahia -- Séc. XIX -- Teses. 6. Mulheres -- História -- Séc. XIX -- Teses. 7. Mulheres -- Redação de cartas -- História -- Séc. XIX -- Teses. 8. Mulheres -- Cartas -- Aspectos educacionais -- Teses. 9. Mulheres -- Correspondência -- Aspectos educacionais -- Teses. 10. Mulheres -- Análise de correspondência -- Teses. 11. Escrita -- História -- Bahia -- Séc. XIX -- Teses. 12. Leitura -- História -- Bahia -- Séc. XIX -- Teses. 13. Bahia -- Educação -- História -- Séc. XIX -- Teses. 14. Caetité (BA) -- Educação -- História -- Séc. XIX -- Teses.

I. Título. II. Jinzenji, Mônica Yumi, 1974-. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 370.9

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO -
CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL



FOLHA DE APROVAÇÃO

Correspondências de mulheres do Alto Sertão da Bahia: práticas de leitura escrita (1844-1950)

ZELIA MALHEIRO MARQUES

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL, como requisito para obtenção do grau de Doutor em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL.

Aprovada em 30 de abril de 2021, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). MONICA YUMI JINZENJI - Orientador
UFMG

Prof(a). Maria Lúcia Porto Silva Nogueira
Universidade do Estado da Bahia

Prof(a). Isabel Cristina Alves da Silva Frade
UFMG

Prof(a). Marcos Profeta Ribeiro
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof(a). Ana Maria de Oliveira Galvão
UFMG

Professora Dra. Rosimar de Fátima Oliveira
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação:
Conhecimento e Inclusão Social - FAE/UFMG

Belo Horizonte, 19 de maio de 2021.

Ao Deus da vida, que a quer em abundância para todos e todas, dedico este trabalho feito por muitas mãos. Como uma prece, especialmente neste tempo de pandemia (Covid-19), peço que desperte a humanidade a buscar sua essência e, com uma escuta sensível, ser força viva a contribuir com práticas de leitura e de escrita por um mundo melhor!

AGRADECIMENTOS: “O TEMPO É ESTE”

Nas muitas conversas cotidianas recentes com minha orientadora, os assuntos foram o acúmulo de trabalho e as dificuldades esperadas neste momento em que se torna necessário colocar um “ponto final” nos trabalhos da pesquisa. Falamos que isso estava para todos e todas, e trouxemos o tema “tempo” como um impediador para enriquecer este trabalho. Não sendo possível, concluímos: “o tempo é este”.

O tempo é este para desacelerar a caminhada, que se intensificou há quatro anos, na mesma época em que professores da Universidade do Estado da Bahia – UNEB (*campi* de Bom Jesus da Lapa, Guanambi e Caetité/BA) ingressaram no doutorado da Faculdade de Educação (FAE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), através do Convênio DINTER (UNEB, *campus* XXII de Guanambi – BA), uma proposta coordenada pelas professoras Ana Maria de O. Galvão e Carmem Eiterer, da UFMG, e Sônia Maria Alves de O. Reis, da UNEB. Minha gratidão a elas!

Por essa coordenação, em exemplar acompanhamento e parceria, aciono os demais professores da UFMG: os que, em algumas ocasiões, se deslocaram de Belo Horizonte para o Alto Sertão da Bahia e os que encontramos na UFMG, através das muitas atividades acadêmicas. A todos e todas, meus agradecimentos pelas importantes oportunidades de estudo. Na pessoa de Joalice, agradeço todos os demais funcionários que sempre me atenderam muito bem na FAE-UFMG. Gratidão especial à minha orientadora, Mônica Yumi Jinzenji. Em contato com ela, penso que há encontros realizados em um tempo da necessidade e de uma parceria em configuração do bem. A você, querida orientadora, meu muito obrigada. Sei que é pouco, mas é o reconhecimento de tudo que fez, faz e fará, pois a luta continua.

Em relação ao DINTER, reconheço os muitos esforços por parte de professores, funcionários e alunos e, sendo difícil destacar seus nomes, registro os agradecimentos aos professores: José Bytes de Carvalho, reitor da UNEB; José Alves e Reinaldo Ferreira, gestores dos *campi* de Guanambi e de Caetité naquela ocasião. Aos gestores atuais, os professores Domingos Rodrigues da Trindade e Marinalva N. Fernandes, meus sinceros agradecimentos pela integração a um projeto que é resultado do esforço de muitas pessoas. A todos e todas, meus agradecimentos.

Por essa adesão, agradeço, ainda, aos funcionários e aos meus colegas de turma (Angelita de Souza Leite, Edna Souza Moreira, Elvina Perpétua Ramos Almeida, Fausta Porto Couto, Giane Araújo Pimentel Carneiro, Gildelson Felício de Jesus, Ginaldo Cardoso de Araújo, Jorge Adilson Gondim Pereira, Kleide Iraci Marques Silva, Maria de Fátima Pereira

Carvalho e Sebastião Carlos dos Santos Carvalho) e aos demais que fizeram parte dessa convivência na UFMG, pelos diversos componentes curriculares e eventos acadêmicos.

Ao rememorar alguns dos muitos encontros realizados, sinto-me grata pela troca de experiências em lugares de significado, como na Faculdade de Educação da UFMG, no Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação – GEPHE, nos encontros do grupo de Cultura Escrita e nos encontros de orientação. Nesse lugar, que denominamos de “A Turma da Mônica” (Paulo Henrique, Priscilla, Jumara, Larissa, Paula, a mais recente, e eu), o apoio sempre será mútuo. Estamos distantes geograficamente, mas bem próximos pela afinidade das discussões acadêmicas propiciadas pela orientação e pelos professores da área, representados pela banca de avaliação, a quem agradeço pelo aceite em avaliar nosso trabalho “Correspondências de mulheres do Alto Sertão da Bahia (1844 – 1950): práticas de leitura e de escrita”. Minha gratidão às queridas Ana Maria de O. Galvão, Isabel Cristina A. da S. Frade, Maria José de Souza, Maria Lúcia Porto Nogueira e Maria de Fátima N. Pires e ao querido Marcos Profeta Ribeiro. Saibam que vocês pertencem a Universidades (UFMG, UNEB, UESB e UFBA) muito importantes na minha trajetória de formação acadêmica.

O tempo é este para os agradecimentos às parcerias de sempre, aos colegas, funcionários e alunos do Instituto de Educação Anísio Teixeira (IEAT), ao Núcleo de Pesquisa e Extensão (NUPE) e aos projetos, como o Arquivo Público Municipal de Caetitê (APMC) e o Museu do Alto Sertão da Bahia (MASB), lugares de práticas de leitura e de escrita, de movimentação de funcionários e de bolsistas, em apoio aos trabalhos que dinamizam o nosso grupo de pesquisa (GPCSL-CNPq). Como é difícil citar as muitas pessoas, registro as que estiveram mais próximas, ciente de que, através delas, estarei agradecendo aos que me ajudaram neste trabalho que foi feito em parceria. Por isso, em nome de Edilúcia Fernandes, parceria fiel para o processo da pesquisa, Rosália Junqueira Aguiar, Fabrícia Oliveira, Jeane Fernandes, Jussara Junqueira, Ronildo da Cruz, Valmira Fernandes, Maria de Lourdes Duca, Géssika Souza, Joice Xavier, Leucy Pereira e Roberto Marinho, meus agradecimentos. Estaremos juntos em novas e intensas buscas, trabalhando pela salvaguarda, pesquisa e comunicação de acervos e propiciando leituras.

O tempo é este para realçar as muitas práticas interdisciplinares. Por isso, aos colegas Maria de Fátima N. Pires, Paulo Henrique Duque Santos, Marcos Profeta Ribeiro, Lielva Aguiar, Nivaldo Dutra, Maria Lúcia P. Nogueira, Marinalva Fernandes, Sônia Alves, Rayana Ladeia, Denise Neves, Esmeralda Meira, Junívio Pimentel, Joseni Reis, Giane Carneiro, Zezito Rodrigues e Tatiane Marques, os meus agradecimentos! Agradeço aos colegas e amigos, Ginaldo Araújo, que se dispôs a ler textos da tese e a Reinaldo Ferreira pela tradução do resumo.

Lembrando vocês, rememoro muitos outros nomes que gostaria de registrar aqui. Impossível! Eles estarão na parceria cotidiana dos trabalhos de ensino, pesquisa e extensão e terei oportunidades de agradecê-los.

O tempo é este para agradecer pessoas ligadas às famílias das mulheres sujeitos da pesquisa. Para isso, destaco instituições como a Fundação Anísio Teixeira, a Casa Anísio Teixeira (CAT), a Associação de Senhoras de Caridade de Caetité e o Grupo de estudos Anísio Teixeira e, em nome de Dona Ieda Neves, Zélia Bastos, Mara Ledo e Denise Neves, agradeço a todos e todas. Agradeço, ainda, o trabalho imprescindível e competente da revisora Monia Wazlawoski.

À família, meus agradecimentos eternos! Sabemos das nossas diferenças, mas também do quanto isso é salutar para instigar nossas conversas e contribuição por uma convivência cotidiana pautada na alegria partilhada a partir da simplicidade da vida. Sei que muitos não entenderam os momentos de ausência, quando precisei fugir dos encontros e me isolar na solidão necessária de uma pesquisa. Nesse sentido, a pandemia (Covid-19) acabou sendo justificativa. Em nome da mulher forte, a mãe (Dona Dezinha), e dos mais novos sobrinhos (Hilário Neto e a recém-nascida, Camila), sobrinha-neta, os sinais de reação à vida. Gratidão a todos e todas!

Em suma, seria possível desenvolver uma história e também uma teoria da reação do leitor. Possível, mas não fácil; pois os documentos raramente mostram os leitores em atividade, moldando o significado a partir dos textos, e os documentos são, eles próprios, textos, porque também requer interpretação. Poucos deles são ricos o bastante para propiciar um acesso, ainda que indireto, aos elementos cognitivos e afetivos da leitura, e alguns poucos casos excepcionais podem não ser suficientes para se reconstruírem as dimensões interiores dessa experiência. Mas os historiadores do livro sempre exibiram uma grande quantidade de informação sobre a história social, podem responder muitas das perguntas de “quem”, “o quê”, “onde”, e “quando”, o que pode ser de grande ajuda na abordagem dos mais difíceis “porquês” e “comos” (DARNTON, 2011, p. 207).

RESUMO

Este trabalho objetiva compreender os modos de participação de mulheres pertencentes à família do Barão de Caetité (José Antônio Gomes Neto; 1822 - 1889) e à família de Deocleciano Pires Teixeira (1844 - 1930) nas culturas do escrito através da análise de suas correspondências, entre meados do século XIX e meados do século XX. Tem como objetivos específicos identificar as práticas de leitura e de escrita das mulheres autoras das cartas, bem como identificar as instâncias educacionais por meio das quais essas mulheres desenvolveram e ampliaram essas práticas. Para o aporte teórico principal, utilizam-se os estudos da História Cultural, da História da Leitura e da História das Culturas do Escrito, tendo Roger Chartier como interlocutor privilegiado por meio dos conceitos de práticas de leitura e de escrita (CHARTIER, 1990; 1991; 1998; 2001; 2007; 2010). O estudo tem como referência a Nova História Cultural, perspectiva para a qual sujeitos, objetos, fontes e problemas são reconfigurados, abrindo possibilidade para que pessoas comuns e anônimas e escritos não oficiais ganhem destaque (BURKE, 1992; DARNTON, 1992). Assim, o estudo pretendeu tirar as mulheres da invisibilidade, mostrando-as ativas no processo de participação nas culturas do escrito. Trata-se de uma pesquisa documental que analisa as correspondências disponíveis no Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC), no fundo de correspondências relacionadas à família do Barão de Caetité e à família Spínola Teixeira, como fontes principais. Essas fontes foram organizadas a partir de três gerações de mulheres produtoras de cartas: primeira geração: 1844 - 1888; segunda geração: 1901 - 1944; e terceira geração: 1901 - 1950. Foi possível discutir especificidades de uma geração em relação à outra pelos estudos de Karl Mannheim, indicando não apenas a dimensão cronológica de pertencimento dos sujeitos, mas, sobretudo, as experiências que se compartilhavam na interface entre a objetividade e a subjetividade. A análise identificou a constituição de uma rede de sociabilidade, principalmente familiar, que a cada geração se expandia geograficamente de acordo com os deslocamentos das mulheres por outras regiões da Bahia e por outros estados. As cartas também variavam em suas funções, podendo ser informativas, persuasivas, ou para fruição cultural. As autoras eram leitoras dos principais periódicos impressos em sua localidade de residência e faziam circular jornais, livros e outros materiais, ampliando o acesso dos membros da família a eles. As práticas de escrita eram condicionadas a circunstâncias como a pressa, a iluminação noturna, as viagens, a ausência de materiais, as condições de saúde e a inaptidão para escrever. Além das cartas, as mulheres usavam o telégrafo, cartões postais e cartão-convite, bem como as escritas de cunho formal, burocrático e técnico vinculadas às diversas atuações públicas e processos educativos, como estatutos de associação, docência, documentos cartoriais, aprendizagem e ensino da música e do desenho. Dessa forma, o estudo buscou problematizar os modos como, por meio da leitura e da escrita, as mulheres se constituíram e participaram do desenvolvimento social e cultural muito além do Alto Sertão da Bahia.

Palavras-chave: Cartas de Mulheres. Alto Sertão da Bahia. Culturas do Escrito.

ABSTRACT

This work aims to understand the manner of participation of women belonging to the family of Barão de Caetité (José Antônio Gomes Neto; 1822 - 1889) and to the family of Deocleciano Pires Teixeira (1844 - 1930) in the cultures of writing through the analysis of their correspondences, between the mid-19th century and the mid-20th century. Its specific objectives are to identify the reading and writing practices of the women who wrote the letters, as well as to identify the educational instances through which these women developed and expanded these practices. For the main theoretical contribution, the studies of Cultural History, the History of Reading and the History of the Cultures of Writing are used, having Roger Chartier as privileged interlocutor through the concepts of reading and writing practices (CHARTIER, 1990; 1991 ; 1998; 2001; 2007; 2010). The study has as reference the New Cultural History, a perspective for which subjects, objects, sources and problems are reconfigured, opening the possibility for ordinary and anonymous people and unofficial writings to gain prominence (BURKE, 1992; DARNTON, 1992). Thus, the study intended to take women out of invisibility, showing them to be active in the process of participating in the cultures of writing. This is a documentary research that analyzes the correspondences available in the Municipal Public Archive of Caetité, in the background of correspondences related to the Barão de Caetité family and to the Spínola Teixeira family, as main sources. These sources were organized from three generations of letter producer women: first generation: 1844 - 1888; second generation: 1901 - 1944; and third generation: 1901 - 1950. It was possible to discuss specificities of one generation in relation to the other by the studies of Karl Mannheim, indicating not only the chronological dimension of the subjects' belonging, but, above all, the experiences that were shared by the mediation of objectivity and subjectivity. The analysis identified the constitution of a network of sociability, mainly family, that each generation expanded geographically according to the displacement of women by other regions of Bahia and by other states. The letters also varied in their functions, which can be informative, persuasive, or for cultural enjoyment. The authors were readers of the main periodicals printed in their locality of residence and circulated newspapers, books and other materials, expanding the access of family members to them. Writing practices were conditioned to circumstances such as haste, night lighting, travel, the absence of materials, health conditions and the inability to write. In addition to letters, women used the telegraph, postcards and invitation cards, as well as formal, bureaucratic and technical writings linked to the various public activities and educational processes, such as association statutes, teaching, notary documents, learning and teaching of music and drawing. Thus, the study sought to problematize the ways in which, through reading and writing, women formed themselves and participated in the social and cultural development far beyond the Alto Sertão da Bahia.

Keywords: Letters from Women. Alto Sertão da Bahia. Cultures of Writing.

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|-----|
| Quadro 1 - O que liam e escreviam as autoras das cartas? | 33 |
| Quadro 2- Correspondências de mulheres: três gerações | 58 |
| Quadro 3 - Correspondências de mulheres da primeira geração: circulação | 88 |
| Quadro 4 - Correspondências de mulheres da segunda geração: circulação | 93 |
| Quadro 5- Correspondências de mulheres da terceira geração: circulação | 102 |
| Quadro 6 - Jornais lidos e difundidos pelas mulheres da família Spínola Teixeira | 142 |
| Quadro 7 - Livros lidos e difundidos pelas mulheres da família Spínola Teixeira | 158 |
| Quadro 8 - Revistas lidas e difundidas pelas mulheres da família Spínola Teixeira..... | 159 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| Figura 1 - Carta de Rita Sofia para o irmão, o Barão de Caetité (22/10/1844)..... | 18 |
| Figura 2 - Carta de Rita para Elvira..... | 40 |
| Figura 3 - Casa do Barão de Caetité..... | 50 |
| Figura 4 - Igreja São Benedito (1833) em Caetité (BA)..... | 51 |
| Figura 5 - Relação dos Escravos Pertencentes ao Barão de Caetité..... | 52 |
| Figura 6 - Lápides (Igreja São Benedito)..... | 54 |
| Figura 7 - Vista da Praça da Catedral em Caetité e casa de Deocleciano Pires Teixeira e família..... | 55 |
| Figura 8 - Família de Deocleciano Pires Teixeira e Anna Spínola Teixeira e alguns filhos.... | 55 |
| Figura 9 - Elvira Benedita de Albuquerque Gomes..... | 61 |
| Figura 10 - Mulheres da segunda geração: Maria Victória, Alzira, Alice e Anna..... | 63 |
| Figura 11 - Mulheres da terceira geração: Evangelina, Celsina, Hersília, Leontina, Angelina e Carmen..... | 70 |
| Figura 12 - Carta de Alzira para o tio Rogociano..... | 84 |
| Figura 13 - Carta de Hersília para Celsina (23/04/1937)..... | 123 |
| Figura 14 - Matéria Un homme qu'il faut cannaître, de <i>A Penna</i> | 144 |
| Figura 15 - <i>O Bem te vi</i> , n. IV, ano I, p.01..... | 146 |
| Figura 16 - Correio de Caetité, n. 6, ano. I, p. 1..... | 148 |
| Figura 17 - Correio de Caetité n. 7, ano I, p. 1..... | 148 |
| Figura 18 - Recibo de assinatura de O Tico-tico..... | 153 |
| Figura 19 - Carta de Evangelina para Anna (14/06/1923)..... | 162 |
| Figura 20 - Amizade Poética..... | 177 |
| Figura 21 - Carta de Anna para Celsina..... | 186 |
| Figura 22 - Anúncio do Collégio N. S. de Lourdes no jornal <i>A Penna</i> | 189 |
| Figura 23 - Primeira Formatura da Escola Normal de Caetite em 1929..... | 199 |
| Figura 24 - "Pequenique Flor da Índia 932"..... | 200 |
| Figura 25 - Formaturas da Escola Normal de Caetité nos anos de 1931 e 1935..... | 201 |
| Figura 26 - Carta de Carmen para Anna..... | 216 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|-----|
| Gráfico 1 - Fluxo das correspondências da primeira geração de mulheres | 89 |
| Gráfico 2 - Fluxo das correspondências da segunda geração de mulheres | 98 |
| Gráfico 3 - Fluxo das correspondências da terceira geração de mulheres..... | 109 |

LISTA DE MAPAS

| | |
|--|-----|
| Mapa 1 - Representação das localidades envolvidas na correspondência da primeira geração de mulheres | 87 |
| Mapa 2 - Representação das localidades envolvidas na correspondência da segunda geração de mulheres. | 91 |
| Mapa 3 - Representação das localidades envolvidas na correspondência da terceira geração de mulheres | 100 |

LISTA DE SIGLAS

| | |
|---------|---|
| A.C. | Antes de Cristo |
| AFSBC | Arquivo da Família do Barão de Caetité |
| AFST | Arquivo da Família Spínola Teixeira |
| ANL | Aliança Nacional Libertadora |
| APMC | Arquivo Público Municipal de Caetité |
| ASC | Associação de Senhoras de Caridade |
| BA | Bahia |
| CECR | Centro Educacional Carneiro Ribeiro |
| CPDOC | Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil |
| DGE | Diretoria Geral de Estatística |
| FAPESP | Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo |
| FGV | Fundação de Getúlio Vargas |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| IE/UFU | Universidade Federal de Uberlândia |
| IPAC | Instituto do Patrimônio Artístico Cultural da Bahia |
| MASB | Museu do Alto Sertão da Bahia |
| MRP | Manufacturing Resource Planning |
| SBHC | Sociedade Brasileira de História da Ciência |
| TCC | Trabalho de Conclusão de Curso |
| UESC | Universidade Estadual de Santa Cruz |
| UFBA | Universidade Federal da Bahia |
| UFC | Universidade Federal do Ceará |
| UFRJ | Universidade Federal do Rio de Janeiro |
| UFSC | Universidade Federal de Santa Catarina |
| UNEB | Universidade do Estado da Bahia |
| UNICAMP | Universidade Estadual de Campinas |

SUMÁRIO

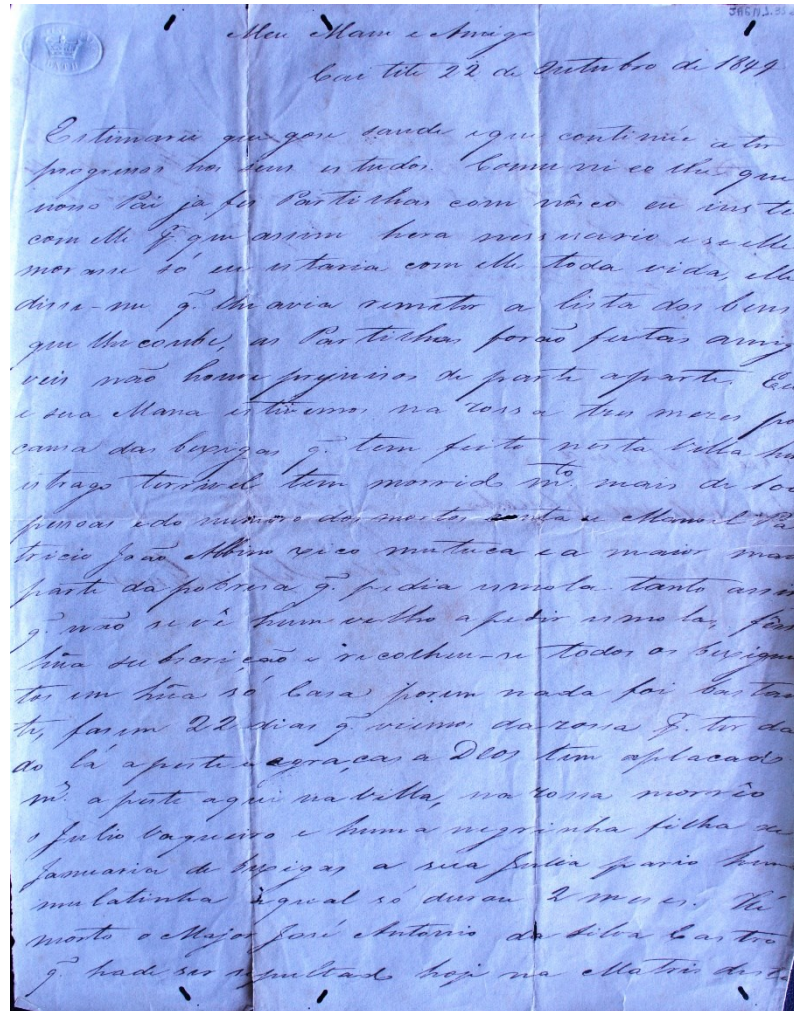
| | |
|--|------------|
| 1 INTRODUÇÃO | 18 |
| 1.1 História da leitura e as culturas do escrito | 23 |
| 1.2 Onde se situa a narrativa? | 28 |
| 1.3 Apresentação das fontes e metodologia | 32 |
| 1.3.1 <i>Correspondências</i> | 32 |
| 1.3.2 <i>Livros de nascimento, casamento e óbitos</i> | 34 |
| 1.3.3 <i>Livros (de posse, atas, receitas anotações e literários), outros impressos e fotografias</i> | 35 |
| 1.3.4 <i>Impressos periódicos</i> | 36 |
| 1.3.5 <i>Cadernos de notas, caderneta e folhas de anotações</i> | 37 |
| 1.4 Estruturação da tese | 38 |
| 2 MULHERES DE FAMÍLIAS DA ELITE POLÍTICA E ECONÔMICA DO ALTO SERTÃO DA BAHIA (1844 - 1950) | 40 |
| 2.1 O Alto Sertão da Bahia (1844 - 1950): amplas e complexas relações | 43 |
| 2.2 As famílias das mulheres: Barão de Caetité e a Spínola Teixeira | 47 |
| 2.2.1 <i>A família do Barão de Caetité, José Antônio Gomes Neto (1822 - 1889)</i> | 49 |
| 2.2.2 <i>A família de Deocleciano Pires Teixeira (1844 - 1930)</i> | 54 |
| 2.3 Mulheres produtoras de cartas da família do Barão de Caetité e da família de Deocleciano Pires Teixeira: três gerações | 57 |
| 2.3.1 <i>Primeira Geração de Mulheres Produtoras de Cartas (1844 - 1888): a irmã e a esposa do Barão de Caetité</i> | 60 |
| 2.3.2 <i>Segunda Geração de Mulheres Produtoras de Cartas (1901 - 1944): a integração das famílias (Barão de Caetité e a Spínola Teixeira)</i> | 62 |
| 2.3.3 <i>Terceira Geração de Mulheres Produtoras de Cartas (1901 - 1950): as filhas de Anna Spínola Teixeira</i> | 70 |
| 2.4 O Alto Sertão da Bahia em três gerações de mulheres: escrita e leitura | 82 |
| 3 CARTAS ESCRITAS POR MULHERES NO ALTO SERTÃO DA BAHIA: CIRCULAÇÃO E MODELOS EPISTOLARES | 84 |
| 3.1 Correspondências em sociabilidade | 86 |
| 3.1.1 <i>Circulação e fluxo de cartas da 1ª geração (1844 - 1888)</i> | 86 |
| 3.1.2 <i>Circulação e fluxo de cartas da segunda geração (1901-1944)</i> | 91 |
| 3.1.3 <i>Circulação e fluxo de cartas da terceira geração (1901-1950)</i> | 99 |
| 3.2 Cartas de mulheres e os modelos epistolares | 113 |

| | |
|---|-----|
| 3.2.1 Informativa: “ <i>Celina está tomando curso de pintura e de francês</i> ” | 115 |
| 3.2.2 Compartilhamento: “ <i>As taes novelas do rádio, é uma verdadeira escola de perdição [...]</i> ” | 117 |
| 3.2.3 Poética e contemplativa: “[...] <i>o meu é este o amor mais puro que a terra envia ao ceo</i> <i>[...]</i> ” | 119 |
| 3.2.4 Persuasiva: “[...] <i>é melhor que venhão logo morar em Caetité [...]</i> ” | 120 |
| 3.3 Leitura e escrita, práticas em constante movimento | 121 |
| 4 A LEITURA NO COTIDIANO DAS MULHERES | 123 |
| 4.1 Os jornais nas cartas | 126 |
| 4.1.1 <i>Notícias sobre política local, nacional e internacional</i> | 127 |
| 4.1.2 <i>Notícias relacionadas a membros da família</i> | 129 |
| 4.1.3 <i>Acontecimentos locais e regionais</i> | 132 |
| 4.1.4 <i>Assuntos educacionais e culturais</i> | 136 |
| 4.1.5 <i>Religião local, nacional e internacional</i> | 139 |
| 4.2 Conhecendo os jornais lidos | 142 |
| 4.3 Os livros e revistas | 149 |
| 4.4 Leitura poética: deleite e prazer | 159 |
| 5 PRÁTICAS DE ESCRITA NO UNIVERSO FEMININO | 162 |
| 5.1 Condições materiais e afetivas da escrita | 163 |
| 5.1.1 “ <i>Esta foi escripta a noite, e vou mandar só para não deixar de escrever [...]</i> ”: <i>frequência da escrita</i> | 164 |
| 5.1.2 “ <i>Estou lhe escrevendo de bordo</i> ”: <i>lugares e condições da escrita</i> | 168 |
| 5.1.3 “ <i>Telegrafei ontem a Dindinha não sei se recebeu [...]</i> ”: <i>outros suportes da escrita (telegramas, cartões, cartões postais, cadernos de notas, recibos e contratos)</i> | 174 |
| 5.1.4 “ <i>Não te tenho escrito a mais tempo p^r não me axar com forças</i> ”: <i>a escrita pelo outro</i> | 183 |
| 6 INSTÂNCIAS EDUCATIVAS DE CIRCULAÇÃO DO ESCRITO | 186 |
| 6.1 Estabelecimentos escolares | 188 |
| 6.1.1 <i>A Escola Normal de Caetité</i> | 197 |
| 6.1.2 <i>Associação de Senhoras de Caridade</i> | 203 |
| 6.2 Instâncias Religiosas | 204 |
| 6.3 Instâncias da administração pública | 209 |
| 6.4 As Artes | 211 |
| 7 CONCLUSÃO | 216 |

| | |
|--|------------|
| REFERÊNCIAS | 223 |
| ANEXOS | 241 |
| ANEXO A – GENEALOGIA DA FAMÍLIA DO BARÃO DE CAETITÉ..... | 241 |
| ANEXO B – GENEALOGIA DA FAMÍLIA TEIXEIRA | 242 |
| ANEXO C – GENEALOGIA DA FAMÍLIA SPÍNOLA TEIXEIRA | 243 |
| ANEXO D – TERMO DE POSSE DE CELSINA TEIXEIRA LADEIA (26/05/1930) .. | 244 |
| ANEXO E – TERMO DE POSSE DE HERSÍLIA SPÍNOLA TEIXEIRA (25/03/1930) | 244 |
| ANEXO F – TERMO DE POSSE DE CARMEN SPÍNOLA TEIXEIRA (PROFESSORA INTERINA EM 24/03/1930) | 245 |
| ANEXO G – TERMO DE POSSE DE CARMEN SPÍNOLA TEIXEIRA (PROFESSORA EFETIVA EM 29/09/1934) | 245 |
| ANEXO H – CLUBE LITERÁRIO CASTRO ALVES CRIADO EM 1894 FOTOMONTAGEM FEITA POR XAVIER (2019)..... | 246 |
| ANEXO I – A INSTRUÇÃO EM CAETITÉ..... | 246 |

1 INTRODUÇÃO

Figura 1 - Carta de Rita Sofia para o irmão, o Barão de Caetité (22/10/1844)



Fonte: APMC.AFBC.JAGN.1.35.2.

A carta que inicia este texto é de Rita Sofia para o seu irmão, o Barão de Caetité. Além dos cumprimentos, há o desejo de saúde. Comunica-lhe a patilha de bens da família e se refere à lista de bens destinados a ele. Também menciona algumas dificuldades, a exemplo da doença epidêmica que assolava a região.

Observamos tratar-se de importante escrita a dizer de outras mulheres da vila naquele período e em tratamento diferenciado e negligente perante o processo epidêmico. Ao lado das demais correspondências das doze mulheres desta pesquisa, vêm somar o amplo quantitativo de correspondências em abordagem de diversos conteúdos muito além do tema que buscamos. Estão dirigidas a diversos interlocutores, em uso diferenciado da leitura e da escrita, e pertencentes a temporalidades diferentes (séculos XIX e XX). Desse modo, entre três gerações

de mulheres, elegemos sua escrita com o intuito de identificar práticas de leitura e de escrita, a partir do objetivo geral deste trabalho: compreender os modos de participação das mulheres pertencentes à família do Barão de Caetité (José Antônio Gomes Neto; 1822 - 1889) e à família de Deocleciano Pires Teixeira (1844 - 1930) nas culturas do escrito, através da análise de suas correspondências, entre meados do século XIX e meados do século XX. Apresentamos, também, os objetivos centrais da pesquisa: identificar as práticas de leitura constituintes do repertório das mulheres; analisar as práticas de escrita do universo das mulheres autoras das cartas analisadas; identificar o lugar das cartas (finalidades, destinatários privilegiados) no conjunto de atividades das mulheres analisadas.

Com esse “desenho”, tendo como fontes principais as correspondências das mulheres, muitos questionamentos apareceram: por que o interesse por missivas de mulheres? Esses papéis guardados trazem quais vestígios de práticas de leitura e de escrita? Se uma carta normalmente informa algo limitado sobre determinado assunto que se quer comunicar, quais mensagens podem ser identificadas entre remetente e destinatário? Não seriam as de sempre?

Procura-se escrever uma missiva, normalmente, a uma pessoa com familiaridade com a outra, por exemplo, o namorado à namorada, pais aos filhos, amigo à amiga – quase sempre, um remetente que precisa noticiar ao interlocutor uma mensagem de comunicação sobre acontecimentos cotidianos (nascimento, casamento, falecimento, mudança de endereço, um convite, dentre outras situações). Isso nos remete ao cotidiano do Alto Sertão da Bahia, na temporalidade definida, em que buscamos entender as práticas leitoras e de escrita de mulheres de elite sem deixar de pontuar o lugar em que outras situações se entrelaçaram por uma comunicação a indicar imigrantes, considerados “sampauleiros”¹.

Entre amplas e diversas situações, as fontes indicaram mulheres de elite letrada, questão a nos colocar em reflexão sobre as condições sociais para outras mulheres na mesma temporalidade². Foi assim que seguimos os caminhos deste estudo, em meio a muitas perguntas e muitas correspondências, as quais despertaram o interesse para o desenvolvimento desta

¹Expressão usada por João Gumes, o que, certamente, o inspirou a escrever **O sampauleiro**, volumes I (1922) e II (1932), edição da tipografia de *A Penna*. A narrativa aborda as dificuldades de vida no sertão da Bahia e relata emigrantes em busca de sobrevivência em lugares como São Paulo. Ver, também, **Os sampauleiros: cotidiano e representações**, de Ely Souza Estrela (2003), que discute a trajetória dos “sampauleiros” baianos em busca de melhores condições em lugares como a capital paulista e, pela análise de trajetórias dessas pessoas, problematiza sobre suas experiências em travessia, fazendo-nos pensar se não somos todos “sampauleiros”.

²Excluídas do processo de cultura escrita, encontravam-se muitas mulheres que não faziam parte do universo das que tiveram condições de ler e de escrever, cabendo-nos identificar, nas entrelinhas do texto, por meio das práticas representativas da sociedade patriarcal.

pesquisa. Elas se encontram no Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC)³, no fundo de correspondências, e foram especificadas como cartas, cartões, telegramas, cartões postais, fotografias e iconografias. Além desse conjunto de fontes, outros documentos, como cadernos de anotações, livros contábeis e acervo de bibliotecas particulares fazem parte do fundo referente às famílias do Barão de Caetité e Spínola Teixeira. Essa documentação, que é salvaguardada pelo APMC, encontra-se em fase de organização. Estima-se um total de mais de vinte mil documentos. Aproximadamente, seis mil são referentes à família do Barão de Caetité e cerca de 15 mil à família Spínola Teixeira⁴.

Pelo volume documental, elegemos as correspondências de mulheres de ambas as famílias⁵ e estabelecemos três gerações de produtoras de cartas: primeira geração (1844 - 1888), segunda geração (1901 - 1944) e terceira geração (1901 - 1950). Da primeira geração, fazem parte duas mulheres – Elvira Benedita de Albuquerque Gomes, a Baronesa, e Rita Sophia Gomes Lima, cunhada de Elvira.

Pelas datas, podemos perceber a coincidência delas, na troca de cartas, no período correspondente às gerações (segunda e terceira). A distinção entre essas gerações, portanto, foi justificada pela caracterização de ambas: a segunda geração é marcada pela junção das famílias por meio do casamento de Alzira, filha de Deocleciano Pires Teixeira, com Joaquim Manoel Rodrigues Lima Júnior, neto do Barão de Caetité. Dessa geração, analisamos as cartas de quatro mulheres: Maria Victoria G. A. Lima, primeira filha do Barão de Caetité; Alzira Spínola Teixeira Rodrigues Lima, filha de Deocleciano e esposa do neto do Barão de Caetité; Alice Spínola Teixeira Santos, primeira filha de Deocleciano Pires Teixeira, e Anna Spínola Teixeira, apelidada de Donana, a terceira esposa de Deocleciano. A terceira geração é formada por seis mulheres – as filhas do terceiro casamento de Deocleciano Pires Teixeira com Anna: Evangelina Spínola Teixeira, Celsina Spínola Teixeira, Hersília Spínola Teixeira, Leontina Spínola Teixeira, Angelina Spínola Teixeira e Carmen Spínola Teixeira.

A definição das especificidades de uma geração em relação a outra foi apoiada em estudos de Karl Mannheim, uma discussão apresentada por Weller (2010) e por Sirinelli (2002) que aborda a ideia de não apenas considerar a dimensão cronológica de pertencimento dos

³O Arquivo Público Municipal de Caetité foi criado na década de 1990 e, posteriormente, integrado à Rede de Arquivos do Estado. Funciona no prédio da antiga Casa da Câmara e Cadeia e é tombado pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia.

⁴Foi possível com apoio do APMC, mesmo com essa documentação em processo de organização, indicar números estimados para os documentos da família Spínola Teixeira (12.581 para cartas, cartões e telegramas e 1.155 para iconografias, fotografias e cartões postais). Como há documentos que chegaram depois, estima-se um total aproximado de 15 mil.

⁵Sobre genealogia das famílias, ver anexo A, p. 234, anexo B, p. 235 e anexo C, p. 236.

sujeitos, mas também as experiências que compartilham, o que permite que, numa mesma geração, as pessoas possam apresentar diversidade em suas ações e reações. Por esses estudos pelas relações intergeracionais, como possibilidade, amplia-se o leque para futuras pesquisas, podendo explorar as fontes no sentido de entender até que ponto essas mulheres se apoiavam umas nas outras e como um grupo de mulheres poderia exercer influências sobre o outro. Compreender essa forma diversa de se comportar, torna-se possível se considerarmos não apenas a objetividade, mas também a linguagem da subjetividade presente no texto:

Perguntar-se pelos motivos das ações desses atores coletivos envolvidos em um processo de constituição de gerações, implica ainda em uma análise da conjuntura histórica, política e social a partir de uma perspectiva que poderíamos situar no nível macro, bem como do conhecimento adquirido pelos atores nos espaços sociais de experiências conjuntivas, e que poderíamos denominar como sendo uma análise no campo micro (WELLER, 2010, p. 219-220).

Sabemos que os usos da leitura e da escrita não se davam de forma homogênea, sendo muitos excluídos desse processo, e, ao dar destaque às mulheres do Alto Sertão da Bahia, buscamos contribuir para dar visibilidade a grupos sociais ainda pouco privilegiados, num período em que as habilidades de ler, escrever, produzir e participar de instâncias sociais era restrito a uma pequena parcela da população, muitas vezes, uma maioria masculina. Orientamo-nos, portanto, pela abordagem da Nova História Cultural, privilegiando mulheres que, mesmo pertencentes às camadas sociais abastadas, configuram-se como grupo historicamente sem visibilidade na sociedade, devido a práticas de anulamento de suas experiências em função de serem de mulheres.

Como a escrita não se vincula, necessariamente, às questões da liberdade do ser, a geração é acionada também para expressar o não dito da escrita e de leitura. Nas missivas de mulheres, além do cotidiano de suas vidas, é possível perceber a especificidade da escrita de cada geração e de cada mulher. Conforme Meritxell Simon-Martin (2020), que analisa correspondências de mulheres burguesas como prática de autoformação, a escrita possibilita acessar questões como o controle social em relação ao modo de agir de mulheres de elite, a partir do seu envolvimento em situações do amor, acordos, pretensões, necessidades matrimoniais e expectativas profissionais⁶. A partir das ideias da pesquisadora, pela discussão da autoformação das mulheres que escreveram cartas em expressividade do cotidiano da vida,

⁶Sobre o modo como “cartas privadas” constituíram, para o historiador das áreas de imigração europeia do século XIX, uma das principais fontes de informação e de pesquisa, ver trabalho **As correspondências**: uma história das cartas e das práticas de escrita no Vale de Itajaí, de Marlon Salomon (2002).

em aproximação do conceito de *bildung*⁷ trazido pela autora, observamos a possibilidade de discussão das trocas das cartas pelo processo intersubjetivo do desenvolvimento pessoal durante todo o transcurso da escrita. Nesse sentido, dialogamos com a pesquisadora em entendimento de que, paralelamente, ao ato de comunicação com familiares, amigos e conhecidos, as missivas contribuem para a formação intelectual, para a formação de subjetividades e como exercícios de autonomia, indicando que essas são relações resultantes das disputas e dos conflitos presentes no cotidiano da vida.

Nesta mesma linha de raciocínio, Nogueira (2016), aborda o conceito de *bildung*, indicando-o em possibilidade de diálogo com várias áreas do saber e destaca o significado deste conceito pela necessidade de discussão da formação de si e pela formação social. De fato, as cartas foram apresentadas sob diferentes perspectivas. Estão como elo de difusão da cultura escrita, constituindo instrumentos de autoformação e de constituição de subjetividades femininas.

Precisa-se considerar a escrita feminina, especificamente de cartas⁸, em suas particularidades e tentar entendê-la para além da utilidade dos interesses entre os pares em adequação social: escreve-se ao leitor, que já o conhece e, para evitar dissabores, muitas vezes, o melhor é dizer o que o destinatário e a sociedade esperam de uma mulher, conforme percebemos em muitas missivas das mulheres, inseridas na família e em comunicação a esses pares, conforme Tâmara Hareven (1984), quando conceitua família historicamente. Indica-a como lugar interativo entre diversas vidas individuais fluentes em movimentos, no interior e no exterior do cotidiano familiar. De fato, às mulheres, ao longo da história, coube-lhes o destino de guarda familiar e suas famílias são exemplos de instâncias de poder, cujos integrantes se movimentam em diversas articulações sociais.

A leitura e a escrita estão inseridas nessas articulações. Estão como forma de adequação às normas sociais. Não se esgota, entretanto, nessa afirmação. Pelo processo intersubjetivo, como já falamos, a mesma escrita, a partir do que não se consegue dominar, entendemos o ato de escrever pelo que está escondido ou que é também particular do leitor, ou

⁷ Sobre esse conceito alemão com base no artigo "*Bildung et Bildungsroman*", de Antoine Berman, em desenvolvimento de etapas (*Bildung* como trabalho, como viagem, como tradução, como viagem à Antiguidade e como prática filológica) ver texto "Nota sobre o conceito de *Bildung* (formação cultural)" de Rosana Suarez (2005).

⁸ Sobre o modo como se convivia com as mulheres no final do século XIX, no Alto Sertão da Bahia, ver estudo de Santos Filho (1956), que destacou o comportamento de mulheres até mesmo em ocasiões de passeios (em sítios ou casas dos parentes vizinhos). O cotidiano era marcado pela reclusão no interior das casas. Em situações de recebimento de visitas masculinas, deveriam sentar-se à mesa para as refeições, no entanto ficavam caladas e nem sequer podiam mover os olhos. Em momento de oração, diante do oratório, ocupavam a parte da frente, distantes dos homens. Recebiam instruções do patriarca e se ocupavam com trabalhos manuais (costura, crochê, confecção de rendas, etc.) e eram sempre vigiadas por escravas da confiança do patrão.

seja, a possibilidade de imaginar e de ir a lugares que outros não poderiam ocupar, o não dito, proveniente da intersubjetividade muito própria da escrita feminina.

Certeau (1994) associa o leitor a um viajante, tornando-se propenso a transportar-se mesmo estando em lugares fixos, criando mundos próprios pela leitura que não aceita regras, mas sim a liberdade a indicar a leitura e escrita como práticas imbricadas. Se são armadilhas, recorre-se à interpretação e, por esse caminho, a escrita epistolar de mulheres neste estudo foi analisada além da adequação às convenções sociais. Muitas vezes, essas mulheres encontravam-se geograficamente próximas aos acontecimentos registrados. Certamente, pelo controle da liberdade feminina presente para umas, mais que para outras, não as permitiam conferir o fato de forma presencial. O seu registro, todavia, não poderia ser considerado uma forma de presença e de participação social?

Em discussão, portanto, a evidência da adequação social como fator de padronização imposta culturalmente e pelo interesse de alienação da mulher. Outra leitura não acessível, mas possível, é a de decodificação dessas normas sociais, conforme Maria Odila Leite da S. Dias (1992), investir na libertação da “condição feminina” pela redescoberta de práticas da informalidade em possibilidade de novos processos sociais.

Em análise das práticas de leitura e de escrita a evidente situação de invisibilidade das mulheres, uma questão que nos levou a dialogar com estudos como o de Lopes (2017), para jamais esquecer “tua Constancinha”⁹! Essa discussão, aliada a outros estudos sobre escrita epistolar de mulheres, auxiliou no processo de entendimento de mulheres como categoria excluída. Suas práticas de leitura e de escrita, de fato, expressaram o descortinar do não dito, uma subjetividade que exige novas leituras em confronto com a visão estereotipada de mulheres à sombra dos homens. Por que, então, não as tirar da invisibilidade?

1.1 História da leitura e as culturas do escrito

Em relação à temática tratada e ao objeto de investigação definido, consideramos Roger Chartier como interlocutor privilegiado, que nos auxilia com os conceitos de práticas de leitura e de escrita (CHARTIER, 1990; 1991; 1998; 2001; 2007; 2010). Esse autor discute sobre a escrita como uma das primordiais conquistas da era moderna, pelo entendimento do saber ler e escrever e pela circulação dessas habilidades: “[...] ler em voz alta, para os outros ou para si

⁹Ver texto **Não te esqueça da tua Constancinha**, de Eliane Marta Lopes (2017). A autora defende o estudo das correspondências de Constância Guimarães e de outras mulheres como forma de reconhecimento da autonomia das mulheres.

mesmo, ler em grupos, ler por obrigação de trabalho ou por prazer são atos que não desapareceram com a revolução da leitura no silêncio e na intimidade [...]” (CHARTIER, 1991, p. 113).

O campo da História da Leitura se diversificou e ampliou seus objetos de análise: dos estudos sobre a história de livros e edições canônicas à história de outros suportes de leitura e de outras práticas, que envolvem entre elas, os jornais, romances, cartilhas, abrangendo uma variedade de práticas e de sujeitos, até mesmo aqueles que não dominavam a leitura ou para quem os textos não haviam sido inicialmente destinados. Essa tendência caminha em parceria com o fortalecimento da Nova História Cultural, para a qual sujeitos, objetos, fontes e problemas são reconfigurados, abrindo possibilidade para que pessoas comuns e anônimas e escritos ordinários, não oficiais nem impressos em larga escala, ganhem destaque (BURKE, 1992; DARNTON, 1992).

O estudo das práticas de leitura e de escrita contribui para o campo da História da Educação, uma vez que amplia a noção estrita de educação que se desenvolve nos contextos escolares e institucionalizados. Como práticas educacionais, extrapolam a escolaridade, ocorrendo, simultaneamente, em outros espaços e por outros meios. Nesse sentido, buscamos contribuir para os estudos que analisam, na perspectiva histórica, a participação dos diversos sujeitos e grupos sociais nas “culturas do escrito”, expressão cunhada por Galvão (2007; 2010) para se referir ao lugar ocupado pelo escrito para diferentes grupos em distintos contextos temporais e culturais. Sendo múltiplos os lugares e sentidos, a expressão, aprimorada da usualmente utilizada “cultura escrita”, ganha sentido plural.

Algumas pesquisas se desenvolvem nessa interface tendo esse referencial, como as de Joseni Reis (2010; 2018), que, primeiramente, investiga os modos de participação de João Gumes (1858 - 1930) nas culturas do escrito e, na continuidade do estudo, analisa o lugar ocupado pela leitura e pela escrita nas atividades desenvolvidas no “Centro Psychico de Caetité”, no Alto Sertão da Bahia, entre os anos de 1905 e 1930. Uma publicação recente sobre histórias de leitura agrupa estudos que, nas mais diferentes perspectivas indicam instâncias, objetos, sujeitos e a relação do escrito com outras linguagens, entre os séculos XIX e XXI, e a análise da escrita e da leitura que são produzidas e significadas, em interlocução com a oralidade (JINZENJI; GALVÃO; MELO, 2017).

Para a discussão sobre as práticas educativas que as mulheres realizaram, seja na participação na educação dos filhos, seja nas instâncias educativas, buscamos estudos sobre a participação de mulheres em instituições de educação. Em Vartuli (2014), por exemplo, que investiga a modalidade cartorária de usos sociais da escrita feitos por mulheres em Minas Gerais

no período de 1780 a 1822, diferentes mulheres, inclusive as iletradas, foram identificadas com possibilidade de elaboração de textos, porque estiveram integradas a práticas em que havia o uso da habilidade de escrever. Somam-se a esse estudo, outros como o de Julio (2017), que investiga a participação feminina na educação de crianças e jovens no Termo de Vila Rica (MG), entre os anos de 1770 e 1822. Pelo uso de documentos como inventários, testamentos, contas de tutela, documentos camarários, petições e justificativas para a tutela, pertencentes, sobretudo, ao acervo do Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência/Instituto Brasileiro de Museus (AHMINC/IBRAM), em Ouro Preto (MG), foi possível conhecer os modos de agir de mulheres pertencentes a grupos diferentes, submetidas aos condicionamentos impostos pela lei, pelos costumes e por concepções sociais.

Como práticas também do período colonial, consideramos, ainda, os estudos de Ângelo (2017), que analisam as práticas educativas das famílias dos termos da vila de Sabará e da vila de Ouro Preto entre os anos de 1721 e 1780, na perspectiva de entendimento do papel da família do século XVIII na transmissão da educação como herança adquirida entre os pares, levando-se em conta a limitação que as revisões historiográficas apresentam quanto a essas relações. Nesse sentido, as mulheres tiveram fundamental relevância no processo de transmissão cultural.

Esses trabalhos estão em alinhamento aos de Thais Nívia de Lima e Fonseca e de Antonio Cesar de Almeida Santos (2020) no que se refere ao modo como se deu a educação na América Portuguesa. São pesquisas com foco na administração, nas instituições e na cultura escrita, no contexto do século XVIII, quando houve forte influência do Iluminismo em Portugal, questão que também influenciou o Brasil no momento em que se passou a definir as políticas de Estado no território brasileiro. A exemplo dessa discussão, mesmo analisando épocas diferentes, identificamos a participação das mulheres em instâncias educativas, atuando em instituições da administração pública, nas escolares e nas culturas do escrito e reafirmamos a ideia de Fonseca (2020) sobre a importância do estudo da história da educação em integração com outros aspectos da historiografia.

Ivan A. Manoel (1996), em análise do papel da igreja frente à educação feminina (1889 - 1919), destaca que, no Brasil, a Igreja Católica teve o monopólio educacional por um amplo período (360 anos, sendo 259 anos pelo domínio jesuíta e, posteriormente, pela hegemonia do catolicismo conservador até o Concílio Vaticano II, na década de 1960). Por esse evento, indica novas perspectivas para os ensinamentos católicos. Deduzimos, desse modo, que as mulheres na história passaram a ser tematizadas com a renovação historiográfica e isso muito fez ampliar

os sujeitos e objetos de interesse social, considerando as diversas experiências, não somente as das mulheres que eram legitimadas na sociedade.

Sobre as famílias envolvidas neste estudo, Aguiar (2011; 2019) discute a trajetória política da família Teixeira no Alto Sertão da Bahia e enfatiza a atuação de Deocleciano Pires Teixeira no contexto da Primeira República. Na continuidade dos estudos, apresenta a trajetória do magistrado José Antônio Gomes Neto, sua articulação com a política imperial em diversos níveis, inclusive o nacional. Para isso, mapeia e analisa suas redes entre as décadas de 1840 e 1880, momento da consolidação do título de Barão de Caetité. Também Ribeiro (2012; 2019) discute as relações sociais de gênero no meio familiar do Alto Sertão da Bahia, nas três primeiras décadas do século XX, a partir da análise das correspondências pessoais de Celsina Spínola Teixeira. Para entender o cotidiano da mulher, analisou o trabalho feminino no processo de expansão da colonização e da formação das primeiras fazendas de gado nos sertões baianos. Somam-se a esses, outros estudos que, no segundo capítulo, ao abordarmos as complexas relações da região, serão acionados.

Em uso da categoria de gênero para indicar, conforme Scott (1992, p. 89) “diferenças dentro da diferença” está a ideia de valorização das diversas experiências em envolvimento de mulheres. Nesse sentido, como defende a autora citada, faz-se possível ampliar as histórias, buscando problematizar as questões de gênero: “[...] que processos são esses que estabelecem as instituições geradas, e das diferenças que a raça, a classe, a etnia e a sexualidade produziram nas experiências históricas das mulheres”. (SCOTT, 1992, p. 91).

Enquanto mulheres foram relegadas à invisibilidade (PERROT, 1988), principalmente pela sua presença rarefeita nos espaços públicos e demais contextos, muito pode ser dito por meio de fontes como correspondências, que adquiriram o *status* de fonte legítima recentemente. Esses registros podem ser considerados desafios, em função da preocupação em interpretá-los à luz da leitura do contexto, em discussão de acordo com Bosi (1994) de memórias de uma sociedade. Por isso, inicialmente, coube-nos a pergunta sobre a escrita epistolar feminina: trata-se de um gênero textual ou apenas de um suporte específico?

Em relação ao uso de correspondências enquanto gênero textual, alinhamos a discussão ao conceito de “gênero”, utilizado por Marcuschi (2010), além da ideia da tradição ocidental do uso somente para os literários¹⁰. Com a necessidade de confirmarmos a escolha do

¹⁰Marcuschi (2010) indica o surgimento dos gêneros usados de forma limitada, numa primeira fase, por povos de cultura oral e, depois, a sua multiplicação, na época da invenção escrita (século VII a.C.). Apresentou, na terceira fase (a partir do século XV), a cultura impressa com grande ampliação, iniciada no século XVIII, e destacou o seu desenvolvimento processual até os dias atuais (cultura eletrônica).

conceito de “gênero” para o texto epistolar, buscamos estudos de Bakhtin (1979), que aborda o conceito de gênero em transformação e em surgimento de novos¹¹, o que reforça a pertinência de tal uso, pela ideia de gênero como uma produção cultural que se dá de forma histórica pelo ser humano.

Outros estudos, como de Kalman (2010), Melo e Castro (2000) e Miranda (2000), sobre escrita epistolar, os que compõem a coleção organizada pelas autoras Galvão e Gotlib (2000), em uso de cartas trazem discussões sobre novas maneiras de entendimento da função da correspondência no esclarecimento da vida literária de autores e de períodos inteiros. Uma outra leitura sobre a prática da escrita como mecanismo de aproximação e de revelação sobre quem a produz foi identificada nos estudos de Mignot, Bastos e Cunha (2002), que defendem o gênero “carta” pela necessidade de aproximação e de distanciamento a partir da forma de escrever.

Em Emerson Tin (2005), percebemos uma busca minuciosa das prescrições técnicas pela regulação do modo de se compor cartas. Pela tradução de tratados referentes aos períodos em que o gênero epistolar foi bem desenvolvido, a partir das três obras definidas, o autor apresenta o conhecimento de regras da escrita de cartas que eram restritas a poucos estudiosos. Um outro diálogo se deu pelos estudos de Cunha (2018) e de outros pesquisadores que participaram da coleção, como Almeida e Jacques (2018), que discutem sobre as primeiras aproximações às cartas do Almirante Henrique Boiteux (Santa Catarina, século XX), além de Petrucci (2019), que narra a história das práticas epistolares em diversas tradições gráficas do Ocidente. Outros autores também estão presentes ao longo deste estudo, com os quais dialogamos pela necessidade de entender o uso da escrita epistolar de mulheres.

Foi necessário buscar um diálogo mais direto com as correspondências de mulheres, fontes dessa pesquisa. Identificamos, especificamente, pesquisas sobre missivas de Celsina Spínola Teixeira, conforme apresenta o estudo de Ribeiro (2012), que analisa as relações de gênero no meio familiar e social do Alto Sertão da Bahia e aborda a trajetória dessa mulher, em rede construída por ela, sinalizando poder, no período de 1901 a 1927, a partir de sua atuação na sociedade. Outros trabalhos sobre correspondências da mesma família observam a trajetória

¹¹ “[...] nas diversas esferas de circulação, a utilização da língua se efetua em forma de enunciados” (BAKHTIN, 1979, p. 279). Para este autor, as condições e finalidades de cada um dos setores estarão como possibilidade para a identificação dos vários gêneros discursivos que se modificam e se ampliam a cada novo contexto de circulação. Nessa concepção bakhtiniana, a produção da linguagem é sinal de novos discursos, efetivando-se, aos interlocutores sociais e às esferas de circulação social, na oralidade e na escrita, em novos gêneros, conforme a situação histórico-social. Denomina o conceito de “gênero discursivo” como “[...] tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 1979, p. 279). Em Marcuschi (2010), no entanto, a discussão sobre gênero textual é indicada pelos usos amplos e sem propriedades precisas, já definidas.

de algumas dessas mulheres. Pimentel (2013) discute memórias de Celsina Spínola Teixeira, elegendando os anos de 1916 a 1926, a partir de temas como a família, a educação, o casamento, a religião e a sua participação na Associação de Senhoras de Caridade, dando destaque à discussão de papéis diferentes destinados aos homens e às mulheres na sociedade. Outro trabalho é de Carvalho (2018), cuja ênfase são as cartas de Anna Spínola Teixeira e o cotidiano da família, em Caetité (BA), a partir do recorte de 1894 a 1944, além das discussões familiares, de vínculos de compadrio, apadrinhamento, amizades e política, em um contexto de relações permeadas pelo coronelismo e pelo mandonismo das primeiras décadas do regime republicano brasileiro.

Dentre os diversos estudos sobre uso de correspondências, de forma mais específica, os de Ribeiro (2012), Pimentel (2013) e Carvalho (2018) foram utilizados neste estudo em função do objetivo da pesquisa, qual seja, compreender os modos de participação das mulheres pertencentes à família do Barão de Caetité (José Antônio Gomes Neto; 1822 - 1889) e à de Deocleciano Pires Teixeira (1844 - 1930) nas culturas do escrito. Precisamos não só ampliar o período de análise das correspondências, entre meados do século XIX e meados do século XX, mas principalmente envolver outras mulheres. Por isso, justifica-se a ideia da análise das práticas leitoras e de escrita das três gerações de mulheres através deste trabalho, com fontes inéditas, em apresentação e discussão de um amplo quantitativo de correspondências em rede de sociabilidade de leitura e de escrita.

1.2 Onde se situa a narrativa?

A partir da compreensão do objeto de estudo, delimitamos uma temporalidade específica (1844 – 1950) e justificamos a escolha ampla baseados no fato de esse ser um período de importantes mudanças no campo sociopolítico, cultural e educacional, além do volume de cartas do acervo, que nos permitiu um estudo longitudinal sobre aspectos do cotidiano da vida feminina. Como afirma Leite (1997, p. 18), “a sistemática ausência da mulher na história da Bahia nos impôs a difícil tarefa de redimensionar o mito do patriarcalismo e, por conseguinte, a ideia de enclausuramento e passividade femininas, tão bem enfatizados pela tradição historiográfica”¹².

¹²Ver texto **A extinção do Patriarcalismo**, de Susan K. Besse (1990) e a discussão sobre o modo como, até meados do século XIX, a sociedade no Brasil constituía-se em rigidez de hierarquia e em organização por vínculo de parentesco e por relações de troca de favores políticos. Ver, também, o texto **Repensando a família patriarcal brasileira**: notas para o estudo das formas de organização familiar no Brasil de Marisa Corrêa. Para essa discussão, a autora enfatiza a trajetória da ocupação do território natural brasileiro e de seu espaço social em apresentação da

Por esse recorte, as cartas permitiram conhecer e reconstruir aspectos da rede de sociabilidade que envolvia o universo feminino do Alto Sertão da Bahia que, ao longo do tempo, foi se ampliando. Segundo Galvão (2007), os estudos que se desenvolvem na área da cultura escrita se concentram na análise do processo de escolarização e do desenvolvimento da imprensa, fazendo com que tais instâncias sejam as mais conhecidas na compreensão da educação, alfabetização e letramento de um grupo social. Segundo a autora, “até meados do século XX, o Brasil foi um país marcado pela oralidade e pelo analfabetismo. Em 1820, apenas 0,20% da população, estima-se, era alfabetizada [...]” (GALVÃO, 2007, p. 11)¹³. Somente a partir de 1960, a proporção se modificou e o percentual de analfabetos foi alterado (46,7% da população), sendo a escola espaço central nesse processo.

Entretanto, sabemos, pelos estudos de Chartier (1991), que o domínio das habilidades de leitura e de escrita não eram imprescindíveis para o acesso aos conteúdos escritos, nem mesmo para a produção de textos, como as cartas. O autor defende a ideia de que a prática de leitura em voz alta não atinge somente aquele que está lendo (o que tem a habilidade de leitura), mas também outros leitores (os que não a têm) e destaca que essas ações de leituras impressas estavam presentes, mesmo não sendo para toda a população, eram práticas comuns, tanto em meios urbanos, quanto nos rurais.

Essa realidade também se encontrava no Brasil, como indicam alguns trabalhos, que, por exemplo, relatam, que escravas escutavam patrões lendo jornais, no ambiente doméstico (JINZENJI, 2008), ampliando essa experiência em que o compartilhamento da leitura, mesmo não sendo intencional, ocorria. Para as mulheres, cujas cartas analisamos, neste estudo, que representavam o grupo social em representação da economia e da política em condições de

linha cheia, central, homogênea, que percorre a história, acompanhada de perto, nas margens, por linhas pontilhadas por ramificações, veredas, afluentes secundários de um caminho seguramente traçado do exterior para o interior do nosso mapa, do fundo do nosso passado para o presente, dos campos para as cidades. Por esse modo padronizado e dominante, incorporam-se as personagens centrais dos vários séculos.

¹³De acordo com a pesquisadora, em 1872 (ano do primeiro censo nacional), estimou-se um índice de alfabetização de cerca de 18% entre pessoas de 5 anos ou mais e, para o mesmo ano, a quantidade de alunos matriculados nas escolas elementares era muito pequena (139.321), já que a população do país era de 10 milhões de habitantes. Buscamos, para a comparação, os dados do contexto macro, conforme Censo de 1872 (Diretoria Geral de Estatística), sobre o grau de instrução da população do Brasil. O número de homens em possibilidade de leitura e de escrita era de 1.013.078 e de mulheres era de 550.973, totalizando 1.564.051. No mesmo censo, temos o número de homens analfabetos (3.305.621) e de mulheres (3.550.000), correspondendo ao total geral de 6.855.621. A temporalidade final deste estudo, conforme censo do IBGE (Anuário Estatístico do Brasil – 1950), indicou o ensino em geral, no período de 1933 a 1947, a partir de temas: Unidades Escolares e Matrícula Geral, e foi quantificado: para o ano de 1933 (32.430 unidades escolares e 2.466.092 matrículas); para o ano de 1937 (42.627 unidades escolares e 3.250.296 matrículas), para o ano de 1941 (48.210 unidades escolares e 3.808.937 matrículas); para o ano de 1945 (51.638 unidades escolares e 4.171.417 matrículas); para o ano de 1946 (53.973 unidades escolares e 4.423.634 matrículas) e, como dados provisórios, para o ano de 1947 (67.028 unidades escolares e 5.120.509 matrículas). Por esses dados do censo, embora não chegando ao ano de 1950, indicam o aumento de instituições escolares e de alunos matriculados, o que pode indicar significativo avanço no número dos que aprenderam a ler e a escrever no Brasil daquela época.

privilégio, práticas de leitura e de escrita faziam parte do cotidiano, cabendo-nos instigar questões para pesquisas futuras: como ocorria a leitura de mulheres subalternizadas em ocupação dos diversos afazeres?

Embora outros sujeitos com os quais conviviam no ambiente doméstico pouco apareçam nas cartas das mulheres, eles estiveram no labor dos diversos ofícios e participavam da leitura indireta, mesmo em proporções diferentes. Como não temos acesso a esses dados, nos concentramos no ponto de vista das mulheres da elite da região do Alto Sertão da Bahia, em entendimento do modo como leitura e a escrita foram se construindo no contexto. Para isso, fomos buscar referências sobre as famílias às quais essas mulheres pertenciam.

Em Aguiar (2019), encontramos a família do Barão de Caetité, José Antônio Gomes Neto (1822 - 1889), um influente advogado que passou a residir em Caetité após o casamento com Elvira Benedicta de Albuquerque Gomes¹⁴, permanecendo ali por toda a vida. Assim sendo, no Alto sertão da Bahia, eles construíram uma movimentada atividade política, econômica e cultural em conexão com outras regiões. Pelas articulações, observamos também os casamentos vantajosos, uma forma de fortalecimento econômico de famílias de influência social, como aconteceu com a Spínola Teixeira. Buscamos saber: de onde vieram essas famílias? Em Aguiar (2011), identificamos que essas famílias vieram da região mineira de Caeté e se instalaram no Alto Sertão da Bahia pela motivação econômica e por outras relações pessoais e políticas, conforme demonstrará este estudo.

Entre os diversos documentos, priorizamos as correspondências, conforme classificação definida pelo APMC e, do montante das correspondências, separamos as enviadas e recebidas por doze mulheres pertencentes às famílias do Barão de Caetité e a de Deocleciano Pires Teixeira e, a partir de ideia de Heinz (2011), realizamos a investigação, reposicionando-a em uma história social renovada¹⁵. Por esse processo, foi possível discutir as ocupações diferentes, podendo destacar: sobre quais elites debatemos e para qual sociedade?

Identificamos o tema do estudo em amplas e complexas relações resultantes do processo de colonização do Brasil e de sua interiorização para regiões como o Alto Sertão da

¹⁴A consulta a livros de registros (nascimento, batismo, casamento e óbito) ajudou-nos a averiguar os dados já divulgados sobre a família e contribuir com novos, considerando tratar-se de documentação em processo de classificação no APMC. O Barão de Caetité (1822 - 1889) e sua esposa Elvira Benedita de Albuquerque Gomes tiveram três filhas. A primeira era Maria Victória Gomes de Albuquerque Lima, nascida na Freguesia de Monte Alto. Casou-se com Joaquim Manoel Rodrigues Lima, médico, intendente municipal e primeiro governador eleito da Bahia (1892 - 1896). A segunda filha chamava-se Rita Sophia e a terceira, Sofia, apelidada de Sussu.

¹⁵Ver **História social das elites**, de Flávio M. Heinz (2011), que indica as vantagens pela produção de uma história e uma micro-história social das elites, uma pesquisa sobre o poder e os seus agentes. Ver, também, os estudos de Francisco Weffort (1978) sobre o populismo na política brasileira e sobre a forma como a sociedade se estrutura (organização social e econômica) em estabelecimento dos lugares de cada indivíduo.

Bahia, sobretudo na época da vinda da corte portuguesa, quando no médio São Francisco e em suas imediações, foram se desenvolvendo práticas econômicas para a extração de riquezas naturais e investimentos na organização de propriedades para a criação bovina. Pelo relativo desenvolvimento sociopolítico, cultural e educacional da região, como se constata pelo volume de correspondências do acervo, delimitamos o amplo período do estudo que abrange mais de um século: de 1844 a 1950.

A escrita de mulheres de famílias de influência social e política foi nos revelando uma importante circulação das cartas. Primeiramente, essa circulação ocorreu entre os pares, e a partir da segunda geração, aconteceu uma ampla e movimentada troca de correspondências não somente pela utilidade, mas também para indicar outras intencionalidades, as quais nos propomos a discutir. A partir da escrita de algumas das mulheres, em cada geração delimitada, apresentamos, de forma breve, trechos de cartas analisados ao longo deste texto, em destaque para a periodicidade da escrita por elas mesmas.

O trecho da carta que abre esta introdução é de Rita Sophia, uma produção realizada em Caetité, no dia 22 de outubro de 1844¹⁶. A carta está dirigida ao seu irmão, o Barão de Caetité, que, na época, encontrava-se em estudos: “Estimo que gose saúde e que continue a ter progressos nos seus estudos [...]”. O trecho da segunda carta é de Alice, a primeira filha de Deocleciano Pires Teixeira, que, na capital baiana, no dia 22 de junho de 1924, diz a sua tia-mãe Anna¹⁷: “Como vai Papai com a política? Recebi a Penna e m^{to} estimei elle ter acceitado o conselho dos am^{os} p^a descansar da política, fiquei satisfeita com a nomeação do Ouvídio veremos quaes os melhoramentos que deve fazer, a começar pela praça da Matriz [...]”. A terceira produção, também feita na capital baiana, no dia 02 de novembro de 1945¹⁸, é de outra mulher, Hersília, irmã de Alice por parte de pai, que diz: “[...] Sussu viaja amanhã, será portadora desta mando-lhe 2 “Tardes” para V. ver os últimos acontecimentos com a demissão do Getúlio, depois de 15 anos de ditadura [...]”.

As cartas, escritas em contextos diferentes, trazem elementos indicativos das práticas de leitura e de escrita. Na primeira, a autora dirige sua escrita ao irmão que está em estudos na capital baiana. Na segunda, a autora comenta matéria do periódico *A Penna*, enviada pela interlocutora, de Caetité. Na terceira, a autora indicou o envio de um periódico de Salvador, *A Tarde*, para Caetité.

¹⁶APMC. AFBC. JAGN.1.35.2

¹⁷APMC. AFST. AST.1.1.2

¹⁸APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 02/11/1945.

As cartas apresentadas indicam diversas práticas leitoras e de escrita no cotidiano das famílias, nos diversos contextos: Caetité, Salvador e outras localidades. Foi a leitura das primeiras missivas desse universo recortado que nos indicou a presença de referências sobre as práticas de escrita que faziam parte do cotidiano das mulheres. A análise das correspondências, especificamente as enviadas por elas, além de problematizar as práticas leitoras nelas presentes¹⁹, possibilitou a sua identificação em modos diferentes. Perguntamo-nos: de quais práticas de leitura estamos falando? Quais seriam as mudanças e permanências, ao longo do tempo, nas práticas de leitura e escrita presentes nos relatos epistolares?

1.3 Apresentação das fontes e metodologia

A partir da análise de conteúdo, conforme Bardin (2006), realizamos esta pesquisa documental tendo como fontes principais as correspondências (cartas, cartões, telegramas, fotografias e cartões postais). Encontram-se salvaguardadas no APMC²⁰ e, para apresentá-las, utilizamos o modo como essa instituição vem organizando esses documentos em uso de enviadas e recebidas, sendo essas últimas denominadas de “usuais” (envio por mais de uma vez) e “eventuais” (apenas uma vez). Para a discussão do conteúdo, privilegiamos as enviadas.

1.3.1 Correspondências

Como se trata de um gênero bastante antigo, estudos vão indicar que a escrita de cartas²¹, uma prática milenar, como parte da sociabilidade que, durante muitos séculos, garantiu a comunicação entre pessoas de lugares mais próximos ou mais distantes, podendo fazer uso de correspondências, ora com teor informativo, ora literário. Para a discussão do conteúdo,

¹⁹Em forma de rede, conforme Chartier (1991, p. 119): “[...] saber ler e escrever permite também novos modos de relação com ou outros e os poderes. Sua difusão suscita sociabilidades inéditas [...]”.

²⁰Encontram-se no Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC), no fundo de correspondências relacionadas ao Barão de Caetité e à família Spínola Teixeira e, de forma digital, pelo AtoM- *Software Livre Access to Memory*. São do APMC, também, as normas para referências em notas de rodapé para as correspondências, a exemplo das que trouxemos neste texto. Há dois usos (APMC. AFBC. JAGN.1.35.2, carta em indicação, no estudo, em mais de uma vez e APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeira. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 02/11/1945), o que se justifica por ser documentação em processo de organização.

²¹Os estudos de Gómes e Blas (2014) e Petrucci (2019) são exemplos que retratam a experiência de quem utiliza cartas como fontes para a produção de novos trabalhos, o que nos permite acessar a veiculação de práticas leitoras e de escrita que se inserem na História Social e na cultura escrita: “a conservação de um número cada vez maior de correspondências ‘ordinárias’, sinal inequívoco e geral de crescente consideração do valor documental e de memória que tem a documentação epistolar” (PETRUCCI, 2019, p. 102, tradução nossa).

privilegiamos as produções enviadas e, para a pesquisa (objetos e objetivos relacionados às práticas de leitura e escrita), realizamos leitura e coleta dos dados sobre o conteúdo das cartas, organizando em quadros, tendo como principais questões²²: o que liam e escreviam as autoras das cartas? Quais os assuntos tratados nas cartas? Quem eram seus interlocutores principais? Quais instâncias educativas estavam relacionadas a essas práticas de leitura e de escrita?

O conteúdo das cartas foi sendo sistematizado em quadros e o resultado desse arranjo deu origem às categorias que orientaram a escrita da tese. O exemplo do Quadro 1 indica, de modo resumido, como organizamos as demais informações, conforme leitura das correspondências de cada mulher desta pesquisa.

Quadro 1 - O que liam e escreviam as autoras das cartas?

| | |
|--|---|
| <p>1. Alice Spínola Teixeira: cartas entre 1901 e 1944</p> | <p>1. Alice foi produtora de cartas e leitora dos jornais <i>A Penna</i>, <i>Bem-te-vi</i>²³, <i>A Tarde</i>²⁴.</p> <p>Comenta, ainda, que, se estivesse no Rio, enviaria anedotas interessantes.</p> |
| <p>2. Evangelina Spínola Teixeira Pires de Oliveira: cartas entre 1901 e 1950.</p> | <p>2. Além de cartas familiares²⁵, lia o jornal <i>A Penna</i>, <i>A Tarde</i> e telegramas. Suas cartas são escritas em lugares como Caetité, Salvador e a fazenda Gurutuba. Ocupava-se com as lições dos irmãos mais novos e sobrinhos (Carmem, apelidada de Carmita; Edvaldo; etc.), incentivando-os nos trabalhos com música, poesia, moda, etc.</p> |

Fonte: APMC. AFST. Série: Alice Spínola Teixeira e Evangelina Spínola Teixeira.

²²Sobre referências teórico-metodológicas, além dos subsídios vindos das aulas teóricas do doutorado e também, de encontros como o Seminário de Pesquisa, destacamos o Grupo de Pesquisa sobre Cultura Escrita com reuniões mensais, estando como apoio ao desenvolvimento dos trabalhos. Dentre eles, destacamos o quadro de coleta de dados organizado com o auxílio da professora Ana Maria de Oliveira Galvão, o qual foi âncora em meio ao volume de cartas com amplas e diversas informações, pois algumas mulheres escreveram de forma bem objetiva e curta, mas outras escreveram cartas longas (cinco, seis, até nove páginas) em linguagem conotativa.

²³Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC). Alice Spínola Teixeira Santos. Carta para Celsina. Altamira, 27/12/1912. Série: Celsina Spínola Teixeira, Subsérie: Correspondências Usuais, dossiê: Alice Spínola Teixeira Santos. Para indicar a referência, no atual processo de organização, o APMC tem ainda utilizado a forma extensa de nomeá-la, mas tenderá a usar a forma abreviada, por exemplo: CTL.1.3.97 – nesse caso, as letras correspondem à série “Celsina Teixeira Ladeia”; o primeiro número, à subsérie “correspondências usuais”, o segundo número, ao dossiê “quem correspondeu com ela” e o terceiro número equivale à “quantidade de correspondências”.

²⁴APMC. AFST. Alice Spínola Teixeira Santos. Carta para Celsina. Bahia, 27/10/1946. Série: Celsina Spínola Teixeira, subsérie: Correspondências Usuais, Dossiê: Alice Spínola Teixeira Santos.

²⁵Série: Evangelina Spínola Teixeira Pires de Oliveira, Subsérie: Correspondências Usuais, Dossiê: Deocleciano Pires Teixeira. Caetité, 26/04/1908; Série: Evangelina Spínola Teixeira Pires de Oliveira, Subsérie: Correspondências Usuais, Dossiê: Josephina Leão. Macahubas, 17/12/1903.

As mulheres indicadas no quadro são irmãs e foram escolhidas para essa apresentação preliminar porque são indicativas de duas gerações diferentes. A primeira, Alice, encontra-se inserida na segunda geração. A segunda, Evangelina, na terceira geração. As duas são as filhas mais velhas de Deocleciano Pires Teixeira, de casamentos diferentes – do primeiro e do terceiro. Para maior entendimento, a seguir, faremos a apresentação das mulheres a partir de cada geração.

O quadro “Correspondências de mulheres: três gerações” (Quadro 2), no capítulo 2 deste trabalho, além de indicar cada geração, indica a quantidade de cartas recebidas (1.362), enviadas (1.305) e o período (1844 - 1950). O total geral é de 2.667 correspondências, podendo, posteriormente, sofrer modificação, porque o acervo está em processo de organização pelo APMC, como já dissemos. Esse quadro indicou-nos a necessidade de desdobramentos pelo processo da circulação das correspondências e organizamos os quadros 3, 4 e 5, inseridos no capítulo 3. Nele, constam também outros demonstrativos pensados a partir da organização de novos quadros para a apresentação das correspondências.

Assim sendo, os quadros, os mapas representando as localidades e o fluxo das correspondências, para cada geração de mulheres, indicam a ampla rede de sociabilidade construída por elas e o conteúdo diverso que ora se assemelham, ora divergem, questão que nos levou a outros documentos para os esclarecimentos de informações contidas nessas correspondências.

1.3.2 *Livros de nascimento, casamento e óbitos*

Para compreender as relações familiares entre as correspondentes, buscamos dados genealógicos das mulheres em livros de nascimento, casamento, óbitos, além de nos ampararmos nos estudos de Aguiar (2011; 2019) e de Carvalho (2018). Observamos a temporalidade do estudo, a qual é ampla, e um acervo em processo de organização. Recorremos a livros que estão no APMC, na Cúria Diocesana de Caetité, no Arquivo do IEAT (antiga Escola Normal de Caetité) e no Fórum do município de Palmas de Monte Alto (BA), onde pesquisamos certidões de nascimento (1924 - 1946). Nessa última localidade, a pesquisa foi feita tomando-se como base os índices de cada livro em busca dos nomes. Também realizamos pesquisa nos livros de óbitos, por meio de índices e descrições, mas infelizmente muitos períodos não possuem informações conservadas, ficando lacunas sobre a genealogia de algumas mulheres.

Para complementar esses dados lacunares das fontes principais, fizemos a consulta a livros de batismo, casamento e óbitos em documentos eclesiásticos do arquivo da Cúria

Diocesana de Caetité (1913) e da paróquia (1754), a exemplo dos livros da Freguesia de Senhora Santana (1881 - 1848), do vigário Policarpo de Brito Gondim e o de casamento (1831 - 1848), bem como de outros da temporalidade, mas a tarefa ficou incompleta pela necessidade de outras demandas do estudo.

1.3.3 *Livros (de posse, atas, receitas anotações e literários), outros impressos e fotografias*

Em consulta ao acervo do Arquivo do Instituto de Educação Anísio Teixeira (IEAT), que preserva parte da documentação da Escola Normal de Caetité, lugar que foi identificado como um dos que revelam a atuação escolar de algumas das mulheres do estudo, nos interessamos pelos registros, como termos de posse, e encontramos algumas das mulheres da família Spínola Teixeira (Celsina, Hersília e Carmen) em referência ao exercício docente. Além desses, procuramos os livros de atas. Em diálogo com o acervo pertencente ao APMC, incluímos neste estudo os quadros comemorativos de formaturas e a Revista da Educação²⁶, uma produção da Escola Normal de Caetité, no período de 1927 a 1928, com oito volumes. Apresentá-las tornou-se importante pela ligação desse material com as mulheres, produtoras de cartas, principalmente, em relação a Celsina, Hersília e Carmen, que atuaram como docentes da Escola Normal. Além desse material, recorreremos também aos livros de receitas, anotações e alguns livros literários locais da época por conterem informações do cotidiano do lugar e dos costumes, questão a evidenciar informações identificadas nas correspondências de mulheres. Dentre eles, destacamos os livros: *Os Analfabetos* (Gumes, 2014) e *Lavras Diamantinas* (Neves, 1967). Informamos que *Lavras Diamantinas* foi escrito por Marcelino José das Neves, em 1870, e que esse manuscrito, na década de 1960, foi editado pela filha Maria Theodolina Neves Lobão. Essas narrativas sobre o cotidiano das pessoas tornaram-se importantes para a pesquisa pelo entendimento das experiências da vida em diálogo com as correspondências das mulheres²⁷.

²⁶Produção na cidade de Caetité, pela tipografia do jornal *A Penna* (Gumes & Filhos), tendo como equipe de redação: diretor (Edgard Pitangueira), redatores (professor Alfredo José da Silva, Dr. Jayme Spínola, professora Dulce da Silva Araújo e professor Salvador da Rocha Passos), secretária (professora Helena Lima) e tesouraria (professora Maria José da Silva).

²⁷O primeiro, de autoria de João Gumes, foi escrito em 1927, editado em 1928 e reeditado em 2014. Enfatiza a necessidade escolar, da leitura e da escrita para as pessoas. O personagem central, Marcolino, é um sertanejo humilde, lavrador e analfabeto que possui vida familiar e social com dificuldades. A obra ainda conta com o personagem Zezinho, filho de Marcolino, que apresenta interesse nos estudos, além de outras personagens. A história favorece situações que colocam o leitor em reflexão sobre as consequências do analfabetismo. Pela narrativa, o menino Zezinho vivencia caminhos difíceis, principalmente, por não contar com o apoio do pai, que é provedor de uma família em condições econômicas desfavoráveis. O segundo também descreve experiências de

Somam-se a essas fontes o acervo da Associação das Senhoras de Caridade de Caetité, principalmente o livro de atas da instituição fundada por mulheres, tendo a participação de Anna, Alzira, Celsina, Evangelina e Hersília. Para as iconografias, além do APMC, a Casa Anísio Teixeira, em Caetité (BA), foi de relevância, pois abriga importante acervo da Família Spínola Teixeira²⁸.

1.3.4 *Impressos periódicos*

Sobre impressos, mapeamos alguns exemplares encontrados no APMC. São jornais indicados como leitura recorrente por muitas das mulheres, entre eles, o jornal *A Penna* (1897 - 1943)²⁹, *O Bem te vi* (1912 - 1914), *A Tarde* (1912 - atual); *Mocidade* (1928); *Correio de Caetité* (1916 - data não identificada), *O Democrata* (1917 - atual), *Diário Oficial* (1862 - atual), *Jornal das Moças* (1914 - 1965), *Diário de Notícias* (1930 - 1974), *O Imparcial* (1910 - 1920) e *Diário da Bahia* (1856 - 1917). Além de jornais, também apresentamos os livros e revistas indicados nas cartas de mulheres no capítulo referido.

O contato com o acervo da biblioteca nos indicou um quantitativo de impressos, sendo 1.097 volumes para o acervo da família do Barão de Caetité e 1.355 volumes para o acervo da família Spínola Teixeira. O acervo de ambas as bibliotecas é composto por uma diversidade de áreas do conhecimento e de tipologia de impressos³⁰. Dentre os livros locais em indicação das práticas de leitura e de escrita das instâncias educativas, dos costumes da época e em possibilidade de esclarecer sobre o Alto Sertão da Bahia, consultamos: *Rescaldo de Saudades* (Flávio Neves, 1986), *Caetité e o Clã dos Neves* (Marieta Lobão Gumes, 1975) e *Caetité, pequenina e ilustre* (Helena Lima Santos, 1976). Os memorialistas que muito têm contribuído

dificuldades pela ausência de leitura e de escrita. Além de enfatizar os esforços de quem se aventurou nessa busca, evidencia outras situações de pertinência pela análise das mazelas na localidade.

²⁸No catálogo editado pelas Senhoras de Caridade, em 2010, consta, entre outros registros sobre a história do lugar, a primeira ata de organização dessa instância a evidenciar o propósito de mulheres, em 1919, (algumas delas, as mesmas, produtoras de cartas), pela edificação de projeto de assistência social. O fragmento escolhido da ata de fundação dessa Associação de Senhoras de Caridade diz: “[...] sem exclusivismo de seita, tendo por objetivo a caridade em suas múltiplas variedades, em conformidade com o projeto de estatutos que foi apresentado, discutido, aprovado convertido em lei da agremiação que ora se organiza [...]”. O documento indicou que a primeira reunião de fundação da instância, ocorreu, no dia 19/01/1919, na residência de Alzira, que, juntamente, com algumas das irmãs, mulheres deste estudo e outras senhoras de Caetité, formaram a equipe de gestão da entidade, sendo presidente “D. Celsina Spínola Teixeira Gomes Ladeia”.

²⁹O APMC preserva o acervo do *A Penna* de forma física (impresso e digitalizado), indicando João Gumes como redator chefe, no período de 1897 a 1930 e, na continuidade, os seus filhos, até a década de 1940.

³⁰O acervo da biblioteca da Família do Barão de Caetité e o da família Spínola Teixeira está organizado em diversos instrumentos leitores: livros, revistas, documentos e, em diversas áreas, como literatura, medicina, religiões, idiomas, etc.

para os esclarecimentos às fontes locais, também foram consultados para o entendimento do conteúdo das correspondências das mulheres deste estudo.

1.3.5 *Cadernos de notas, caderneta e folhas de anotações*

Os cadernos de notas, caderneta e folhas de anotações³¹, datados do período de 1928 a 1949, produções manuscritas e pertencentes a Alzira, trazem suas anotações financeiras com registros de parceria, envolvendo trabalhadores, como meeiros, indicando os nomes dos trabalhadores e os produtos vendidos e recebidos, e constando a contabilidade. Dentre os produtos, destacam-se: rapaduras, milho, feijão, mandioca, dentre outros. Também, como anotações pessoais, encontram-se outros cadernos a exemplo do que se registrou como receitas culinárias³². Outros documentos, como os pertencentes a Lima Júnior³³, o esposo de Alzira, estão em forma de manuscritos – são produções literárias de cunho poético, político e social referentes aos anos finais do século XIX e aos anos iniciais do século XX. Essas produções foram consideradas por serem pertencentes a algumas das mulheres da segunda geração desse estudo: a primeira, Maria Victória, sua mãe, e a segunda, Alzira, como dissemos, sua esposa. Ao integrarmos esses elementos de leitura e de escrita, a compreensão do lugar familiar das práticas de leitura e de escrita tornou-se importante, principalmente, as lacunas das correspondências de mulheres da família do Barão de Caetité, pois a escrita epistolar delas, na maioria das vezes, era restrita à função de noticiar sobre os pares, conforme discutimos neste trabalho.

³¹APMC. AFBC. Série: Alzira Teixeira Rodrigues Lima. Subsérie: Finanças. Dossiê: caderno de notas e controle financeiro.

³²APMC. AFBC. Série: Alzira Teixeira Rodrigues Lima. Subsérie: Documentos Pessoais. Dossiê: cadernos.

³³Xavier, bolsista de Iniciação Científica – UNEB-Caetité (2018 - 2019), discutiu sobre práticas de leitura e de escrita do literato Joaquim Manoel Rodrigues Lima Júnior entre o fim do século XIX e início do XX, e identificou a produção literária desse político e poético caetiteense, neto do Barão de Caetité, a qual é constituída de manuscritos que indicam a fundação do “Clube Literário Castro Alves” – estatuto, cartas, discursos de formatura, cartões de visita, quatro cadernos de anotações literárias, contendo um acróstico de sua autoria, poemas, dentre outros. Verificou-se que, em seu caderno de anotações literárias, constam os poemas transcritos por Lima Júnior. Além disso, identificou dois cadernos de anotações literárias, intitulados “Florilégio” – um com a data de 1888 e outro com a data de 1896. E, ainda, analisou outro caderno de anotações literárias com o título de “Paginas Ligeiras”, datado de 1890. Em continuidade da pesquisa (2020), Xavier observou que os indícios sobre o Clube Literário indicaram ser uma biblioteca que era aberta ao público. Não se pode averiguar, no entanto, até quando esteve em funcionamento. O contato com atas do Poder Legislativo vai registrar que o clube realizava sessões literárias: “[...] foi lida uma petição dos directores do club caetiteense, fundado nesta cidade pedindo ordem para a transferência para a sede do mesmo Club da bibliotheca que presentemente se encontra em um dos salões do paço Municipal, [...]” (Ata de 09/04/1922, p. 366). No seu acervo, a bolsista de Iniciação Científica identificou, ainda, as cartas enviadas e recebidas – uma delas escrita em 7/10/1894 por Costa e Silva aos “ilustres cidadãos” do Clube Literário, que diz sobre a frequência de “homens das letras”, das classes mais privilegiadas, discorrendo sobre a criação do Clube Literário e da relevância dessa instância do saber.

1.4 Estruturação da tese

Em linhas gerais, a organização da tese está em cinco capítulos, além da introdução e da conclusão. No segundo capítulo, “Mulheres de famílias da elite política e econômica do Alto Sertão da Bahia (1844 - 1950)”, discutimos o cenário da pesquisa e falamos um pouco sobre a região para situar as famílias das mulheres envolvidas neste estudo, resultantes do processo de interiorização dos colonizadores, o que indica a herança entrelaçada entre os povos que chegaram atraídos pelo processo de exploração e os que viviam no lugar. A leitura das correspondências das doze mulheres, subsidiou a organização de três gerações: primeira geração (1844 - 1888), segunda geração (1901 - 1944) e terceira geração (1901 - 1950). Desse modo, nós as apresentamos discutindo semelhanças e diferenças pelo uso das práticas de leitura e de escrita.

O terceiro capítulo, “Cartas escritas por mulheres no Alto Sertão da Bahia: circulação e modelos epistolares”, abrange duas temáticas mais gerais: circulação das correspondências e discussão do conteúdo, entre marcas singulares para cada geração de mulheres. Quantificamos as correspondências enviadas e recebidas por geração, demonstrando o total da produção de cartas, os lugares, a rede de sociabilidade construída e o fluxo das correspondências. Para a discussão do conteúdo, além de mudança de linguagem, não só a objetiva, discutimos as funções e especificidades de leitura e de escrita que abrangia muito além do Alto Sertão da Bahia.

O quarto capítulo, “A leitura no cotidiano das mulheres”, nos possibilitou conhecer as práticas leitoras e o repertório de leitura em ambientes rurais e urbanos, em lugares além da região do Alto Sertão da Bahia. Buscamos problematizar as práticas leitoras em sua diversidade. Para isso, os jornais, os livros e as revistas foram apresentados como instrumentos de leitura das mulheres.

No quinto capítulo, “Práticas de escrita no universo feminino”, tratamos de analisar as práticas de escrita indicadas nas correspondências. Buscamos identificar a escrita e o seu entorno, tentando compreender como, em que espaços e em que condições essa prática se dava. Discutimos as diferenças, tanto no volume de escritos produzidos por cada geração, quanto nos aparentes distintos níveis de domínio da habilidade da escrita epistolar.

No sexto capítulo, “Instâncias Educativas de Circulação do Escrito”, evidenciamos a participação das mulheres em atuação educacional (Escola Normal de Caetité e Associação de Senhoras de Caridade), em instâncias religiosas, da administração pública e nas artes em geral.

Analisamos as principais instâncias educativas que, na nossa análise, contribuíram para a constituição e ampliação do universo de leitura e de escrita das mulheres em questão.

Como não nos coube sair da discussão prevista pelo objeto de pesquisa, deixamos neste trabalho possibilidades de novas produções pela amplitude da problematização que as fontes indicaram.

2 MULHERES DE FAMÍLIAS DA ELITE POLÍTICA E ECONÔMICA DO ALTO SERTÃO DA BAHIA (1844 - 1950)

Figura 2 - Carta de Rita para Elvira

Minha querida Mana

Foy em mença a minha dor com
a morte de meu ^{to} amado Exproze
nencia sepus paçar hum gol
pe tão terivel. tantos annos q
vivemos nuca tivemos a menor
discordia elle foi sempre fo
comigo e os filhos ^{to} m amoro^{so}
e dedicado, mas q se ade fazer
com o de creto de D.
^{tas}
m saudades a minha querida
Vita e hum apertado abraço
de

Seu man
- to
q ma^o ma
Rita S. Luna

Fonte: APMC.AFBC.EBA.1.4.3.

A carta apresentada, no início deste capítulo, é de Rita Sofia para a sua cunhada, Elvira Benedita. Não indica o local, nem data, nem o ano. É expressiva de sentimentos de luto, inclusive pelas bordas (de cor preta). A autora fala da perda do esposo e expressa a boa convivência com ele e com os filhos por muitos anos. Refere-se ao seu sofrimento, ao tempo em que se resigna ao mencionar os decretos divinos.

Em indicação de pertencimento a instâncias de poder (família patriarcal e igreja), a carta vai dando indicativos de pessoas e do lugar. O Alto Sertão da Bahia é o cenário principal deste estudo. Sua ocupação é resultante do movimento de migração, do encontro de diversas etnias, do tráfico interprovincial de pessoas escravizadas, da presença de posseiros, rendeiros, entre outros, e da riqueza concentrada nas mãos de algumas famílias que se tornaram influentes política e socialmente (NEVES, 1998; 2003; PIRES, 2003;2009; SANTOS, 2014; SILVA, 2018).

Esse movimento de participação de uma elite que se constituiu em razão do processo de interiorização da América Portuguesa se deu pela exploração do Alto Sertão da Bahia e indica uma herança entrelaçada entre os povos que chegaram e os que viviam no lugar. Nesse cenário diverso, encontram-se as mulheres³⁴ de famílias da elite política e econômica, mulheres produtoras de correspondências, que se comunicavam do Alto Sertão da Bahia até outras localidades, além de Salvador, a capital baiana.

Em diferentes formas de se relacionarem com a leitura e com o escrito, foram identificadas, em uso das práticas leitoras e de escrita, em uma temporalidade de negação do direito à educação à mulher, inclusive em grandes centros. Desse modo, se o cenário é indicativo de adversidade – de um lado a ausência de leitura e de escrita para a grande parte da população e, do outro, a utilização dessas práticas –, tornou-se necessário apresentar esse cenário pelo entendimento do modo como essas relações diversas se entrelaçaram.³⁵

Este período do estudo (1844 - 1950)³⁶, em amplitude, indica a movimentação de grupos que se entrelaçavam em redes de sociabilidade do interior do Alto Sertão da Bahia para os grandes centros, desconstruindo a ideia oficializada de que o desenvolvimento social se deu apenas em um processo da capital para o interior. Por este estudo, pelo duplo movimento, está o lugar com práticas de leitura e de escrita, das quais algumas mulheres foram identificadas em participação social. Pertenceram a famílias de uma elite econômica, política e cultural.

³⁴Pertencentes a uma elite letrada, essas mulheres viveram em condições privilegiadas, se comparadas àquelas excluídas desse universo. Os registros dessas passagens devem ser, portanto, captados pois, quase sempre, estão carregados de juízos de valor.

³⁵Para a compreensão do processo de desenvolvimento cultural no Alto Sertão da Bahia e dos temas sobre mulheres, história e literatura, considerar os estudos de Nogueira (2015; 2016); os de Carneiro (2011) pela discussão das práticas educativas familiares; os de Reis (2010; 2018) sobre leitura e escrita; também, os de Ribeiro (2012), Pimentel (2013) e Carvalho (2018) pelo uso de correspondências em discussão das práticas sociais e de poder. Considerar Fernandes (2017), que apresenta um estudo sobre ofícios urbanos de trabalhadores na temporalidade, a partir dos registros em diversas fontes a exemplo de jornais (*A Penna*, o *Bem-ti-vi*), correspondências pessoais, livros de razão, dentre outros.

³⁶Foi confrontada com o processo de desenvolvimento da história educacional em outras regiões brasileiras, a exemplo da mineira, a partir de estudos de Eliane Marta T. Lopes e Carla S. Chamon; Carlos Henrique de Carvalho e Luciano Mendes de Faria Filho; Venceslau Gonçalves Neto e Carlos Henrique de Carvalho (2019).

Contextos macro trazem os referenciais de leitura e da escrita, a exemplo dos indicadores da Europa, que, desde o século XVIII, apresenta investimentos de significativa relevância nas práticas de leitura. Além do grande volume de produção de livros e jornais, a popularidade desses impressos contribuiu para o crescimento rápido de espaços e de práticas de leitura. Mollier (2008), por exemplo, apresenta a cultura de massa que, no século XIX, estava ligada à alfabetização e à escolarização em países como França, Alemanha, Grã-Bretanha e Leste dos Estados Unidos. Por essas práticas, além do acesso a livros e textos, aconteceram mudanças, no modo convencional de ler, de forma que houve, também, o aumento do repertório de leitura, o que, até meados do século XIX, veio contribuir para o aumento das taxas de alfabetização e uma diversificada produção impressa. Desse modo, novas práticas leitoras foram incorporadas desses meios, como as leituras públicas em voz alta, proporcionando o acesso a esses textos a pessoas que não sabiam ler.

Essas novas formas de ler também foram verificadas no Brasil, onde os analfabetos constituíam a maioria da população no contexto em estudo. Em relação às mulheres, a condição de leitora e escritora era ainda mais restrita. Segundo Villalta (1997), isso se deve ao fato de que a sociedade, mesmo que vivesse um período de transformações, ainda carregava marcas dos séculos passados. Conforme a análise de inventários feitos até o ano de 1822 em Mariana (MG), 63,2% deles eram assinados, sendo que as mulheres os assinaram numa proporção inferior em relação aos homens. Havia, assim, para elas, a restrição ao acesso à escrita, entendendo-se os riscos para a moral, num período em que o ensino da leitura e da escrita eram feitos em momentos e processos separados.

Essa situação, no entanto, era marcada por rupturas. Algumas iniciativas contrariavam essa generalização, indicando, por exemplo, a existência de jornais voltados para o público feminino no século XIX, a exemplo de *O mentor das brasileiras* (1829 - 1832)³⁷ e *O Sexo Feminino* (1873 - 1874)³⁸, entre outros. Somam-se a essas experiências as das mulheres deste estudo, que utilizavam a escrita de cartas com fluência para se comunicar e estreitar a distância entre familiares e pessoas próximas, indicando uma importante rede de sociabilidade de leitura e de escrita, além do envolvimento na criação e no desenvolvimento de instâncias de formação escolares, instituições filantrópicas e de cunho religioso. Essas mulheres representavam a

³⁷Jornal considerado um dos primeiros periódicos brasileiros voltados para o público feminino. Foi impresso na Vila de São João del-Rei no período de 1829 a 1832. Ver Jinzenji (2010).

³⁸Jornal impresso pela professora Francisca Senhorinha da Motta Diniz, da Escola Normal de Campanha (MG), no período de 1873 a 1874. Quando de sua mudança para o Rio de Janeiro, em 1875, ela continuou a editá-lo, o que ocorreu até o ano de 1890. Após a Proclamação da República, o nome do jornal foi alterado para *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino*. Ver Nascimento (2004).

categoria de maior destaque em relação a outras, também sertanejas, sobre as quais suas cartas pouco falam, pois estavam à margem, a exemplo da mulher pobre e da mulher negra. Como explica Falci (2000, p. 242), “o princípio da riqueza marcava o reconhecimento social, o princípio da cor confirmava esse reconhecimento e o princípio da cultura o preservava”.

Neste capítulo, é apresentado o cenário da pesquisa: a região, as famílias envolvidas, suas conexões e a organização dos sujeitos, em três gerações, conforme referido na introdução desse estudo. A delimitação temporal (primeira geração: 1844 - 1888; segunda geração: 1901 - 1944; e terceira geração: 1901 - 1950) indica semelhanças e diferenças pela discussão sobre o modo singular de cada mulher agir no processo de produção das correspondências.

2.1 O Alto Sertão da Bahia (1844 - 1950): amplas e complexas relações

O processo de colonização no Brasil e a interiorização para regiões como o Alto Sertão da Bahia têm relação com situações de tensões, principalmente a partir da vinda da corte portuguesa quando, no médio São Francisco e em suas imediações, foram desenvolvidas práticas de criação bovina e, posteriormente, o processo de mineração. Em Santa Isabel, atual município baiano denominado de Mucugê, na Chapada Diamantina, em 1º de janeiro de 1884, uma das filhas do Barão de Caetité, Rita Sophia, escreveu carta para a sua mãe informando que todos encontravam-se bem de saúde e questionou: “[...] Casusinha tem procurado comprador para as negras que vm.ce. me falou para ver se vendias aqui, talvez venda uma ou duas mas só querem dar trezentos mil reis, vm.ce. manda dizer se quer vender por este preço [...]”³⁹.

A carta foi endereçada a Elvira Benedita de A. Gomes, a Baronesa, e nos apresenta a família com propriedades rurais e com pessoas escravizadas, estando as mulheres à frente na negociação de sua venda, o que demonstra familiaridade com essa prática, pois Rita indica conhecer o “valor de mercado” e consulta sua mãe sobre o possível prejuízo na negociação. Os sinais do fim do período de escravidão já se anunciavam na região e, segundo Pires, “[...] apesar do tráfico e da abolição, escravos e ex-escravos não desapareceram dos cenários vivos das fazendas, roças, pequenas vilas e arraiais do alto sertão baiano” (PIRES, 2009, p. 15)⁴⁰.

Caetité foi criada em 1754. No dia 05 de abril de 1810, emancipou-se, como consta no Livro de Ata: “[...] Arraial de Santa Anna do Caeteté da Comarca de Jacobina [...]”⁴¹. Como

³⁹APMC. AFBC. JAGN.1.36.1

⁴⁰Sobre o “tráfico interprovincial e alforrias nos *sertoins de sima* - BA (1860 - 1920) e escravos e forros no alto sertão da Bahia (1830 - 1888)”, ver trabalhos de Maria de Fátima N. Pires (2003; 2009).

⁴¹Ver ata de fundação da Vila do Príncipe, livro nº 01. APMC: (Fundo: Intendência Municipal, Grupo: Secretaria da Intendência, Série: Atas, Data-limite: 1810 – 1967, Caixa 01, Maço 01). Estudos arqueológicos, através do

região na transição do século XVIII para o XIX, encontramos estudos que indicam a vila em movimentação social⁴².

Um outro estudo que consultou inventários de lavradores da época apresenta o lugar com modos de vida precários para os proprietários pobres, como “era o caso de Maria Angélica de Jesus, com dez filhos menores, que inventariou de semoventes pertencentes ao casal, um boi manso de carro, um boi preto velho e uma égua castanha, avaliados por Rs. 80\$000. Morava na Lagôa Grande” (SANTOS, 2013, p. 189)⁴³. Entre as expedições às terras do Alto Sertão da Bahia, a que foi feita por Theodoro Sampaio para a Chapada Diamantina (1879 - 1880) indicou muitas e significativas informações sobre o lugar. O trecho da carta-resposta a seguir diz sobre algumas de suas impressões sobre o lugar onde firmou laços de amizade, como observamos em Bráulio, um dos integrantes da família do Barão de Caetité⁴⁴:

Respondo sem demora a sua consulta de hontem a respeito do nome *Caetité*, da bella cidade sertaneja que outr’ora visitei, em 1878, nas abas e vertente oriental da *Serra Geral*. [...]

O tupi denominava isso pelas palavras *caá-etê-etê*. O termo *caá* quer dizer matto, folha, planta; *etê* é adjectivo com o significado de verdadeiro, real, legitimo. *Caá-etê* quer, pois, dizer *matto verdadeiro*, ou como costumamos dizer *matta virgem*. E’ da índole da língua indígena repetir a palavra final de uma phrase para exprimir continuidade, multiplicidade. Por exemplo: *piri* é o junco, *piri-piri* é o junco

projeto Museu do Alto Sertão da Bahia (MASB), reforçam as pesquisas em utilização de fontes regionais, pela ocupação do lugar, a partir de relações adversas e pelo entrelaçamento de povos de culturas diferentes, sendo os primeiros, os indígenas: “As pesquisas revelam que grupos indígenas ocuparam essa região desde pelo menos, 6.000 anos atrás” (AFFONSO; MORAES, 2011, p.7). Sobre o processo de como ocorreu a ocupação dos que chegavam para explorar as terras, considerar os estudos de Santos (2009). Procura-se esclarecer a trajetória de ocupação dos sertões da Bahia, indicando a colonização dos “sertões da Bahia” e trazendo um recorte mais alargado sobre o território em inclusão das regiões do “interior da capitania da Bahia, acrescidos do Piauí, do norte de Minas Gerais e áreas ribeirinhas da banda esquerda do São Francisco”, além das zonas fronteiriças mineradoras das antigas Vilas de Jacobina e Rio de Contas. Sua análise é demarcada temporalmente a partir de 1640, período da Restauração Portuguesa e das consequentes guerras de reconquista de territórios controlados por holandeses no Brasil e em África, marcando assim a retomada do império mercantil e seu processo colonizador. Sua análise se estende a 1750, início do governo pombalino e definidor das fronteiras da América Portuguesa com o Tratado de Madri. A partir desse recorte espaço-temporal, o autor debruça sobre o projeto de ocupação dos sertões da Bahia, buscando desvelar esse processo à luz de um paradigma de reflexão que busca superar as abordagens clássicas, consideradas por ele insuficientes para a compreensão do fenômeno histórico.

⁴²Sobre maiores informações da região, na temporalidade do estudo, ver o trabalho **Uma Comunidade Rural do Brasil Antigo** (Aspectos da Vida Patriarcal no Sertão da Bahia nos Séculos XVIII e XIX), de Lycurgo de C. Santos Filho (1956).

⁴³O pesquisador descreve a moradia da mulher como lugar rural da região de Caetité e evidenciar suas condições de vida precária. Ao indicar os expedidores pela região, Spix e Martius (1938) descreveram uma das suas expedições, quando, por exemplo, localizaram uma grande fazenda “Lagôa de N. S. d’Ajuda”, entre Caetité e Rio de Contas, contendo mais de 16 pessoas escravizadas. Nessa experiência, segundo os relatos, eram os próprios escravos que negociaram a compra de milho (SANTOS, 2013, p. 185). O mesmo estudo indicou o trabalho dos tropeiros e as suas tropas, viajantes, que levavam cargas para o abastecimento dos lugares e traziam outras necessidades para o abastecimento local: “[...] criados nas matas do sertão, os tropeiros e seus arrieiros deveriam estar acostumados a enfrentar longas estiagens, condição essencial à sua sobrevivência em solo árido e caminhos tiranos” (SANTOS, 2013, p. 195-196).

⁴⁴Ver **Theodoro Sampaio e a Chapada Diamantina**: trechos da expedição de 1879-1880, de Otoniel Fernandes Neto (2005).

multiplicado, extenso; çoo-ú bicho que morde, çoo-ú-ú, bicho que morde muito, em demasia; *caá-etê*, matta virgem, *caá-etê-etê*, matta virgem, extensa, multiplicada.

A expressão *caá-etê-etê*, no próprio tupi, se contrahe para *caá-etê-tê*. Daqui fácil é de vêr como a phrase evoluiu, segundo a lei do menor esforço, em lábios não tupis.

Caá-etê-tê deu então *Ca-etê-tê*, donde o actual Caeteté, que já alguns escrevem Caetitê. Não admira essa diversidade de graphia de vocábulos, cuja gênese e significação se ignoram. O nome *Brazil* ou *Brasil* é disso um exemplo. *Caetitê*, *Caetaté* ou *Cayteté*, como escreveram Ayres do Casal e Von Martius, no começo do século XIX, são resultantes, às mais das vezes, do vício de pronuncia.

Caetaté, forma divergente, requer, porem, maior attenção, tanto mais quanto, me informa a meo illustre amigo eu é graphia encontrada em documentos dos séculos XVII e XVIII. *Caetaté* tem interpretação que se relaciona com a primeira, como se vae vêr. *Caá-etá-etê* são os seus elementos componentes: *Caá* é a *matta*; *etá* é suffixo para o plural dos nomes *caá-etá* exprime *as mattas*; *etê* é *verdadeiro, real, legitimo*, e assim a phrase tupi *caá-etá-etê*, significa *as mattas verdadeiras, as mattas virgens*.

Tendo-se ainda em vista as corruptellas a que estão sujeitas os nomes indígenas, o vocábulo. *Caetate* ainda admite outra interpretação – dando como seus componentes – *caá-itá-tê*, que se traduz a *pedra da matta desconforme, desunida, destacada*; pois que *itá* é *pedra, penedo*; *tê* é adjectivo significando *desconforme, desigual, desunido, destacado*. *Caetaté* é portanto, o *penedo da matta destacado*. A preferencia na interpretação decidil-o-á a característica local.

Resta vêr sem em algum sitio onde primeiro se applicou o nome *Caetaté* ou *Caeteté*, há algum penedo com o aspecto descripto, ou de facto, como me parece, a característica local é a *matta virgem extensa*.

Disponha, o meu illustre amigo, de quem com toda a estima é seu amigo e admirador. THEODORO SAMPAIO, 22.09, 1916⁴⁵.

O remetente da carta, Theodoro Sampaio, dirige-se a Bráulio Rodrigues Lima, filho de Rodrigues Lima e neto do Barão de Caetitê. Sua correspondência, datada de 21 de setembro de 1916, é uma consulta sobre a palavra “Caeteté” e vai apresentar a grafia correta da palavra “Caetitê”⁴⁶. Na resposta à carta, Bráulio, morador do lugar, nos revela certa erudição ao se referir à etimologia do nome da localidade, associada à imediatez com a qual responde à consulta.

Ivo (2012) utiliza a expressão “Homens de Caminho” para denominar os que percorreram as terras da América Portuguesa e discute esse processo em conexão com povos na região, ao debater a integração de diversas localidades da Bahia e do Brasil com outros

⁴⁵Publicação Oficial do Município de Caetitê, Notas e Notícias, pertencente a José Antônio Ladeia e Dr. Edvaldo T. Ladeia. O primeiro, o esposo, e o segundo, o filho de Celsina Teixeira Ladeira.

⁴⁶“Caetitê (o mais usado), Caeteté e Caiteté, sendo encontrada, em documentos officiaes dos séculos 17, 18 e princípio do 19, a forma Caetaté, mas, por qualquer das três primeiras maneiras, que seja escripta a palavra, se pronuncia sempre cae-ti-tê” (Notas e Notícias – Publicação Oficial do Município de Caetitê, s/d). Também, o autor da missiva vai indicar curiosa análise do nome do lugar: “[...] o termo *caá* quer dizer matto, folha, planta; *etê* é adjectivo com o significado de verdadeiro, real, legitimo. *Caá-etê* quer, pois, dizer *matto verdadeiro*, ou como costumamos dizer *matta virgem*”. Apresenta, ainda, o processo de evolução da escrita e da grafia da palavra “Caetitê” em entrelaçamento de culturas e em função do uso delas, ao demonstrar a evolução vocabular em confronto com a diversidade dos povos: “A expressão *caá-etê-etê*, no próprio tupi, se contrahe para *caá-etê-tê*. Daqui fácil é de vêr como a phrase evoluiu, segundo a lei do menor esforço, em lábios não tupis. *Caá-etê-tê* deu então *Ca-etê-tê*, donde o actual Caeteté [...]”.

países, reforçando a ideia de interconexão. As tropas e tropeiros⁴⁷ também eram grupos que percorriam as regiões em função de seu abastecimento com bens de necessidades e para transportar produtos regionais, tendo contribuído, em função de sua mobilidade, para a circulação de correspondências e demais objetos de leitura e de escrita. Os tropeiros tiveram grande importância na troca de cartas, sobretudo para as mulheres da primeira geração (1844 - 1888), atuando como portadores.

Na carta de Rita Sophia, irmã do Barão de Caetité, escrita em Caetité no dia 06 de maio de 1844⁴⁸, a autora anuncia a saída de tropa naquele dia. Pela sua escrita, percebemos sua pressa para produzir a carta e garantir notícias ao irmão em estudos na capital baiana: “Como hoje sai daqui a tropa p^a baxo não quero dexar de dar notícias nossas, meu pay está em Monte Alto tratando de cobrar do João Pr^a Castro q dizem não ter mais nada, nosso tio, p^e Francisco está aqui veio paciar e já vai enxergando alguma cousa [...]”.

Nesta escrita circunstancial, observamos a autora da carta em possibilidade de enviar notícias e, pelas condições anunciadas, também nos revela o uso de tropa, para a época, como condição para fazer circular bens de necessidade, inclusive, a escrita e, no decorrer do processo, outras mulheres vão apresentar os portadores em preferência, entre os pares, e em crítica aos serviços dos Correios, considerados precários na região. Por exemplo, na carta escrita em 12 de abril de 1907, em Salvador, por Elvira⁴⁹, filha de Maria Victória, além dos cumprimentos e o desejo de saúde aos familiares, noticiou sobre o fim da doença infectocontagiosa que contraíra e também fez alusão ao portador, que diz ser o Sr. Jesulino, e que enviava por ele uma caixa com as encomendas de Mariquinhas. A informação é indicativa do modo como conseguiam fazer circular os bens de necessidade no período, que incluíam as cartas, mas não se restringia a elas, permitindo visualizar aspectos do cotidiano de meados a fins do século XIX. Assim, os tropeiros percorriam as distâncias com seus animais de transporte, servindo como portadores de necessidades diversas, incluindo leitura e escrita.

Os portadores, nas três gerações de mulheres, estiveram como possibilidade para garantir a circulação das práticas leitoras e de escrita. O mascate e o camelô foram importantes para a circulação e interiorização do escrito e para a difusão da cultura popular na França da Terceira República (MOLLIER, 2009)⁵⁰. Desse modo, ao apresentarmos um contexto menor,

⁴⁷Ver o trabalho **Légua Tirana: sociedade e economia no alto sertão da Bahia. Caetité, 1890-1930**, de Santos (2014), que aborda as atividades econômicas de exportação e de abastecimento interno no Alto Sertão da Bahia e a sua integração com outros lugares do comércio externo.

⁴⁸APMC. AFBC. JAGN.1.35.1

⁴⁹APMC. AFBC. MVA.1.4.5

⁵⁰Na França, conforme Mollier (2009), deu-se a *Belle Epoque*, século XIX, quando se referendou, no movimento cultural, o nascimento indicativo de definições diversas sobre a cultura de massa, atraindo a participação de

o regional (o Alto Sertão da Bahia) e o macro (o europeu), nas duas situações, verificamos que a interpelação aos transeuntes resulta em circulação e movimentação. Observamos a expressiva singularidade de atuação cultural em cada experiência. Não falamos em comparação dos contextos, mas em apresentação das duas experiências: para a primeira, de ambientes mais rurais, os tropeiros e os portadores; para a segunda, de ambientes urbanos, os mascates, os camelôs. Nas duas situações, em suas especificidades, verifica-se os esforços pela difusão da leitura e da escrita.

Assim, entre diversas experiências, apresentamos o contexto da pesquisa caracterizada por uma grande parte da população analfabeta e, em paralelo, os esforços pela conquista da educação pública, uma movimentação que envolveu práticas (leitoras e de escrita) e outras leituras culturais, conforme acompanharemos através da apresentação do conteúdo das correspondências. Para isso, identificamos e organizamos as correspondências de mulheres em três gerações, pela necessidade de acompanhar essa rede complexa de expansão da leitura e da escrita entre membros das famílias do Barão de Caetité e da Spínola Teixeira.

2.2 As famílias das mulheres: Barão de Caetité e a Spínola Teixeira

As famílias do Barão de Caetité e Spínola Teixeira têm genealogia apresentada nos estudos de Aguiar (2011; 2019), a partir da construção de sua trajetória: “Para as famílias Gomes e Azevedo, no alto sertão da Bahia, o despontar do novo país, o Brasil imperial, foi marcado pela chegada de mais um rebento, o primeiro filho do Capitão José Antônio Gomes e D. Antônia Sofia de Azevedo [...]” (AGUIAR, 2019, p. 33). Tratava-se do nascimento de José Antônio Gomes Neto (1822 - 1889), futuramente nomeado Barão de Caetité.

Pela motivação econômica, deu-se a instalação, no Alto Sertão da Bahia, da família do Barão de Caetité e de outras famílias de posses⁵¹. Como práticas de conveniência social passada de geração em geração, os casamentos vantajosos contribuía para o fortalecimento de poderio social e econômico. Desse modo, Rita Sophia Gomes Lima, única irmã do Barão de

camelôs elucidativa de uma cultura popular. Como destaca Mollier (2009, p. 63): “Se o camelô ganhava alguma coisa com essa espécie de reconhecimento de sua atividade, ele também precisava lutar firmemente para manter as vantagens obtidas”.

⁵¹No anexo A, p. 234, encontra-se a genealogia da família do Barão de Caetité em integração com outras famílias, a exemplo da (Rodrigues Lima). A família Rodrigues Lima valeu-se da utilização de homônimos. O primeiro Joaquim Manoel Rodrigues Lima é o capitão, pai do segundo Joaquim Manoel Rodrigues Lima, capitão também, que se casou com Rita Sophia Gomes de Azevedo, irmã do Barão de Caetité, e a primeira mulher a compor a geração neste estudo. O terceiro Rodrigues Lima casou-se com Maria Victória, primeira filha do Barão de Caetité, e o quarto Joaquim Manoel Rodrigues Lima casou-se com Alzira Spínola Teixeira, pertencente à família Spínola Teixeira, que se integrou à do Barão de Caetité pela prática dos casamentos vantajosos. Maria Victória e Alzira compõem a segunda geração de mulheres neste estudo.

Caetité, se integra aos Rodrigues Lima. Também sua cunhada, Elvira, filha do Comendador João Caetano Xavier da Silva Pereira, após casamento com José Antônio Gomes Neto, passou a se chamar Elvira Benedicta de Albuquerque Gomes e a residir em Caetité⁵². O casal viveu no local até sua morte e promoveu uma movimentada atividade política, econômica e cultural em articulação com outras regiões. Através dessas famílias, acessamos a de Deocleciano Pires Teixeira (1844 - 1930) e de Anna Spínola Teixeira (1864 - 1944) e buscamos a genealogia dessa família⁵³.

Deocleciano Pires Teixeira, natural da Fazenda de Nossa Senhora do Alívio do Brejo Grande, atual Ituaçu (BA), é filho de Major Antônio José Teixeira e de Dona Magdalena da Silva Teixeira. Integraram a leva de exploradores de diamantes na região das Lavras Diamantinas, chegando a comercializar não somente no Brasil, mas em outros países. Formou-se em medicina, em Salvador, e atuou como médico voluntário na Guerra do Paraguai, trabalhando na Marinha. Mudou-se depois para a cidade mineira de Grão Mogol, onde clinicou por algum tempo até retornar para a Chapada Diamantina. Casou-se por três vezes com mulheres da família Spínola. A primeira esposa foi Mariana de Souza Spínola (data não identificada; 1880 ou 1878); após seu falecimento, casou-se com sua cunhada, Maria Rita de Souza Spínola (data não identificada; 1884), que também veio a falecer. Casou-se, então, pela terceira vez, com a cunhada Anna Spínola Teixeira, apelidada de Donana.

Deocleciano Pires Teixeira se instalou em Caetité a partir do ano de 1885, quando já casado com Anna Spínola Teixeira. Ainda durante a Primeira República, tornou-se político influente, deixou a medicina e passou a se envolver em negócios com fazendas e criações de gado e com outras ações ligadas ao comércio e ao empréstimo de dinheiro. Foi se consolidando economicamente e passou a ter influência social no Alto Sertão da Bahia, na capital baiana e em outras localidades⁵⁴. Faleceu em Caetité, em 1930⁵⁵.

⁵²A consulta a livros de registros (nascimento, batismo, casamento e óbito) ajudou-nos a averiguar os dados já divulgados sobre a família e a contribuir com novos, considerando tratar-se de documentação em processo de classificação no APMC. O Barão de Caetité e sua esposa (Elvira Benedita de Albuquerque Gomes) tiveram três filhas: Maria Victória Gomes de Albuquerque Lima, nascida na Freguesia de Monte Alto (BA). A segunda filha chamava-se Rita Sofia e a terceira, Sophia, apelidada de Sussu.

⁵³Ver em Aguiar (2011, p. 160 a 163), anexos 2 e 3: “Árvore Geral Genealógica da Família Teixeira” (Parte 1), “Árvore Geral Genealógica da Família Teixeira” (Parte 2), “Árvore Genealógica da Família Spínola Teixeira” (Parte 3) e a Legenda. Neste trabalho, as árvores genealógicas estão reproduzidas nos anexos B e C. Ver, também, em Carvalho (2018, p. 42 e 43), o quadro 1, “Filhos de Deocleciano Pires Teixeira”.

⁵⁴Aguiar (2011) aborda essas relações, em articulação com o plano pessoal, com os arranjos matrimoniais ou, pelo plano social, ao fazer alianças políticas, constituindo redes sociais influentes e indicando tratar-se de estratégias para a família Teixeira conseguir ampliar seu patrimônio e os benefícios realizados. Pelo alcance de grande vitória política, com a posse de Francisco Marques de Góis Calmon, ao governo do estado da Bahia, tornou-se político influente.

⁵⁵APMC, Cartório de Registro Civil com funções notariais no distrito sede, seção judiciária: cadastramento do livro de notas, livro C15, tipo: registro de óbito, termo 83, folhas 20v e 21 f.

O entrelaçamento entre famílias (Rodrigues Lima, Gomes de Azevedo, Barão de Caetité e Spínola Teixeira) foi se dando por conveniências econômicas e sociais, entre elas, as núpcias de Alzira Spínola Teixeira com Joaquim Manuel Rodrigues Lima Júnior⁵⁶. Entre conexões diretas e indiretas, as famílias de elite se articulavam no âmbito pessoal e social. Na carta de autoria de Deocleciano, escrita em Caetité no dia 04 de outubro de 1920⁵⁷, expressa-o, como político e fazendeiro. Em diálogo com seu irmão Rogociano Pires Teixeira, residente no Rio de Janeiro, é possível perceber que também fazia articulações ligadas ao desenvolvimento cultural local, por meio das discussões sobre os preparativos para a instalação de uma biblioteca na cidade:

Tenho recebido os seus postaes e os jornaes. Recebi os livros q V., por intermédio de Mário, mandou para Oscar e Durval fundarem aqui uma biblioteca. Oscar ausente, como sabes e o Durval tem outras ocupações. Bibliotheca temos duas, uma na Camara, outra na Sociedade Operária, ambas sem frequência, pelo que entendi ficou com os livros para os seus sobrinhos, distribuindo alguns.

O interesse de Deocleciano naquele momento, conforme carta, já apresentada neste texto, se concentrava nos benefícios financeiros pelo fato de ter prestado serviços à Guerra do Paraguai como médico voluntário: “[...] dar parecer favorável a m^a petição, como já fez a comissão da marinha e guerra”. No decorrer da carta, expressou ter tomado conhecimento de que Rodrigues Lima havia sido recompensado financeiramente pelos mesmos serviços realizados na Guerra do Paraguai.

2.2.1 *A família do Barão de Caetité, José Antônio Gomes Neto (1822 - 1889)*

Segundo Aguiar (2019), a família oriunda dos Gomes de Azevedo chegou ao Alto Sertão da Bahia, região compreendida por Caetité e arredores, no final do século XVIII, fugindo das perseguições decorrentes da Conspiração Mineira. Parte dessa família se instalou no antigo Arraial do Gentio – atual distrito de Ceraíma/Guanambi (BA) – e, posteriormente, um ramo se mudou para Caetité, residindo na casa que hoje é conhecida como Casa do Barão, situada à Rua Barão de Caetité, onde se localiza uma igreja dedicada a São Benedito, que acessa o cemitério próprio. A igreja é datada de 1833 e também pertenceu à família.

⁵⁶O “Júnior” para o nome do esposo de Alzira indica a quarta geração a receber o mesmo nome. Certamente, para justificar e ser diferenciador da repetição do nome do (pai, avô e bisavô).

⁵⁷APMC. AFBC. RPT.1.45.90

Em Olinda (PE), terminou os estudos acadêmicos, conforme Aguiar (2019, p. 111): “Quando retornou ao sertão, no findar do ano de 1846, José Antônio Gomes Neto já não era o mesmo. Bacharel em direito, deixou Olinda para nunca mais voltar. Tomou o vapor São Salvador acompanhado de alguns colegas e do seu escravizado Gregório”. De posse do que era raro para a região, José Antônio Gomes Neto retornou para um lugar de extrema necessidade dos conhecimentos acadêmicos. Sua titulação como Barão de Caetité não se deu imediatamente. Serviços prestados na Guerra do Paraguai e outras ações contribuíram para a construção de seu prestígio e para o reconhecimento social: “O título de barão de Caetité só veio quase 20 anos depois, em 1880, depois de um tempo bem maior do que ele esperava (AGUIAR, 2019, p. 193).

Conforme documentação⁵⁸, a casa e a igreja eram propriedades da família do Barão de Caetité⁵⁹, representando instâncias de poder conectado à religião católica, onde se realizavam celebrações, não somente de batismo e casamento, mas também outras práticas como a Irmandade São Benedito: “[...] Gomes Neto assumiu um dos cargos principais da confraria, o de tesoureiro, ocupando-se da administração dos bens e recursos angariados pela irmandade, bem como dos pagamentos a zeladores, a coveiros, dos reparos feitos na capela, do recebimento de doações [...]” (AGUIAR, 2019, p. 207). Localizadas à Rua Barão de Caetité, região central da cidade, casa e igreja – nas imagens a seguir – indicam necessidade de aprofundamento sobre as práticas familiares e religiosas realizadas nelas.

Figura 3 - Casa do Barão de Caetité



Fonte: APMC. Acervo Fotográfico.

⁵⁸Segundo Aguiar (2019), o Barão de Caetité, pela ocupação de cargos (promotor, juiz, delegado, intendente municipal), esteve em diversas articulações políticas. Ao discutir sobre a casa do Barão de Caetité, a pesquisadora vai dizer que, dentre os documentos preservados pela família, encontram-se registros comprobatórios da existência dessa casa na primeira metade do século XIX. Além destes, os inventários de bens que confirmam a cadeia sucessória desse imóvel, repassado por gerações aos herdeiros. O movimento articulado entre áreas do saber gerou documentos (manuscritos e impressos, como livros, jornais, dentre outros), referenciais da cultura escrita na temporalidade do estudo.

⁵⁹No livro de Batismo (1905 - 1908, p. 30), da Paróquia S. Anna de Caetité, há o registro do nascimento do filho Osvaldo, do Coronel Lima Júnior e Alzira Spínola Teixeira Rodrigues Lima, no dia 22/07/1907, na Rua Barão de Caetité. O batismo aconteceu no dia 21/04/1908, na Capela de São Benedito, sendo os padrinhos Coronel José Antônio Rodrigues Lima e Ritta Sophia de Lima Rego.

Figura 4 - Igreja São Benedito (1833) em Caetité (BA)



Fonte: APMC. Acervo Fotográfico.

Em leitura das cartas de mulheres da família do Barão, encontramos: “[...] espero q Vm^{cc} aprove o meu projecto e se Vm^{cc} quiser ver-me antes de ir, mandará condução p^a mim, q chegue em S. Felix no dia 2 ou 3 de 9 br^o, p^s q^{to} as férias, se dá nos fins de 8br^o nos fins de outubro [...]”⁶⁰. Nesse trecho da carta, elaborada na capital baiana, José Antônio Gomes Neto (futuro Barão de Caetité), em resposta à correspondência recebida de seu pai, o coronel José Antônio Gomes, datada de 06 de julho de 1840, indicou os seus planos e a escolha pelo curso de Direito. Fala do cotidiano de ser estudante em preparação para os estudos superiores e de estar distanciado da família. Destaca sua escolha em seguir carreira jurídica: “Antes de receber a vossa honrada carta já tinha resolvido seguir a carreira jurídica, para p^a o que desejo ir no fim deste anno, ou no princípio do outro p^a S. Paulo, acabar os meos preparatórios e entrar com mais facilidade na Academia”. Formou-se pela Faculdade de Olinda em 1846 e, na década de 1870, atuou como delegado e juiz suplente em Santa Isabel do Paraguaçu, atual município de Mucugê, na Chapada Diamantina. Em Caetité, também foi juiz de direito em 1884.

Pela carta, se evidencia que a escolha para estudos na área do Direito havia sido uma discussão alinhada com o pai, a quem também recorre para pedir permissão, a fim de colocar em prática seus planos, inclusive de férias. No decorrer da comunicação, evidencia pertencer a uma família de elite e de possuir pessoas escravizadas, conforme fragmento da carta a seguir: “Indaguei o Gregório e sró o q disse-me foi q o Sen^r Bitemcourt mandou pegal-o p^a para

⁶⁰APMC. AFBC. JAGN.3.1.1

castigar p^r causa de uns feijões q furtaão e culpava a elle e não consentiu q pegasse para ser castigado [...]”. Na documentação do Barão de Caetité, outros registros, como a relação de pessoas escravizadas (Figura 5), evidenciaram a posse de significativa quantidade de pessoas escravizadas. No mesmo período, enquanto os Rodrigues Lima possuíam sete escravizados e a família de Atília Benedicta de Albuquerque Ladeia possuía 27 – outras famílias de influência econômica –, na relação dos escravizados do Barão de Caetité constavam 50 pessoas (de cor parda e preta)⁶¹.

Figura 5 - Relação dos Escravos Pertencentes ao Barão de Caetité

| Nome | Sexo | Idade | Raça | Naturalidade | Profissão | Estado | Observações |
|-------------|------|-------|--------|--------------|-----------|--------|-------------|
| 1. Amélia | mulh | 32 | branca | Portugal | doméstica | | |
| 2. Maria | mulh | 24 | | | | | |
| 3. Antonia | mulh | 36 | | Portugal | | | |
| 4. Carolina | mulh | 28 | | | | | |
| 5. Maria | mulh | 40 | | | | | |
| 6. Joana | mulh | 20 | | | | | |
| 7. Joana | mulh | 30 | | | | | |
| 8. Joana | mulh | 20 | | | | | |
| 9. Joana | mulh | 38 | | | | | |
| 10. Joana | mulh | 31 | | | | | |
| 11. Joana | mulh | 11 | | | | | |
| 12. Amélia | mulh | 11 | | | | | |
| 13. Amélia | mulh | 11 | | | | | |
| 14. Amélia | mulh | 19 | | | | | |
| 15. Amélia | mulh | 33 | | | | | |
| 16. Amélia | mulh | 52 | | | | | |
| 17. Amélia | mulh | 45 | | | | | |
| 18. Amélia | mulh | 22 | | | | | |
| 19. Amélia | mulh | 12 | | | | | |
| 20. Amélia | mulh | 2 | | | | | |
| 21. Amélia | mulh | 8 | | | | | |
| 22. Amélia | mulh | 1 | | | | | |
| 23. Amélia | mulh | 52 | | | | | |
| 24. Amélia | mulh | 34 | | | | | |
| 25. Amélia | mulh | 33 | | | | | |
| 26. Amélia | mulh | 40 | | | | | |
| 27. Amélia | mulh | 40 | | | | | |
| 28. Amélia | mulh | 24 | | | | | |
| 29. Amélia | mulh | 52 | | | | | |
| 30. Amélia | mulh | 52 | | | | | |
| 31. Amélia | mulh | 30 | | | | | |
| 32. Amélia | mulh | 14 | | | | | |
| 33. Amélia | mulh | 33 | | | | | |
| 34. Amélia | mulh | 22 | | | | | |
| 35. Amélia | mulh | 30 | | | | | |
| 36. Amélia | mulh | 27 | | | | | |
| 37. Amélia | mulh | 33 | | | | | |
| 38. Amélia | mulh | 30 | | | | | |
| 39. Amélia | mulh | 10 | | | | | |
| 40. Amélia | mulh | 22 | | | | | |
| 41. Amélia | mulh | 31 | | | | | |
| 42. Amélia | mulh | 3 | | | | | |
| 43. Amélia | mulh | 3 | | | | | |
| 44. Amélia | mulh | 1 | | | | | |
| 45. Amélia | mulh | 3 | | | | | |
| 46. Amélia | mulh | 3 | | | | | |
| 47. Amélia | mulh | 3 | | | | | |
| 48. Amélia | mulh | 3 | | | | | |
| 49. Amélia | mulh | 3 | | | | | |
| 50. Amélia | mulh | 3 | | | | | |

Fonte: APMC, Fundo: Arquivo da Família do Barão de Caetité, Série: Escravidão, subsérie: Dossiê: Relação de escravos.

⁶¹APMC. AFBC. E.0.10.1

Trata-se de registro da Província da Bahia, com data de 18 de abril de 1872, de Santa Ana de Caetitê. Do total, são doze crianças (idade mínima de 01 ano e máxima de 12 anos), sete adolescentes (idade mínima de 12 anos e máxima de 18 anos) e 31 adultos (idade mínima de 20 anos e máxima de 50 anos). O documento permite indicar a caracterização de cada uma dessas pessoas, através da cor, profissão, naturalidade, filiação e descrição profissional. Favorece, ainda, outras identificações, como os lugares de pertencimento (Santa Isabel e Monte Alto) e as aptidões ao trabalho. Para o total de pessoas escravizadas com profissões descritas, entre serviços de casa e de roça (cozinheiro, lavoura, vaqueiro, etc.), o número geral de 50 escravos, para a região, trata-se de quantidade considerável.

As correspondências de mulheres da primeira geração, centradas nos interesses pessoais, trazem indícios da convivência com pessoas escravizadas e indicam situações cotidianas entre os pares. A carta escrita por Rita Sopia para Elvira, sua cunhada, sem a identificação de local, sem mencionar o ano, apenas o dia e o mês (28 de outubro)⁶², expressa o sentimento de perda familiar: “Muito tenho sentido a morte de meu Filho, este mundo e de sofrimento mas q^c a de se fazer com a vontade de D^s. o trato q^c elle teve não era pusível ter mais com a moléstia q^c tinha só D^s. podia salva lo [...]”.

O estudo preliminar, que levantou um conjunto de fontes inéditas sobre a temática, as quais abrangem os anos de 1864 a 1904, indica a presença de recibos, correspondências, declarações de óbito do cemitério de São Benedito, registros de dívidas de sepultura e o livro de assentamento de cadáveres, o que aponta a Irmandade de São Benedito com um próprio cemitério. Isso evidencia o poderio econômico e social conquistado pela instituição e a ocorrência de enterros de pessoas de grupos sociais distintos (os da elite local e os escravizados)⁶³. As lápides que encontramos, na parte central da igreja e no interior dela, comprovam o lugar como cemitério e representa indícios da integração entre a casa, a igreja e o cemitério da família.

A seguir, as imagens de algumas das lápides presentes na igreja São Benedito como cemitério da família, inclusive as que indicam o lugar de sepultamento do Barão de Caetitê e de Elvira Benedita, sua esposa, uma das mulheres pertencentes à primeira geração deste estudo.

⁶²APMC. AFBC. EBA.1.4.2

⁶³Através dos documentos elencados é possível identificar: cor, condição social e naturalidade de alguns membros da irmandade, aspectos importantes para se compreender as relações de poder neste contexto, a exemplo da declaração de obtido que segue: “hoje pelas dez horas nesta Cidade de Caetitê falecera uma criança de nome Maria, parda, filha natural de sua Escrava Maria [escrava de Marcelino José Barbosa] com sete dias de Nascida, e vai sepultar no Semiterio de Sam Benedito encomendado pelo Reverendo Vigário” (ROCHA, 2016, p. 3).

Figura 6 - Lápides (Igreja São Benedito)



Fonte: Elaborado pela autora.

As imagens apontam, também, a participação na cultura do escrito e se integram a outras fontes, como as correspondências e outros documentos da família das autoras das cartas. Antes da apresentação das três gerações de mulheres, apresentaremos um pouco sobre a família de Deocleciano Pires Teixeira.

2.2.2 A família de Deocleciano Pires Teixeira (1844 - 1930)

É natural da Paróquia de Nossa Senhora do Alívio do Brejo Grande, da comarca de Ituaçu (BA). Aguiar (2011) apresenta a trajetória pessoal/matrimonial de Deocleciano, que contraiu três casamentos com mulheres da família Spínola (três irmãs), filhas de Antônio de Souza Spínola e Dona Constança Pereira de Souza Spínola. O primeiro casamento foi celebrado com Mariana de Souza Spínola (data não identificada - 1880 ou 1878), com quem teve dois filhos⁶⁴, e o segundo, com Maria Rita de Sousa Spínola (data não identificada - 1884), que passou a se chamar Maria Ritta Spínola Teixeira. Desse matrimônio, teve três filhos: Mário, Alzira e Celina⁶⁵. O terceiro casamento foi contraído com Anna Spínola Teixeira, natural da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição dos Lençóis, com quem teve 14 filhos, todos nascidos

⁶⁴Alice Marianna Spínola Teixeira (1876 - data não identificada), natural da cidade de Lenções (BA) e Eurico Spínola Teixeira (04/05/1878 - 1878).

⁶⁵Mário Spínola Teixeira (nascido em 19 de junho de 1880), Alzira Spínola Teixeira (1882 - 1943), natural da Vila de Monte Alto (BA) e Celina Spínola Teixeira (nasceu em 27/09/1883 e faleceu em 19/05, sem confirmação do ano).

em Caetité⁶⁶. Nas imagens a seguir, o sobrado à direita indica a residência de Deocleciano, Anna e família (Figura 7), e o casal e filhos (Figura 8).

Figura 7 - Vista da Praça da Catedral em Caetité e Casa de Deocleciano Pires Teixeira e Família



Fonte: APMC. Acervo Fotográfico.

Figura 8 - Família de Deocleciano Pires Teixeira e Anna Spínola Teixeira e alguns filhos



Fonte: APMC. Acervo Fotográfico.

⁶⁶Segundo o Livro de Nascimento constante no APMC, a primeira é Evangelina Spínola Teixeira, apelidada de Vanvam (09/06/1886 - 29/09/1965). Após casamento, passou a se chamar: Evangelina Spínola Teixeira Pires de Oliveira. A segunda é Celsina Spínola Teixeira (10/10/1887 - 21/09/1979). Com o casamento, passa a chamar-se Celsina Spínola Teixeira Ladeia. O terceiro filho chamou-se Eurico Spínola (17/07/1889 - 15/06/1894). Faleceu ainda criança. A quarta filha é Hersília Spínola Teixeira, apelidada de Tílinha (07/02/1891 - 06/07/1968). O quinto filho foi Celso Spínola Teixeira (20/02/1893 - 01/09/1975). O sexto, Oscar Spínola Teixeira (17/11/1894 - 14/05/1953 ou 1954). A sétima filha, Leontina Spínola Teixeira (02/10/1896 - 16/06/1978). O oitavo foi Jayme Spínola Teixeira (19/07/1898 - 24/11/1900) e faleceu ainda criança. O nono filho, Anísio Spínola Teixeira (12/07/1900 - 11/03/1971). O décimo, Jaime Spínola Teixeira (22/10/1901 - 28/07/1991). O décimo primeiro foi Nélson Spínola Teixeira (03/09/1903 - 24/05/1983 ou 1986). A décima segunda, Angelina S. Spínola Teixeira (08/06/1905 - 02/02/ 1982). A décima terceira, Annita Spínola Teixeira (01/10/1907 - 09/10/1907), falecendo com apenas oito dias de vida. A décima quarta e última foi Carmen Spínola Teixeira (19/03/1909 - 14/05/2002).

Deocleciano construiu uma trajetória política baseada em articulações e, além do Alto Sertão da Bahia, atuou na capital. Em carta para a esposa Anna, no dia 08 de abril de 1894, diz:

A política está um horror, os homens m^{to} inimigos um dos outros; fui m^{to} bem recebido por todos; queriam que eu aceitasse a presidência do senado, recusei promptoriament^e, foi lembrado então o Tanajura q talvez não seja eleito p^r não termos maioria, visto o senador Leal Ferr^a q era nosso se baldeando, na última hora, p^a os contrários. Amanhã é a eleição no senado. Me escreva por todos os Correios e Alice q faça o m^{mo} dando-me notícias de todos e Alzira q se encarregue de dar-me notícias minunciosas das irmãzinhas. Pelo J^e Alexandre não escrevi p^r q cheguei a noite e embarquei as 4^{1/2} horas da madrugada. No Brejo Grande encontrei todos com saúde, falhei um dia e fui ver a gruta da Mangabeira, que é uma maravilha.⁶⁷

A escrita para a esposa indica o envolvimento em disputas políticas na capital, tendo sido visto pelos pares como um candidato elegível. Do ponto de vista pessoal, aciona esposa e filhas para o envio de cartas a ele, justifica não ter escrito pelo portador mencionado e informa sobre familiares de sua terra natal (Brejo Grande) e sobre sua admiração à gruta que foi visitar naquele local.

Em carta dirigida ao irmão Rogociano no dia 1º de março de 1921⁶⁸, traz, dentre vários assuntos, a comunicação de recebimento de livro para o filho, Anísio, e escreve também sobre política, negócios, seca, e faz comentários sobre privilégios concedidos, na opinião dele, para a família Rodrigues Lima⁶⁹. Traz ainda o comentário sobre a viagem de amigos à capital carioca e enfatizou a acolhida que o irmão deu a eles em passeio: “Rogociano chegarão d’ahi os Caetiteenses q forão a passeio, creio, a n^s metropole. Vierão gratos a si, segundo me confessarão e derão-me s notícias e me entregarão as apólices, o livro do Ruy p^a o Anísio, o q^{ul} estou lendo [...]”⁷⁰.

Outra carta para o irmão, Rogociano, no dia 08 de outubro de 1919, escrita em Caetité⁷¹, discorre sobre a compra de prelo para João Gumes, indicando o interesse em produzir um jornal: “Não se preocupe mais com o negócio do prelo p^a o Gumes. Já me entendi com o mesmo, a quem entreguei o saldo dos 2:200# (1:350#000) e mandou já pagar o prelo até a Lapa,

⁶⁷APMC. AFST. AST. 1.8.1

⁶⁸APMC. AFST. RPT.1.45.95

⁶⁹Sobre estudos da Primeira República no Brasil (1889 - 1930), tratando-se, sobretudo, da abordagem interpretativa de fatos ocorridos em lugares como Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul, pela consideração de serem palcos de interesse para os historiadores da época, importante considerarmos: “no *Outro Brasil*, norte e nordeste, foram Liberais ou Conservadores da Monarquia que continuaram a comandar a vida política local, até dela serem afastados pela inexorável limitação do ciclo vital humano.” (SAMPAIO, 1998, p. 22 *apud* AGUIAR, 2011, p.21. grifo do autor).

⁷⁰APMC. AFST. RPT.1.45.95

⁷¹APMC. AFST. RPT.1.45.72

segundo nota que recebeu do agente Nascimento”. Em sua escrita, indicou o valor do prelo, ou seja, um conto e trezentos e cinquenta mil reis⁷².

Em uso de algumas das cartas de Deocleciano, por sua escrita em apresentação, podemos falar dele em envolvimento de interesses, como os econômicos, políticos, culturais e sociais, ressaltando que, ao lado do irmão, Rogociano, Deocleciano se localiza nesse entrelaçamento de cartas, escrevendo e recebendo missivas de algumas das mulheres deste estudo, a exemplo da esposa (Anna) e de algumas filhas.

2.3 Mulheres produtoras de cartas da família do Barão de Caetité e da família de Deocleciano Pires Teixeira: três gerações

Da primeira geração, temos duas mulheres: Rita Sophia Gomes Lima, irmã do Barão de Caetité, e a esposa dele, Elvira Benedita de Albuquerque Gomes, a Baronesa; da segunda geração, são quatro: Maria Victoria G. A. Lima (primeira filha do Barão de Caetité), Alzira Spínola Teixeira Rodrigues Lima (casada com neto do Barão de Caetité), Alice M. Spínola Teixeira (primeira filha de Deocleciano P. Teixeira) e Anna Spínola Teixeira (Donana, sua terceira esposa). Na terceira geração, são seis mulheres, todas filhas de Deocleciano e Anna Spínola Teixeira: Evangelina, Celsina, Hersília, Leontina, Angelina e Carmen.

O quadro a seguir apresenta a produção geral de cartas pelas mulheres, em que consta um total geral de 2.667 correspondências, sendo 1.305 enviadas e 1.362 recebidas. Importante ressaltar que esse quantitativo poderá sofrer modificação por se tratar de acervo em organização pelo APMC, havendo correspondências que não estão catalogadas, nem inseridas no quadro que organizamos neste trabalho. De todo modo, por esse demonstrativo, identificamos a rede de sociabilidade construída com possibilidade de discussão das semelhanças e diferenças da escrita das mulheres nas três gerações delimitadas. Para a discussão do tema, priorizamos, do quadro geral, as correspondências enviadas e passamos a discutir o conteúdo delas.

A primeira geração, como está disposto no quadro, a seguir, foi responsável pelo envio e pelo recebimento de um pequeno número de correspondências, no período de 1844 a 1888⁷³.

⁷²De acordo com Neves (1986), o jornal *A Penna*, desde o final do século XIX, possuía oficinas gráficas, mas vivenciou situações de interrupção das edições. Em 1911, se reestabeleceu a partir da aquisição de uma máquina rotativa “Marinoni”. O autor vai dizer que o prelo era um motivo de orgulho para a comunidade e o jornal trazia a marca “Impresso em Máquina Marinoni”. A falta de energia de motor era substituída pela humana: “Os cavalos-força eram gerados por braços amigos. Menino, muitas vezes, ajudei a girar a grande roda volante, em associação com vários companheiros (NEVES, 1986, p. 07).

⁷³Embora seja plausível que, em meados a fins do século XIX, a produção de cartas tenha sido inferior que nas décadas posteriores, temos que considerar, também, que as cartas preservadas não representam a totalidade das cartas escritas, podendo ter havido algum tipo de seleção ou perdas.

Sobre as demais gerações, no período de 1901 a 1950, notamos significativa regularidade de escrita, mas tanto na segunda (por exemplo, por parte de Maria Victória), quanto na terceira (por parte de Angelina), percebemos situações em que a regularidade de escrita não se deu de forma consistente.

Quadro 2 - Correspondências de mulheres: três gerações

| Gerações de mulheres | Recebidas (eventuais e usuais) | Enviadas | Período |
|---|--|--|----------------------|
| Primeira Geração (1844 - 1888) | | | |
| 1. Rita Sophia G. Lima (data não identificada) | 1. Não consta recebimento | 1. 12 enviadas | 1. De 1844 a 1846 |
| 2. Elvira Benedita A. Lima (1828-1894) | 2. 07 eventuais 2. 24 usuais Total = 31 recebidas | 2. 02 enviadas | 2. De 1886 a 1888 |
| Segunda Geração (1901 - 1944) | | | |
| 1. Maria Victoria G. A. Lima (1851-1908) | 1. 14 eventuais 1. 52 usuais Total = 66 recebidas | 1. 08 enviadas | 1. De 1900 a 1908 |
| 2. Alzira S. Teixeira (1882-1943) | 2. Acervo do Barão de Caetité 2. 34 eventuais 2. 87 usuais Total = 121 recebidas 2. Acervo da Spínola Teixeira 2. 01 eventual 2. 02 usuais Total = 03 recebidas Total geral: 121 + 03 = 124 recebidas | 2. Acervo do Barão 10 enviadas 2. Acervo da S. Teixeira 48 enviadas Total: 58 enviadas | 2. De 1907 a 1941 |

| | | | |
|--|---|-----------------|-------------------|
| 3. Alice M.S. Teixeira (1877 - data não identificada) | 3. 05 eventuais 3. 13 usuais Total = 18 recebidas | 3. 163 enviadas | 3. De 1901 a 1944 |
| 4. Anna S. Teixeira (1864 - 1944) | 4. 27 eventuais 4. 235 usuais Total = 262 recebidas | 4. 52 enviadas | 4. De 1908 a 1928 |
| Terceira Geração (1901 - 1950) | | | |
| 1. Evangelina S. Teixeira (1886 - 1965) | 1. 18 eventuais 1. 70 usuais Total = 88 recebidas | 1. 195 enviadas | 1. De 1901 a 1950 |
| 2. Celsina S. Teixeira (1887-1979) | 2. 01 eventual 2. 630 usuais Total = 631 recebidas | 2. 240 enviadas | 2. De 1901 a 1950 |
| 3. Hersília S. Teixeira (1891-1968) | 3. 15 eventuais 3. 62 usuais Total = 77 recebidas | 3. 371 enviadas | 3. De 1905 a 1950 |
| 4. Leontina S. Teixeira (1896-1978) | 4. 05 eventuais 4. Não consta Total = 05 recebidas | 4. 105 enviadas | 4. De 1908 a 1943 |
| 5. Angelina S. Teixeira (1905-1982) | 5. 03 eventuais 5. 17 usuais Total = 20 recebidas | 5. 17 enviadas | 5. De 1927 a 1943 |
| 6. Carmen S. Teixeira (1909-2002) | 6. 10 eventuais 6. 30 usuais Total = 40 recebidas | 6. 82 enviadas | 6. De 1920 a 1950 |

Fonte: APMC. Correspondências da Família do Barão de Caetité e da Spínola Teixeira (elaborado pela autora).

Outros quadros e recursos gráficos neste estudo serão demonstrativos da diversidade de produção e das várias caracterizações possíveis relacionadas ao ler e escrever cartas. Através deles foi possível discutir sobre o para quem e para onde essas escritas se dirigiram e identificar regularidades e não regularidades do ato de escrever de cada geração de mulheres.

2.3.1 Primeira Geração de Mulheres Produtoras de Cartas (1844 - 1888): a irmã e a esposa do Barão de Caetité

Donas de um reduzido quantitativo de correspondências se comparado às outras gerações, essas duas mulheres, cujas correspondências preservadas estão datadas no intervalo entre os anos de 1844 e 1888, possuem 14 correspondências enviadas e 31 recebidas. Essa sociabilidade comunicativa, para essa geração, se dava no âmbito regional.

Rita Sophia Gomes Lima⁷⁴, a única irmã do Barão de Caetité, viveu parte da vida em Caetité. Por volta de 1846, na época da descoberta dos diamantes na Chapada Diamantina, foi para Santa Isabel, tendo sido esse seu local de residência até final do século XIX. O falecimento do pai, a sua viuvez e a perda de um dos seus filhos foram exemplos de notícias das suas cartas, conforme carta, escrita de Caetité, no dia 20 de maio de 1846⁷⁵, Rita dirigiu-se ao irmão, em estudos na capital, e diz: “[...] passei a noite mais amargurada [...] em vida, tendo diante de meus olhos nosso pai sucumbindo no leito da morte e ao amanhecer do dia 2 deste infausto mês de maio a morte nos roubou a mais preciosa existência [...]”.

Quando o irmão já se encontrava casado, conforme carta sem local e sem a indicação do ano (28 de outubro), já apresentada neste texto⁷⁶, Rita Sofia se dirige a à sua cunhada, Elvira Benedita, e diz: “Muito tenho sentido a morte de meu Filho, este mundo e de sofrimento mas q^e a de se fazer com a vontade de D^s. o trato q^e elle teve não era pusível ter mais com a moléstia q^e tinha só D^s. podia salva lo [...]”. Em outra carta, sem local e sem data, também está dirigida a Elvira, lamenta o falecimento do esposo:

Minha Querida Mana

Foi em mença a minha dôr com a morte de meu m^{to} amado Espozo nunca supus paçar hum golpe tão terrível. tantos annos q^e vivemos nuca tivemos a menor des cordia elle foi sempre p^a comigo e os filhos m^{to} amorozo e dedicado, mas q^e se a de fazer com o de creto de D^s.

M^{tas} saudades a minha querida neta e hum apertado abraço de

Sua mana q^e m^{to} a ama.

Rita S. G. Lima.⁷⁷

⁷⁴Sobre datas de nascimento e de falecimento de Rita Sophia G. Lima, irmã do Barão de Caetité, não foi possível, até o momento, identificá-las. Provavelmente, tenha nascido na Fazenda Rio Verde (Alto Sertão da Bahia), mesmo lugar de nascimento do irmão, o Barão de Caetité. Sobre suas correspondências, as datas de produção (1844 a 1846) são importantes para situá-la em experiência de vida, no Alto Sertão da Bahia (Caetité) e em vínculo a Santa Isabel (Chapada Diamantina), lugar que passou a ser sua moradia, a partir de meados dos anos de 1840, época da descoberta de diamantes naquele lugar, possivelmente, a localidade a constar a data do seu falecimento.

⁷⁵APMC. AFBC. JAGN.1.35.3

⁷⁶APMC. AFBC. EBA.1.4.2

⁷⁷APMC. AFBC. EBA1.4.3

Como percebemos, a escrita de Rita Sophia está relacionada à cunhada, a quem se dirige de “mana”. Embora suas cartas não indiquem todas os lugares da escrita, estabelecem rede de sociabilidade pelo zelo familiar dos que viviam no âmbito regional e também na capital, em virtude dos estudos. No acervo fotográfico da família, não identificamos Rita Sophia, apenas Elvira Benedita de Albuquerque Gomes, a Baronesa. A sua fotografia a apresenta bem vestida e a retrata não mais em fase de juventude, apesar de não podermos precisar a data da produção fotográfica.

Figura 9 - Elvira Benedita de Albuquerque Gomes



Fonte: APMC. Acervo da Família do Barão de Caetité.

Elvira nasceu no dia 02 de setembro de 1829 e faleceu no dia 13 de maio de 1894, conforme lápide (Figura 6). Provavelmente tenha nascido na vila de Monte Alto (BA). Elvira e José Antônio (Baronesa e Barão), segundo Aguiar (2019), tiveram uma união conjugal relacionada a expectativas de ascensão social, em busca de prestígio e poder e suas três filhas, Maria Victória⁷⁸, Rita Sophia, apelidada de “Zinha”⁷⁹, e Sofia⁸⁰, também tiveram os casamentos em alinhamento à tradição familiar. Dois dos genros foram sobrinhos, filhos de Rita Sophia.

⁷⁸Maria Victória se casou com Joaquim Manoel Rodrigues Lima, sobrinho e afilhado do Barão de Caetité.

⁷⁹Zinha se casou com José Antônio Rodrigues Lima (Cazuzinha), sobrinho do Barão de Caetité.

⁸⁰Sofia, a filha mais nova, casou-se com um primo, Antônio Rodrigues Ladeia, formado em Direito, sendo, porém, sobrinho da Baronesa.

Os arranjos familiares atravessados por interesses econômicos e políticos eram parte da convenção social, em especial para as famílias de posses. Em carta⁸¹, a Baronesa compartilha sua alegria com o sobrinho Bráulio Xavier por ter realizado o contrato de casamento com Elvira⁸². Pela genealogia familiar e pela data da carta (1888), certificamo-nos de que o contrato feito era para a sua neta, a filha de Maria Victória com Rodrigues Lima:

Monte Alto, 27 de agosto de 1888.

Bráulio,

Desejo-lhe saúde, a Antoninha e sua avó, e todos enviamos mt^{os} lembranças. Foi com grande praser, q recebi a notícia dada p^r Quinca de haver contractado o seu casamento com Elvira. Sempre foi em um meu desejo, a felicidade de ambos e fico saudosa pela reparação d'ella, fico contente em procurar a felicitad^e d'ella q lhe acompanhará p^r q^lq^r parte q for. Se eu em algum poder ir até ahi de passeio [...]

Accite um abraço e benção de sua tia amiga.

Na mesma linha da escrita da cunhada, Elvira Benedita, ao desejar felicidade aos possíveis noivos, reafirmou os propósitos familiares do casamento por conveniência, uma articulação entre parentes pela garantia de união conjugal vantajosa. Outros registros vão indicar a consumação do casamento de Bráulio Xavier e Elvira, a neta da Baronesa.

2.3.2 Segunda Geração de Mulheres Produtoras de Cartas (1901 - 1944): a integração das famílias (Barão de Caetité e a Spínola Teixeira)

Nesta segunda geração, conforme dito anteriormente, estão incluídas quatro mulheres, sendo uma de suas características a integração entre as famílias do Barão de Caetité e a de Deocleciano Teixeira, pelo matrimônio de Alzira (uma Spínola Teixeira) com Joaquim Manoel Rodrigues Lima Júnior (um dos netos do Barão de Caetité). Para essa geração, além de Alzira Spínola Teixeira Rodrigues Lima, escolhemos, a sogra dela, Maria Victória Gomes de Albuquerque Lima, primeira filha do Barão de Caetité e mais duas mulheres, Alice Marianna Spínola Teixeira, primeira filha de Deocleciano e Anna Spínola Teixeira, sua terceira esposa.

Pelas datas, podemos perceber que as cartas da segunda e da terceira geração se entrelaçam. A distinção entre a segunda e a terceira geração pode ser justificada pela caracterização de ambas e, para discutir sobre essas especificidades, recorreremos aos estudos de Karl Mannheim apresentado por Weller (2010) e Sirinelli (2002). O argumento central é o de não apenas considerar a dimensão cronológica de pertencimento dos sujeitos, mas também as

⁸¹APMC. AFBC. EBA.3.1

⁸²Era bem comum, entre esses familiares, a repetição de nomes, de geração em geração, como observamos com o nome Elvira (a Baronesa; Elvira, a neta; e, também, Elvirinha, a bisneta).

experiências que compartilham, certificando-nos de que, numa mesma geração, as pessoas poderão apresentar diversidade em suas ações e reações.

Embora todas essas mulheres do estudo detenham poder econômico, cultural e educacional, nesta segunda geração, a junção das famílias em condições comuns⁸³ que mantiveram a tradição de contraírem matrimônios economicamente vantajosos constituiu fator para apresentá-las de forma separada. Por elas, uma produção escrita que resultou em um quantitativo estimado de 271 correspondências enviadas e de 470 recebidas, constituindo um reflexo de suas ações.

Nessa geração, além de significativo aumento do número de correspondências, o conteúdo é mais diversificado, abrangendo não mais somente as notícias de familiares, mas também outros assuntos, como a política, as artes, acontecimentos religiosos. As fotografias a seguir, das mulheres da segunda geração, as apresentam bem vestidas e com adornos, a exemplo dos colares com símbolos (o crucifixo).

Figura 10 - Mulheres da segunda geração: Maria Victória, Alzira, Alice e Anna



Fonte: APMC. Arquivo da Família do Barão de Caetité e Arquivo da Família Spínola Teixeira

Maria Victória Gomes de Albuquerque Lima (1845 ou 1851 - 1908), a primeira filha da Baronesa e do Barão de Caetité, apelidada de Iaiá, nasceu em Caetité e casou-se com Joaquim Manoel Rodrigues Lima, seu primo, o filho de Rita Sofia Gomes Lima. Como estudante de medicina da Faculdade de Medicina da Bahia, em 1866, Rodrigues Lima serviu como voluntário nos hospitais de sangue na Guerra do Paraguai e ao retornar ao Brasil em 1869,

⁸³Possuidoras de casarões e de fazendas, estiveram, entre lugares rurais e urbanos, em atividades que apontam o requinte desses ambientes. Sobre o assunto, ver trabalho de Santos Filho (1956), que, ao descrever modos de vida de famílias afins, nessa região, escreve sobre sala de jantar do Sobrado e rede em linha de algodão com franjas. Destaca as varandas e alguns pertences exclusivos do patriarca. Sobre as mulheres, relata como se vestiam e se penteavam; sobre ocupações femininas, as costuras ou os pequenos afazeres domésticos. Escreve sobre o uso dos termos “Ioiô” e “Iaiá” como formas de tratamento para os homens e mulheres. Descreve inúmeras joias de valor e adornos, entre as quais muitas eram peças do século XIX, fabricadas na Bahia ou no Rio de Janeiro, em coral, ouro e brilhantes.

quando concluiu o curso, assumiu outros cargos, como o de intendente municipal, além de ter se tornado o primeiro governador eleito da Bahia, no período de 1892 a 1896. O casal teve seis filhos: Lima Jr, Elvira, Rita Sofia (Zinha), Maria Sofia (Mariquinhas), Bráulio Lima e Otacílio. A escrita de Maria Victória revela seu envolvimento familiar, conforme exemplifica no cartão sem identificação de data:

Sussu
 Estimo q^e gosa saude tenho tidu Muitas saudades suas Deos há de permiti que vou brevi para lá e tds reeba um a braço. Muitas saudades Minhas Tias e primas. Sua irmã e a am^a.
 Maria Victória Gomes Lima
 M^{ec} Querida Filha⁸⁴

Nora de Maria Victória, Alzira Spínola Teixeira (1882-1943), filha de Deocleciano Pires Teixeira com sua segunda esposa, indicou a vinculação com as duas famílias. Alzira nasceu na vila de Monte Alto (BA) no dia 07 de fevereiro de 1882. Casou-se com o Tenente Coronel Joaquim Manoel Rodrigues Lima Júnior, o filho de Maria Victória. Após casamento passou a se chamar Alzira Spínola Teixeira Rodrigues Lima. O casal teve seis filhos: Mário Lima, Maria Celina, Zelinda, Elvirinha, Osvaldo e Benjamim. O falecimento de Alzira ocorreu no ano de 1943⁸⁵. A comunicação entre duas de suas irmãs traz o assunto:

[...] Aqui estamos muito pesarosos com o desaparecimento da nossa querida irmã Alzira. Coitada: parece que sofreu muito nos últimos dias. Recebemos hontem o seu telegrama que muito nos confortou. Imagino como estão Celina, Elvirinha, Zelinda e irmãos com tão grande golpe que passaram! Mario soube que voltou ontem de Cachoeira onde já estava em viagem para ahi. Ainda não o vi, passei hoje um telegrama a ele. Zelinda ficou bão da erysipela? Escreva e mande notícias minuciosas de tudo e de todos [...].⁸⁶

Escrita em Caetité, no dia 08 de agosto de 1928, a carta⁸⁷ apresentada indica que Alzira era uma articuladora no contexto familiar. Nesse acompanhamento, é possível identificar afeto e obediência ao pai:

Papai
 Remetto-vos este telegrama que chegou agora.
 O emprego a que Mário se refere é cousa nova e que devia passar nestes últimos de congresso. Peço-vos o favor de telegraphar com interesse por Benjamim. Creio que deve ir um telegrama para o governador.
 Mandae os telegramas que mandaremos passar. MUITÍSSIMO grata vos ficarei.
 Abençoe a filha m^{to} am^a e sempre agradecida
 Alzira

⁸⁴APMC. AFBC. MVAGRL.3.2.1

⁸⁵Conforme Livro de Registro de Óbito, C19, Termo 1326, Folha 82 constando a data de 07/04/1943.

⁸⁶APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Leontina Spínola Teixeira. Bahia em 09/04/1943.

⁸⁷APMC. AFST. DPT. 1.17.7

A terceira integrante da geração é Alice Marianna Spínola Teixeira, nome de solteira⁸⁸. Natural da cidade de Lenções (BA) e nascida em 21 de novembro de 1876, é a primeira filha de Deocleciano Pires Teixeira com Mariana de Souza Spínola, sua primeira esposa. Casou-se em 1º de março de 1896, em Caetité, com Nicolau Tolentino dos Santos. Eles não tiveram filhos. Seu casamento ocorreu quando tinha 19 anos de idade, na residência dos familiares, às 16 horas, em Caetité.

Em Procuração escrita no Rio de Janeiro, em 27 de agosto de 1918, consta a profissão do esposo, que era Secretário Geral de Serviços do Povoamento do Solo, aposentado em 10 de maio de 1911. Já residente em Salvador, Alice redige outra Procuração datada de 02 de agosto de 1919, em que manifesta o desejo de legalizar inadimplência e que assim registra: “Alice Spínola Teixeira Santos brasileira, viúva, proprietária, residente nesta Capital”. Neste documento, também identificamos a data de falecimento do seu esposo (19 de junho de 1915). Depois de viúva, viveu entre vários lugares, acompanhando os negócios junto à família, entre fazendas, no Alto Sertão da Bahia e em outras localidades. Faleceu já idosa, em Salvador. Sua escrita a indica como mulher forte e imponente, uma leitora itinerante, que acompanhava a vida do Alto Sertão da Bahia, especificamente das vilas, pelos impressos (*A Penna*, de Caetité). Acompanhou outras muitas informações de diversos lugares pelo *A Tarde*, de Salvador, e por outros meios.

Alice demonstrou gosto pela poesia e por atividades culturais. Escreveu para diversos familiares, a exemplo do seu pai, Deocleciano Pires Teixeira (1901 - 1929), seu tio, Rogociano Pires Teixeira (1918 - 1921), e sua irmã, Celsina Teixeira Ladeia (1904 - 1950). Criticou a vida sertaneja baiana, principalmente pela falta de estrutura e da conduta política e posicionava-se diante das notícias lidas pelos jornais. Sobre as cartas de Alice, falaremos ao longo deste trabalho. No entanto, é importante dizer que escreveu para prestar contas do cotidiano dos negócios da família, o que indica que se ocupou das finanças familiares, além dos assuntos privados. Na carta elaborada no Rio de Janeiro para seu pai, no dia 21 de maio de 1901⁸⁹, dentre os vários assuntos, Alice comenta o telegrama que passou ao esposo para informá-lo sobre possível reeleição dele como deputado da Bahia. Refere-se, também, a Aristides, ao dizer que continua bem, trabalhando bastante e que pretende pleitear candidatura. Para o seu pai, diz: “[...] deverá se esforçar mais para preparar o futuro dos meninos [...]”.

Embora adaptada aos padrões sociais impostos (casamento vantajoso por exemplo), sua produção, nas entrelinhas, indicou que possuía propósitos mais individualizados, ao

⁸⁸Conforme Livro de Registro de Casamento B2.

⁸⁹APMC. AFST. DPT.1.15.2

escrever sobre seus gostos e em apoio aos familiares pela busca dos caminhos educacionais. Escritas de lugares diferentes (Rio de Janeiro, Altamira, Salvador, Veredinha, dentre outros), Alice demonstra sua condição de mulher em movimento. Em meio a muitas produções, apresentamos algumas, com breve resumo, sendo essa primeira parte⁹⁰ com cartas em indicação de experiências de sua vida, desde o começo do casamento até a chegada de parte da família para a continuidade dos estudos em Salvador.

Na carta escrita no dia 02/02/1906 em Altamira, para Celsina, várias informações do cotidiano familiar e social: o noivado de Celsina, a seca e os rumos da política. No dia 09/03/1909, sua carta foi escrita do Rio de Janeiro e informa sua tranquilidade pelo recebimento de notícias do pai e dos familiares, indicando que passará uns dias em Caetité. Pede-lhe para passar escrituração para Celsina em viagem de lua de mel. Na carta, do dia 27/12/1912, escrita de Altamira, Alice se comunica com sua irmã Celsina e a cumprimenta pela passagem do Natal com votos de um feliz Ano Novo a ela e a todos os familiares. Avisa, ainda, que o esposo, Nicolau, precisou viajar para o Rio de Janeiro e comenta que ambos estão contrariados com a seca e com o gado que só emagrece. Também de Altamira, no dia 28/11/1913, comunica recebimento de telegrama, pergunta a seu pai o porquê de ele não ter ido para o Rio de Janeiro com o tio Teotônio, informa que os meninos estão crescidos e que estão preocupados com os negócios do Rio, e detalha sobre dificuldades. Em seguida, de Altamira, no dia 13/02/1914, Alice novamente se dirige ao pai para lhe falar de vários assuntos, inclusive sobre enchente do Itapicuru que os levaram à mudança, informa que estão em Altamira. Na carta, informa sobre familiares, inclusive, sobre o tio, Rogociano, e diz que já havia lhe enviado telegrama felicitando-o pela aposentadoria, ao tempo em que lhe presta contas dos negócios e expressa saudades. Em outra carta de 15/05/1914, de Altamira, dentre os vários assuntos, diz que pretende ir à Salvador, informa sobre a necessidade de Nicolau resolver negócios junto ao banco e comenta sobre cirurgia feita por Celsina. Detaca, também, o passeio de Rogociano a Caetité e sobre ordem emitida à Casa Moraes para recebimento de dinheiro.

Pela carta escrita, no dia 28/11/1915, suas informações indicaram que se encontrava na Fazenda Veredinha no Alto Sertão da Bahia e a escrita se dirige a Celsina. Fala sobre os irmãos (Leontina, Evangelina e Anísio) e diz que esses se encontravam em Salvador. De Altamira, para seu pai, escreve para lhe desejar boa saúde, no dia 21/05/1916 e lhe avisa sobre uma quantia que remetera para a capital baiana e diz que recebera carta do irmão, Celso, que

⁹⁰APMC. AFST.CST.1.1.3; APMC. AFST. DPT.1.15.3; APMC. AFST. CST.1.1.5; APMC. AFST. DPT.1.15.4; APMC. AFST. DPT.1.15.5; APMC. AFST. DPT.1.15.6; APMC. AFST. CST.1.1.6; APMC. AFST. DPT.1.15.8; APMC. AFST. DPT.1.15.9; APMC. AFST. DPT.1.15.10; APMC. AFST. DPT.1.15.11.

havia exigido a presença dela naquele lugar, mas que não irá. Discorre, também, sobre os negócios e termina a carta com lembranças a todos. Comunica-lhe sobre a impossibilidade de andar por causa de ferimentos no pé e registra notícias sobre o irmão, Oscar, em trabalho com medição de estradas que ligam o Gentio até Guanambi (BA). Ao contar ao pai sobre o cotidiano da fazenda, busca convencê-lo a criar alguns carneiros e gado para leite e pede-lhe para ordenar a Casa Moraes para entregar-lhe a quantia de 3.000#000 a Celso e outra quantia pequena a Nicolau, seu esposo, conforme carta escrita de Altamira, no dia 17/08/1916. Nessa carta, também o informa sobre a incerteza de sua presença no casamento da irmã, Leontina, e discorre sobre bagagem enviada, despacho de papeis e outras encomendas.

Pela carta escrita, no dia 13/09/1916, encontra-se em Altamira. Alice, em contato com o pai, diz que recebeu correspondência de Celso e comenta sobre Seabra. Evidenciou sua determinação ao indicar que faz questão de ficar com os papeis do inventário e diz que o ameaçou a telegrafar a Deocleciano. Alice destaca sobre os documentos e cartas de Nicolau e sobre a sua importância para ela e que não os entregaria, pois fazia questão de os possuir como lembrança. Pede a Deocleciano para não atender às exigências de Seabra e lhe pergunta se já enviou ordem à Casa Moraes para a liberação de dinheiro a Celso. Da capital baiana, no dia 14/04/1917, Alice escreve, novamente, a seu pai e comunica-lhe que está ciente de tudo e do dinheiro enviado por Celso. Fala da quantia que depositará na Caixa Econômica e discorre sobre sua situação financeira. Diz que as meninas chegaram em meio a um tiroteio ocorrido, fala sobre pedido de Abílio para os negócios do Rio de Janeiro e discorre sobre esse assunto. Na mesma carta informa também sobre a saúde e viagem, lamentando pelo fato de os meninos não terem passeado ainda. Comenta, ainda, sobre o estado de saúde de Juca e de Tilinha, queixando-se dos altos preços na capital.

Para a segunda parte da escrita de Alice, o bloco de correspondências⁹¹ vem indicar Alice, em outro movimento, expressando, ainda, sobre negócios, a política do Brasil, do Alto Sertão da Bahia e sobre o cotidiano familiar em acompanhamento aos estudos dos irmãos e sobrinhos na capital baiana, ao evidenciar, por exemplo, a aquisição de moradia fixa naquele lugar. Sua escrita da fazenda Três Irmãos, no Alto Sertão da Bahia, no dia 23/07/1923, dentre os vários assuntos, informa que o irmão, Mário, está em Monte Alto, devido às eleições e comenta sobre telegrama que Seabra passou a Dr. Fernandes. No dia 15/08/1923, escreve para seu pai, de Malhada, e o envia notícias. Pede-lhe para não se preocupar com sua moléstia e, em

⁹¹APMC. AFST. CST.1.1.9; APMC. AFST. CTL.1.3.90; APMC. AFST. CST.1.1.14; APMC. AFST. CST.1.1.12; APMC. AFST. DPT.1.15.14; APMC. AFST. DPT.1.15.12; APMC. AFST. CST.1.1.11 e APMC. AFST. CTL.1.3.70.

tom de desabafo, diz que a vida parada em Malhada lhe causa doença muito mais que a viagem. Ainda, informa que colocará seus objetos em leilão, ao tempo em que espera o vapor. Comunica, ainda, o envio de farinha de trigo para a sua tia, Anna. No dia 26/05/1924, da capital baiana, escreve para a irmã, Celsina, falando da vida em uma capital. Fala dos estudos de Edvaldo, filho de Celsina, e dos primos Rosalvo e Rodolpho, descrevendo as rígidas normas utilizadas. Emite sua opinião sobre o modo mesquinho da política de localidades pequenas, fala sobre seus planos de viagem com os meninos durante as férias de São João, faz comentários sobre relatórios da Associação de Caridade de Caetité e, para concluir, faz queixas sobre o elevado custo de vida na capital da Bahia, falando do quanto está difícil adquirir moradia naquele lugar.

Em outra carta sem identificação refere-se ao comunismo e, no dia 26/08/1924, por carta incompleta, também de Salvador, dentre os vários assuntos, evidencia sua opinião para a irmã, Celsina, sobre a ida de Tanajura para tomar conta da política e o indica como um traidor. A carta escrita de Salvador em 1924, é dirigida, novamente, à irmã, Celsina. Fala-lhe, especialmente, sobre aluguel e sobre dificuldades na compra de casa em Salvador. No dia 10/01/1929, sua escrita, também, de Salvador, já está dirigida ao pai e o informa sobre recebimento de quantia de 2. 834#286. Faz comentários sobre conversa com Celso, sobre negócios de seu tio Aristides, da venda das terras da Boa Vista, e envia-lhe as notícias de Celina e de Elvirinha.

Muitas outras cartas de Alice, produções até meados do século XX foram identificadas. Dentre elas, escolhemos uma que foi escrita de Salvador e está como comunicação aos familiares em Caetité e foi escrita no dia 11/03/1946. Sua expressividade está em forma de queixas, falando das dificuldades financeiras pela promoção de uma vida confortável naquela cidade e evidenciou a falta de estrutura em Caetité: “Estimei a notícia dos aviões ahi, quando puderem vir até aqui, terei ocasião de viajar até o sertão”.

Também, fazendo parte da segunda geração, está Anna Spínola Teixeira (1864 - 1944), a terceira esposa de Deocleciano Pires Teixeira, nos papéis de esposa, madrastra, mãe e envolvida em ações sociais, religiosas e filantrópicas. Apelidada de Donana, nasceu na Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Lençóis (BA) e era filha legítima do Coronel Antônio de Souza Spínola e de Dona Constança Pereira de Souza Spínola. Mudou-se para Caetité em 1885. Suas cartas expressam o cotidiano familiar, a exemplo do acompanhamento educacional e,

muitas vezes, Anna persuadia nas decisões dos familiares. Seu falecimento ocorreu em 1944⁹², como notícia sua filha, Leontina, residente em Salvador:

[...] Aqui chegamos tendo boa viagem.

Estamos agora em casa de Benjamim, são oito horas da manhã, todos vão bem. Muito senti não ter tido oportunidade e tempo de estar algum tempo em sua casa, o que já tinha marcado para ir mais de uma vez no domingo e no correr da semana, mas infelizmente, justamente, no domingo foi que Deus quis levar a nossa boa e inesquecível mãe.

Deixei para ir na véspera da viagem e até lhe avisei, mas com a viagem rápida de Tilinha mandei lhe chamar, e assim não houve ocasião de ir, sei que v saberá desculpar [...].⁹³

As suas cartas, produzidas entre o período de 1908 a 1928, indicam como correspondentes, principalmente, os filhos Oscar (1909 a 1928), Celso (1909 a 1910) e Celsina (1908 a 1917), o esposo (1916 a 1910) e o cunhado Rogociano (1904 a 1923), bem como o neto, Edvaldo (1926). Dentre as várias correspondências, escolhemos uma carta que retrata Anna como uma mulher social e que ocupava uma posição de poder e de destaque, como procuradora da festa religiosa:

Caetité, 3 de julho de 1928

Illmº Sr. Dr. Deocleciano P. Teixeira

Tenho a honra de comunicar-vos que fostes escolhido para Juiz da Festa em homenagem a nossa Exelsa Padroeira Senhora Sant'Anna, a realizar-se no dia 29 do corrente mez.

Confiada no vosso espírito religioso, espero que muito concorrereis para o máximo brilhantismo e esplendor da referida festividade

A Procuradora

Anna S. Teixeira.⁹⁴

A escrita de Anna é formal e indica que não se dirigia ao esposo, mas ao homem de poder naquela localidade. Demarca seu papel enquanto mulher em liderança religiosa. Certamente, falava em nome de outras pessoas e sua escrita demarca o vínculo estabelecido entre instâncias de poder (família e a religião) e a insere entre as mulheres de elite, cuja sutileza na escrita é evidenciada, mas, ao mesmo tempo, evidencia o grande poder de decisão e de privilégio social.

⁹²Conforme Livro de Registro de Óbito, C19, Termo 1411, Folha 130, no dia 27/02/1944.

⁹³APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Leontina Spínola Teixeira. Bahia, em 06/03/1944.

⁹⁴APMC. AFST. DPT.1.24.2.

2.3.3 Terceira Geração de Mulheres Produtoras de Cartas (1901 - 1950): as filhas de Anna Spínola Teixeira

As filhas de Anna Spínola Teixeira, seis mulheres, foram escolhidas para compor a terceira geração de mulheres produtoras de cartas. Essa escolha justifica-se não somente pelo quantitativo geral de 1.010 correspondências enviadas e de 861 recebidas, o que indica aumento significativo de produção em comparação com as demais gerações. Além disso, através da leitura das cartas enviadas, observamos uma ampla circulação, não só no âmbito regional, mas em lugares, como a capital baiana, outras regiões brasileiras e em outros países.

Todas essas mulheres nasceram em Caetité e, pelo ir e vir delas, muito além do Alto Sertão da Bahia, demonstraram a expansão da rede de sociabilidade. Pelo desenvolvimento das práticas de leitura e de escrita, identificamos significativa participação em instâncias pela democratização do saber. Outra questão está no rompimento da prática dos casamentos vantajosos. Embora na terceira geração ainda se perceba a conduta de controle das mulheres pela escrita, percebemos a reação das mulheres e a mudança em prol de novas escolhas e pela atuação social através de projetos educacionais, escolares ou não. Para identifica-las nas fotografias, nós as dividimos em dois demonstrativos: no primeiro, a fotografia de Evangelina e o esposo, Celsina e o esposo, e Hersília em paramento religioso de freira; para o segundo, as três irmãs mais novas, Leontina, Angelina e Carmen.

Figura 11 - Mulheres da terceira geração: Evangelina, Celsina, Hersília, Leontina, Angelina e Carmen



Fonte: Fundo Casa Anísio Teixeira e Arquivo da Família Spínola Teixeira, Subsérie: Documentos Pessoais, Dossiê: Fotografias.

Evangelina Spínola Teixeira, apelidada de Vanvam, nasceu no dia 09 de junho de 1886. É a primeira filha de Deocleciano Pires Teixeira com Anna Spínola Teixeira⁹⁵. Após o casamento, passou a se chamar Evangelina Spínola Teixeira Pires de Oliveira. Algumas de suas correspondências indicam sua resistência à união conjugal. Deixou evidente que não eram os seus planos casar-se com um fazendeiro e nem mesmo residir em uma fazenda. Resignou-se, no entanto, e assumiu a vida imposta, como está descrito no trecho de uma das suas cartas, a qual foi escrita em Caetité, no dia 25 de setembro de 1918:

[...] Vm^{ce} chama a isto pieguices, mas como sabe as mulheres vivem mais pelo coração e por isso, coitadas! Sofrem mais. A separação, por exemplo, para os homens não é nada, para as mulheres um grande sacrifício e assim o casamento. E quando ellas já não são crianças, não tem mais ilusões, que força e coragem são necessárias para dar este passo tão arriscado e de tanta responsabilidade! A fé em Deus é que as anima.⁹⁶

O restante da carta sugere a influência familiar para efetivar o casamento. Inclusive, a autora refere-se à quantia oferecida por Rogociano, seu tio, indicando que o fazendeiro aceitou o dote. No final da carta, Evangelina envia notícias dos familiares e evidencia que, naquele período, encontrava-se como apoiadora à formação, principalmente, de suas irmãs mais novas Angelina e Carmita, e deu notícias sobre seus estudos. Evangelina e Chico Pires foram morar em uma fazenda, Gurutuba, lugar bem destacado em sua escrita. Seu esposo faleceu no dia 23 de junho de 1946 e suas cartas relatam que o falecimento se deu de forma sofrida, pois tinha vontade de se alimentar, mas não conseguia. Evangelina faleceu no dia 29 de setembro de 1965.

A segunda mulher a compor a terceira geração é Celsina Spínola Teixeira. Dona de um enorme quantitativo de correspondências recebidas, aparentemente era uma mulher de escuta e de diversas práticas sociais. Nasceu no dia 10 de outubro de 1887, formou-se em 1903, tornando-se professora. Casou no dia 06 de fevereiro de 1909 com o farmacêutico José Antônio Gomes Ladeia, neto do Barão de Caetité, apelidado de Juca e falecido em 1926. Teve dois filhos: a primeira filha nasceu morta e o segundo, Edvaldo Teixeira Ladeia, o Didi, faleceu em 1945, aos 35 anos de idade. Viveu as dificuldades com a doença e a morte do esposo e, quase simultaneamente, passou a viver o sofrimento com a doença e a morte do filho⁹⁷.

⁹⁵Conforme Livro de Registro B14, Evangelina casou-se no dia 1º de março de 1919, às 17 horas, com idade de 32 anos, na época, aluna-mestra em Caetité. O casamento se deu na residência dos familiares, em Caetité, com Francisco Pires de Oliveira (Chico Pires, nascido em 22/12/1870 e falecido em 15/06/1946), lavrador e fazendeiro, viúvo e com 46 anos de idade, natural de Ituaçu (BA).

⁹⁶APMC. AFST. Série: Rogociano Pires Teixeira, Subsérie: Correspondências Usuais, dossiê: Evangelina Spínola Teixeira.

⁹⁷APMC. AFST. CST.1.1.16; APMC. AFST. CST.1.1.17; APMC. AFST. CST.1.1.18; APMC. AFST. CST.1.1.18 e APMC. AFST. CST.1.1.20.

Algumas correspondências de Alice para Celsina informam sobre essas dificuldades. Por exemplo, no dia 26/08/1924, diz: “[...] Edivaldo está muito agitado com os estudos [...]”; também, no dia 04/07/1926: “[...] encontrei com Edivaldo e ele está muito magro e pálido [...]”; no dia 28/07/1926, através de telegrama, comentou o falecimento de Juca; no dia 30/07/1926. Sua escrita de Salvador é expressiva dos sentimentos pelo falecimento do esposo de Celsina, ao tempo em que comunica o envio de algumas encomendas para Oscar e sobre decisão de Leontina em comprar casa por 25 contos, informando, também, sobre situação de saúde de Edivaldo. Na continuidade, no dia 27/09/1926, de Salvador, Alice informa sobre saúde de Edivaldo e diz que anda piorando com o problema dos olhos. No dia 29/10/1926, outra produção de Salvador está dirigida a Celsina, mas desta vez, é comunicação de melhoria da saúde de Edivaldo e diz: “está reagindo bem aos medicamentos [...]”. Na carta, datada de 01/12/1926, Alice, novamente, dirige-se a Celsina e diz que enviou por Edivaldo as encomendas pedidas. Escreve, também, a Celsina nos anos seguintes: em 1927 (7 cartas); em 1928 (2 cartas); em 1937 (1 carta); em 1938 (2 cartas); em 1939 (1 carta); em 1940 (2 cartas); em 1942 (1 carta); em 1943 (2 cartas); em 1944 (6 cartas); em 1945 (11 cartas); em 1946 (09 cartas); em 1948 (10 cartas); em 1949 (03 cartas) e em 1950 (5 cartas). Identificamos, ainda, muitas correspondências dessas mulheres sem local e sem data.

Juntamente com outras mulheres da família, Celsina tornou-se aluna-mestra⁹⁸ em Caetitê, tendo estudado, também, em Salvador. Realizou diversas práticas leitoras e de escrita, uma busca de informações, em associação ao cotidiano da vida, conforme está nas suas cartas, a exemplo da que escreveu a seu pai no dia 22 de novembro de 1916⁹⁹. Ao falar sobre uma situação cotidiana envolvendo o esposo Juca, pede para que o pai averigue a apólice de aplicação em dinheiro (caderneta estadual e federal), destaca a confusão com a caderneta de Cristina e o valor (um conto, cinco mil e quatrocentos e dezesseis reis) e demonstra altivez no acompanhamento dos fatos: “Não sei também se Juca mudou o din^o da minha caderneta estadual para outra federal. Pode ter sido engano do Bráulio, o que é fácil verificar, pelo n^o e caderneta de Christina, pois esta de 1:005#416 é a dela [...]”.

Em expressividade, um cotidiano a dizer sobre a atuação de Celsina e das demais mulheres e outros familiares: “Um olhar atento sobre as cartas trocadas entre ela e o marido durante os anos de 1909 a 1916 faz emergir elementos que revelam uma dinâmica própria e uma grande participação nas decisões do núcleo familiar, agora formado por ela e o marido” (RIBEIRO, 2012, p. 135).

⁹⁸APMC. Livro de Registro de Casamento, B-9, Termo 20, Folhas 197 v e 198 f e v.

⁹⁹APMC. AFST. DPT.1.92

Em 1930, Celsina tomou posse como professora da Escola Normal¹⁰⁰. Envolveu-se com as práticas religiosas e com a filantropia na cidade de Caetité. Como sócia-fundadora e primeira presidente da Associação de Senhoras de Caridade de Caetité (ASC)¹⁰¹, Celsina, por 60 anos, com intervalos, esteve no ofício de presidente da instituição. Embora tenha viajado muito, sua cidade de residência foi Caetité e, na rede de sociabilidade familiar, vivenciou um cotidiano complexo, além das práticas educacionais. Acompanhou os trabalhos da fazenda, a doença do esposo e a do filho, conforme retrata sua escrita. Faleceu no dia 21 de setembro de 1979, aos 92 anos, e foi sepultada em mausoléu, no Cemitério Municipal de Caetité.

Uma outra mulher, filha de Anna, que faz parte da terceira geração, é Hersília Spínola Teixeira (Tilinha). O registro do dia do seu nascimento é 07 de fevereiro de 1891¹⁰². Os estudos em Caetité, especificamente em contato com o colégio de freiras, despertaram interesse pela vida religiosa, em contrariedade aos propósitos familiares. Por essa escolha, enfrentou obstáculos, mas conseguiu ir para o convento (primeiramente, no Rio de Janeiro, e, depois, em São Paulo), no período de 1924 a 1928. Sua fotografia a apresenta em vestes de freira e, desse lugar, escreveu muito com o nome Sor Maria de N. S. da Purificação. Como noviciada, deveria escolher novo nome, uma exigência da igreja católica para as pessoas que se inserem ao processo vocacional. A escolha do referido nome, no entanto, exige discussões maiores, questão que não nos cabe fazê-la neste estudo.

O trecho da sua carta a seguir é dirigida a Rogociano, seu tio e padrinho. Além dos cumprimentos a ele, vai demonstrar o acompanhamento dos familiares e da vida deles, sem deixar de apresentar sua experiência de vida religiosa em associação às questões sociais, revelando preocupação com epidemia da época e com a infância e os idosos em situação de pobreza, tanto que aproveita da comunicação para pedir ao tio ajuda financeira:

Viva Jesus e Maria!

Mosteiro Provincial de N. S. de Caridade do Bom Pastor

Rio, 29 de junho de 1924.

Meu Padrinho

Faço votos a Deus para que Vm.^{ce} continue a gosar bôa saúde e felicidades.

Ante-ontem fui surprehendida com a visita de Jayme e Nelson. Muito estimei as bôas notícias que me deram dos nossos de Caetité. Graças a Deus, papae está mais descansado, desde que abandonou a política, entregando a direcção d' esta a Anísio.

Recebi carta de Papae, a qual, como sempre, muito me consola o coração. Alzira e Celsina também me escreveram.

¹⁰⁰Na Escola Normal de Caetité, conforme termo de posse (anexo D), foi nomeada para o cargo de professora de Desenho e Calygrphia no dia 21/07/1931.

¹⁰¹Ao lado de outras mulheres caetiteenses, inclusive sua mãe e irmãs (Alzira, Evangelina e Hersília), no ano de 1919, fundaram a Associação de Senhoras de Caridade, uma instituição de apoio ao idoso e à criança pobre, conforme Livro de Ata de Fundação da Associação de Senhoras de Caridade de Caetité (ASC), 1919.

¹⁰²O livro A-3,7. 34 v. termo 5, indica ter sido, em Caetité, no dia 07/02/1891.

Tenho estado apprehensiva com o estado sanitário da Bahia, pois como sabe está grassando typho e dysintéria.

Felizmente os collegiaes já estão em Gurutuba, porém, os irmãos que não podem retirar da Bahia, peço a Deus que os livre das epidemias.

Conforme Vm.^{cc} viu a ultima vez que esteve aqui, os trabalhos de construcção do nosso asylo, com o fim de aumentar a casa para darmos abrigo às creanças expostas ao mal. Como sabe a nossa obra tem não só por fim regenerar a mulher caída como também preservar da queda a innocencia. O nosso trabalho visa a Religião e a moralisação da nossa Pátria.

Appello, pois para o vosso coração caridoso e patriotico e peço a Vm.^{cc} um obelo para as obras.

O bom Deus que sabe, segundo suas palavras recompensar um copo d'agua dado em seu nome, saberá largamente recompensar a Vm.^{cc}, pelo bem que se fizer a tantas creanças, que se abrigarem na nossa casa.

Continuo com saúde, graças a Deus, e o mesmo desejo a Vm.^{cc} e todos os nossos.

Queira aceitar com Jayme e Nelson affectuosos abraços e abençoar a sobrinha afilhada que muito o estima e sinceramente grata.

Sor Maria de N. S. da Purificação Sp. Teixeira

Deus seja bendito!

Asylo Bom Pastor

Fabrica das Chitas

R. do Bom Pastor.¹⁰³

A carta datada de 14 de dezembro de 1928, escrita em Salvador, esclarece, no entanto, a decisão do Mosteiro de não permitir os seus votos perpétuos:

A tal carta que a Madre Provincial disse-me ter escripto a Mamae, hontem chegou em nossas mãos. Dizendo que resolveu com o Conselho não me receber aos Votos Perpetuos, devido os ataques nervosos que tive em S. Paulo e que soube que já havia tido um ataque em Caetitê, antes de entrar para o Bom Pastor. Nosso Senhor permittiu que houvesse grande exagero nas notícias [...].¹⁰⁴

Persistente em sua escolha, mas resignada, Hersília aceitou da família e da Igreja a sentença apresentada na carta. No retorno a Caetitê, a partir do Decreto do Governador do Estado, de 19 de março de 1930, tomou posse do cargo de professora interina da Cadeira de Prendas e Economia Doméstica no dia 25 de março de 1930, conforme anexo E, sendo o diretor da Escola Normal de Caetitê, naquela época, o professor Alfredo José da Silva.

Dentre as mulheres deste estudo, é a que mais enviou correspondências (371). Sua escrita envolve diversos assuntos. Um deles versa sobre as tentativas de muitos integrantes da família em convencê-la a se casar, mas Hersília não aceitou. Faleceu em 06 de julho de 1968. Sua persistência, combinada com algumas das exigências familiares, certamente lhe rendeu dissabores, ocupando-se não do que quis, mas do que se fez possível, muitas vezes, sem contar com o apoio de todos os familiares. Na carta de Hersília para Celsina, escrita no dia 25 de

¹⁰³APMC. AFST. RPT.1.74.23.

¹⁰⁴APMC. AFST. RPT.1.74.32.

outubro de 1950, em Salvador¹⁰⁵, informa que a peregrinação não irá mais a Roma por não aparecer número suficiente de peregrinos. Conta sobre compras de fitas e sobre o modo como os altares estavam preparados, fala que recebeu carta de Zelinda e descreve relatos de viagens e a chegada de familiares:

[...] Falei a Oscar sobre meu pagamento a Nelson, disse-me que eu não tenho com que pagar a Nelson, que estou gastando o capital, desde 1944 que tenho gasto muito. Disse-me tanta coisa que nem V. pode imaginar. Disse-lhe que falta tanto recurso para viver tenho o meu lugar na ordem 3^a, respondeu porque não vou logo para a ordem 3^a que falo em ir e não vou, o que fez ver claro que ele quer providenciar o meu enterro, para ficar livre de tomar conta do que se possui [...].

Sobre o amplo conteúdo de suas cartas analisadas neste estudo, o resumo abaixo indica o quantitativo e apresenta discussões. Com essa sistematização, além de identificar a familiaridade de Hersília com a escrita, também é possível verificar a sua capacidade de detalhar sobre temas cotidiano (família, locais, datas e os destinatários, dentre outros). Sua atuação é diferenciada, seja pessoal, seja socialmente. Pelas cartas¹⁰⁶, no período de 1908 a 1947, entre Caetité, São Paulo e Salvador, nota-se muita expressividade sobre o cotidiano das mulheres, conforme breve resumo, a seguir. De Caetité, no dia 04 de fevereiro de 1908, Hersília pergunta a sua irmã Celsina se já está de boa harmonia com Juca, aconselhando-a a não mais se desarmonizar. Disse que a mãe já está o conhecendo melhor, destaca o gênio dele e diz não ser o que pensava. Sobre sua sociabilidade, diz que as cartas o deixaram melhor e que havia pedido a Alzira e esposo para o aconselharem.

No dia 29/06/1924, Hersília indica que se encontra, no Mosteiro Provincial de N. S. de Caridade do Bom Pastor, e fornece notícias de familiares: “[...] Graças a Deus, Papae está mais descansado, desde que abandonou a política, entregando a direção d’esta, a Anísio [...]”. Na carta de 26/04/1927, escrita do Mosteiro de N. S. de Caridade do Bom Pastor, em São Paulo, para a irmã Celsina, aborda vários assuntos do cotidiano e comenta: “Estive sabendo que o Governador da Bahia, D^f. Francisco Calmon, pretende mandar Anísio a Europa, afim de fazer alguns estudos sobre o ensino da Instrução Pública [...]”. Em outra carta, de São Paulo, no dia 24/09/1928, Hersília escreve para Celsina e fala sobre revolução política, na Bahia, e as intrigas oposicionistas entre os governos (Calmon e Mangabeira). Fala também de jagunços em Joazeiro e outros lugares.

¹⁰⁵APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia Subsérie: Correspondências Usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 25/10/1950.

¹⁰⁶APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia, Subsérie: Correspondências Usuais, dossiê: Hersília Spínola Teixeira.

Pela carta, no dia 04/05/1941, Hersília escreve de Caetité para Celsina e diz: “[...] esteve aqui ontem o Jucelino veio trazer o dinheiro dos 10 bois que vendeu nos Campos. Diz elle que recebeu 1:500\$000, porém 700\$000 para o trabalho de cerca na garapa, entregou a Mamãe 800\$000. Mamãe pergunta se V. quer que remeta para ahi? [...]”.

Outra carta, no dia 14/03/1944, indica que se encontra em Salvador e, em diálogo com Celsina, dentre os vários assuntos, demonstrou o acompanhamento do cotidiano familiar e fez crítica ao modo como se procedia com a política da época: “Pelas notícias Caetité vai cahindo cada vez mais com esta política de vingança [...]”. Na carta de Hersília a Celsina, no dia 10/05/1945, escrita em Salvador, dentre os vários assuntos, diz: “[...] Graças a Deus terminou a guerra, houve 3 dias de feriado e regozijo para o povo [...]”. Na carta de Hersília para Celsina, no dia 20/11/1945, escrita em Salvador, informa sobre fazendas do São Francisco e diz que Oscar quer vender. Na carta do dia 23/12/1945, escrita em Salvador a Celsina, Hersília discorre sobre o negócio da venda de terras do São Francisco. Na carta do dia 18/01/1946, escrita em Salvador a Celsina, Hersília diz: “Será portador desta o Prof. Alfredo que veio tomar posse da Prefeitura e regressa sábado 19 [...]”. Na carta do dia 01/11/1946, Hersília escreve para Celsina e vai falar sobre expectativa em relação ao governo da Bahia, Mangabeira.

Na carta escrita, também, de Salvador, no dia 02/05/1947, Hersília fornece informações sobre o acompanhamento dos sobrinhos. Discorre sobre o receio de Celso, o irmão, não apoiar com as orientações ao sobrinho, Deoclecianinho, que na época estava em Salvador e lamenta a falta de apoio do irmão para com a orientação do sobrinho. Diz sobre o tema em uso de uma linguagem figurada: “[...] filho de peixe, peixinho é, no dia em que não achar uma tia para lembrar os deveres da religião católica, eles abandonam todas as práticas religiosas por ser mais fácil seguir a onda sem o freio da religião [...]”. No dia 26/10/1947, dentre os diversos assuntos escritos na carta escrita em Salvador, Hersília informa sobre jantar que participou na casa do irmão Jaime e mais uma vez sua escrita vai indicar sua opção diferente em relação às escolhas de outros familiares: “[...] fiquei aborrecida, pois não gosto das reuniões chics e fez críticas [...]”. Na mesma carta, comenta sobre o modo de se vestir da cunhada: “Parecia uma parisiense, toda cheia de si, na ultima moda [...]”. Também no dia 29/10/1947, dentre os diversos assuntos escritos na carta, Hersília, em Salvador, pergunta sobre o irmão Oscar e se está trabalhando com a política e diz: “A ditadura de Ovídio está forte, quer, porque quer ser prefeito. Gostou do feitio de Getulio [...]”. Sua comunicação, conforme carta do dia 07 de novembro de 1947, indica críticas sobre o modo de fazer política em Caetité e no Brasil:

São tantos os candidatos a prefeito, que Dr. Ovídio que continua na ditadura deveria deixar a prefeitura para os outros elementos que podia vir maior vantagem para o nosso Caetité. O Gétulio Vargas foi fazer campanha pelo sul, foi até apedrejado o seu

carro, todos querem ficar livres de tal ditadura, que não deu bom resultado, somente a vantagem para Getúlio, que queria dominar o mundo inteiro [...].¹⁰⁷

Na mesma linha de discussão, em carta escrita de Salvador, no dia 02 de junho de 1950, Hersília em contato com Celsina, que se encontrava em Caetité¹⁰⁸, faz críticas à confusão da política baiana: “[...] já foram pela assembleia, apresentados 4 candidatos para governador da Bahia: o Lauro Freitas é o primeiro, seguem Nestor Duarte, Juracy Magalhães e Landulfo Alves [...]”. Desse modo, identificamos as irmãs, em participação da escrita, falando do cotidiano a partir de diversos temas.

A quarta mulher a integrar a terceira geração é Leontina Spínola Teixeira. Sua fotografia a apresenta ainda criança. Nasceu no dia 02 de outubro de 1896 e se casou com Celso Torres, com quem teve dois filhos, Ernani e Luiz. A família residiu em Salvador. Possui um número de 105 correspondências enviadas e o principal conteúdo é o familiar, a exemplo da carta dirigida a sua mãe, em Caetité, no dia 03 de setembro de 1924:

Mamãe: Estimo que Vm^{cc} Papae e todos estejam gosando bôa saúde.
 Recebi sua estimada carta de 14 de agosto e muito estimei as notícias.
 Este vae por Verbena que segue hoje. Oscar foi ontem para Nazareth, e deve chegar hoje, às 10 horas da manhã, e seguirá logo no vapor de Cachoeira que está marcado para sahir as 11 horas. Verbena ficou aqui em casa.
 Envio junto a este um retratinho de Luiz que Celso tirou e que sahiu bem bonzinho.
 Envio também uma mão de camarões para vm^{cc}.
 Todos vão passando bem. Aceite muitas lembranças de Celso e abraços e beijos de Ernani e Luiz, que pedem a bênção. Envio a todos muitas lembranças. Abraça-lhe com saudade, e pede a bênção a filha m^{to} am^a [...].¹⁰⁹

Mãe de Ernani e de Luiz, aparenta ser a mulher dessa geração que mais vivenciou experiências que correspondiam às expectativas sociais e familiares da época. Acompanhava a educação dos filhos com cuidado, relatava sobre os encontros familiares para comemorações, viagens e passeios¹¹⁰.

Pelo resumo de suas cartas (produções de Leontina para sua mãe, Anna, e para a irmã, em Caetité), dentre os vários assuntos, confirma ter familiaridade com a escrita em uso dela pela utilidade entre os pares. No dia 04/10/1918, envia notícias aos familiares através da escrita dirigida à mãe, Anna, e diz não poder viajar para Caetité, porque seu filho, Ernani, ainda estava

¹⁰⁷APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia, Subsérie: Correspondências Usuais, dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 07/11/1947.

¹⁰⁸APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia, Subsérie: Correspondências Usuais, dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 02/06/1950.

¹⁰⁹APMC.AFST. AST.1.15.12

¹¹⁰ Organizadas em APMC.AFST. Série: Anna Spínola Teixeira e Celsina Teixeira Ladeia, Subsérie: Correspondências Usuais. Dossiê: Leontina Spínola Teixeira, de Salvador, no período de 1918 a 1950.

muito pequeno, diz ter receio de ele adoecer pelo longo caminho. A carta escrita à mãe, no dia 27/10/1920, também de Salvador, indicou que acompanhava a vida familiar do lugar onde nasceu (Caetité) e faz comentários sobre a doença dos olhos da mãe. No dia 15/07/1922, de Jequy, escreve carta e informa sobre chegada ao lugar. Discorre sobre estadia em Gurutuba e fala sobre o afeto do filho, Ernani, pela avó, Anna.

Em carta escrita no Rio de Janeiro, no dia 01/02/1923, informa chegada em São Paulo, diz ter se encontrado com o irmão, Oscar, e discorre sobre a cidade. Diz ter estado com Aristides e com Rogociano naquela localidade. No dia 03/07/1923, Leontina escreve carta à mãe e, além das notícias familiares, relata saudade de Ernani por todos em Caetité e comenta a comemoração do Centenário do 2 de julho. Pelas cartas dos dias 18/07/1923, 07/09/1923, 24/04/1924, 13/07/1924, 31/07/1924, 03/09/1924, 07/09/1924, 08/11/1924, 12/01/1925, 10/06/1925, 25/06/1925, 19/06/1925, 06/08/1925, 23/10/1925, 07/03/1926, 29/04/1926, 09/08/1926, 08/10/1926, 21/06/1927, 16/04/1928, 10/08/1928, 04/08/1929 e 18/11/1943, todas escritas por Leontina, em Salvador, para familiares em Caetité, são expressivas do cotidiano da família. Como exemplo, a carta, sem identificação, em que Leontina informa a Celsina que a estadia na fazenda a fez engordar cinco quilos, que havia recebido o telegrama dela indicando visita de Celso e agradece-lhe. Diz que pretende viajar para o Rio de Janeiro naquele mês e que passará uma temporada no apartamento de seu filho, Ernani.

Na carta datada de 19/07/1927, Leontina, em comunicação com sua mãe, a informa sobre a correspondência trazida por Mário em que teve notícias de todos. Diz que Anísio viajará no dia 16 para a Europa sob influência de Goes Calmon que lhe facilitou tudo. Discorre sobre as preocupações de Anna sobre a viagem de Anísio e lhe pede para que fique sossegada. Informa que Oscar viajará para Bauru no dia 26 para se casar e que Carmita e Zelinda vão bem. Diz que sentiu muito pelo falecimento de seus tios Teôtonio e Aristides e evidencia o movimento familiar em torno das muitas viagens da família. Em carta, no dia 12/02/1950, uma escrita, também, de Salvador, Leontina aborda vários assuntos. Destaca a chegada de Mário e Esther ao Rio de Janeiro e diz que foram de avião e que assistiram uma festa em homenagem a Juraci Magalhães.

Em outras cartas, Leontina mencionava os negócios com o esposo, engenheiro civil, realizando projetos de construção de barragens no estado da Bahia, falando do apoio aos irmãos mais novos e sobrinhos. Através da produção, a identificamos como autora de cartas, leitora de jornais e outros impressos, facilitando o envio e recebimento de diversas encomendas, promovendo uma troca de saberes e de gostos, entre a cultura litorânea e a do Alto Sertão da Bahia pela valorização de objetos: fotografias, postais, revistas, livros, camarões, frasco de

bombons, costuras, requeijões, doces, caixa de rendas, dentre outros. Por essa condição, acompanhou estudos de familiares no exterior, como os estudos do irmão Anísio Teixeira e do filho Ernani. Na carta do dia 21 de junho de 1927, em comunicação com a mãe, em Caetité, diz que recebeu postal de Anísio, que está muito bem e encantado com Washington e, no dia 18 de novembro de 1943, também em comunicação com a mãe, diz que o filho, Ernani, está estudando no exterior e que está gostando muito dos professores e dos americanos.

Da fazenda Formosa, no dia 21 de abril de 1950, Leontina escreve carta¹¹¹ para apresentar a Celsina parte dos investimentos financeiros e os negócios da sua família e diz: “Da Instrução Ficaram alugados a um só inquilino, com aluguel de 4:700 em vez de 5:500 que era o preço estipulado. A casa que estamos em negócio em Itaparica ainda não foi passada a escritura, porque está dependendo de transição de um empréstimo na Caixa [...]”. Na continuidade, comenta que a irmã lhe enviou requeijão e queijo e apresentou os agradecimentos. Por outras cartas, com datas em indicação do final da temporalidade deste estudo, Leontina anunciou a chegada do netinho. Seu falecimento se deu em Salvador no dia 16 de junho de 1978.

A quinta filha de Anna a integrar a terceira geração é Angelina S. Spínola Teixeira, apelidada de Gigi. Nasceu no dia 08 de junho de 1905 e faleceu no dia 02 de fevereiro de 1982. A sua fotografia a apresenta ainda criança. Como penúltima filha de Anna, ao lado da irmã, Carmen, se relacionou com vários dos sobrinhos, filhos dos irmãos mais velhos: Alzira, Celsina, Leontina, Celso e outros, conforme cartão escrito, sem local e sem data, dirigido ao filho de Celsina, Edivaldo (Didi): “Recebi sua cartinha vejo que está muito satisfeito e vendo cousa bonita. Todos de ca vão bem e mandam lembrança Christina como vai depois que V foi ja fui em dois cinemas. Oswaldo também já fez cinema na casa d’elle [...]”¹¹².

Mesmo sem a identificação, a escrita de Angelina confirma a integração da tia com sobrinhos (Didi, Christina, Oswaldo), discutindo sobre assuntos comuns, como o interesse por outras leituras, rádio e cinema, o que nos leva a inferir sobre o entretenimento dos correspondentes, os mais jovens com leituras, além dos impressos, como indica a escrita de Angelina.

Pelo período da sua correspondência, entre o ano de 1927 e 1943, foi, entre as mulheres da família Spínola Teixeira, a que menos escreveu, ou aquela da qual menos cartas foram conservadas – 17 cartas enviadas. Sua escrita gira em torno de informações familiares, passeios,

¹¹¹APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia, Subsérie: Correspondências Usuais, dossiê: Leontina Spínola Teixeira. Formosa, 21/04/1950.

¹¹²APMC.AFST. ASST.3.1.1

viagens, práticas religiosas. A carta a seguir fala de tratamento que fazia na capital baiana e de outro assunto, que indicou seu interesse pela movimentação econômica (em títulos ou empréstimos) do seu capital, demonstrando preocupação com os rendimentos:

[...] Estava com um problema da vista q não podia ver por muito tempo a Televisão e nem ler muito – Mas ja fui ao oculista indicado por Paulo, e vou ter que usar óculos. Quanto seu desejo de eu ficar no seu ap^{to} sozinha, não achei interessante, e ficaria muito chateada lá sozinha. Estou com intenção de ir em março, mas com sua ausência vae ser chato.

Sobre as cotas de S. Francisco, sei que é seu interesse é só em meu benefício, mas você agora está com tantas despesas que é melhor aguardar sua volta, o preço também está um tanto barato não?

Chegará aos 30,000,00? Preciso achar onde aplique, em Títulos ou empréstimos? Sem mais um grande abraço desejando um breve regresso da irmã m^{to} am^a [...].¹¹³

A filha caçula, Carmen Spínola Teixeira, apelidada de Carmita, nasceu no dia 19 de março de 1909 e faleceu no dia 14 de maio de 2002. Foi batizada no mesmo ano do seu nascimento, em época natalina (25 de dezembro de 1909), na Igreja Matriz de Caetité. Como costume familiar, os padrinhos eram escolhidos entre os familiares – os de Carmen foram Leontina e Celso. Para a celebração do batismo, foi escolhido o vigário Luiz Pinto Bastos. A fotografia escolhida a apresenta jovem e elegante. Carmen faleceu em Salvador e foi sepultada no Cemitério Campo Santo.

Carmen e muitos outros irmãos e sobrinhos realizaram os estudos primários e complementares em Caetité e deram continuidade em Salvador. No seu caso, assim como para muitas mulheres da época, a carreira docente foi a alternativa. Fez o Curso Normal Educandário, no Sagrado Coração de Jesus, em Salvador, diplomando-se em 1928. Carmen pareceu, pela sua escrita, ser bem utilitária e crítica, mas afetiva. Pelo seu acervo preservado, observa-se que sua produção se deu entre o ano de 1920 a 1950 e que o quantitativo de correspondências enviadas é de 82 cartas. Temos menos cartas se comparadas às irmãs mais velhas, o que se justifica, em parte, pelo fato de, em sua época, ter conseguido usufruir de outras formas de comunicação, a exemplo do telefone.

De sua atuação profissional, como professora, muito ainda existe a ser explorado e conhecido. Em Caetité, foi professora na Escola Normal¹¹⁴. Na capital baiana, esteve também em atuação pela causa educacional, e, em atuação, na Escola Parque do Centro Educacional

¹¹³APMC.AFST. ASST.3.2.1

¹¹⁴Livros de Posse e quadros de formaturas trazem o registro de Carmen como docente da Escola Normal de Caetité. Nos anexos F e G, a nomeação interina e a efetiva, respectivamente. No dia 28/03/1930, foi nomeada para a cadeira de Pedagogia, Didactica e Educação Physica do Curso Normal. Em 29/09/1934 foi nomeada para o cargo de professora efetiva como “cathedratica de Sciencias de Educação” (“Noções de Psychologia, Pedagogia e Didactica”).

Carneiro Ribeiro¹¹⁵, desenvolveu um fazer educacional em experiência das ideias do irmão Anísio Teixeira pela defesa da escola pública.

Suas cartas expressam uma diversidade de conteúdo. Pelo breve resumo, abaixo, trazemos o conteúdo de cartas do período de 1920 a 1950. Identificamos Carmen em comunicação com familiares, dirigindo-se ao tio, no Rio de Janeiro, e para Celsina em Caetité, com relatos sobre os estudos e sobre outras situações cotidianas. Na carta datada de 14/03/1920, escrita em Caetité para seu tio, Rogociano, no Rio de Janeiro, comunica-lhe que está com a irmã, Gigi com estudos no Colégio Bom Pastor. Na carta escrita em Caetité, em janeiro de 1923, para o seu tio, vem agradecê-lo pela promessa de mantê-la estudando na capital baiana. No dia 23/04/1924, da capital baiana, informa-lhe sobre seus estudos no Colégio Perdões. No dia 20/05/1924, agradece ao tio pelos presentes (caixa de pintura, compasso, cortes de vestido) e diz que está aprendendo piano e bandolim. No dia 21/08/1924, além das informações familiares, vem agradecê-lo por dicionário recebido. No dia 18/06/1925, ainda ao tio, informa que está aprendendo pintura com uma francesa e comunica mudança de endereço. No dia 27/07/1926, em carta para Celsina, aborda falta de tempo para escrever e lamenta o falecimento de Juca, esposo da irmã. Na carta do dia 12/12/1927, pede desculpas ao tio por ter demorado em escrever-lhe para lhe falar do término do terceiro ano do curso normal com boas notas e dos seus planos de ir passar trinta dias em Caetité.

No dia 27/01, sem informar o ano, de Caetité, fornece notícias dos familiares e o comunica sobre regularidade no recebimento do impresso *Tico-tico*. No dia 27/07/1937, além das notícias familiares, aborda o fato de um procurador (o de Alice Duarte) em possibilidade de agiotagem.

A carta do dia 10/11/1939, da capital baiana, fornece notícias familiares. No dia 15/05/1940, faz críticas aos serviços de Correios e diz ser melhor esperar um portador para o envio de correspondências e outros itens de necessidade. Na carta do dia 27/06/1940, além das notícias familiares, faz comentários sobre o processo de nomeação do novo professor de pedagogia “capacho de Isaias”, uma crítica ao apadrinhamento pela ocupação a cargos públicos. Destaca, ainda, preocupações com a guerra e o envio de caderneta e vestidos encomendados. Na carta do dia 27/08/1940, novas críticas à gestão da Escola Normal de Caetité. No dia 18/02/1941, refere-se à irmã Celsina pela administração às fazendas no Alto Sertão da Bahia e lamenta as dificuldades dela com o relacionamento com o próprio filho, Didi.

¹¹⁵Ver trabalho **O Centro Educacional Carneiro Ribeiro - Escola Parque**: simbologia de escola viva na comunidade do Bairro da Liberdade em Salvador- Bahia, de Gedeon Ribeiro Nascimento (2009).

No dia 04/12/1943, comenta sobre a iniciativa da irmã Celsina, em buscar recursos para gerir a Associação de Senhoras de Caridade de Caetité (ASC). No dia 08/12/1944, agradece Celsina pelo envio de notícias dos familiares. Na carta do dia 03/02/1945, mais uma vez, refere-se às dificuldades de Celsina com a doença do filho, Didi, e sobre a sua garra à frente da ASC. No dia 24/02/1945, aborda o falecimento do filho de Celsina, Didi, lamenta por não conseguir fazer-se presente e indica votos de força e de coragem. Em março de 1950, escreve cartão de agradecimento por felicitações recebidas (aniversário) e também por queijos e requeijões. Outros cartões sem datas e locais indicam viagens, notícias rápidas sobre os familiares, envio de encomendas do sertão, a exemplo de jornais e revista, e outra parte para a comunicar sobre aniversário, natal, ano novo, falecimento, e outros assuntos do cotidiano familiar.

Chamou-nos atenção suas opiniões sobre a política baiana, como na carta datada de 11 de abril de 1924, em que ela mesma diz: “escrita às dez da noite de Bahia”¹¹⁶. Ao comentar sobre política, critica o governo Góes Calmon em relação ao abandono do sertão: “[...] O Goes já está no governo e as cousas continuam no mesmo pé!... Dizem que elle não tratará tão cedo, da política do Sertão”. Sua comunicação expressa o que outras correspondências, na temporalidade, indicaram, ou seja, a expectativa interiorana da descentralização dos recursos públicos da capital para o interior. Essas expectativas eram, por exemplo, por mais investimentos em projetos interrompidos por problemas políticos, a exemplo do fechamento da primeira escola normal de Caetité (criada no final do Século XIX). Certamente, como aliado político da família, para a Sertão da Bahia, o governo de Goes Calmon estaria como possibilidade de realizar projetos sociais não assumidos em outros governos¹¹⁷.

2.4 O Alto Sertão da Bahia em três gerações de mulheres: escrita e leitura

Em amplo recorte (1844 - 1950), perpassando parte do Império e o começo da República no Brasil, apresentamos o cenário da pesquisa, em adversas relações, situando o lugar a partir do processo de interiorização dos povos colonizadores e identificando as mulheres, sujeitos da pesquisa. Sobre as doze mulheres, a partir da organização de três gerações: primeira geração (1844 - 1888), segunda geração (1901 - 1944) e terceira geração (1901 - 1950), as

¹¹⁶APMC.AFST. CTL.1.18.2.

¹¹⁷Carmen, ao referir-se à Caetité, dizia: “pequena cidade do Sertão Baiano” (BASTOS, 2009. p. 31). A autora, através do trabalho **Carmen Spínola Teixeira**: uma biobibliografia discorre sobre sua trajetória, indicando-a como trabalhadora da educação. Publicado em Salvador: EDUFBA, 2009.

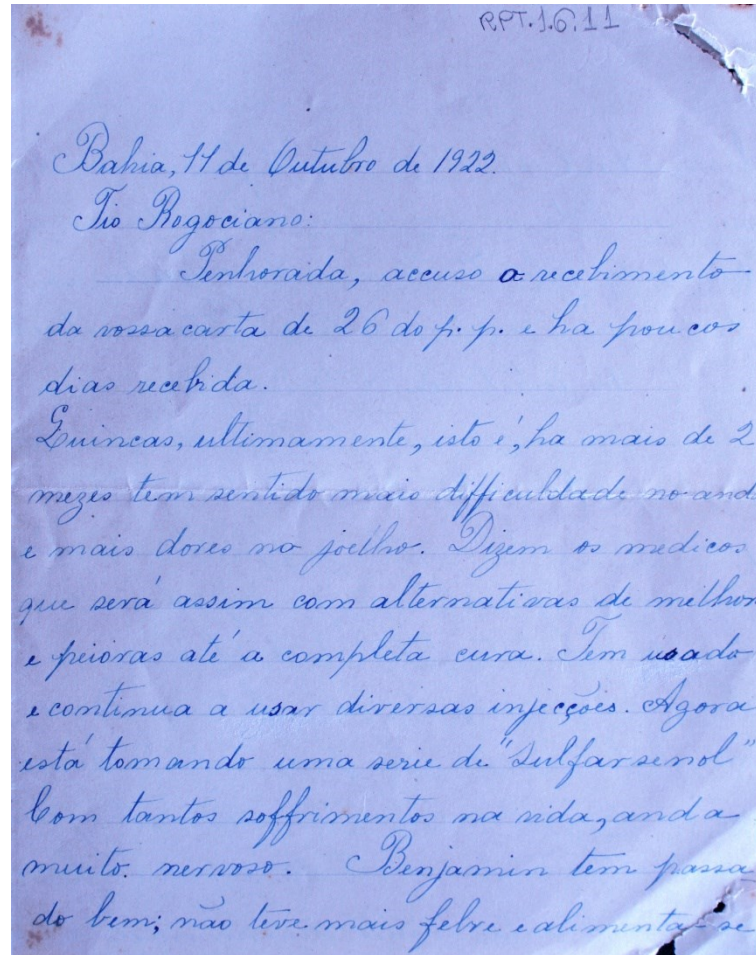
apresentamos em diálogo com as suas correspondências, as quais nos indicaram possibilidade de discussão pelas semelhanças e pelas diferenças.

Pela discussão das práticas de leitura e de escrita, a partir da rede de sociabilidade, identificamos o Alto Sertão da Bahia e as mulheres em participação do escrito. Observamos a atuação feminina, em diversas instâncias educacionais, e suas produções e, conforme Perrot (1988), buscamos ressaltar suas experiências de vidas anuladas.

De um contexto em domínio patriarcal, apresentamos o cenário e os sujeitos da pesquisa em discussão de leitura e de escrita, para, no próximo capítulo, apresentarmos alguns aspectos do corpus documental, indicando a circulação das cartas, os interlocutores privilegiados e possíveis intencionalidades percebidas durante a leitura.

3 CARTAS ESCRITAS POR MULHERES NO ALTO SERTÃO DA BAHIA: CIRCULAÇÃO E MODELOS EPISTOLARES

Figura 12 - Carta de Alzira para o tio Rogociano



Fonte: APMC.AFST. RPT.1.6.11

A carta de Alzira em apresentação, no começo deste capítulo, foi escrita em Salvador, para o seu tio Rogociano. Envia notícias familiares, fala do esposo em tratamento do joelho e fala dos filhos. Em conexão, está a escrita que se remete aos sujeitos envolvidos na pesquisa em associação aos dois aspectos principais deste capítulo: a dinâmica da circulação dessas missivas de acordo com cada geração de mulheres e a classificação desse volume documental de acordo com a sua possível intencionalidade.

Ao longo da história, o gênero “carta” foi utilizado para diferentes finalidades. Conforme Miranda (2000), essa prática está presente desde a Antiguidade Clássica, tendo sido utilizado pelo orador ateniense Demétrio de Falero, pelo sofista Filostrato e pelo neoplatônico Proclo como obras para o ensino e como desenvolvimento de lições sobre princípios gerais da

escrita¹¹⁸. Também nessa época, as cartas eram utilizadas para fins de comunicação, inaugurando, assim, as “[...] ‘cartas abertas’, mas também, o uso de cartas pela comunicação mais reservada [...]” (MIRANDA, 2000, p. 42).

No período das Grandes Navegações, os portugueses fizeram uso das cartas para registrar suas conquistas ultramarinas em forma de crônica histórica e informativa¹¹⁹. Entre esses primeiros textos que relatavam a chegada dos povos portugueses às terras do Brasil, está a Carta de Pero Vaz de Caminha¹²⁰. Pertencente a um gênero textual, durante o século XV, em Portugal e Espanha, conforme Alfredo Bosi (1994), esse modelo cumpriu a função de apresentar e descrever as terras e os povos encontrados. Deu-se, a partir dessa leitura inicial da cultura encontrada, a interiorização do processo de colonização da América Portuguesa. Outros registros, inclusive epistolares, foram sendo construídos e, sobre essas relações, ocorreram diversas tensões (SANTOS FILHO, 1956)¹²¹.

Darnton (1990), com o conceito de circuito do impresso, aponta que a história do livro e da leitura deve incluir não apenas o objeto de análise, mas também o processo de sua produção, circulação e leitura. Estendemos essa discussão para as cartas que, mesmo possuindo especificidades, necessitam ser também pensadas como objetos produzidos em função de determinadas condições, como disponibilidade de materiais e de motivações. Sobre a discussão de carta, como gênero, nós a faremos, nesta primeira parte. Indicaremos a circulação das cartas, especificamente no aspecto geográfico e como fluxo entre os sujeitos envolvidos no processo da comunicação.

Organizar a grande quantidade de documentos, inicialmente a partir dessas duas categorias, mostrou-se importante para conseguirmos compreender as primeiras perguntas que formulamos: para quem cada uma das mulheres escrevia? Por quais territórios as cartas circularam? Esse movimento nos possibilitou visualizar a rede de sociabilidade que era inicialmente motivada pelos vínculos familiares e afetivos, mas que se desdobravam em

¹¹⁸Segundo Miranda (2000), um grupo de filósofos (Epicuro, Isócrates e Platão) fez uso de registros para fins pedagógicos e para a comunicação com personagens ou grupos de destaque social e abordavam temas de interesses a toda comunidade.

¹¹⁹“[...] testemunhando a aventura geográfica dos portugueses, os seus ideais de expansão da cristandade, assume um sentido épico e humanístico que se estende ao Brasil [...]” (CÂNDIDO e CASTELLO, 1994, p. 11).

¹²⁰Ver trabalho **A carta de Pero Vaz de Caminha**: como interpretar nosso primeiro documento (SCAPATICIO; NICOLIELO, 2012).

¹²¹Conforme Capítulo V: “Exupério Pinheiro Canguçu: barão que não foi barão”, no apêndice I, intitulado “Cartas e uma certidão de batismo”, há a referência a produções epistolares de políticos do segundo reinado e são dirigidas ao chefe sertanejo do Brejo do Campo Sêco. De acordo com as informações desse texto, a carta encontra-se no arquivo da Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. Sobre maiores informações, ver trabalho **Uma Comunidade Rural do Brasil Antigo** (Aspectos da Vida Patriarcal no Sertão da Bahia nos Séculos XVIII e XIX), de Lycurgo de C. Santos Filho (1956).

interesses educacionais, políticos e econômicos. Lembramos aqui que não estamos considerando as cartas do acervo como a totalidade das correspondências escritas. Ainda assim, acreditamos ser possível visualizar tendências e um panorama que nos possibilite criar inteligibilidade sobre esse material.

3.1 Correspondências em sociabilidade

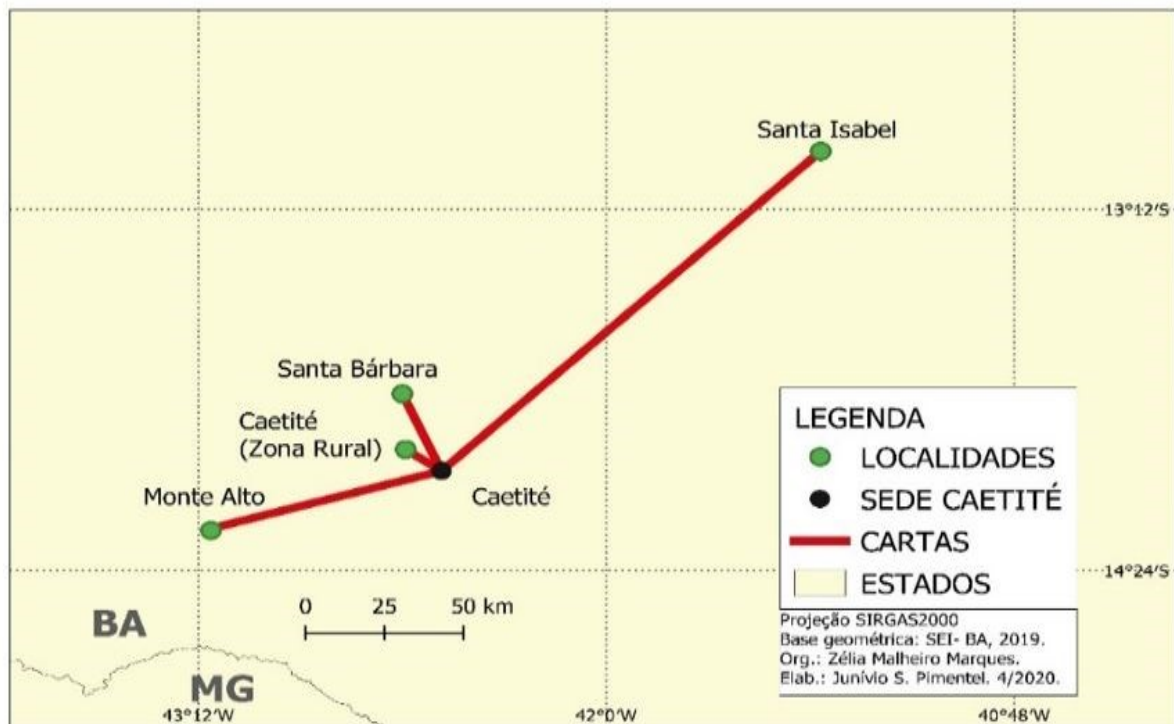
As três gerações de mulheres nos apontaram aspectos do movimento de circulação das correspondências, representado pelo ato de enviá-las e de recebê-las. Por essas possibilidades, conseguimos organizar o volume documental de acordo com a sua possível intencionalidade. Por esse processo, apresentaremos as correspondências em sociabilidade, a partir de cada geração de mulheres.

3.1.1 Circulação e fluxo de cartas da 1ª geração (1844 - 1888)

Para cada geração analisada, sociabilidades específicas foram construídas. Para essa primeira geração, oriunda de experiências agrárias e patriarcais, a circulação das cartas se interpunha às distâncias provocadas pelo processo de ocupação de territórios, aquisição de novas propriedades e atraídas pela busca de riquezas, na época, os diamantes da Chapada Diamantina (BA). Embora a escrita seja rica e marcada pela diversidade temática, trazem implícita a falta de liberdade de uma comunicação de si, como discutiu Ribeiro (2012), a partir da análise de algumas dessas “mulheres de poder”.

O Mapa 1 aponta a circulação e a abrangência das correspondências das mulheres da primeira geração (1844 - 1888) e destaca um raio de até 150 quilômetros a distar as localidades em comunicação.

Mapa 1 - Representação das localidades envolvidas na correspondência da primeira geração de mulheres



Fonte: APMC. AFBC. Mapa elaborado por Junívio S. Pimentel.

Como já dissemos, assim como o Barão de Caetité, provavelmente, Rita Sofia, também, tenha nascido, no Alto Sertão da Bahia (Fazenda Rio Verde). Na época da descoberta dos diamantes na Chapada Diamantina, como dissemos, foi para Santa Isabel, tendo sido esse seu local de residência até final do século XIX, mantendo correspondência com familiares.

O Quadro 3 indica a circulação das correspondências das mulheres da primeira geração, uma comunicação mais restrita entre os familiares diretos. Pertencentes às famílias que, em Caetité e região, tiveram uma intensa movimentação social, essas mulheres, em meados do século XIX, indicaram domínio da leitura e da escrita, tornando-se autoras e leitoras de textos. Suas cartas trazem indícios de outras mulheres, em circunstâncias totalmente diferentes, a exemplo das escravizadas, outras mulheres sem vínculo ao ato de ler e de escrever. Logo, poderemos falar do uso dessas práticas (leitura e escrita) nesta geração como um privilégio pertencente a uma pequena parte da população na época.

Quadro 3 - Correspondências de mulheres da primeira geração: circulação

| Primeira Geração (1844-1888) | Recebidas (Eventuais e Usuais) | Enviadas (Destinatário/a /Data) | Destino |
|-------------------------------------|---------------------------------------|---|--|
| 1. Rita Sophia G. Lima | 1. não consta | 1. total = 12 enviadas 1.1 08 Barão de Caetité (1844 - 1846); 1.2 03 Baronesa (sem o ano); 1.3 01 Lima Júnior, sobrinho-neto (sem data). | 1.1. 04 de Caetité, 02 de Santa Isabel, e as demais sem local; 1.2. Sem local. 1.3. Sem local. |
| 2. Elvira B. A. Gomes (1828-1894) | 2. 07+ 24 = 31 | 2. total = 02 enviadas 2.1. 01 Caetité (20/07/1886); 2.2. 01 Bráulio [neto] (27/08/1888). | 2.1. De Santa Bárbara; 2.2. De Monte Alto. |

Fonte: APMC. AFBC. Quadro elaborado pela autora.

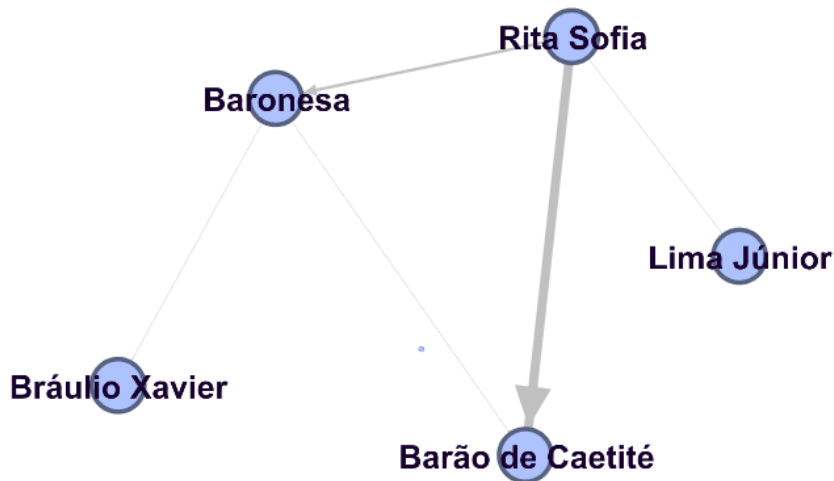
Em uma época em que às mulheres era reservada uma educação doméstica, identificá-las em funções além do cotidiano do lar é relevante para desmistificar a ideia de que havia, para todas, o cumprimento exclusivo dessa atuação familiar (esposa e mãe)¹²², prática bem enraizada no contexto regional, mas também não podemos desconsiderar esse uso da (leitura e da escrita) como mecanismo de legitimação do poder para os que utilizaram desse privilégio, inclusive mulheres, como melhoria de vida entre os pares. Algumas correspondências das mulheres trazem indícios da forma como outras mulheres comuns viviam em sérias situações de pobreza (FALCI, 2000).

Resgatar outras experiências envolvendo mulheres e discutir o modo como as realizaram, principalmente em lugares indicativos do controle da liberdade feminina e com vestígios de uma prática alicerçada em padrões patriarcais, foi necessário. Ao representarmos o volume das cartas em um gráfico de rede, conseguimos visualizar o fluxo das mesmas. No Gráfico 1, temos um recorte da rede de sociabilidade e das pessoas envolvidas, bem como aquelas que mais foram chamadas à interlocução por meio das correspondências. A Baronesa (Elvira) e sua cunhada Rita Sofia estão localizadas na parte superior do gráfico e a intensidade

¹²²Sobre o assunto, ver trabalho **História e educação feminina na Bahia na prosa poética de Mabel Velloso**, de Rita de Cássia C. Moreira (2018), publicado no livro “A Bahia na História da Educação”, organizado por Dick, S. M., Carrera, G. O. e Venas, R. F. (2018).

das correspondências enviadas é indicada pela espessura das retas. Quando necessário, estão presentes setas para indicar o destinatário das cartas.

Gráfico 1 - Fluxo das correspondências da primeira geração de mulheres



Fonte: APMC. AFBC. Gráfico elaborado por Kelly Queiroz.

Deste modo, na primeira geração, identificamos um quantitativo preservado das cartas enviadas pelas mulheres consideravelmente pequeno, em comparação com as outras gerações (doze cartas enviadas por Rita Sofia e duas por Elvira Benedita). Conforme fluxo das cartas apresentado, Rita Sofia manteve maior contato com o irmão, o Barão de Caetité (oito correspondências), no período de 1844 a 1846, e escreveu com menor intensidade para a cunhada e para o sobrinho-neto Lima Júnior. De Elvira Benedita, a Baronesa, identificamos, somente duas cartas, uma para o esposo e outra para o neto e indicam, no período de 1886 a 1888, o quanto foi articuladora familiar. Por esse demonstrativo, vemos a participação de mulheres em práticas de escrita envolvendo familiares mais próximos. A partir do ato de enviar e de receber correspondências, expressaram modos singulares de relações sociais que nos permitiram entender a complexa sociabilidade delas e, principalmente, a dos familiares com residências entre lugares da Chapada Diamantina e do Alto Sertão da Bahia.

As correspondências enviadas, principalmente, por Rita Sofia, na 1ª geração, são informativas de investimentos privados. Indicaram conquistas, entre os pares, em lugares urbanos e rurais, noticiando fatos relacionados a diferentes assuntos: família (nascimento,

casamento, falecimento, etc.); acontecimentos (doenças, mortes, etc.); educação (primeiras instituições e os estudos em capitais como a baiana, etc.).

Nessa primeira geração, as mulheres, pelo envio e recebimento de correspondências, apontaram uma comunicação entre os pares. Comunicaram planos de desenvolvimento entre eles, os estudos dos homens da família, a exemplo do Barão de Caetité, mas não se referiram aos seus próprios. Isso nos leva a pensar que aprenderam a ler e a escrever por meio de tutores particulares, experiência comum no período com poucas escolas voltadas para as meninas, quando havia a separação de gênero na escolarização (SILVA, 1999; 2006)¹²³.

O trecho de uma das cartas de Rita Sofia, escrita em Caetité para o seu irmão, o Barão, no dia 22 de outubro de 1844¹²⁴, já apresentada, neste estudo, nos apresenta uma forma de escrita fluente e o conteúdo nos informa sobre aspectos do cotidiano de um ambiente urbano em crise pelas epidemias¹²⁵:

[...] Eu e sua mana estivemos na rossa por três mezes por causa das bexigas q. tem feito nessa villa hum estrago terrível tem morrido m^{to} mais de 100 pessoas e do numero dos mortos conta-se Manoel Patrício João Albino Xico mutuca e a maior parte da pobresa q. pedia esmola tanto assim q. não se vê hum velho a pedir esmola, fosse huma subscrição e recolheu-se todos os bexiguentos em huma só casa porem nada foi bastante, faseu 22 dias q. viemos da rossa p^r ter dado lá a peste e graças a Deus tem aplacado m^s a peste aqui na villa, na rossa morrêo o Julio vaqueiro e huma negrinha, filha de Januária de bexiga a sua Julia pario huma mulatinha a qual so durou 2 meses. [...].

É possível notar o contraste social entre Rita e sua família, que possuem o refúgio na roça, enquanto assistia ao sofrimento dos mais pobres, morrendo às centenas, e da população escravizada, provavelmente de sua propriedade, igualmente sucumbindo à peste e outras doenças contagiosas. A forma como a morte de seus subordinados é relatada indica uma naturalização da mesma para eles, diferente do que parece ser para si e os seus. Assim, entendemos que os recursos econômicos e sanitários diziam respeito somente aos proprietários, não se estendendo aos subordinados.

¹²³A obra apresenta estudos sobre como funcionaram as escolas de primeiras letras e sobre as escolas relacionadas ao Decreto Imperial de 15 de outubro de 1827, tanto em vilas e municípios, quanto em locais populosos. Aborda, ainda, o ideário reformista ilustrado e educacional português, a partir da vida, pensamento e trabalho docente de quem esteve pelo exercício das funções de utilidade ao Estado português e não mais para as atividades religiosas. Para maiores esclarecimentos, ver os trabalhos: **O recôncavo baiano e suas escolas de primeiras letras (1827 - 1852)**: um estudo do cotidiano escolar e **As aulas régias da Capitania da Bahia (1759 - 1827)**: pensamento, vida e trabalho de “nobres professores”, de José Carlos de Araújo Silva (1999; 2006).

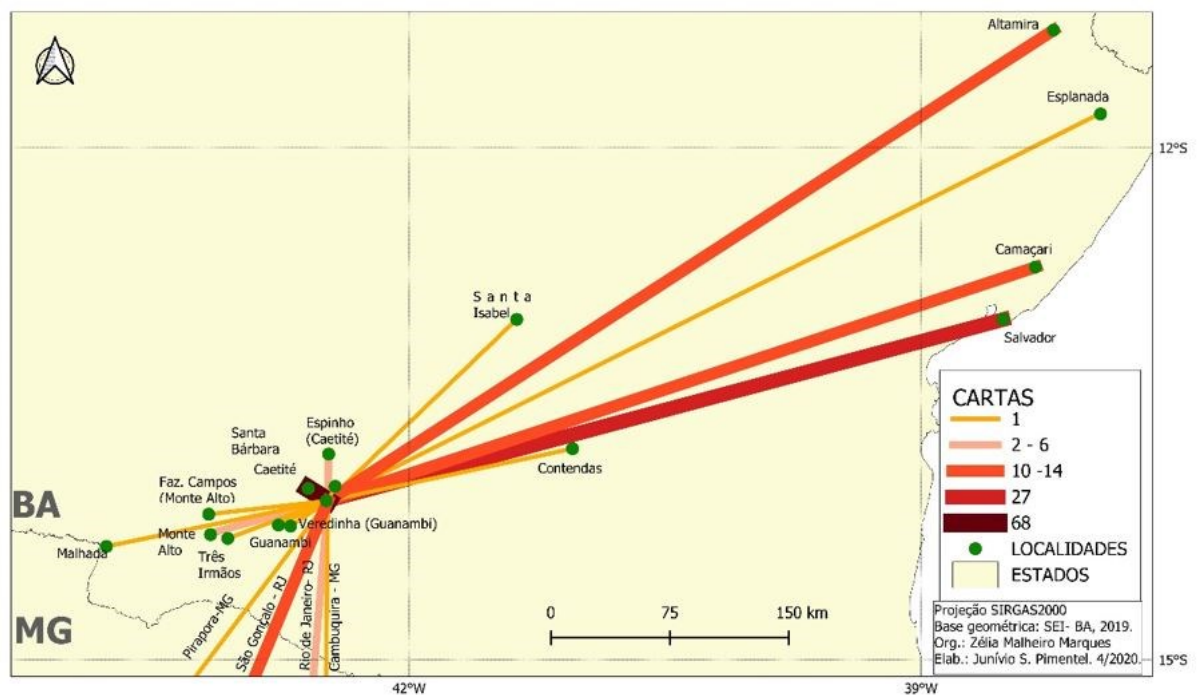
¹²⁴ APMC. AFBC. JAGN.1.35.2

¹²⁵ Sobre o assunto, ver Silveira e Marques (2011).

3.1.2 Circulação e fluxo de cartas da segunda geração (1901-1944)

O Mapa 2, a seguir, apresenta a circulação das correspondências da segunda geração de mulheres e aponta uma rede mais ampliada em relação à geração anterior. Os deslocamentos de familiares para outras localidades por motivos econômicos, políticos e educacionais e o aumento do domínio da escrita e da leitura, possibilitado pelo estabelecimento de escolas ou mesmo por uma maior aceitação e naturalização da escolarização das meninas, podem estar entre as explicações para isso. O que vemos, por fim, é o aumento da circulação das cartas para além do Alto Sertão da Bahia.

Mapa 2 - Representação das localidades envolvidas na correspondência da segunda geração de mulheres.



Fonte: APMC. AFBC. AFST. Mapa elaborado por Junívio S. Pimentel.

Neste segundo mapa, a circulação das cartas das mulheres da segunda geração representa a integração das duas famílias (Barão de Caetité e a Spínola Teixeira), constituída pelas correspondências de Maria Victória (primeira filha do Barão de Caetité), de Alice (primeira filha de Deocleciano Pires Teixeira com a primeira esposa), de Alzira (segunda filha de Deocleciano Pires Teixeira com a segunda esposa) e de Anna (terceira esposa de Deocleciano Pires Teixeira).

O casamento de Alzira Spínola Teixeira com o neto do Barão de Caetité é referência significativa nessa geração, pelo fato de configurar a integração entre as famílias. Convém ressaltar que, desde o início do período em que as cartas foram escritas, além da família do Barão, outras famílias passaram a residir em Caetité, a exemplo da Teixeira e da Spínola. Quando se mudaram para Caetité, em 1885, Deocleciano e Anna estavam casados, com filhos de dois casamentos anteriores. Esse fator foi preponderante para dar continuidade à organização de novas lideranças e de conexões, como iremos perceber pela análise do conteúdo das correspondências ao longo do estudo.

Caetité se intensificou como polo de organização de novas articulações de famílias de influência, como acompanharemos através da produção de mulheres, indicadoras de mudanças a envolver mulheres das duas famílias. Por essa integração, houve não somente o aumento de correspondências, mas também a circulação e o expressivo conteúdo.

Salvador é o principal destino dessas correspondências, especificamente, por ser a localidade escolhida para os estudos em nível secundário das novas gerações da família, o que acabou resultando na circulação das mulheres, que saíram do Alto Sertão da Bahia. Além disso, o patriarca, Deocleciano, no período de 1898 a 1900, passava temporadas na capital baiana, pelas funções políticas junto ao senado. Para o Rio de Janeiro, quem mais viajava era seu irmão Rogociano, funcionário público, um político e participante ativo da educação das sobrinhas e sobrinhos, à distância, tendo também recebido ou intercedido na ida de familiares para lá, para realizarem estudos. As demais localidades representam a ampliação dos laços com proprietários rurais e a mudança de residência em função desses novos matrimônios: Santa Isabel, Santa Bárbara (fazenda na zona rural de Caetité), Monte Alto, Salvador, Altamira, Rio de Janeiro, Pirapora, Cambuquira, Espinho, Esplanada, Malhada, São Gonçalo, Camaçari, Três Irmãos, Veredinha, Contendas. A ampliação envolve, portanto, outras regiões da Bahia e outros estados, como Minas Gerais e o Rio de Janeiro. Cabe ressaltar, também, que as localidades de destino nem sempre indicam o estabelecimento de residência, mas, algumas vezes, cartas foram escritas em determinados locais por motivo de viagem a passeio, para tratar de negócios, entre outros¹²⁶.

No que se refere ao conteúdo, notamos uma significativa mudança: o assunto não era mais restrito aos interesses familiares. Na carta enviada por meio do portador Neco Teixeira, uma produção feita em Salvador, no dia 28 de setembro de 1923, Alice escreve para a sua tia-mãe Anna, em Caetité, e possibilita verificar o entrelaçamento dos assuntos familiares e os políticos:

¹²⁶ As escritas em condições de viagem serão discutidas no capítulo 5.

[...] Oscar está se apresentando pr^a a Deputado Federal pelo que ouvi aqui, os amigos políticos lhe cortam a corda a última hora, querem somente aproveitar e abusar o nome de Papai p^a subirem de posição. A posição política que Papai assumio ahi, não é bem vista aqui, tais os homens que lhe cercam que só visam o interesse próprio, e na certeza de que a riqueza, como julgam, pode Papai, sustental-os na política, é esta a impressão causada aqui. Anísio falou-me que se Papai estivesse presente aqui, teria visto quaes os homens que só querem desfrutal-os, e mesmo a idade de Papai não permitia entrar em semelhante luta. Antes tratasse mais da saude, teria mais resultado [...].¹²⁷

No ano de 1923, parte da família Spínola Teixeira, e também do Barão, já estava com vínculo na capital baiana por vários interesses, inclusive pela busca dos estudos. Pela carta de Alice, o irmão Oscar, com atuação política, é apresentado como alguém ligado aos demais familiares residentes em Salvador, o que evidencia que discutia sobre o modo de fazer política (capital e interior), tratando o Alto Sertão da Bahia como lugar social com representações políticas em conexões e disputas.

O Quadro 4 apresenta numericamente as cartas relacionadas a esta segunda geração de mulheres.

Quadro 4 - Correspondências de mulheres da segunda geração: circulação

| Segunda Geração (1901-1944) | Recebidas (Eventuais e Usuais) | Enviadas (Destinatário/a /Data) | Destino |
|---|---------------------------------------|---|---|
| 1. Maria Victória G.A. Lima (1851-1908) | 1. 14 + 52 = 68 recebidas | 1. Total: 08 enviadas. 1.1. 02 para o pai, o Barão de Caetité (sem data); 1.2. 01 para a mãe, a Baronesa (sem data); 1.3. 01 para Rita Sofia, filha (sem data); 1.4. 01 para Sussu (sem data); 1.5. 01 para Alice (25/07/1908); 1.6. 01 para seu esposo, o governador | 1.1. 1 de Santa Isabel; 01 sem identificação do local; 1.2. Sem identificação do local; 1.3. Sem identificação do local; 1.4. Sem identificação do local; 1.5. 01 de Salvador; 1.6. Sem local; |

¹²⁷ APMC. AFST.AST.1.1.1

| | | | |
|--------------------------------------|---|--|---|
| | | Rodrigues Lima (20/11/1900); 1.7. 01 sem identificação de data. | 1.7. Sem local. |
| 2. Alzira S. Teixeira (1882-1943) | 2.1. Acervo do Barão de Caetité 34 + 87 = 121 recebidas; 2.2. Acervo Teixeira 01 + 02 = 03 recebidas. | 2. Total: 10 + 48 = 58 enviadas 2.1. Acervo do Barão de Caetité (10 enviadas) 01 para o governador, seu sogro, R. Lima; 02 para o esposo (1908-1910); 01 para Amelia (sem data); 01 para Celina, Zelinda e Elvirinha (1915); 01 Heleodoro (1940); 01 João (sem data); 01 Osvaldo (24/08/1915); 01 para um dos filhos (10/09/1914); 01 para Zelinda (sem data). | 2.1. Acervo do Barão de Caetité: 01 Sem local; 02 de Caetité; 01 Sem local; 01 de Altamira; 01 Sem local; 01 Sem local; 01 Sem local; 01 de Caetité (um dos filhos); 01 Sem local. |
| | | 2.2. Acervo Teixeira (48 enviadas) 17 para Rogociano (1916-1927); 14 para Celsina (1908- 1927); | 2.2. Acervo Teixeira: 12 de Caetité, (04 de Salvador e 01 de Espinho); 05 de Caetité, 01 Pirapora, 01 Cambuquira, 01 Espinho, 06 sem local. |

| | | | |
|---|----------------------------|---|---|
| | | <p>10 para Deocleciano (1915-1930);</p> <p>01 para Anna (05/01/1912);</p> <p>02 para Evangelina (1908-1920);</p> <p>02 para Carmem (uma sem data e a outra de 1928);</p> <p>01 para Didi (sem data);</p> <p>01 para Celso (05/08/1907).</p> | <p>04 de Caetité, 02 de Espinho, 01 de Salvador, 01 de Monte Alto (Faz. Campos) e as demais sem local;</p> <p>01 Sem local;</p> <p>01 sem local e 01 de Espinho;</p> <p>01 sem local e 01 de Caetité;</p> <p>01 Sem local;</p> <p>01 Sem local.</p> |
| 3. Alice M.S. Teixeira (1877 - data não identificada) | 3. 05 + 13 = 18 recebidas. | <p>3. Total: 163 enviadas.</p> <p>3.1. 17 para Deocleciano (1901 - 1924);</p> <p>3.2. 115 para Celsina (1904 - 1950);</p> <p>3.3. 16 para Rogociano (1918 - 1928);</p> <p>3.4. 01 para Maria Victória (17/07/1908);</p> | <p>3.1. 02 do Rio de Janeiro, 06 de Altamira, 01 de Esplanada, 04 de Salvador, 01 de Malhada e as demais sem local;</p> <p>3.2. 04 de Altamira, 02 do Rio de Janeiro, 77 de Salvador, 13 de São Gonçalo, 10 de Camaçari, 01 de Três Irmãos, 01 de Veredinha e as demais sem local;</p> <p>3.3. Todas de Salvador;</p> <p>3.4. 01 sem local;</p> |

| | | | |
|---------------------------------|--|---|---|
| | | <p>3.5. 04 para Anna (1910 - 1924);</p> <p>3.6. 01 para Alzira (07/02/1918);</p> <p>3.7. 03 para Evangelina (1904 - 1944);</p> <p>3.8. 04 para Hersília (1939 - 1944);</p> <p>3.9. 01 para Celso (1915);</p> <p>3.10. 01 para Oscar (1912).</p> | <p>3.5. Das 04 cartas: 02 de Salvador, 01 do Rio de Janeiro e 01 sem local;</p> <p>3.6. 01 sem local;</p> <p>3.7. 01 do Rio de Janeiro; 01 de Salvador; 01 sem local;</p> <p>3.8. 03 de Salvador e 01 de São Gonçalo;</p> <p>3.9. 01 de Altamira;</p> <p>3.10. 01 de Altamira.</p> |
| 4. Anna S. Teixeira (1864-1944) | 4. 27 + 235 = 262 recebidas ¹²⁸ . | <p>4. Total: 52 enviadas.</p> <p>4.1. 05 para Celso (1909 - 1910);</p> <p>4.2. 03 para Edivaldo (1926 - sem data);</p> <p>4.3. 26 para Celsina (1908 - 1917);</p> <p>4.4. 01 Crescenciana (05/04/1915);</p> <p>4.5. 04 para Deocleciano (de 1916 a 1928);</p> <p>4.6. 01 para Francisca e Ana Pinto (21/11/1923);</p> <p>4.7. 01 para Jayme (22/10/1923);</p> | <p>4.1. 04 de Caetité e 01 sem local;</p> <p>4.2. 01 de Caetité e as demais sem local;</p> <p>4.3. 19 de Caetité e as demais sem local;</p> <p>4.4. 01 de Caetité;</p> <p>4.5. 04: 01 de Monte Alto, 01 de Caetité, 01 de Contendas, 01 sem data;</p> <p>4.6. 01 sem local;</p> <p>4.7. 01 sem local;</p> |

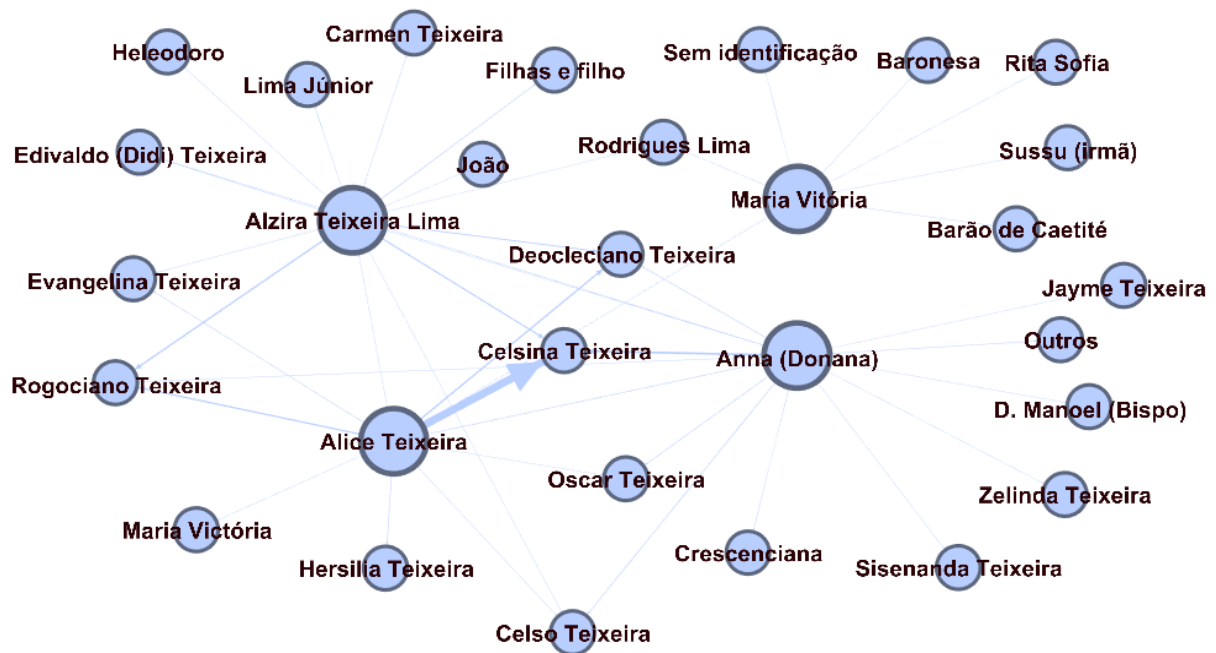
¹²⁸ Este quantitativo total não aparece no Gráfico 2, pois o maior volume estará concentrado na correspondência com a terceira geração, constituída por suas seis filhas. Desta geração, Anna recebeu cinco cartas.

| | | | |
|--|--|---|----------------------|
| | | 4.8. 01 para D. Manoel R. de Melo (23/01/1923). | 4.8. 01 sem local; |
| | | 4.9. 01 para Salles (10/01/1928); | 4.9. 01 de Caetité; |
| | | 4.10. 01 para Sisenanda (11/04/1911); | 4.10. 01 de Caetité; |
| | | 4.11. 01 para Zelinda (sem data); | 4.11. 01 sem local; |
| | | 4.12. 01 sem destinatário (27/03/1910); | 4.12. 01 de Caetité; |
| | | 4.13. 04 para Oscar (1909 - 1910); | 4.13. 04 de Caetité; |
| | | 4.14. 02 para Rogociano (1904 - 1923). | 4.14. 02 de Caetité. |

Fonte: APMC. AFBC. AFST. Quadro elaborado pela autora.

O gráfico em rede a seguir possibilita visualizar melhor o fluxo das cartas e os interlocutores privilegiados. Os quatro círculos maiores representam as quatro mulheres desta segunda geração.

Gráfico 2 - Fluxo das correspondências da segunda geração de mulheres



Fonte: APMC. AFBC. AFST. Gráfico elaborado por Kelly Queiroz.

Para entendermos o fluxo das cartas das mulheres da segunda geração, observemos o total de cartas de Maria Victoria, primeira filha do Barão de Caetité (oito cartas preservadas e, dentre elas, duas para o pai e uma para a mãe, sem identificação de data e local). Viveu em Caetité, mas tinha ligação direta com a capital, pela atuação do esposo como governador baiano e pelo estudo dos filhos. Diferente, porém, é o fluxo das cartas das mulheres da família Spínola Teixeira. A primeira filha, Alice (163 correspondências, de 1901 a 1944), escreveu com intensidade para seu pai, Deocleciano (de 1901 a 1924), e, igualmente, para o seu tio, Rogociano (de 1918 a 1928). Pela temporalidade de circulação das cartas e pelo conteúdo a ser apresentado ao longo do texto, Alice, nesse período, comunicou diversos assuntos, mas, principalmente, tratou de discutir sobre prestações de contas de sua atuação à frente da administração de fazendas e de outros afazeres, período correspondente ao seu casamento e ao início da viuvez. Seu esposo faleceu no dia 19 de abril de 1915 e, a partir daí, continuou distante de Caetité, residindo em diversos lugares (fazendas) e, por fim, na capital baiana, mas, mesmo assim, manteve comunicação intensa com a irmã Celsina (115 correspondências, desde o ano de 1904 até meados do século XX).

Alzira representa a integração das duas famílias. Tanto que apresentamos sua produção epistolar, conforme organização do APMC, pertencente ao acervo das duas famílias (dez cartas

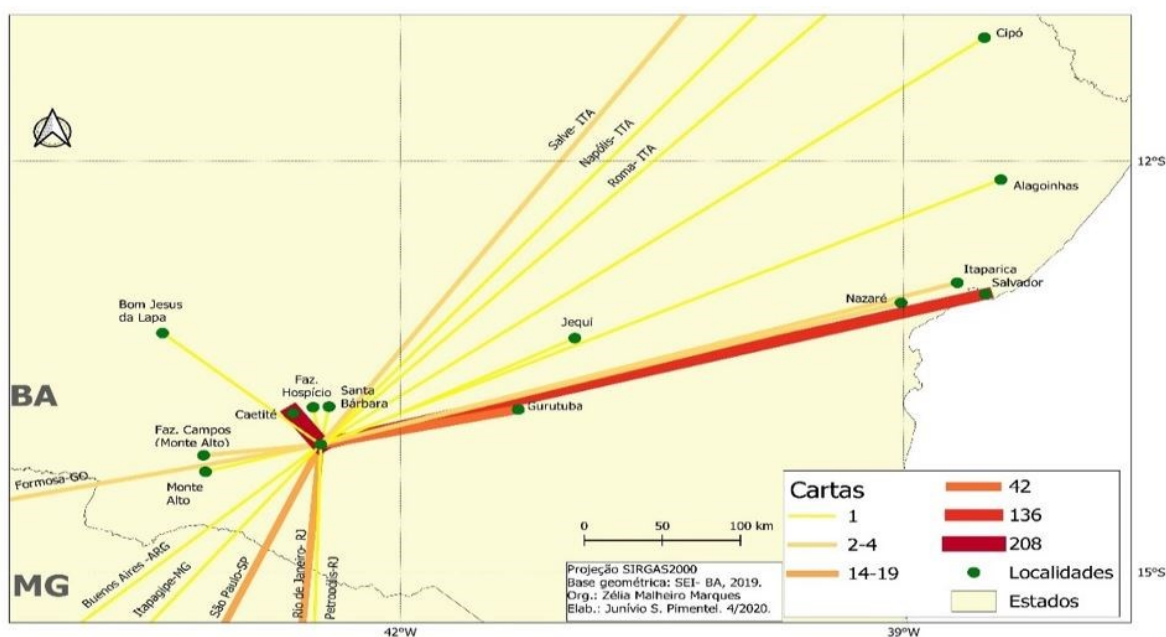
para o acervo da família do Barão de Caetité e 48 para o da família Spínola Teixeira). Sobre a intensidade da escrita, para a primeira família, destacamos a comunicação com o esposo (duas cartas de 1908 e 1910). Para o acervo da sua família natural, assim como Alice, escreveu bastante para o tio, Rogociano, (17 cartas de 1916 a 1927), para o pai, Deocleciano (dez cartas de 1915 a 1930) e para a irmã, Celsina (14 cartas de 1908 a 1927). Como residente em Caetité, as cartas enviadas com intensidade têm relação, principalmente, com informações diversas e com o agradecimento pelo apoio, inclusive, financeiro para os estudos dos filhos em Salvador. Sobre Anna, vemos que escreveu com maior intensidade para sua filha Celsina, quando esta passou a residir em Salvador (enviou-lhe 26 cartas de 1908 a 1917). Escreveu mais timidamente para os outros filhos, esposo e cunhado.

A segunda e a terceira geração se entrelaçam e as pessoas mais acionadas para a comunicação, no âmbito da família Spínola Teixeira, foram Celsina, Rogociano e Deocleciano. Celsina (terceira geração) foi destinatária para as irmãs Alzira e Alice e para a mãe, Anna, representando um suporte familiar importante. Celsina estudou em Salvador, mas sua residência de permanência foi Caetité. Talvez, por isso, noticiou sobre os familiares e sobre outros assuntos, como a política local. Outra pessoa que se destacou como destinatária de cartas foi o tio Rogociano, residente no Rio de Janeiro. Recebeu cartas das sobrinhas Alzira e Alice, e da própria cunhada, Anna, e se configurou como a figura masculina de maior procura. Sobre Deocleciano, observamos que recebeu cartas por parte das filhas Alzira e Alice. Seria um indicativo de maior intimidade? Essa situação é instigante para a busca do conteúdo das correspondências.

3.1.3 *Circulação e fluxo de cartas da terceira geração (1901-1950)*

O Mapa 3, a seguir, aponta ainda mais a ampliação dos deslocamentos no processo de circulação das correspondências da terceira geração de mulheres. Além do Alto Sertão da Bahia, de outras regiões e de outros estados brasileiros, alguns países indicam a ampliação da rede de sociabilidade das mulheres.

Mapa 3 - Representação das localidades envolvidas na correspondência da terceira geração de mulheres



Fonte: APMC. AFBC. AFST. Mapa elaborado por Junívio S. Pimentel.

As mulheres da terceira geração estabeleceram interlocuções que extrapolavam, mais ainda que a anterior, o estado e o país. As seis mulheres são filhas de Deocleciano Pires Teixeira e Anna Spínola Teixeira. Nasceram em Caetité, entre o final do século XIX e início do XX e, pela expressividade do conteúdo de suas cartas, revelaram pertencer a uma família bem estruturada, de situação economicamente confortável pelo lado de Deocleciano, tiveram o apoio familiar de tios, a exemplo de Rogociano, residente no Rio de Janeiro. Pelo lado de Anna, tiveram o apoio de suas tias, em Caetité, a exemplo de Prescilla, professora e dona de escola, conforme poderemos ver nos capítulos posteriores neste estudo.

Além da ampliação na circulação do escrito, essas mulheres atuaram profissionalmente como professoras, exercendo, ainda, funções filantrópicas e vinculadas à religião católica, tanto em Caetité quanto em Salvador. Tais frentes de atuação demonstram participação em espaços públicos, ainda que relacionados aos papéis previstos para o pertencimento social das mulheres daquele período.

A atuação como professoras e o cuidado com a educação de filhos e sobrinhos acompanha o desenvolvimento do ensino público regional, que teve Anísio Teixeira na Inspetoria Pública da educação baiana. Percebemos o interesse e o investimento dessa geração de irmãs e irmãos para o desenvolvimento da instrução pública e particular, tendo como importante marco o reestabelecimento da Escola Normal de Caetité em 1926. Apoiado por

Anísio, o estabelecimento foi frequentado por várias moças da família, onde algumas delas passaram a lecionar.

Sobre o quantitativo das correspondências das mulheres, conforme o quadro a seguir, há um aumento significativo, sendo as de Evangelina 195 cartas, as de Celsina 240, as de Hersília 371, as de Leontina 105, as de Angelina 17 e as de Carmen 82. Escreveram como estudantes e como profissionais, formando uma ampla rede de sociabilidade conforme localidades no mapa: Caetité (sede e zona rural, como as fazendas Santa Bárbara e Hospício), Monte Alto, Fazenda Campos, Gurutuba, Boa Vista, Taperinha, Cipó, Rosário, Formosa, Bom Jesus da Lapa, Nazaré, Salvador, Itaparica, Itapagipe, Pensão Santa Clara, Jequi e, entre as localidades mais distantes, Rio de Janeiro, Petrópolis, São Paulo, Buenos Aires e Roma. Em muitas cartas não havia identificação de local ou data, portanto, não puderam ser incluídas na rede de sociabilidade estabelecida por essa geração de mulheres, embora algumas tenham sido consultadas para o conhecimento do conteúdo.

Ao representar, no mapa, as localidades de circulação do escrito, para regiões como a mineira, atentar-se para a movimentação com localidades interioranas do Estado. Em outras regiões, no entanto, considerar o vínculo com a capital (a carioca e a paulista), levando-se em conta a referência às cidades do entorno, como Petrópolis. Além disso, não foram inclusas, no mapa, a cidade de Roma, embora tenha referência ao continente europeu, também, através da cidade de Nápoles.

Notamos a recorrência da preocupação com a qualidade da escrita, que aparece, no próprio texto, por meio de pedidos de desculpas por eventuais deslizes gramaticais cometidos e outras justificativas para uma possível qualidade ruim da carta. Notamos também a expressividade ampliada e o aumento do número de páginas para a escrita, que também indicou amplos posicionamentos argumentativos em comum acordo aos padrões sociais daquele momento. A carta de Celsina, enviada de Caetité para seu filho, em Salvador, no dia 1º de maio de 1926¹²⁹, é exemplo da ampliação da participação social através da proposição de práticas escolares e não escolares (recepção da Escola Normal, as manifestações populares e as propostas para organizar um “club de fast- boll”):

Querido Edivaldo

Há poucos dias te escrevi. Esta vae pelo Anísio, que aqui deixa muitas saudades, mas o dever não lhe permite passar mais tempo entre nós.

Continua o mesmo Anísio, sempre bom e amigo de todos!

A E. Normal já está funcionando e creio que vai fazer um grande bem ao Caetité, com a nova orientação do ensino. Tem perto de trezentos alunos!

¹²⁹ APMC. AFST. ETL.1.3.10

Anísio recebeu muitas manifestações do povo, dos professores, dos alunos, das diversas escolas... Hontem houve um jantar que Anísio offereceu aos professores e depois foi a manifestação das escolas reunidas.

Anísio falou respondendo ao Chico Bastos que pronunciou um discurso depois do jantar, e falou também aos meninos.

Foi uma semana de festas.

Creio que já escrevi sobre as festas da E. Normal e sobre a manifestação dos professores, quando houve baile no sobrado até 2 horas da madrugada, reinando muita alegria até o fim.

Estão tratando de organizar um club fact-ball e já vieram me propor a compra das roupas que os p^{cs} offereceram a Ass. de Caridade.

Graças a Deus, ficamos livres dos revoltosos, que constam andarem por Minas. Quantas populações incommodadas!

Hoje começa as novenas de maio. Peço a Mãe SS. Que derrame sobre ti, copiosas graças durante esse mez.

Adeus, com saudades abraça-ti carinhosamente Tua Mãe m^{to} am^a

Celsina

Luizinho está aqui e sempre me pergunta por ti, mandando lembrança, o João Cerqueira também me perguntou hontem.

No Quadro 5, a seguir, apresentamos a circulação das correspondências da terceira geração de mulheres:

Quadro 5 - Correspondências de mulheres da terceira geração: circulação

| Terceira Geração (1901-1944) | Recebidas (Eventuais e Usuais) | Enviadas (Destinatário/a /Data) | Destino |
|---|---|--|---|
| 1. Evangelina S. Teixeira (1886 - 1965) | 1. 18 + 52 = 70 recebidas. | 1. Total: 195 enviadas. 1.1. 105 para Celsina (1914 -1950); 1.2. 39 para Anna (1922 - 1943); 1.3. 01 para Lima Júnior; 1.4. 01 para Elvirinha; | 1.1. 17 de Caetité; 22 de Gurutuba; 01 de Nazaré; 01 do Rio de Janeiro; 15 de Salvador; 01 de Itaparica; 48 sem local e sem data; 1.2 23 de Gurutuba; 01 de Boa Vista; 05 de Salvador; 01 do Rio de Janeiro; 01 de Taperinha; 01 de Buenos Aires; as demais sem local; 1.3. 01 sem local; 1.4. 01 sem local; 1.5. 01 sem local; |

| | | | |
|---|--------------------|--|---|
| | | <p>1.5. 01 para Esther e Clotilde (03/01/1910);</p> <p>1.6. 01 para Nice;</p> <p>1.7. 03 para Hersília (1929 - 1943);</p> <p>1.8. 03 para Carmem (13/09/1912 e as demais sem data);</p> <p>1.9. 02 para Angelina (01 de 1926 e a outra sem data);</p> <p>1.10. 08 para Didi (1916 - 1937);</p> <p>1.11. 04 para Nelson (1922 - 1932);</p> <p>1.12. 01 sem destinatário (1924);</p> <p>1.13. 16 para Rogociano (1910 - 1929);</p> <p>1.14. 10 para Deocleciano (1921 - 1929).</p> | <p>1.6 01 sem local;</p> <p>1.7. 03 (todas sem local);</p> <p>1.8 03 (todas sem local);</p> <p>1.9. Todas sem local;</p> <p>1.10. 04 de Gurutuba; 01 de Caetité; 03 sem local;</p> <p>1.11. 02 de Gurutuba; 02 de Caetité.</p> <p>1.12. 01 sem local;</p> <p>1.13. 07 de Caetité; 06 de Gurutuba; 03 de Salvador;</p> <p>1.14. 07 de Gurutuba; 01 de Itapagipe; 01 de Salvador; 01 sem local.</p> |
| 2. Celsina Spínola Teixeira (1887 - 1979) | 2. 01 + 630 = 631. | <p>2. Total: 240 enviadas.</p> <p>2.1. 01 para Osvaldo (24/07/1921);</p> <p>2.2. 01 para Lima Júnior (1901);</p> <p>2.3. 04 para Alice (1924 - 1944);</p> <p>2.4. 10 para Evangelina (1924 - 1944);</p> | <p>2.1. 01 de Caetité;</p> <p>2.2. Sem local;</p> <p>2.3. 02 de Caetité; as demais sem local;</p> <p>2.4. 07 de Caetité e 03 sem local;</p> |

| | | |
|--|--|--|
| | <p>2.5. 15 para Hersília (1923 - 1950);</p> <p>2.6. 05 para Leontina (1940 - 1945);</p> <p>2.7. 09 Carmem (1926 - 1948);</p> <p>2.8. 01 para Angelina (26/08/1950);</p> <p>2.9. 07 para Alzira;</p> <p>2.10. 37 para Didi (de 1924 a 1937);</p> <p>2.11. 01 para José A. G. Ladeia, o Juca (15/06/1912);</p> <p>2.12. 02 para Anísio (1926 - 1946);</p> <p>2.13. 03 para Jayme (1945 - 1948);</p> <p>2.14. 04 para Nelson (1927 - 1969);</p> <p>2.15. 01 Celso (1911);</p> <p>2.16. 17 para Oscar (1916 - 1944);</p> <p>2.17. 31 para Rogociano (1908 - 1927);</p> <p>2.18. 11 para Deocleciano (1916 - 1927);</p> | <p>2.5. 10 de Caetité; 01 de Pensão Boa Vista; 01 de Cipó; e a outra sem local;</p> <p>2.6. 03 de Caetité; 02 sem local;</p> <p>2.7. 05 de Caetité; as demais sem local;</p> <p>2.8. 01 de Roma;</p> <p>2.9. 01 de Salvador, 04 sem local, 02 de Petrópolis;</p> <p>2.10. 29 de Caetité; 04 de Pensão Santa Clara e as demais sem local;</p> <p>2.11. 01 sem local;</p> <p>2.12. 02 de Caetité;</p> <p>2.13. 02 de Caetité e outra sem local;</p> <p>2.14. 02 de Caetité e 02 sem local;</p> <p>2.15. 01 de Caetité;</p> <p>2.16. 12 de Caetité; 01 da fazenda Campos e as demais sem local;</p> <p>2.17. 07 de Salvador; 01 de Monte Alto; 21 de Caetité e as demais sem local.</p> |
|--|--|--|

| | | | |
|---------------------------------------|------------------|---|---|
| | | <p>2.19. 71 sem identificação (sem data, sem local);</p> <p>2.20. 09 para Anna (1908 - 1933).</p> | <p>2.18. 01 de Caetité; 03 de Salvador e as demais sem local.</p> <p>2.19. Sem identificação;</p> <p>2.20. 03 de Salvador; 01 de Campos; 05 sem local.</p> |
| 3. Hersília S. Teixeira (1891 - 1968) | 3. 15 + 47 = 62. | <p>3.Total: 371 enviadas.</p> <p>3.1. 34 para Rogociano (1917 - 1928);</p> <p>3.2. 05 para Alzira (1924 - 1929);</p> <p>3.3. 01 para Osvaldo, sem data;</p> <p>3.4. 03 para Anna (1903 - 1905);</p> <p>3.5. 02 para Evangelina (1908);</p> <p>3.6. 01 para Pe. Luiz P. Bastos (sem data);</p> <p>3.7. 01 para Olga (sem data);</p> <p>3.8. 01 para Zinha (26/04/1908)</p> <p>3.9. 01 para Zulmira (sem data);</p> | <p>3.1. 19 de Caetité; 09 entre o Rio de Janeiro e São Paulo (Convento); 01 do Rio de Janeiro; 03 sem local; 01 de Salvador;</p> <p>3.2. 01 do Rio de Janeiro; 01 de São Paulo e 03 sem local.</p> <p>3.3. 01 de Rosário;</p> <p>3.4. 01 de Faz. Hospício; 01 Faz. Campos; 01 de Faz. Sta. Bárbara;</p> <p>3.5. 02 de Caetité;</p> <p>3.6. 01 sem local;</p> <p>3.7. 01 sem local;</p> <p>3.8. 01 sem local;</p> <p>3.9. 01 de Iapagipe;</p> <p>3.10. 02 sem local;</p> |

| | | | |
|---------------------------------------|----------------------------|---|--|
| | | <p>3.10. 02 sem destinatário (25/04/1929 e outra sem data);</p> <p>3.11. 05 para Carmem (1923 - 1925);</p> <p>3.12. 03 para Angelina (1924 - 1950);</p> <p>3.13. 01 para Celso (1925);</p> <p>3.14. 268 para Celsina (1908 - 1950):</p> <ul style="list-style-type: none"> - 06 de 1908; - 03 de 1914; - 07 de 1916; - 07 de 1918 - 1927; - 05 de 1928 - 1935; - 12 de 1937; - 12 de 1940 – 1941; - 09 de 1942; - 23 de 1943-1944; - 20 de 1945; - 12 de 1946; - 37 de 1947; - 27 de 1948; - 14 de 1949; - 25 de 1950; - 43 sem identificação (sem data). | <p>3.11. 01 do Rio de Janeiro e as demais sem local;</p> <p>3.12. 01 de Salvador; 01 do Rio de Janeiro; 01 de Nápoles;</p> <p>3.13. 01 do Rio de Janeiro;</p> <p>3.14.</p> <ul style="list-style-type: none"> - 05 de Caetité e as demais sem local - Todas de Caetité - Todas de Caetité - 02 de Caetité; 02 do Rio de Janeiro e as 03 de São Paulo; - 04 de São Paulo; 01 de Caetité; - 11 de Caetité e 01 sem local; - 12 de Caetité; - 07 de Salvador; 01 de Itaparica; 01 sem local; - 01 de Gurutuba; 20 de Salvador; 02 sem local; - 20 de Salvador; - 12 de Salvador; - 34 de Salvador; 01 de Brumado e as demais sem local; - Todas de Salvador; - Todas de Salvador; - 24 de Salvador e 01 sem local; - Sem local. |
| 4. Leontina S. Teixeira (1896 - 1978) | 4. 05 + 00 = 05 recebidas. | <p>4. Total: 105 enviadas.</p> <p>4.1. 18 para Rogociano (1919 - 1928);</p> | <p>4.1. 18 todas de Salvador;</p> |

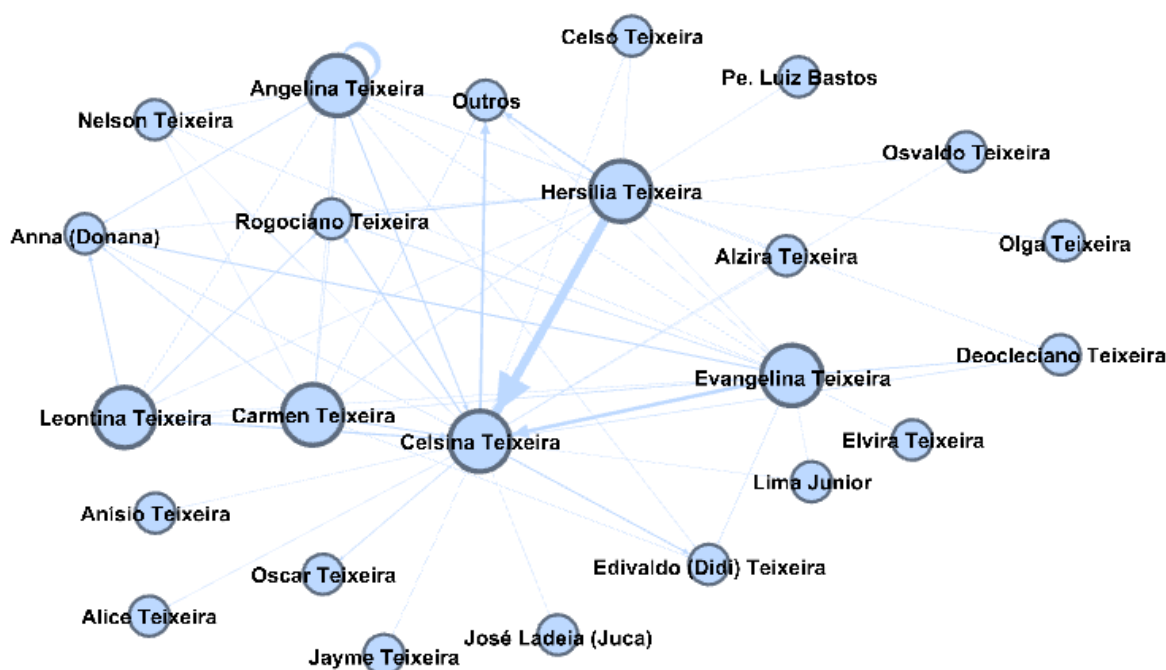
| | | | |
|--|----------------------------|--|---|
| | | <p>4.2. 30 para Anna (1918 - 1943);</p> <p>4.3. 04 para Evangelina (1917 - 1921);</p> <p>4.4. 03 para Hersília (1932 - 1934);</p> <p>4.5. 04 para Carmem (1919 - 1923);</p> <p>4.6. 03 para Angelina (1925 - 1943);</p> <p>4.7. 43 para Celsina (1908 - 1950).</p> | <p>4.2. 26 de Salvador; 01 de Jequi; 01 do Rio de Janeiro; 01 Bom Jesus da Lapa; 01 sem local;</p> <p>4.3. 03 de Salvador; 01 de Nazaré;</p> <p>4.4. 01 de Salvador; 02 sem local;</p> <p>4.5. 02 de Salvador; 02 sem local;</p> <p>4.6. 02 de Salvador; 01 sem local;</p> <p>4.7. 01 de Caetité; 10 sem local; 01 de Petrópolis; 28 de Salvador; 01 de Itaparica; 02 de Formosa.</p> |
| 5. Angelina S. S. Teixeira (1905-1982) | 5. 03 + 17 = 20 recebidas. | <p>5. Total: 17 enviadas.</p> <p>5.1. 02 para Anna (1927);</p> <p>5.2. 02 para Hersília (1943);</p> <p>5.3. 01 para Carmen (sem data);</p> <p>5.4. 01 para Didi (sem data);</p> <p>5.5. 02 sem destinatário.</p> <p>5.6. 09 para Celsina (1927 - 1972).</p> | <p>5.1. 01 de Alagoinhas; 01 de Salvador;</p> <p>5.2. 02 sem local;</p> <p>5.3. 01 sem local;</p> <p>5.4. 01 sem local;</p> <p>5.5. 02 sem local;</p> <p>5.6. 02 de Salvador; 05 sem local; 01 de Roma e 01 de Itaparica.</p> |
| 6. Carmen S. Teixeira (1909 -2002) | 6. 10 + 30 = 40 recebidas. | <p>6. Total: 82 enviadas.</p> <p>6.1. 03 para Deocleciano (01 de</p> | <p>6.1. 03 de Salvador;</p> |

| | | | |
|--|--|---|---|
| | | 1925 e as outras sem data); | |
| | | 6.2. 08 Rogociano (1920 - 1927); | 6.2. 03 de Caetité e 05 de Salvador; |
| | | 6.3. 16 para Anna (1925 - 1943); | 6.3. 12 de Salvador e as demais sem local; |
| | | 6.4. 01 para Evangelina (05/01/1932); | 6.4. 01 do Rio de Janeiro; |
| | | 6.5. 06 para Hersília (1932 - 1936); | 6.5. 01 de Caetité; 01 do Rio de Janeiro e as demais sem local; |
| | | 6.6. 32 para Celsina (1924 - 1950); | 6.6. 13 de Salvador; 19 sem local; |
| | | 6.7. 01 para Angela (sem data); | 6.7. 01 sem local; |
| | | 6.8. 01 para Joaquina (12/05/1942); | 6.8. 01 sem local; |
| | | 6.9. 04 sem destinatário; | 6.9. 04 sem local; |
| | | 6.10. 03 para Angelina (1927); | 6.10. 01 de Largo do Machado; 01 de Salvador e 01 sem local; |
| | | 6.11. 04 para Edivaldo, o Didi (01 de 1933 e as demais sem data); | 6.11. 04 sem local; |
| | | 6.12. 03 para Nelson (1969 - 1978). | 6.12. 02 sem local e 01 de Salvador. |

Fonte: APMC. AFBC. AFST. Quadro elaborado pela autora.

Para entendermos o fluxo das correspondências das mulheres da terceira geração, apresentamos a seguir o demonstrativo de quais pessoas foram, nesse processo de envio e de recebimento das cartas, as mais envolvidas. As seis mulheres estão representadas com círculo maior que as demais correspondentes.

Gráfico 3 - Fluxo das correspondências da terceira geração de mulheres



Fonte: APMC. AFBC. AFST. Gráfico elaborado por Kelly Queiroz.

Podemos ver que entre as escritoras mais ativas está Hersília e entre os destinatários mais procurados estão sua irmã Celsina e o seu tio Rogociano. Para as três últimas mulheres, observamos diminuição do envio de cartas. Delas, a quarta filha, Leontina, foi a que mais enviou, pois ficou, após estudos e casamento, residindo em Salvador. Enviou 105 correspondências, sendo 18 no período de 1919 a 1928 para o tio, Rogociano; 30 de 1918 a 1943 para a mãe, Anna; 43 de 1908 a 1950 para a irmã, Celsina. Em seguida, a quinta filha, Angelina, enviou 17 correspondências. Dessas, nove cartas no período de 1927 a 1972 para a irmã, Celsina. Por fim, a sexta filha, a caçula, Carmen, enviou 82 cartas. Dessas, oito no período de 1920 a 1927 para o tio, Rogociano; 16 de 1925 a 1943 para a mãe, Anna, e 32 de 1924 a 1950 para a irmã, Celsina. Na terceira geração, portanto, vemos uma significativa ampliação da rede de sociabilidade entre os pares da família Spínola Teixeira com residências fixas entre lugares como o Alto Sertão da Bahia, Salvador e o Rio de Janeiro. Embora em lugares diferentes, notamos a circulação das cartas em menor quantidade para as filhas caçulas, questão a ser explicada possivelmente pela ampliação de novas formas de comunicação, como o telefone.

Sobre as pessoas mais acionadas para a comunicação, ganha destaque Celsina. Ela recebeu uma grande quantidade de cartas de todas as irmãs. Um fator para essa explicação está

no fato de residir em Caetité e as demais em Salvador ou em outros lugares. Essa constatação nos leva à outra – a de que a mãe delas, Anna, também residente em Caetité, recebeu cartas somente das filhas Evangelina, Leontina e Carmen. Outra pessoa bem procurada para a comunicação foi o tio Rogociano, residente no Rio de Janeiro, que recebeu cartas das sobrinhas Evangelina, Celsina, Hersília, Leontina e Carmen. Já o pai delas, Deocleciano, recebeu cartas somente das filhas Evangelina e Celsina.

As correspondências falam sobre o apoio educacional dado pelo tio Rogociano aos sobrinhos e sobrinhas. Mais do que respostas, essas distintas formas de circulação e fluxo das cartas servem como motivações para o entendimento da complexa rede de sociabilidade estabelecida. Tirá-las da invisibilidade é analisar seus modos de participação nas culturas do escrito para serem lidas e interpretadas na perspectiva da educação que, nos cem anos que esta pesquisa abrange, no Brasil foi alvo de um intenso debate que almejava o desenvolvimento da instrução pública, tendo a participação de um dos seus irmãos, Anísio Teixeira. Ele, que a partir da década de 1920 conheceu e se apropriou das ideias de John Dewey, durante sua formação no exterior (Europa e, principalmente, nos Estados Unidos), ao retornar ao Brasil, ocupou cargos políticos e liderou, juntamente com outros, a causa pela implantação da escola pública no Brasil: “[...] Os moldes antigos eram resistentes e todo século XIX foi uma luta por técnicas e processos novos, que permitissem a plena realização das ideias escolares da democracia [...]” (TEIXEIRA, 2007, p. 45)¹³⁰.

Em meio aos ideais novos de educação (escolar e não escolar), encontram-se indícios da atuação de algumas das mulheres analisadas pelo estudo (em Caetité e em Salvador) em instâncias educacionais. Neste trabalho, no último capítulo, apresentaremos parte dessa atuação, em parceria com o irmão Anísio, o que lhes renderam dissabores. Devotas do catolicismo e envolvidas com a religiosidade, ao buscarem envolver-se com a causa educacional pública, sofreram críticas e perseguições por parte do poder conservador e “[...] a capacidade individual para fins sociais cada vez mais amplos, mais livres e mais frutíferos. Só um regime democrático poderia realizar tal tarefa”. (NUNES, 2000. p. 34). Construir democracia em um país de sólidas práticas autoritárias e desiguais não era tarefa fácil; era uma necessidade urgente, mas as intempéries eram intensas, conforme estudos de Nunes (2000)¹³¹.

¹³⁰Sobre o tema, ver o livro **Educação não é privilégio** (2007), de Anísio Teixeira, uma das muitas obras do autor a indicar a discussão da importância da escola para todos e a ensinar, não somente a leitura e a escrita, mas a cidadania pela participação social. A obra tem a edição e comentários feitos por Marisa Cassim e faz parte de uma coleção organizada por Clarice Nunes.

¹³¹Sobre o tema, ver **O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova**. Trata-se de uma produção organizada por 26 educadores (Fernando de Azevedo, Afrânio Peixoto, A. de Sampaio Dória, Anísio Spínola Teixeira; M.B Loureço Filho, Rouette-Pinto; J.G. Frota Pessoa, Júlio de Mesquita Filho, Raul Briguet, Mário C. D. de Carvalho,

As práticas leitoras e de escrita das mulheres da terceira geração indicam a atuação na docência local e na capital baiana. Esse novo movimento indicou “ruptura” com as lições preestabelecidas e de controle, com o pensamento crítico e inventivo, se compararmos com o modo como as demais gerações agiram em relação à leitura e à escrita. Do uso dessas práticas para fins privados, observamos a mudança do uso público, tanto no Alto Sertão da Bahia quanto em outros lugares, a exemplo de Salvador, e essa mudança não ocorreu somente no plano da atuação profissional. Um bom exemplo que indica mudança, está em Hersília, com o propósito de seguir carreira religiosa. Sua decisão lhe exigiu sair de Caetité para o Rio de Janeiro e para São Paulo. Para quem pertenceu a uma família que realizava viagens e deslocamentos, certamente esse não era o fator mais complicado. Romper com a tradição familiar da época, dos casamentos vantajosos foi, para ela, uma escolha tranquila?

Hersília conseguiu realizar a experiência religiosa em conventos entre o Rio de Janeiro e São Paulo, assinou suas cartas com o nome (Sor Maria de Nossa Senhora da Purificação) e sua escrita, neste período, expressou entusiasmo pela escolha feita, tanto que optou pelos votos perpétuos, mas não a permitiram. Família e religião empenharam-se e conseguiram impedi-la, alegando problemas de saúde com aval do médico familiar. Conforme carta¹³² escrita em Caetité, no dia 24 de maio de 1923, cuja autoria é atribuída a Anna (solicitou, no entanto, que outra pessoa escrevesse por se sentir, no momento, incapaz devido a problemas nos olhos) é dirigida a Rogociano, no Rio de Janeiro:

Rogociano

Desejo-lhe muita saúde e felicidade.

Todos de casa passam regularmente. Juca é que há 15 dias tem soffrido muitos ataques e está sem movimento, recceiamos ele não se levantar mais, que seja começo da paralyssia geral. Tem sido um verdadeiro martyrio para Celsina, cotada! Que soffre tudo com resignação e paciencia.

Esta vae por Chico Pires e Evangelina que seguem para ahi a fim de levar Tulinha que insiste em querer ser feira, mesmo contra a minha vontade. Não attende conselho de pessoa alguma, está nesta mania de entrar para o convento, achando que só assim poderá servir a Deus. Esta resolução d’ella muito tem me contrariado e entrestecido. Sei que ella não supotta a vida do convento porque é de organização fraca e já soffreu incommodos nervosos como você assistiu aqui. Há tempos ella falou com a Superiora do collegio d’aqui que desejava ser freira, esta exigiu um attestado médico que Dr.

A. Ferreira de A. Júnior, J.P. F. R. Lopes de Barros, Moemi M. da Silveira, Hermes Lima, Atilio Vivacqua, Francisco Venâncio Filho, Paulo Maranhão, Cecília Meireles, Edgar. S. De Mendonça, Armanda A. Alberto, Garcia de Rezende, Nóbrega da Cunha, Pascoal Lemme e Raul Gomes), que, em 1932, em discussão sobre a reconstrução educacional, no Brasil, fizeram circular o manifesto com perspectivas de oferecer diretrizes para uma política de educação direcionada ao povo e ao governo. O manifesto está apoiado em duas forças que se completam: as ideias e a irradiação dos fatos. Dentre muitos fatores, aborda os 43 anos de regime republicano e denuncia a falta total de uma cultura universitária e reflete sobre a formação meramente literária de como o Brasil vinha conduzindo a cultura. Indica, também, o papel do educador como filósofo da educação a pensar meios e fins para o espírito científico.

¹³²APMC. AFST. RPT.1.10.2.

Venancio deu e ela mandou para o convento d'ahi, onde disseram que se ella soffria a molestia que dava o attestado não poderia ser freira.
 A unica esperança que me resta é o convento não acceital-a.
 Fazendo muito tempo que Tilinha mandou o attestado, resolvi pedir um novo ao Dr. Venancio para você ou Chico Pires apresentar a superiora antes d'ella entrar. Peço-lhe fazer-me este favor que ficarei muito grata.
 Continuo doente dos olhos, pelo que não pude escrever esta, do que peço desculpas.
 Aceite saudades de todos.
 Angelina e Carmem pedem a benção.
 Devido a febre amarela na Bahia Carmem não pode ir este anno para o collegio.
 Abraça-lhe a
 Cunhada Cm^c am^a m^{to} grata
 Anna

É evidente a contrariedade da Anna, mãe de Hersília (Tilinha), pela sua escolha vocacional. Seu aborrecimento e tristeza a levam a impedir a filha de ser freira. Havia, naquele tempo, lugares definidos para as mulheres, havia padrões sociais a serem seguidos. Em meio ao poder, resignar-se certamente foi mais conveniente a Hersília. Voltou para a família, a qual insistia para que casasse. Resistiu e continuou com práticas educacionais escolares, comunitárias e filantrópicas – certamente, uma Hersília em adaptação aos padrões exigidos por uma sociedade patriarcal.

Para outras mulheres da geração, importantes mudanças foram identificadas, em meio a um processo de negociação com a conveniência social. Era importante, pois, a convivência com os idealistas por uma nova educação a favorecerem reflexões e transformação social. Desse período, os registros permitem problematizar sobre a inexistência de democracia no país, como vemos por parte de quem se filiou ao debate promovido por Anísio Teixeira. Para os adversários, conforme discute Nunes (2000), a ideia era a desqualificação das iniciativas de adesão às propostas da Escola Nova¹³³. Se Anísio enfrentou dissabores (familiares e sociais), o que poderemos dizer sobre as mulheres?

Com categorias estabelecidas, identificamos dados sobre o exercício da leitura e da escrita envolvendo mulheres que expressaram assuntos pessoais e sociais, exigindo-nos interpretá-los a partir do que poderíamos chamar de “não dito”. Deste modo, o fluxo das cartas, além de dar uma ideia sobre com quais pessoas as mulheres se comunicavam com mais

¹³³Sobre o tema, importante ver livro **Democracia e Educação**, de John Dewey (1916). Trata-se de uma publicação do ano de 1916. Esta obra de Dewey marcou a filosofia e a educação do século XX. Constitui um tratado de pedagogia, psicologia, filosofia e ciências sociais em discussão sobre a renovação educacional referente ao movimento Escola Nova, Escola Ativa e Escola Progressista, desencadeado no século XIX por Georg Kerschensteiner (1854 - 1932), também a Escola do Trabalho, aprimorado, no século XX por Wenry Wallon (1879 - 1962) e por Jean Piaget (1896 - 1980). Democracia e Educação trazem, em seu cerne, a importante discussão sobre a não existência de uma sociedade pautada, verdadeiramente, na democracia. No Brasil, a obra foi editada pela Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1936.

frequência, vimos a necessidade de caracterizar as finalidades dessa escrita, desnaturalizando a ideia de que as cartas são um gênero homogêneo, simples, ou que serviam somente para informar.

3.2 Cartas de mulheres e os modelos epistolares

Após visualizarmos os percursos das cartas em relação ao espaço geográfico e aos interlocutores predominantes, coube, neste momento da tese, fazer uma apresentação, ainda que panorâmica, dos conteúdos das cartas. Afinal, qual ou quais eram os propósitos dessas trocas? Para isso, tomando o texto carta como “gênero”, buscamos tipificar as diversas intencionalidades percebidas¹³⁴ e o entrelaçamento com outros gêneros textuais, realizando a análise do conteúdo dos temas diversos, segundo Bardin (2006).

Bakhtin (1979, p. 279), que, pela primeira vez, traz a denominação “gênero discursivo”, o define por “[...] tipos relativamente estáveis de enunciados”¹³⁵. Todavia, a leitura do conteúdo das cartas, não nos apontou para uma “estabilidade do discurso”, apenas indicou, do ponto de vista estrutural, ser escrita epistolar, pela padronização: “[...] uma carta ainda é uma carta, mesmo que a autora tenha esquecido de assinar o nome no final e só tenha dito no início [...]” (MARCUSCHI, 2010, p. 31). Diante de “cartas”, um gênero textual, conforme Marcuschi (2010), foi possível estabelecer outros gêneros, pela integração com as práticas sociais e históricas: “[...] eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos” (MARCUSCHI, 2010, p. 19). Pelo conceito de gênero, segundo Marcuschi (2010), pôde-se identificar, nos textos epistolares das mulheres, diferentes funções, motivações, desdobramentos de linguagens e a interlocução com novos gêneros.

Ribeiro (2012), em seu estudo sobre algumas das mulheres da família Spínola Teixeira, caracterizou-as como autoras interessadas por temas diversos, a exemplo da política, da religião

¹³⁴Filósofos da Grécia Antiga, como Platão e Aristóteles, iniciaram estudos para o entendimento do ato de narrar fatos, explorar o fictício e o imaginário, como apontam Goulart e Silva (1994), ao refletirem sobre a palavra gênero, que se origina do latim: “*generu*” e significa: “[...] família, raça, ou seja, agrupamentos de indivíduos ou seres que têm características comuns” (GOULART e SILVA, 1994, p. 27). Os autores apresentam, conforme Platão, a classificação das obras literárias em três gêneros (a tragédia e a comédia, ou seja, o teatro; o ditirambo ou poesia lírica e a poesia épica). Dizem, ainda, que Aristóteles, na Poética, classifica os gêneros em lírico, épico e dramático.

¹³⁵ “[...] nas diversas esferas de circulação, a utilização da língua se efetua em forma de enunciados” (BAKHTIN, 1979, p. 279). Para este autor, as condições e finalidades de cada um dos setores estarão como possibilidade para a identificação dos vários gêneros discursivos que se modificam e se ampliam a cada novo contexto de circulação. Nessa concepção bakhtiniana, a produção da linguagem é sinal de novos discursos, efetivando-se aos interlocutores sociais e às esferas de circulação social dos discursos, sejam orais ou escritos, favorecendo novos gêneros, conforme a situação histórico-social.

e da filantropia. Apresentou algumas delas, como Celsina e Anna, em atuação à frente de fazendas. Essa discussão as coloca em situação de engajamento social e de participação na cultura escrita, para fins de apoio aos familiares, cuja motivação estavam os interesses pelo desenvolvimento social e econômico.

De fato, as correspondências evidenciaram uma escrita justificada pela utilidade de quem precisou enviar informações aos pares e prestar contas dos diversos afazeres pelo desenvolvimento econômico e cultural. Donas de textos curtos (uma página) e de textos longos (cinco até nove folhas), principalmente, as mulheres da família Spínola Teixeira apresentaram as tais motivações utilitárias. Ao separarmos por gerações, no entanto, as correspondências revelaram, também, o uso da leitura e da escrita pelo entretenimento e prazer. Assim sendo, pela utilidade, mas não somente por ela, a escrita revela a participação do escrito em contribuição ao desenvolvimento educacional (lugares escolares e não escolares) em diversidade de interesses.

Para ilustrar a discussão, a escrita de cartas pelo uso de trechos narrativos e descritivos, pelo uso de figuras de linguagens e com funções além de informar, constituíram referências do texto epistolar pelo viés da criatividade autoral, muitas vezes, a insinuar a ação inventiva e, pelos detalhes da linguagem, a propiciar, à produção epistolar, um novo significado, sem perder de vista o seu processo comunicativo: um remetente que acionou seu (sua) destinatário (a) para receber a carta e, como uma necessidade humana, o texto para envolvê-los e para integrar outras pessoas. Nessas circunstâncias, modos diferentes de produzir uma carta e utilizá-la como possibilidade de comunicação foram identificados não somente como veículo a enviar e receber notícias, como iremos acompanhar em exemplos de correspondências das mulheres neste estudo.

A leitura sequenciada do conjunto do acervo permite construir aspectos da rotina das diversas famílias: o cotidiano, as aspirações, problemas enfrentados, desafios. A partir dessa percepção, pretendíamos, inicialmente, identificar “subgêneros” nesse conjunto de cartas, com o objetivo de visualizarmos as principais características dessa escrita. Entretanto, enfrentamos dificuldades em construirmos categorias que possibilitassem essa visualização devido à enorme variabilidade dos assuntos numa mesma carta. Uma carta podia, ao mesmo tempo, informar sobre a família, tratar de negócios e anunciar planejamentos. Dessa forma, numa tarefa não muito fácil, nem tão segura ou objetiva, buscamos organizar as cartas a partir do que consideramos ser a sua **intencionalidade** ou **função**. Como se pode imaginar, uma carta, algumas vezes, apresenta várias funções, mas buscamos considerar a principal ou a

predominante. Assim, podemos apresentar esse conjunto de cartas a partir das **funções**: informativa, compartilhamento, poética e contemplativa e persuasiva.

3.2.1 *Informativa: “Celina está tomando curso de pintura e de francês”*

A função informativa predominava no conjunto das cartas analisadas. Percebemos que se manter informados era uma forma de diminuir a distância entre os diversos membros da família que se encontravam dispersos pelo extenso território provincial/estadual e nacional. Os principais ingredientes dessas informações eram: o estado de saúde de si e de outros; a chegada após longa viagem (e, algumas vezes, detalhes do percurso); a situação política local, nacional e, algumas vezes, a internacional; o desempenho escolar de filhos e de sobrinhos; a situação dos negócios (plantação, gado, empregos); questões educativas (abertura ou fechamento de escolas, a conduta no cotidiano escolar, os professores, alunos e outros).

As produções das mulheres, principalmente as da segunda e da terceira geração, revelaram informações detalhadas sobre o cotidiano de suas vidas. Ao refletirmos sobre essa função da linguagem, trazemos a discussão do linguista Roman Jakobson¹³⁶ que indica a função referencial como denominação de intencionalidades contidas em textos, a exemplo das correspondências das três gerações de mulheres, em cujo uso está essa preferência para informar. Para a primeira geração de mulheres, no entanto, uma maior intencionalidade foi percebida nos fins utilitários e exclusivos aos interesses familiares. Em relação às demais, além da informação privada e familiar havia, também, outras intencionalidades, a exemplo do aconselhamento para prestar conta de trabalhos realizados; de anunciar estratégias políticas; de solicitar pagamento de títulos a vencer; de se queixar das dificuldades, como a falta de infraestrutura de lugares onde se encontravam ou para registros de preços altos; de informar sobre participação ou não em festividades familiares (casamentos e afins); de comunicar o envio de instrumentos de leitura, de escrita e de diversas encomendas; de informar sobre assuntos lidos em impressos; de falar sobre estado de saúde de familiares e de amigos; de criticar a falta de visão de pessoas influentes à frente de cargos importantes, dentre muitas intenções.

Como exemplo dessa demanda informativa na primeira geração de mulheres, a carta de Elvira para o seu esposo, o Barão de Caetité, uma escrita feita na fazenda Santa Bárbara, zona rural de Caetité, no dia 20 de julho de 1886, constituiu uma resposta ao seu esposo e informes sobre familiares:

¹³⁶De acordo com Proença Filho (1995), o linguista referido aponta seis funções da linguagem (denotativa ou referencial, expressiva ou emotiva, conativa ou apelativa, a fática, a metalinguística e a poética).

Gomes

Recebi sua carta de 15 deste fiquei m^{to} incommodada de saber q Braulio tem soffrido mais do reumatismo. Deus queira q já esteje bom, que esta lhe axe conservado nos vamos passando como de costume. Receba a bênção de suas filhas e netas.

L^{cas} de todos e m^{tas} saudades de

S Mulher am^{te}

Elvira¹³⁷

A autora da carta, de forma objetiva, diz sobre suas preocupações com a doença de Bráulio (neto ou sobrinho, os dois tinham o mesmo nome, mudando somente o sobrenome). Manifestou, também, o desejo da recuperação da saúde de Bráulio e pediu a intercessão divina pela melhoria dele. Solicitou ao esposo as bênçãos para as filhas e netas, além de enviar lembranças de todos com indicação de saudades. Pela escrita breve (escrita-bilhete) indicou pertencimento familiar e a fé cristã. Na centralização desse poder, encontra-se o esposo, o Barão, atuando no cargo público em Caetité e a esposa, Elvira, à frente das ações da fazenda.

No momento em que fomos comparando esse tipo de produção com outras de muitas mulheres nas demais gerações, diferenças significativas foram sendo percebidas. Nas demais gerações (segunda e terceira), além de longas cartas, as mulheres expressaram, em um mesmo texto, vários assuntos e evidenciaram, de forma clara, o uso da leitura e da escrita no cotidiano delas, demonstrando experiências adquiridas em lugares onde estiveram. Nesse sentido, o uso da leitura e da escrita para essas mulheres tornou-se uma utilidade, uma forma de se informar sobre acontecimentos conhecidos pela leitura de impressos. Muitas vezes, mesmo estando bem próximas do lugar onde se realizou o que informaram, o registro indica a apresentação do fato pela leitura e não pela participação direta ao local da ocorrência. Um exemplo está no trecho da carta de Alzira que foi escrita de Salvador para o tio Rogociano, no Rio de Janeiro, no dia 11 de outubro de 1922:

[...] Estamos vendo se conseguimos Celina ser nomeada adjunta em Caetité, lugar que Beatriz R. Lima deixou. Elvirinha estava estudando para vê se conseguia fazer concurso p^a telegrapho, sendo porem o concurso no meio do anno vindouro, não sei se poderá vir.

Pelas notícias e fotografias de revistas, as festas teem sido esplendidas [...] ¹³⁸

A carta de Alzira, escrita em Salvador, registra informações de interesse familiar, fala sobre nomeação e concursos, uma articulação para as filhas (Celina e Elvirinha) e a indicação de retorno, ao Alto Sertão da Bahia, em atuação a cargos públicos. Também aborda festas, a

¹³⁷ APMC. AFBC. JAGN.2.20

¹³⁸ APMC. AFST. RPT.1.6.11

partir do que acompanhou por intermédio da leitura (fotografias e revistas). O ano de 1922, no Brasil, foi um período de movimentação social em função das comemorações ao Centenário da Independência do Brasil. Em Caetité, tem-se a inauguração do Teatro Centenário de Caetité, episódio identificado em impressos do lugar, a exemplo do jornal *A Penna* e por outras articulações culturais¹³⁹. Em associação, estão as práticas leitoras e o discurso pela defesa da liberdade política e econômica¹⁴⁰ em informação pelo lido e não pelo vivenciado. Outras correspondências das mulheres indicam essa participação nos acontecimentos a partir do que leram nos impressos – por quê? Era preferência ou falta de liberdade de ir e vir?

A discussão sobre a não liberdade pelo ato de ler e de escrever esteve, quase sempre, em adequação ao cumprimento aos padrões sociais do momento em reafirmação de sua condição de privilégio pelo uso da leitura e da escrita. Por outro lado, sendo a leitura e a escrita propiciadoras de criação e de invenção, em meio a uma vasta produção epistolar, das diversas autoras, algumas indicaram outras finalidades e evidenciaram a possibilidade de preenchimento dos momentos de incompletude em diálogo com a leitura e com a escrita.

Consideramos, pois, as diferenças entre as gerações do ponto de vista pessoal e, também, pelo que se dá a partir das transformações ocorridas, no cenário social, do qual encontra-se a primeira geração centrada nas fazendas com atividades de agricultura e pecuária. Para a segunda e terceira gerações, no entanto, novas buscas em envolvimento das práticas urbanas, inclusive de grandes centros. Para isso, um diálogo em complexidade maior, exigindo discussões em consideração das muitas pessoas, lugares, assuntos e o modo diverso de abordagem das relações sociais.

3.2.2 *Compartilhamento: “As taes novelas do rádio, é uma verdadeira escola de perdição [...]”*

Com essa discussão sobre o ato de ler e de escrever não somente para informar, chegamos a outras funções das cartas, como forma de compartilhar experiências ou impressões sobre acontecimentos. Pelas correspondências de mulheres na segunda e na terceira geração,

¹³⁹ Neves (1986, p. 27), sobre a existência de teatro em Caetité, relata iniciativas para sua construção desde o tempo do Império e, em relação, aos espetáculos do Teatro Centenário, diz: “Um bom espetáculo constava de um drama em três atos e mais uma comédia, em um ato. Com certa frequência sucediam-se peças tais como o ‘Calvário do Amor’, ‘Os Dois Sargentos’, ‘Gilberto o Marinheiro Honrado’, ‘O Designado’, [...]”.

¹⁴⁰ Sobre o tema, ver livro **(Neo) Liberalismo?** Uma introdução, do autor Joel Pimentel de Ulhôa. Trata-se uma coletânea de artigos publicados pelo diário de Goiânia *O Popular* (1999). Em meio às discussões, a ideia de novo mundo de igualdade para produzir e para vender seus produtos, enriquecimento com seu trabalho e o capitalismo a justificar uma realidade contraditória.

especificidades de conteúdo podem ser identificadas. Uma delas é o compartilhamento de experiências. A título de exemplo, na carta, escrita de Salvador, no dia 07 de dezembro de 1950¹⁴¹, Alice explica a Celsina sobre matéria vista no jornal *A Tarde*, que trouxe o destaque de um remédio. Considerou-o importante e, confiando no anúncio do impresso lido em Salvador por intermédio do Senhor José Silveira, o fez chegar a Caetité, para a irmã Celsina. Alice, além de compartilhar o saber, a partir da leitura realizada, compartilhou com a irmã o produto adquirido, na perspectiva de apoiá-la, pois seu filho Edivaldo estava com problemas de saúde.

Na carta escrita de Caetité no dia 23 de outubro de 1917¹⁴², Anna informa a filha, Celsina, em Salvador, sobre doença infecciosa daquele momento: “[...] Aqui tem aparecido a influenza. Deocleciano esteve 5 dias de cama levantou-se hontem [...]”¹⁴³. Na mesma carta, ao se referir a situações cotidianas, compartilhou um contentamento materno pelas melhorias escolares demonstradas pelo filho, Jayme. Fez questão de lembrar o aniversário dele e sentiu-se à vontade para exercer poder: “Estimei muito Jayme ter melhorado está estudando para fazer bons exames. Hontem elle completou 16 annos ainda está muito cedo para cuidar em namoro [...]”. A objetividade de Anna para com os propósitos dos filhos se evidencia pela sua escrita e se manteve, como compartilhamento, através do seu interesse materno pelo progresso dos filhos, nos estudos, a exemplo do que compartilhou sobre melhorias escolares de Jayme, na capital baiana.

Na carta, datada de 20 de julho de 1947, Hersília, além de informar sobre o recebimento de notícias e de registrar suas preocupações com o falecimento do padre na diocese de Caetité, apresenta muitas outras informações sobre o cotidiano familiar, de lugares da família (Caetité e Salvador) e lamenta o distanciamento entre jovens e idosos, referindo-se ao que diz o seu sobrinho, Deoclecianinho, sobre o que pensavam os jovens no que chamou novos tempos: “Não esquecem do cinema e do namoro e nada mais”. Também na carta do dia 29 de julho de 1947, Hersília, de Salvador, novamente, indicou ser persuasiva ao querer impor aos familiares seu modo de compreensão da vida, suas opiniões sobre suas convicções religiosas da fé cristã e católica:

Nos tempos de hoje quase todos fogem do sacrificio. Para cinemas e diversões, que as vezes fazem tanto mal as almas, não falta tempo e disposição. As taes novelas do rádio, é uma verdadeira escola de perdição, tem passagem tão livres, que não se pode

¹⁴¹ APMC. AFST. CTL.1.3. 97

¹⁴² APMC. AFST. CTL.1.13.18

¹⁴³Sobre o assunto, em histórico mais alargado sobre doenças epidêmicas, ver o trabalho **Na saúde e na doença: história, crises e epidemias. Reflexões da história econômica na época da Covid-19**, organização de Rita de Cássia da Silva Almico, James William Goodwin Jr., Luiz Fernando Saraiva. São Paulo (2020). Ver, também, **Pandemias de influenza e a estrutura sanitária brasileira: breve histórico e caracterização dos cenários**, artigo resultado de tese apresentada por Ligia Maria Cantarino da Costa (2016).

nem se deve ouvir. É onde a mocidade de hoje aprende tantas cousas e muitos põe em prática o que vê nas fitas de cinema [...].¹⁴⁴

Pelo envolvimento direto com a leitura para fins vicariais, no âmbito do convento, Hersília fez essa experiência e a quis para os familiares.

3.2.3 *Poética e contemplativa: “[...] o meu é este o amor mais puro que a terra envia ao ceo [...]”*

Na troca de cartões entre Alice e sua amiga Dinah, no período de 1904 a 1906, o gosto pela poesia foi manifestado por ambas, como destacado no subtítulo e nos versos dos cartões das amigas. Por eles e por outros textos epistolares, ainda que em número bem reduzido, a escrita tem o objetivo de poetizar.

Além de trechos poéticos entrelaçados à escrita nas correspondências, alguns outros instrumentos indicam o gosto pela poesia. Estão nesse grupo aquelas cartas que visaram celebrar encontros no final do dia e aos domingos, cumprimentar pelo aniversário, pelo casamento, pelo nascimento e até mesmo para consolar pela morte. Na carta de Alice para Celsina, enviada de Altamira, no dia 29 de agosto de 1904¹⁴⁵, o diálogo de duas jovens evidencia o gosto de ambas pela música, uma forma de distração e para suprir a solidão. A autora da carta comentou sobre ópera vista por várias vezes por considerá-la muito bonita.

Com a escrita, o deleite e o prazer por parte de quem demonstrou outros usos para a produção epistolar, conforme versos, alguns ilegíveis, observamos poesia e contemplação em forma de um cartão bem elaborado, contendo letras e imagens¹⁴⁶: “[...] no mundo [...] o meu é este o amor mais puro que a terra envia ao ceo [...]” e, na sequência, vai dizer: “É este pois D. Alice o amor que tenho a si releve-me compensá-lo [...]. A autora dos versos identificou-se como amiga de Alice. Estes cinco cartões serão apresentados no capítulo em discussão das práticas de escrita e, por eles, o nome “Alice” é combinação a indicar o uso do texto verbal e não verbal. Pelo que consta no conteúdo, a autora finalizou os cartões com a promessa de envio de novos versos e com a preocupação com as rimas e, de fato, fez: “Envio-lhe mais algumas poesias escriptas por mim, não repare muito nas rimas”. E se despede: “[...] Mil beijinhos da sincera amiga Dinah”.

¹⁴⁴APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia; Subsérie: Correspondências Usuais; Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 29/07/1947.

¹⁴⁵APMC. AFST. CTL.1.3.1

¹⁴⁶APMC. AFST.AST.1.2.2

3.2.4 Persuasiva: “[...] é melhor que venhão logo morar em Caetité [...]”

Por fim, algumas cartas ultrapassam o tom informativo ou de compartilhamento de experiências e impressões e possuem, aparentemente, o objetivo de convencer o outro, imprimir fortemente um desejo de intervir. Geralmente escritas de mãe para filha, como observamos na carta escrita no dia 1º de maio de 1916, em que a remetente, Anna, a mãe, de Caetité, se dirigiu a Celsina, em Salvador¹⁴⁷, e disse que sentiu muito por saber dos incômodos do esposo dela, Juca, e, também, por saber que Edivaldo, seu filho, teve febre e destacou: “[...] é melhor que venhão logo morar em Caetité [...]”. A insistência de Anna reafirmou o seu modo persuasivo de se colocar perante os familiares. Em outra carta para Celsina, escrita no dia 24 de maio de 1916, em Caetité¹⁴⁸, informa que o Doutor Venancio chegaria para examinar Alzira e, desta vez, instruiu a filha, Celsina, para o retorno a Caetité, trazendo o esposo e o filho. Sua principal motivação, certamente, era a de ajuda, mas o tom persuasivo prevaleceu sem sequer indagar outras possibilidades, por exemplo, orientar Celsina e família para fazer os exames médicos em Salvador.

No decorrer dos estudos, apresentamos outras correspondências em que se torna visível a ideia de buscar intervir na decisão do outro. Veremos que essa não é somente uma prática de mãe com os filhos. O exemplo a seguir é uma carta de Leontina para a irmã, Celsina, no dia 09 de outubro de 1946¹⁴⁹, uma indicação do vínculo familiar pelo acompanhamento aos estudos, ao trabalho, ao lazer e aos diversos interesses na capital baiana.

Podemos dizer que Leontina, das mulheres da família Spínola Teixeira, foi a que mais se expressou em familiaridade com a capital baiana. Não só fixou moradia, mas a assumiu para o desenvolvimento de sua família e para dar suporte aos parentes que para lá se dirigiam por motivos de estudo. Em diálogo com a irmã, em Caetité, registrou o modo como estava vivendo a família. Destacou o bem-estar pessoal e familiar e com argumentos persuasivos dirigidos a Celsina, que residia em Caetité, na mesma escrita, do dia 09 de outubro de 1946, diz: “[...] acho que ahi deve sentir-se isolada e muito só, e creio que devia era morar por cá onde já estão todas aqui [...]”. Não conseguimos saber o que pensava Celsina sobre o desejo da irmã de tê-la, também, com moradia fixa em Salvador. Podemos, no entanto, dizer que, em Caetité, à frente de negócios (fazendas) e trabalhos educacionais, principalmente, comunitários e filantrópicos,

¹⁴⁷APMC. AFST. CTL.1.13.10

¹⁴⁸APMC. AFST. CTL.1.13.11

¹⁴⁹APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia; Subsérie: Correspondências Usuais; Dossiê: Leontina Spínola Teixeira. Sem local em 09/10/1946.

Celsina, depois do falecimento precoce do esposo e do filho, desenvolveu sua vida e realizou experiências sociais, a exemplo da liderança na Associação das Senhoras de Caridade de Caetité, sobre a qual se falará no sexto capítulo.

Como apresentamos, Hersília foi impedida de realizar votos perpétuos e, essa suspensão na sua escolha vocacional certamente não favoreceu uma adesão profissional. Embora tivesse envolvida com as ideias de educação pública e tivesse atuado em instituições escolares e não escolares, podemos dizer que sua resignação religiosa a fez adequar-se aos propósitos da família, sendo demandada para auxiliar nos cuidados com os irmãos mais novos e com os sobrinhos.

3.3 Leitura e escrita, práticas em constante movimento

A apresentação da circulação das correspondências nas três gerações de mulheres neste estudo foi de relevância para o entendimento do quantitativo das cartas, dos percursos em relação aos espaços geográficos e dos interlocutores, bem como para o entendimento das especificidades do conteúdo em cada geração. Para a primeira geração, com mulheres da família do Barão de Caetité, o conteúdo versava sobre informações centradas aos interesses familiares, mas que, ainda assim, indicam a participação na produção do escrito por parte de mulheres, no Alto Sertão da Bahia, desde o ano de 1844.

Para a segunda geração, a produção é marcada pela relação da família do Barão de Caetité com a Spínola Teixeira, pelo ir e vir das famílias, pela busca dos interesses diversos, econômicos e culturais. Nesse sentido, os lugares como Caetité, Salvador e o Rio de Janeiro foram importantes para os estudos e, por essa condição, as autoras puderam contribuir para a criação de espaços educacionais e para a participação em diversas instâncias do poder, por meio do uso da leitura e da escrita.

Sobre a terceira geração, organizada a partir das correspondências de seis mulheres, todas filhas de Anna Spínola Teixeira, observamos que essas mulheres nasceram em Caetité e que, mesmo tendo uma temporalidade, em entrelaçamento com a segunda geração, foram identificadas em mudanças dos arranjos familiares, a exemplo de casamentos vantajosos. Suas práticas de leitura e de escrita comunicaram uma participação, muito além do ambiente familiar, sendo identificadas à frente de instituições de educação (escolares ou não), o que nos levou a perceber a atuação delas em comum acordo com as ideias dos pioneiros da educação pública, do qual Anísio Teixeira, irmão dessas mulheres, tornou-se participante ativo. Nessa geração, a influência do debate pela democratização educacional no país consistiu em fator relevante, para

que, no processo, essas autoras de correspondências pudessem expressar-se, falando, não apenas sobre conquistas, mas também sobre os dissabores enfrentados, quando se busca sair do padrão que evidenciava o poder vigente.

Por expressarem uma diversidade de conteúdo na escrita, percebe-se o uso mesclado de linguagens (objetiva e subjetiva), questão que foi ampliada pela terceira geração, através das filhas de Anna e de Deocleciano. Essas mulheres escreveram cartas e, pela integração da linguagem (informativa e não informativa), revelaram intencionalidades diversas, não se resumindo somente ao envio de informações aos familiares. Por esse diferencial da leitura e da escrita, nem sempre estiveram em presença física nos lugares, mas puderam comunicar os acontecimentos pela leitura dos impressos aos quais tiveram acesso.

Deste modo, o gênero textual “carta”, em meio a outros gêneros e, em mistura de tipos de linguagem e de conteúdo, nos indicou diversas interpretações para a compreensão do lugar da leitura e da escrita. Produzidas por mulheres, essas correspondências foram dirigidas a destinatários identificados, havendo algumas sem identificação (local e data). Em muitas delas, há o pedido para rasgá-las após a leitura. Foram, no entanto, preservadas, possibilitando oportunidade de lê-las e de interpretá-las.

Para as mulheres que deixaram o pedido, para que as cartas fossem rasgadas, apresentamos o nosso pedido de desculpas, em forma de novas discussões, como a que faremos, no capítulo seguinte, problematizando a leitura no cotidiano das mulheres em indicação de impressos (jornais, revistas e livros). Nosso argumento principal é o de ressignificação das fontes em continuidade à leitura e à escrita, práticas em constante movimento, e em entrelaçamento com as culturas do escrito.

4 A LEITURA NO COTIDIANO DAS MULHERES

Figura 13 - Carta de Hersília para Celsina (23/04/1937)

Caetité, 23 de Abril de 1937.

Lisinha:

Recebemos com prazer suas boas cartas de 7 e 9 deste. Muito estimamos as notícias de todos que V. tem a cuidado de mandar.

As suas cartas de 7 deste recebi hontem 22, parece que vai regularizar o "correio a burro", já chegaram as malas do colégio por tres vezes, a primeira vez que chegou parecia uma tropa, 5 burros carregados. Com todo caso é melhor do que os demorados caminhões.

Todos passam regularmente, graças a Deus.

Helvia continua bem melhorada, está começando a caminhar, depois que Chirinha viajou tembo achado que a melhora tem acentuado, tem caminhado até a sala verde e a sala de visita. Se não apparecer alguma crise, pode se dizer que está em franca convalescença.

Sentimos Edvaldo continuar no mesmo. Qual o tratamento dos médicos? É concordando com tudo ou contrariando? Vamos ver se elle melhora conforme a opinião dos médicos, reparado de V. e da familia. Se for de vantagem para Edvaldo melhorar, vale a pena todo sacrificio. Peço a Deus que lhe dê e a elle dias melhores de saúde, paz e

V. tem lembranças a Leontina, Stonglora e Carmine, de outra vez responder as cartas. Escrevo cartas breves para porque as noticias são as mesmas e preciso responder a todas. Hoje escrevo a V. e Helvia no outro momento as cartas.

Fonte: APMC.AFST¹⁵⁰.

Para iniciar este capítulo, apresentamos a carta de Hersília para a irmã Celsina. Diz que recebeu correspondência, envia notícias dos familiares e discorre sobre assuntos religiosos. Comenta sobre encomendas feitas pela irmã, a exemplo do livro de histórias para Deoclecianinho. Em meio a assuntos cotidianos, comenta, também, sobre a inauguração da Escola Normal de Caetité, mencionando práticas leitoras. Por essa escrita, entrelaçamos a discussão do capítulo, ou seja, conhecer as práticas de leitura presentes no cotidiano de mulheres, vivendo em ambientes rurais e/ou urbanos da região do Alto Sertão da Bahia e em outros territórios adjacentes. Nosso propósito foi, ainda, o de problematizar suas práticas

¹⁵⁰Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Caetité, 23.04.1937.

leitoras entrelaçadas em uma rede¹⁵¹ tecida por uma diversidade de elementos familiares, sociais, culturais, políticos e religiosos.

Como apresentado no segundo capítulo, é importante considerar que a dimensão territorial sofreu uma ampliação, da primeira para as demais gerações de mulheres, uma vez que as trocas epistolares não se limitavam ao Alto Sertão e nem à família dessas personagens. Tal expansão envolveu, também, uma abrangente rede social que se estabelecia em função de seus deslocamentos e de seus familiares, fossem eles por necessidades de estudo, demandas comerciais, políticas, entre outras. Essa circulação está na base da ampliação de repertórios de leitura, inicialmente das mulheres que se encontravam em trânsito ou que se mudavam para localidades diferentes e, posteriormente, de seus correspondentes. Desse modo, recorremos a Chartier (1991), que se refere às três esferas da vida ocidental em que o livro e suas leituras estiveram presentes entre os grupos sociais mais privilegiados. Para esse autor:

Sociabilidade do convívio, intimidade familiar e doméstica, isolamento individual: são as três esferas da vida do Ocidente em que o livro e suas leituras detêm uma posição primordial. A constatação não vale apenas para os que estão familiarizados com a escrita e que compõem as diversas elites das sociedades da era moderna. Nos meios populares se pode encontrar uma mesma pluralidade dos usos do impresso – com a diferença de que em tais meios os impressos nem sempre são livros. A leitura em voz alta feita por quem sabe ler para os que sabem menos bem ou nada constitui uma prática habitual, na cidade e no campo, por trabalho ou por lazer, ao acaso da rua ou entre companheiros de labuta (CHARTIER, 1991, p. 155).

Trazendo essas esferas apresentadas por Chartier para o cotidiano da leitura e da escrita das mulheres, sujeitos da pesquisa, além de identificação da diversidade de práticas de leitura, expressas pela escrita epistolar, podemos falar, desde as primeiras leituras das cartas como indicação da grande presença de referências às leituras realizadas que faziam parte do cotidiano de mulheres.

Sempre se faz pertinente ressaltar que essas mulheres faziam parte de uma parcela da sociedade, pertencente ao estrato privilegiado economicamente, detentora de bens e propriedades e com familiares participando ativamente da política local e nacional em mudanças do uso da leitura, conforme apresenta as gerações.

Como primeiro desafio metodológico enfrentado, a amplitude temporal das cartas, que representavam a participação de três gerações de mulheres, observamos a interconexão pelo escrito, as mudanças e permanências, das mulheres, ao longo do tempo, e discutimos sobre suas

¹⁵¹Sobre a leitura como uma prática em rede, ver trabalho **Tecendo um leitor, uma rede de fios cruzados**, de Yunes (2009).

práticas de leitura e escrita presentes nos relatos epistolares em indicação das diferenças de uma geração em relação a outra.

No acervo das mulheres da primeira geração, datada de 1844 a 1888, estão as cartas de Rita Sofia Gomes Lima e as de Elvira Bendita de Albuquerque Gomes. Essas cartas foram nos levando a pensar sobre suas condições de participação na leitura e na escrita naquela época, período designado no Brasil, a partir do século XIX, como “primeiras letras” ou “rudimentos da escrita” (FRADE, 2010). Ao mesmo tempo, fomos nos perguntando: a que tipos de leitura elas tiveram acesso? Como as realizavam? Que lugar essa prática ocupava em seus cotidianos? As práticas leitoras de Rita Sophia e Elvira são menos explícitas nas cartas, se comparadas às das mulheres das outras gerações.

De uma geração que se integra a outra, principalmente pelas correspondências da segunda e da terceira geração, identificamos a expansão das práticas de leitura e de escrita, não apenas restritas aos ambientes mais particulares, mas envolvendo também a comunidade através da atuação social, a exemplo da prática religiosa e fomentadora de leitura, conforme carta de Hersília, escrita em Salvador, em 1943¹⁵², que, em contato com a irmã Celsina, em Caetité, informa que fez a impressão de orações da padroeira de Caetité – Sant’Ana – para que ela as distribuisse. Observou, porém, que a irmã entregasse as orações somente às pessoas que soubessem ler. Essa orientação indica várias questões relevantes para se compreender o contexto em que as irmãs, na produção e circulação de impressos para rituais religiosos, participaram de forma social pela prática de distribuir orações impressas. Nesse contexto, os leitores de impressos e os não leitores em restrição. As irmãs demonstrando preocupações do desperdício de material impresso e, involuntariamente, revelaram a sociedade em relações adversas, os que sabiam ler e os que não sabiam, deixando expectativa pelo entendimento de quais eram os leitores em relação aos não leitores.

Pelo amplo acervo das correspondências, encontramos mulheres com o hábito de ler periódicos, como o *A Penna* (1897 - 1943) e o *Bem-te-vi* (1910 - 1920), impressos em Caetité, mas também outros de maior abrangência, como o *A Tarde* (1912 - atual), periódico de Salvador. Além desses, outros periódicos eram lidos, conforme relatado na correspondência de Celsina, escrita em Salvador no dia 27 de março de 1947, em que além de informar sobre sua saúde, dizia: “Vou fazer uma relação do que vai nos pacotes: no pacote pequeno, a Vida

¹⁵²APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 1943.

Doméstica, o Cruzeiro, o jornal das moças, o Gury, 2 caixas de lápis de côr, 2 livrinhos de histórias, 2 copinhos de galalite, 1 pequeno livrinho de notas [...]”¹⁵³.

Como no início do século XX vários membros da família Teixeira residiam em outras localidades distintas de Caetité, era intensa a comunicação entre eles. Por essa condição, ampliou-se mais a possibilidade, e por que não a necessidade de trocas, não só de informações, mas dos diversos itens de utilidade. Assim, as correspondências foram formas de escrita e de circulação da leitura entre eles. Com esse entrelaçamento, inserimos a discussão sobre gêneros textuais, conforme Marcuschi (2010), a partir da ideia de sua produção, não somente pela forma linguística específica, mas também pelas situações sociais particulares. Escreve o autor que “os gêneros não são entidades naturais como as borboletas, as pedras, os rios e as estrelas, mas são artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano” (MARCUSCHI, 2010, p. 31).

Entre diversos textos e instrumentos de leitura e de escrita produzidos entre uma materialidade linguística e cultural, modos específicos apontam o processo de construção e de socialização das práticas leitoras e a organização de uma rede de circulação dessa produção. Essas práticas iam além do simples uso da leitura individual. Havia o esforço pela preservação do impresso e outras ações afins. Havia, nesse envio e recebimento dos materiais de leitura entre os pares, um intercâmbio para que a leitura fosse feita também por outras pessoas. Entre os principais materiais de leitura enviados e recebidos estavam os jornais, as revistas e livros.

Para uma apresentação mais organizada dos dados relacionados a essas práticas leitoras, dividimos este capítulo em duas partes. Inicialmente, abordaremos os jornais, tipo de impresso mais recorrentemente mencionado nas cartas, fazendo um desdobramento dos assuntos que despertavam mais interesse nos leitores. Na segunda parte, apresentaremos os livros e revistas.

4.1 Os jornais nas cartas

Nesta primeira parte do texto, encontram-se os assuntos que mais aparecem mencionados nas cartas e que foram motivadas pelas leituras de jornais. Para isso, indicamos as razões que as mulheres tinham para ler os periódicos, quais os jornais eram lidos e para que elas os liam.

Cabe destacar que, embora tenha sido comum o envio, junto das cartas, de vários números de um mesmo periódico por vez, há menções a recortes de determinadas matérias,

¹⁵³APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 27/03/1947.

anexadas ao conjunto a ser encaminhado. Esse envio incluía, também, produtos alimentares, vestimentas e outros. Entre os assuntos mais lidos e comentados estão os que abordam a política, os membros da família, os diversos acontecimentos regionais, a arte e a cultura.

4.1.1 *Notícias sobre política local, nacional e internacional*

O envolvimento de vários integrantes das famílias do Barão de Caetité e da Pires Teixeira com a política local e nacional era expresso nas cartas das mulheres, sendo potencializada pela leitura de jornais¹⁵⁴. Na carta escrita em Caetité, no dia 21 de fevereiro de 1908, Hersília consulta Celsina sobre a leitura de periódicos: “Já leu os jornais sobre a morte de D. Carlos e do príncipe herdeiro [...]?”¹⁵⁵. Esse tema em questão aponta, ao lado de muitos outros expressos na carta, o acompanhamento de fatos distanciados do universo de interesses pessoais, demonstrando conhecimento sobre questões políticas, nesse caso, as tensões relacionadas ao rei D. Carlos e o seu sucessor em Portugal¹⁵⁶.

Entre diversos assuntos, também está a carta escrita em Salvador para Anna, no dia 22 de junho de 1924. Alice, autora da carta, utilizou três páginas e aproveitou o verso do papel. Ao destacar diferentes temas, levou-nos a pensar sobre seu papel na família, que certamente era o de dar apoio aos mais inexperientes que chegavam à capital a fim de dar continuidade aos estudos. Como leitora de periódicos, Alice não só os lia, mas os recebia e os repassava entre os pares. Os trechos de cartas já apresentadas neste estudo indicam a autora das cartas, Alice como leitora de impressos: “[...] Recebi a Penna e m^{to} estimei elle ter acceitado o conselho dos am^{os} p^a descansar da política, fiquei satisfeita com a nomeação do Ouvidor veremos quaes os melhoramentos que deve fazer, a começar pela praça da Matriz, ou, Cathedral [...]”. A carta se refere a Deocleciano Teixeira, seu pai, e expressa o contentamento em saber que, aos 80 anos, se aposentava da política¹⁵⁷. Ter conhecimento de tal fato pelos jornais e não por cartas

¹⁵⁴Destacamos, particularmente, Rogociano Pires Teixeira, que estudou na Inglaterra, tornou-se funcionário público no Rio de Janeiro e ofereceu importante apoio aos familiares. Além dele, destacamos Anísio Teixeira, que iniciou sua carreira política em Salvador, se destacando na defesa do desenvolvimento da educação pública em nível nacional a partir da década de 1920.

¹⁵⁵APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 21/02/1908.

¹⁵⁶Ver trabalho **O poder visível: D. Carlos, a imprensa e a opinião pública no final da monarquia constitucional de autoria de José Miguel Sardica (2012)**, uma análise das principais dinâmicas pela democratização da imprensa portuguesa, no final do século XIX e no início do século XX, para situar e compreender a relação que o rei D. Carlos teve com o mundo dos jornais e da opinião pública, desde os tempos da educação, como Príncipe Real, até ao desfecho trágico do regicídio. Por esse estudo, acompanha-se a história da queda da monarquia constitucional e outras situações como exigências jornalísticas próprias da “idade de ouro”, da imprensa portuguesa.

¹⁵⁷Deocleciano faleceu em 1930, aos 86 anos, tendo constituído uma família numerosa composta por 17 filhos e filhas, conforme dito anteriormente.

familiares e a naturalidade com que é mencionado indicam o quanto a figura de Deocleciano era pública e demonstra o hábito da filha de acompanhar sua atuação por meio da imprensa, já que estava longe de Caetité.

Se, por um lado, aparentemente, somente os homens da família atuavam diretamente na política, podemos dizer que as mulheres discutem essa temática com familiaridade, demonstrando o hábito de tratar do assunto por meio das cartas, tendo como base aquilo que liam nos jornais. Indicam, pois, a discussão de política como assunto do cotidiano, não ficando somente como escrita de mulheres e como conteúdo de cartas. Na carta datada de 05 de fevereiro de 1935, Hersília escreve de Caetité para sua irmã Celsina e, dentre os diversos assuntos, diz:

[...] Pelas notícias da “Tarde” continuam as perseguições políticas, depois do que houve na capital, seguiram para Cachoeira, onde houve prisões, tiros, etc.
O correio de ontem trouxe na “Tarde” notícia de ter sido assassinado em Bahia o Henrique Teixeira, empregado na Linha Circular.
Foi o assassino o Albina Daltra o mesmo que é responsável pelo espancamento do acadêmico Joaquim Camera [...].¹⁵⁸

Embora Hersília se refira ao cenário baiano, este se relaciona ao contexto macropolítico iniciado na década de 1930 com a radicalização do governo Vargas ao aplicar um golpe justificado em função de ameaça comunista e a implantação do Estado Novo. Houve a ascensão de Vargas e a nomeação do interventor Juracy Magalhães, na Bahia, o que significou conflitos na região, havia, portanto, em comunicação, um cenário a expressar “perseguições políticas”¹⁵⁹, além de todo o contexto internacional com a ascensão do nazi-fascismo.

No ano de 1945, muitas são as correspondências trocadas entre as mulheres. Tendo como foco as que indicam as leituras que realizavam em seu cotidiano, trazemos a carta, também de Hersília, escrita em Salvador no dia 02 de novembro¹⁶⁰ que, dentre vários assuntos, evidencia o envio de jornais para Celsina: “[...] Sussu viaja amanhã, será portadora desta mando-lhe 2 ‘Tardes’ para V. ver os últimos acontecimentos com a demissão do Getúlio, depois

¹⁵⁸APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Caetité, 05/02/1935.

¹⁵⁹Sobre o assunto, ver o trabalho **República Política e usos da Constituição no governo Vargas**: a segurança nacional e o combate ao comunismo, dissertação de mestrado de autoria de Raphael Peixoto de Paula Marques (2011) pela Universidade de Brasília.

¹⁶⁰APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 02 /11/1945.

de 15 anos de ditadura [...]”¹⁶¹. Na carta enviada de Salvador, em 06 de abril de 1947¹⁶², Hersília se dirige a Celsina e, dentre vários assuntos, informa o envio de jornal para a irmã:

[...] Envio-lhe a “Tarde” para V. ver o movimento presente, do novo governador. A “Tarde” de ontem deu a nomeação dos novos secretários: Anísio como Secretário da Educação e Nestor, Secretário da Agricultura”.
No dia 10 está marcada a posse Dr. Otávio Mangabeira.¹⁶³

Anísio Teixeira, conforme Ramos e Brito (2018)¹⁶⁴, foi Secretário de Educação no período de 1946 a 1949. Suas irmãs, que acompanhavam o desenrolar dos fatos pelos jornais, registravam suas impressões sobre a continuidade das perseguições políticas. Na carta de Alice para Celsina, no dia 07 de dezembro de 1950¹⁶⁵, já apresentada neste estudo, diz: “[...] A Tarde deu a notícia de crimes de assassinatos de chefes de Estado, aviso dirigido ao Dutra será um verdadeiro fim do mundo [...]”¹⁶⁶.

4.1.2 Notícias relacionadas a membros da família

Devido à intensa participação política de vários membros da família, assuntos políticos se misturavam aos assuntos relacionados aos familiares, mas nem sempre os assuntos familiares estavam vinculados à política, como os casos analisados na sequência dessa discussão. Publicar os resultados dos exames nos jornais locais era prática presente desde o século anterior, e

¹⁶¹No ano de 1935, no Brasil, criou-se a Aliança Nacional Libertadora (ANL), uma organização política presidida por Luiz Carlos Prestes. Essa organização se baseou nas ações populares que surgiram na Europa para impedir o avanço do nazi-fascismo. Com propósito nacionalista, tinha como uma de suas importantes lutas a reforma agrária. Conseguiu congregar os mais diversos setores da sociedade e rapidamente tornou-se um movimento de massas. Muitos militares, católicos, socialistas e liberais desiludiram-se com o rumo do processo político iniciado em 1930, no momento em que, pela força das armas, Getúlio Vargas assumiu a presidência da República (PANDOLFI, 2020). Sobre o assunto, ver **As rebeliões de novembro de 1935**, de Marly de A. G. Vianna (2003). Considerar, ainda, o trabalho **Getúlio e a seca: políticas emergenciais na era Vargas**, de Frederico de Castro Neves (2001).

¹⁶²APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 06/04/1947.

¹⁶³Conforme o **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930** (2001), Otávio Mangabeira nasceu em Salvador, em 1886, e iniciou sua carreira política como vereador na mesma cidade, em 1908. Sua carreira política perdurou até o ano de 1959. Faleceu em 1960, no Rio de Janeiro. Como político, tornou-se ministro das relações exteriores e, em 1954, participou da campanha movida contra Vargas (O BRASIL NO SEGUNDO GOVERNO VARGAS, 2001).

¹⁶⁴Sobre a história da educação baiana, além dos autores citados, ver outros textos contidos no trabalho **A Bahia na História da Educação**, organizado por Sara Martha Dick, Gilca Oliveira Carrera e Ronaldo Figueiredo Venas (2018).

¹⁶⁵APMC.AFST. CTL.1.3.97

¹⁶⁶Eurico Gaspar Dutra, militar, por várias vezes esteve envolvido em repressões, como em 1922, no Rio de Janeiro, e em 1924, em São Paulo. Convidado a participar da Revolução de 1930, preferiu se manter ao lado das forças legalistas. Aproximou-se do governo Vargas a partir de 1932, quando teve importante participação no combate ao movimento constitucionalista, desencadeado contra o governo federal em São Paulo. Com grande influência junto à cúpula militar e lideranças civis, em 1954, discretamente, apoiou as articulações para afastar Vargas da presidência (A ERA VARGAS: DOS ANOS 20 A 1945 – EURICO GASPAS DUTRA, 2001).

parecia ser recorrente ainda no início do século XX. As famílias, aparentemente, consultavam os impressos em busca de notícias sobre os estudantes da família, conforme carta datada de 07 de abril de 1908¹⁶⁷: “Temos procurado nos jornais os exames dos meninos, encontramos os de Caio e Colombo talvez venha nos jornais do correio que vem [...]”. Na carta datada de 24 de abril de 1924, Leontina, como quem já havia se familiarizado à vida na capital, comunica-se com sua mãe e apresenta seu cotidiano familiar, fala do progresso do filho nos estudos, comenta sobre as dificuldades na aquisição de moradia fixa e sobre a relação do irmão Anísio, à frente do cargo de inspetoria geral do ensino¹⁶⁸:

[...] Ernani vae bem, porém magrinho. Está aprendendo a ler e escrever com muito gosto, mas não queremos puxar ainda muito por elle [...].
 [...] Infelizmente até hoje ainda não encontramos uma casa para comprar. Seu Salles anunciou pela “A Tarde” que compra uma casa até o valor de 15 a 16: 000#, e só tem apparecido casas muito ruins e velhas e nas peores ruas, casas que só valem quando muito 10:000#000, e elles pedem 16 ou 18:000#-!
 Anísio vae bem, e satisfeito no importante cargo que está ocupando.
 Todo o pessoal d’aqui, conhecidos e parentes, ficaram muito satisfeitos com a nomeação d’elle. [...].¹⁶⁹

Leontina demonstra cuidado em acompanhar o filho no aprendizado da leitura e da escrita, e se preocupa em compartilhar essas conquistas com a mãe. Além disso, demonstra suas preocupações com a aquisição de moradia fixa em Salvador a qual, como está posto, deveria atender a critérios muito precisos quanto à localização e à conservação; demonstra conhecer o mercado imobiliário local, ao emitir opiniões sobre a discrepância entre as características dos imóveis e o valor cobrado por eles. Informa o uso do jornal para anunciar o interesse pela compra de imóveis e insinua o controle de despesas e apresenta a intervenção do "Seu Salles", correspondente bancário da família.

Outras correspondências do período de 1920 a 1950, portanto, de mulheres da segunda e da terceira geração, trazem essas mesmas preocupações da família sobre os altos preços de moradia na capital, indicando o uso de jornais nesse processo de anúncio e busca por moradia. Em carta de Anna para Celsina, escrita em de Caetité, em 24 de maio de 1916, já apresentada neste estudo, é tratada a vinda de um médico, o Dr. Venancio, para examinar Alzira. Também se pretendia aproveitar a visita do profissional para que avaliasse Juca e Edvaldo. Informa que enviou as encomendas e agradece por requeijões e doces e, no verso, escreve: “Traga as gazetas que vão pelo Chicão”. Além de ressaltar o lugar, Caetité, diz sobre a falta de assistência à saúde,

¹⁶⁷APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 07 /04/1908.

¹⁶⁸Ver trabalho **Anísio Teixeira**: o amigo das crianças, de Clarice Nunes (1998).

¹⁶⁹ APMC.AFST. AST.1.1.15.9

ao caracterizar o atendimento familiar com privilégio. Esse trecho da carta nos leva a pensar na possibilidade das mulheres se preocuparem com a conservação de jornais quando, após compartilhá-los com os familiares, esperavam que os devolvessem. Num tempo em que escassos eram os materiais impressos, o zelo por eles se justificava. Provavelmente, tornar-se-iam instrumentos a outros leitores e possibilidade de melhoria da escrita entre os pares¹⁷⁰. Em outra carta, Leontina, de Salvador, escreve para a sua mãe Anna, em Caetité, no dia 23 de outubro de 1925¹⁷¹. Ao dar notícias de familiares, diz: “Pela A Tarde soube da manifestação que fizeram ahi a Oscar. Como vae Verbena? Tem gostado d’ahi?”. No dia 18 de janeiro de 1941, Hersília escreve carta em Caetité para Celsina que, nesse período, administrava também o problema de saúde do filho:

Edvaldo continua no mesmo sem querer comer, não tem almoçado nem jantado, Philomena quando sae desconfia que ele come as bolachas que v. deixou na despensa, porque quando ella chega, encontra ele na despensa. Fechou a despensa e guardou a chave. Não tem tomado chá. Banho também não tem tomado [...].

As notícias de Edvaldo está em todo Caetité e todos admirados de V. ter viajado deixando Edivaldo.

Vão 3 numeros da “Tarde” que tem faltado alguns números, tem correio de vir 3 e 4 números.¹⁷²

Hersília comenta com a irmã a censura e vigilância vinda por parte de alguns. Não diz o lugar para onde havia ido Celsina, mas na carta escrita no dia 07 de março de 1943¹⁷³, que também aborda vários assuntos, deixa claro que sua irmã havia assumido funções sociais à frente da Associação de Senhoras de Caridade de Caetité¹⁷⁴: “[...] Vi na ‘Tarde’ o seu retrato entregando a quantia da Associação ao Diretor do Banco [...]” e, na mesma carta: “[...] Carmita leu na ‘Tarde’, falecimento de Alzira”. Em outra correspondência, de 23 de outubro de 1944¹⁷⁵, Leontina informa a Celsina sobre comemorações do centenário do pai delas, Deocleciano P. Teixeira e menciona que “pela ‘Tarde’ que v deve receber v verá as notas que sahiram sobre Papae com o retrato [...]”. Outros assuntos publicados nos jornais, incluindo membros da

¹⁷⁰Ver estudo **Uma genealogia dos impressos para o ensino da escrita no Brasil no século XIX**, de Isabel Frade (2010).

¹⁷¹APMC.AFST. AST.1.15.20

¹⁷²APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Caetité, 18 de janeiro de 1941.

¹⁷³APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 07 de março de 1943.

¹⁷⁴Sobre o tema, várias cartas vão mencioná-lo e no capítulo sobre instâncias falaremos mais especificamente dele. Trata-se de uma organização filantrópica (assistência a idosos e a crianças necessitados), organizada por mulheres de Caetité, inclusive com a participação de várias da família Teixeira e da família do Barão de Caetité. Foi fundada no dia 19 de janeiro de 1919. Ver trabalho **Associação das Senhoras da Caridade de Caetité (1910 - 2010)**, 2010.

¹⁷⁵APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Leontina Spínola Teixeira. Bahia, 23/04/1944.

família e outras autoridades políticas, eram destacados nas correspondências. Na carta escrita em Salvador, em 14 de abril de 1947, Celsina comenta que “Anísio é esperado no dia 15, ou ele queira ou não, já foi nomeado Secretário da Educação, conforme os jornaes que lhe envio junto a esta [...]”. Na carta, Hersília comenta sobre a posse de Anísio como Secretário de Educação da Bahia:

[...] Anísio já esteve com Vanvan, que achou ele muito magro. No clichê da “Tarde” sahiu horrível, Anísio que sempre sae bem no retrato. Hoje fui ver se alcançava missa na Piedade encontrei missa das 8 horas de Requiem cantada pelo Frei Mateus era de gente de fora.
Acabo de saber por Yayá que Zuleide viaja amanhã vou terminar esta para enviar e assim os jornaes para v. lêr a posse de Anísio como Secretário da Educação e a notícia do falecimento de Frei Boaventura [...].¹⁷⁶

Entre ações familiares, religiosas, políticas e educacionais, as mulheres põem em evidência a participação em diversas instâncias das culturas do escrito¹⁷⁷. Já perto da metade do século XX, Alice, no dia 22 de junho de 1924, conforme carta já apresentada neste texto, identificamos vestígios da desvinculação de Deocleciano da política, quando a autora da escrita, diz: “[...] Como vai Papai com a política [...]”. Naquele momento, muitos dos seus filhos, pelo exercício político-social, estavam na liderança de importantes atividades baianas, o que certamente era, para Deocleciano, motivo para se afastar do comando político, já que poderia acompanhar seus filhos e netos em atuação na sociedade e em posição de prestígio, conforme anuncia Hersília, na carta incompleta e sem data¹⁷⁸, uma escrita para Celsina, sua irmã: “[...] Sahiu na ‘Tarde’ de 8 deste, o casamento de Ernani”. Esses e outros fatos indicam a articulação das mulheres estudadas nesta tese, muito além do Alto Sertão da Bahia, como estratégias familiares construídas, ao longo dos anos, e as mulheres em participação fundamental.

4.1.3 *Acontecimentos locais e regionais*

Os jornais eram também fonte de informações sobre eventos e acontecimentos locais e regionais, algumas vezes utilizados como referência para a tomada de decisões. Eles informavam sobre diversos acontecimentos, a exemplo da epidemia de *influenza hespanhola*, do fim da Primeira Guerra Mundial, do falecimento de Marcelino Neves em 16 de novembro

¹⁷⁶APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 15/04/1947.

¹⁷⁷APMC.AFST. RPT.1.74.5

¹⁷⁸APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Sem local e sem data.

de 1918 e da chegada de materiais para a instalação da luz elétrica em Caetité. No dia 3 de julho de 1923, em carta escrita em Salvador¹⁷⁹, Leontina diz a sua mãe que seu filho sente saudades de todos de Caetité e comenta sobre festas comemorativas ao centenário da Independência da Bahia: “Esta semana aqui tem sido de festas em comemoração ao centenário do 2 de Julho”. Esse assunto foi veiculado pelos jornais baianos. Em Caetité, a notícia foi manchete principal no dia 02 de julho de 1923¹⁸⁰ e também no dia 17 de julho de 1923, com o título “2 de julho, comemoração do 1º centenário”, através do jornal *A Penna*¹⁸¹.

Casos de epidemia preocupavam Hersília que, possivelmente, utilizava as notícias dos jornais para orientar seus familiares sobre melhores alternativas para as viagens nessas circunstâncias de agravamento da situação sanitária. Na carta do dia 17 de abril de 1914¹⁸², diz a sua irmã que leu nos jornais sobre casos de febre amarela¹⁸³ na Bahia e recomenda a volta de Celsina por Pirapora. Alice, em carta escrita em Altamira,¹⁸⁴ no dia 13 de fevereiro de 1914, informa a seu pai, Deocleciano, sobre enchente de Itapicuru¹⁸⁵ e relata que foram forçados a se mudar. Ressalta, no entanto, que já imaginava estar ciente dos fatos pelo acompanhamento aos jornais: “[...] maior q. a primeira quando estávamos no Rio, fomos forçados a nos mudar incontinente, pois a água crescia aos metros, minuto a minuto, ficou somente a frente do sobradinho q. a água não tomou, e no centro do engenho por ser um pouco alto, [...]”. Na carta do dia 19 de maio de 1926, já apresentada neste estudo, Celsina, ao escrever de Caetité para seu filho Edivaldo, em Salvador, além das notícias familiares, diz que, pelo jornal *A Tarde*, tomou conhecimento sobre o fechamento do colégio em que estudava o filho. Informou sobre viagem de retorno de Anísio – de Caetité para Salvador – e sobre dificuldades, porque, no período, os revoltosos encontravam-se na região:

[...] o prejuízo no sertão é enorme, pior do que muitos anos de secca, diz Anísio. Foi uma verdadeira devastação. Consta que eles foram para Chique-Chique. Por aqui passaram dois grupos de legalistas.

¹⁷⁹APMC.AFST. Série: Anna Spínola Teixeira. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Leontina Spínola Teixeira. Bahia, 3/07/1923.

¹⁸⁰APMC. *A Penna*, 02/07/1923, páginas 1 e 2.

¹⁸¹APMC. *A Penna*, 17/07/1923, páginas 1 e 2.

¹⁸²APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Caetité, 17/04/1914.

¹⁸³Sobre a febre amarela em 1899 - 1900 e a gripe espanhola em 1918, ver o trabalho **A imprensa jornalística como fonte documental para a História das Doenças**: as epidemias de febre amarela e de gripe espanhola em Sorocaba, de João Paulo Dall’ava (2012). Ver também **Caetité e Clã dos Neves** (1975), de Marieta Lobão Gumes, que, como memorialista, traz diversos acontecimentos da época e, ao destacar a Primeira Guerra Mundial, diz: “[...] ele fora, em Caetité, a primeira vítima dessa sangrenta Guerra que, distribuindo a morte nos campos de batalha, ainda espalhava pelo mundo os germes pestilentos de epidemias [...]” (GUMES, 1975, p. 102).

¹⁸⁴APMC.AFST.DPT.1.14.5

¹⁸⁵Rio que banha o Norte da Bahia e a região Nordeste do Brasil (RIO ITAPICURU, 2019).

As freiras ainda não puderam seguir e não sabem quando irão, espera ver se passa este estado de cousas.

Entre várias informações, a autora indica, ainda, a passagem da coluna Prestes, pela Chapada Diamantina, naquele ano, quando se refere aos revoltosos. Entre informações lidas e escritas, usam os impressos em familiaridade com eles. Diferentes membros da família eram leitores e leitoras. Também, utilizaram dos impressos como usuários de serviços de anúncios. Na carta datada de 1º de janeiro de 1935¹⁸⁶, Leontina noticia assuntos familiares e diz para sua irmã Celsina: “[...] Hontem li na ‘A Tarde’ o barulho que houve ahí do qual morreram duas pessoas!”. Na carta em que Hersília escreve de Gurutuba, no dia 24 de dezembro de 1944¹⁸⁷, deseja a Celsina e Edivaldo um feliz Natal e muitas felicidades no decurso do novo ano. Relata sobre a viagem e sobre enfermidades. Lamenta a falta de troca dos presentes, devido ao luto e tristeza de todos pelo falecimento de Anna, a mãe. Confirma a familiaridade com a leitura de jornais quando diz: “Pelos jornais deve ter sabido das grandes chuvas que houve por lá (Bahia), inundando a cidade baixa [...]”. Em comunicação com Celsina, Hersília, de Salvador, no dia 16 de julho de 1945¹⁸⁸, escreve: “[...]” Pela leitura dos jornais, já deve saber que naufragou o vapor ‘Bahia’, desaparecendo umas 200 pessoas [...]”¹⁸⁹.

Naquele mesmo ano, no dia 06 de agosto, em Salvador, Hersília escreve uma carta¹⁹⁰ e, ao se referir novamente a jornais, pergunta a Celsina se está acompanhando as festas pela chegada de Octávio Mangabeira e de Eduardo Gomes, falando do comício acontecido. Comenta, ainda, sobre enormes gastos, apesar da crise: “[...] Com a leitura da ‘Tarde’ vamos saber o que vae haver [...]”. No dia 07 de março de 1946, de Salvador, Hersília escreve carta¹⁹¹ para Celsina e, dentre muitos assuntos, diz: “[...] Sabemos do movimento do carnaval pela ‘Tarde’ todos acharam desanimado [...]”. Na carta escrita em Salvador, no dia 04 de outubro de 1946¹⁹², Hersília diz, dentre outros assuntos: “[...] Veio na ‘Tarde’ de 30 o falecimento do Dr.

¹⁸⁶APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Leontina Spínola Teixeira. Bahia, 01/01/1935.

¹⁸⁷APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Gurutuba, 24/12/1944.

¹⁸⁸APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 16/07/1945.

¹⁸⁹Ver trabalho **A Guerra do Atlântico na costa do Brasil**: rastros, restos e aura dos u-boats no litoral de Sergipe e da Bahia (1942-1945), de Luiz Antônio Pinto Cruz (2017).

¹⁹⁰APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 06/08/1945.

¹⁹¹APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 07/03/1946.

¹⁹²APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 04/10/1946.

Sebastião Guerra, seu médico em Cipó [...]”. Na carta do dia 1º de novembro do mesmo local anterior e do mesmo ano, Hersília, através das notícias cotidianas, comunica:

[...] Deve ter lido na “Tarde” o falecimento do Dr. Sabino Silva, ainda tão moço, foi vítima de um colapso.
 Todos médicos d’aqui morreram inesperadamente, parece ser de cansaço de trabalho. Vanvan devia ter mandado pôr na “Tarde” uma mais minuciosa como todos fazem no convite da missa [...]¹⁹³.

Em um tempo em que profissionais da saúde eram poucos e que havia dificuldades de acesso para o atendimento em lugares distantes, certamente, eram complicadas também as condições de trabalho, a ponto de haver comprometimento à saúde deles. Em outra carta, escrita de Salvador, em 27 de outubro de 1946¹⁹⁴, Alice diz a Celsina: “Li na ‘A Tarde’, a inauguração de um campo de aviação em Livramento, com todas solenidades, assim continuando, pouco a pouco, aparecem os automóveis[...]”. Em carta sem local e sem data¹⁹⁵, Leontina comenta sobre medalha de honra recebida por uma família: “[...] Presciliano com a família estão no Rio onde Presciliano foi receber a medalha de honra, e tem recebido muitas homenagens. Pela ‘A Tarde’ deve ver algumas notícias sobre isso[...]”. Na carta escrita de Salvador a Celsina, no dia 1º de abril de 1947¹⁹⁶, Hersília, além das notícias aos familiares, informa sobre comemorações na capital baiana: “As festas pelo centenário excedeu a expectativa nunca houve aqui uma festa igual. Soube as notícias pelos que foram e também pelos jornais [...]”. A qual centenário Hersília estava se referindo?

Em pesquisa pelo ano, no contexto da cidade de Salvador, identificamos os 400 anos de sua fundação¹⁹⁷. Na carta do dia 23 de maio de 1947¹⁹⁸, Hersília informa que envia jornais e que n’*A Tarde* Celsina lerá sobre eclipse. Também de Salvador, no dia 05 de junho de 1947¹⁹⁹, conta sobre o falecimento de autoridade, conforme divulgação no jornal: “[...] na tarde de hontem a morte repentina do Dr. Bulcão Viana com poucos anos de idade, esteve a pouco tempo

¹⁹³APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 01/11/1946.

¹⁹⁴APMC.AFST.CTL.1.3.74

¹⁹⁵APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Leontina Spínola Teixeira. Sem local e sem data.

¹⁹⁶APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 01/04/1947.

¹⁹⁷No ano de 1549, Tomé de Sousa foi nomeado governador-geral do Brasil. Em 1949, Salvador vivenciou diversos eventos pela celebração de seus 400 anos de fundação. Ver estudos de Daniela Abreu Matos (2018).

¹⁹⁸APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 23/05/1947.

¹⁹⁹APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 05/06/1947.

como Interventor d'aqui [...]”. No dia 05 de julho de 1948, Hersília, em diálogo com Celsina, dentre outros assuntos, conta:

[...] veio hontem no radio a morte de Monteiro Lobato em São Paulo. Era muito amigo de Anísio.
Faleceu também um genro de D. Amélia Duarte, casado com Corina, na “Tarde” de 3, que lhe envio sahiu a noticia [...].²⁰⁰

No mesmo ano, na carta do dia 31 de agosto²⁰¹, Hersília escreve para Celsina e diz: “[...] O enterro de Lydinha foi muito concorrido, devido a posição de Nestor, como Secretário da Agricultura. Vou cortar as notícias da ‘Tarde’ para lhe enviar junto a esta [...]”. Também para outros lugares, inclusive rurais, como está na carta de Evangelina para sua mãe Anna, que a escreve no dia 1º de julho de 1925, da fazenda Gurutuba²⁰². Além de noticiar sobre familiares, comenta: “Li n’ ‘A Penna’ que ahi tem se dado alguns casos de gatunagem, por isso peço cuidado com a nossa casa, mande fechar bem as portas da sala de jantar que dão para o alpendre”. A escrita de Evangelina, além de indicar que é uma leitora, demonstra seu interesse pela vida cotidiana de Caetité, lugar onde foi identificada com o ofício de aluna-mestra e, com o casamento, passou a residir em uma fazenda.

Desse modo, foi possível verificar que acontecimentos da capital eram constantemente atualizados em Caetité por meio dos jornais que sustentavam as cartas. O inverso também era verdadeiro: as notícias de Caetité circulavam pelo interior, na zona rural, fazendo com que sertão e litoral, meio urbano e rural, se aproximassem.

4.1.4 *Assuntos educacionais e culturais*

A chegada de pessoas com o propósito de apoiar o desenvolvimento educacional e cultural da região, no começo do século XX, era recebida com entusiasmo pelas mulheres que certamente conheciam as dificuldades para a conquista de investimentos públicos para o lugar. Tendo a família dispersado pela Bahia e por outros estados, notícias sobre a abertura e o fechamento de escolas tornavam-se conhecidas por meio de jornais e eram assuntos de interesse das correspondências.

²⁰⁰APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 05/07/1948.

²⁰¹APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 31/08/1948.

²⁰²APMC.AFST.AST.1.12.14

Da fazenda Gurutuba, no dia 30 de agosto de 1926, Evangelina escreve para sua mãe e assim diz²⁰³: “Li n’A Penna as festas ao Dr. Edgard. Parece que ele está querendo mesmo ficar ahi, trouxe tanta gente: sogra, cunhada...”. Mais uma vez o retorno da Escola Normal para Caetité como atrativo para a vinda de pessoas era tema das comunicações, a exemplo do que anunciou a autora da carta, Evangelina, ao se referir à família em fixação de residência na cidade. De Salvador, Leontina escreve à mãe, em 29 de abril de 1926, dizendo: “[...] Li na A Tarde a notícia da inauguração da Escola Normal e da manifestação que fizeram a Anísio [...]”²⁰⁴.

Evangelina, em Gurutuba, anuncia para sua mãe Anna, no dia 04 de agosto de 1926, a nomeação do irmão como professor: “[...] Li na “Tarde” a nomeação de Nelson para lente do Gynnasio. Elle devia desde que formou-se ter accommodado com emprego público, pelo menos tinha evitado o prejuizo! Jayme e elle ja comprehenderam que se deve começar do pouco [...]”²⁰⁵. A filha para a mãe indica o vínculo profissional para o irmão como possibilidade de se organizar de forma econômica. Na carta escrita de Salvador, no dia 14 de dezembro de 1945²⁰⁶, Leontina indica ser leitora para além dos impressos. Diz ter acompanhado peça teatral de sucesso e ainda propicia a Celsina, em Caetité, a possibilidade de conhecer, pelos jornais e pelo programa, a referida peça em destaque:

[...] Tem sido um sucesso aqui na Bahia a representação da opereta “Conde de Luxemburgo” levado no Guarany pelo teatro de amadores do “fantoche” composto de rapazes, senhoras e senhorinhas da sociedade, e diversos médicos. A peça foi muito bem levada e as gazetas teem feito bastantes elogios. Enock faz muito bem o papel do Príncipe Basílio e foi também muito aplaudido. No dia 18, vão levar pela 3ª vez. Pela “A Tarde” e outros jornaes v verá as notícias sobre a opereta. Junto lhe mando um programa para v ver.²⁰⁷

Em carta em que pede notícias e informa sobre familiares, também comenta sobre o negócio do algodão e sobre o atraso educacional da região. De Gurutuba, Evangelina escreve para seu tio Rogociano, em Caetité, no dia 4 de outubro de 1919:

[...] Do Areião trouxe um sobrinho de Chiquinho, filho de Sadoninha. É um menino de 9 annos mais ou menos, bonsinho, obediente, que estou ensinando a ler; ainda não

²⁰³APMC.AST.1.12.20. (Sobre a Escola Normal, no sexto capítulo, iremos apresentá-la, devido à importância da instituição para o desenvolvimento educacional da região e pelo envolvimento das mulheres da família nessa instância educativa).

²⁰⁴APMC.AFST.AST.1.15.23

²⁰⁵APMC.AFST. AST.1.12.18

²⁰⁶APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Leontina Spínola Teixeira. Bahia, 14/12/1945.

²⁰⁷Sobre a opereta *Conde de Luxemburgo*, ver **Um teatro quase esquecido** – Painel das décadas de 1930 e 1940 no Recife (década de 1930), de Leidson Ferraz (2015).

tomou gosto para o estudo, mas espero que tomará. O Chico Alves tem um professor ensinando os meninos, mas faz pena, é um analfabeto! É lamentável o pouco caso que se dá a instrução por aqui! Rapazes que mal assignam o nome!
Poucos sabem escrever uma carta!
Esta zona está muito atrasada qto a instrução [...].²⁰⁸

A escrita de Evangelina tematiza algo que tem importância mais abrangente que o ambiente familiar. Ela contém elementos pertencentes a uma necessidade social. Certamente, fala do lugar de quem compreende o descaso para com os investimentos na educação do interior baiano. Naquele momento, residindo em uma fazenda, acompanhava pelos impressos os acontecimentos do mundo e, pelo ir e vir de correspondências, o desenrolar de uma família em busca de vários interesses, inclusive os educacionais e culturais. Dois de seus irmãos, Anísio e Carmen foram se envolvendo pela causa da educação pública, não apenas o saber ler e escrever, mas a aptidão pela criticidade e vivência democrática²⁰⁹.

Sobre o jornal *A Penna*, de Altamira, no dia 27 de dezembro de 1912, Alice comenta que tem acompanhando o que ela chama dos progressos do sertão e, dentre os feitos, uma ação pela leitura e pela escrita das crianças – a produção do impresso *O Bem-te-vi*, conforme registra no trecho da carta:

[...] Tenho sabido pelas cartas suas e pela Penna os progressos do nosso sertão, no mesmo jornal, li q já havia esco- o ponto, p^a o Arcebispado, local q ficará de m^{to} effeito e hygienico, conforme as festas se fôr já como parece, é o certo o meo passeio. Muito e m^{to} temos apreciado o pequeno Bem-ti-vi, aos futuros jornalistas, escriptores, beijo e abraço com alegria, desejando q o anno 913 seja cheio de prosperidade e esperanças p^a que o Bem-ti-vi possa dar um vôo igual a acroplano, p^a risonhas festas em o ninho e queridos filhos e de seos futuros mestres, é pois o recadinho q lhe transmittem ao, D^s Zig-zague e Birimbau. Se estivesse no Rio mandaria algumas anedotas interessantes. Desculpe-me o esquecimento. Agradeço ao Bem-ti-vi a publicação do meo aniversário natalício. [...].²¹⁰

Em diálogo com a irmã, Alice evidencia seu entendimento de progresso pela busca educacional (leitura e escrita) e se coloca como incentivadora aos produtores-mirins Anísio Spínola Teixeira e Mário Teixeira Rodrigues Lima; o primeiro, seu irmão, e o segundo, um sobrinho. Sua escrita evidencia sua admiração pelos familiares em intimidade com práticas leitoras de escrita.

²⁰⁸APMC.AFST.RPT.1.52.6

²⁰⁹Dentre os trabalhos sobre o tema, ver **Educação não é Privilégio**, de Anísio Teixeira (2007), uma edição comentada por Marisa Cassim e coleção organizada por Clarice Nunes pela editora da UFRJ. Ver também o caderno do IPAC, N. 8, **Conjunto Escola Parque**, com textos de Alberto Pimentel Carletto *et al.* e coordenação de Milena Marinho Rocha (2014).

²¹⁰APMC.AFST.CTL.1.3.6

4.1.5 *Religião local, nacional e internacional*

Em 08 de setembro de 1926, Evangelina escreve da fazenda Gurutuba para sua mãe Anna:

[...] Vi n'A Penna o proclama do casamento civil de nossa afilhada Celina. Se for casamento religioso também dê a ella 10\$ por minha conta, quando tiver portador para ahi mandarei ou então pagarei quando fôr. Não envio pelo correio por não achar m^o seguro. Celina não mandou pedir-me nada, mas, como é a afilhada e nunca dei nada [...].²¹¹

Diante da leitura do periódico citado, toma conhecimento sobre o casamento da sobrinha, levando-nos a pensar: por que sua doação em dinheiro estava condicionada ao fato do casamento ter que ser religioso? Seria para reafirmar o controle familiar e a articulação pelo pertencimento a instâncias de interesses comuns aos familiares, formando uma rede de sociabilidade entre os pares?

As perguntas sem respostas objetivas que as cartas nos levam a fazer são inferências necessárias. Estão como elo entre o autor e o leitor no processo da aquisição da leitura e da escrita dos textos. Das filhas da família Teixeira, Hersília era a mais ligada a assuntos religiosos, embora houvesse outras com dedicação a essa causa. É sabido que, no período de 1924 a 1928, mesmo não contando com o apoio da família, especialmente por parte da mãe, decidiu ir para o Rio de Janeiro e depois para São Paulo, a fim de experimentar a vivência religiosa. Não chegou, porém, a fazer os votos perpétuos. No dia 07 de setembro de 1927, escreve carta do Mosteiro de N. S. de Caridade do Bom Pastor, em São Paulo, ao tio Rogociano²¹². Dentre as várias notícias, fala sobre o recebimento do jornal *A Penna*: “[...] Recebi o último número da ‘Penna’, que Papae sempre me envia, onde li grandes manifestações que fizeram em Caetité, por ocasião da chegada do novo Bispo, D. Juvencio de Brito, filho de Propriá [...]”²¹³. Ao recorrermos ao Livro de Tombo sobre a História da Diocese, há a descrição do dia de sua posse, com grande movimentação popular, eclesiástica e política, com o acompanhamento de música entoada por duas filarmônicas, discursos, procissão e missa.

As cartas de Hersília indicam que ela era uma mulher interessada pelos trabalhos comunitários e familiares e, mesmo distante da família, acompanhava o seu cotidiano. No dia

²¹¹APMC.AFST.AST.1.12.21

²¹²APMC.AFST.RPT.1.74.29

²¹³Conforme Livro de Tombo - História da Diocese, D. Juvencio de Brito atuou em Caetité no período de 1926 a 1946: “Aos 26 dias do mês de julho de mil novecentos e vinte e sete do nascimento do nosso Senhor Jesus Christo, dia da padroeira diocesana Senhora Sant’Anna, teve a posse solene do segundo bispo [...]” (Livro, 1927, p. 26).

24 de setembro de 1928, em carta escrita em São Paulo, Celsina faz alusão ao aniversário, comenta sobre a revolução política na Bahia informando sobre jagunços em Juazeiro e outros lugares²¹⁴:

[...] Peço a Deus que esta notícia não seja verdadeira, pois muito receio pela nossa Caetité, onde Papae está em frente a política.
 Houve aqui grande entusiasmo, conforme as notícias que nos deram e também pelos jornais, a semana do “Congresso da Mocidade Catholica”.
 O nosso jornal a “Mocidade” descreve minuciosidade o que se passou durante os dias do Congresso.
 Reuniram-se aqui os principais membros do Clero, sendo tomada diversas propostas a respeito da moralidade nas diversões e da moda actual.
 Se me fôr possível conseguir enviar-lhe-ei um número do jornal da “Mocidade” para V. apreciar melhor o que se passou nos dias do Congresso [...].²¹⁵

O jornal *Mocidade* era um impresso de específica atuação religiosa e, através da carta, Hersília, em diálogo com Celsina, promete-lhe enviar o jornal para que ela possa se informar melhor sobre o congresso. No dia 07 de outubro de 1944, em Salvador, Hersília envia carta a Celsina comunicando sentimentos pela morte do bispo do São Bento naquela cidade: “Foi muito sentida em toda Bahia a morte de D. Agostinho de S. Bento, foi um santo nesta vida e esperamos que no céu continuará a pedir pelas almas que ficaram privadas de seu conforto espiritual”²¹⁶.

Na carta escrita em Salvador no dia 06 de abril de 1947, uma produção de Hersília já apresentada neste estudo, deseja boas festas, em referência à Páscoa, para a irmã Celsina e lhe informa sobre sua saúde. Lamenta pelo fato do sobrinho não ter acompanhado os atos da Semana Santa e informa o envio de jornal: “[...] Esqueci na mesa de canto, no meu quarto o meu manual de Filha de Maria, peço-lhe me remeter, quando tiver portador certo. Não mande pelo correio que pode estraviar [...]”. Na carta escrita em Salvador no dia 23 de maio de 1947, já apresentada neste estudo, Hersília diz: “Envio-lhe entre os jornaes 2 numeros da Semana Catholica para V. o artigo sobre Frei Boaventura, que é outro Frei Eustáquio e Frei Luiz de Petrópolis [...]”. Na sequência, afirma: “Já paguei na Piedade ao Frei Leão a assignatura da Vida Franciscana – 10,00 cruzeiros”.

Hersília e Celsina acompanhavam as notícias religiosas. Hersília, mesmo no mosteiro, encaminhava as produções, a exemplo do jornal *Mocidade e Semana Catholica*. Escreve, em

²¹⁴APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Leontina Spínola Teixeira. São Paulo, 24/09/1928.

²¹⁵O jornal *Mocidade* era, provavelmente, elaborado para a comunicação dos trabalhos do Mosteiro de N. S. de Caridade do Bom Pastor, em São Paulo. Na carta datada de 1928, Hersília cita “nosso jornal” para divulgar eventos como o congresso religioso. Em pesquisa, não conseguimos maiores informações sobre o referido impresso.

²¹⁶APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 07/10/1944.

Salvador, no dia 29 de junho de 1948: “Mandei 2 numeros do Estado da Bahia, em que veio a imponente sagração de D. José Terceiro de Souza, já chegou em suas mãos as encomendas cartas, jornaes e revista?”^{217 218}. Na carta do dia 24 de julho de 1948, comenta: “Sahiu na ‘Tarde’ de hontem a mensagem de D. José aos seus Diocesanos com as fotografias do Bispo e de D. Augusto”²¹⁹. No dia 04 de julho de 1948, Hersília diz a Celsina: “Imagino a chegada do novo Bispo deve ser tão imponente como foi a sagração, como descreve o Diário da Bahia [...]”²²⁰.

Não encontramos registros em relação ao jornal *Diário da Bahia* com esse nome específico. Dessa forma, fazemos duas leituras possíveis: ou queria referir-se ao registro do acontecimento em diversos jornais baianos ou dizer *Diário Oficial*. Na carta escrita de Salvador, no dia 20 de outubro de 1947²²¹, Hersília comenta sobre milagres do Padre Antônio e diz que enviará a *Tarde* para Celsina ler e mandar para o povo católico. No dia 09 de janeiro de 1949, novamente, escreve carta para Celsina²²² e, dentre os vários assuntos, Hersília diz: “Os jornais tem comentado a prisão do Cardeal da Hungria [...]”²²³.

Pelas leituras dos periódicos, as mulheres Spínola Teixeira acompanhavam os acontecimentos em diversos locais. Na carta que Alice escreve para Celsina, de Camaçari, em 02 de maio de 1948²²⁴, diz que leu no jornal *A Tarde* sobre celebração de missa em intenção de pessoas do ciclo de amizade familiar (missa de Turinho, no dia 28). Sobre polêmica entre lideranças locais e sobre as religiões (católica, protestante, espírita), na carta de Alice para Celsina, uma escrita de Salvador no dia 17 de abril de 1950, diz: “[...] Li na A’ Tarde a notícia do pedido de defesa do pastor protestante, ahi, que receia ser desacatado pelo povo, não se devia discutir as taes polêmicas, conforme diz v, acho que foi peor p^a o bispo esta situação em responder”²²⁵.

²¹⁷Sobre relações entre Igreja Católica baiana e o Estado após Revolução de 30, ver dissertação sobre História Social, de Alves (2003).

²¹⁸APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 29/06/1948.

²¹⁹APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 24/07/1948.

²²⁰APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 04/07/1948.

²²¹APMC.AFST.CST.3.3.2

²²²APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 09/01/1949.

²²³O nome do cardeal é József. Mindszenty, nascido na Áustria-Hungria, em 29 de março de 1892. Foi um cardeal húngaro que se opôs ao governo ao abrigar e colaborar com a fuga de judeus. Morreu em Viena, na Áustria, em 6 de maio de 1975 (JÓZSEF MINDSZENTY, 2020).

²²⁴APMC.AFST.CTL.1.3. 81

²²⁵APMC.AFST.CTL.1.3.93

Pertencentes à fé católica, essas mulheres, pelas articulações, foram se integrando também a outras religiões. Um exemplo disso está na carta de Anna para Celsina, escrita em Caetité, no dia 07 de maio de 1908²²⁶, que, dentre os vários assuntos, informa que Prescila está satisfeita com o estudo de espiritismo. O registro acima traz as lideranças religiosas em disputas e demonstra as diversas religiões em busca de espaços, conforme cartas e periódicos²²⁷. Alice escreve uma carta de Camaçari, no dia 02 de maio de 1948, e diz: “A missa de Turinho foi no dia 28, [...] aviso da A ‘Tarde’ não figurou o nome de Beatriz e os filhos, naturalmente fizeram de propósito [...]”²²⁸.

4.2 Conhecendo os jornais lidos

Cabe, agora, fazermos uma síntese dos principais jornais que faziam parte da rotina de leitura das mulheres correspondentes. O levantamento do Quadro 6 foi realizado a partir da citação dos jornais nas correspondências escritas. Embora fosse mencionado recorrentemente o envio de exemplares a interlocutoras, não poderemos afirmar que a leitura ocorresse, necessariamente. Entretanto, temos que considerar que provavelmente as leitoras efetivas dos jornais eram em número maior que o que consta no quadro, visto que era intensa a circulação e compartilhamento de jornais. No quadro abaixo, constam apenas as destinatárias.

Quadro 6 - Jornais lidos e difundidos pelas mulheres da família Spínola Teixeira

| Título | Período de circulação | Local de produção | Leitoras |
|------------------|------------------------------|--|--|
| <i>A Penna</i> | 1897 – 1943 | Caetité | Alice, Evangelina Celsina, Hersília, Leontina, Carmem |
| <i>Bem-te-vi</i> | 1912 – 1914 | Caetité | Alice, Celsina |
| <i>A Tarde</i> | 1912 – atual | Salvador | Alice, Evangelina, Celsina, Hersília, Leontina, Deocleciano |
| <i>Mocidade</i> | 1928 | Provavelmente produção específica de mosteiro em São Paulo | Provavelmente Hersília e Celsina |

²²⁶APMC.AFST.CTL.1.13.3

²²⁷Sobre esse assunto, ver trabalho de Reis (2018), cujo estudo objetivou investigar o lugar ocupado pela leitura e escrita nas atividades desenvolvidas no “Centro Psychico de Caetité”, no Alto Sertão da Bahia.

²²⁸APMC.AFST.CTL.1.3.81

| | | | |
|---------------------------|------------------------------|--|--|
| <i>Correio de Caetité</i> | 1916 - data não identificada | Caetité | Hersília e Celsina |
| <i>O Democrata</i> | 1917 – atual | São Roque (SP) | Celsina e Edivaldo |
| <i>Diário Oficial</i> | 1862 – atual | Tipografia Nacional do Ministério da Fazenda | Leontina, Hersilia, Rogociano |
| <i>Jornal das Moças</i> | 1914 – 1965 | Rio de Janeiro | Leontina, Hersilia, Celsina |
| <i>Diário de Notícias</i> | 1930 – 1974 | Rio de Janeiro | Hersília e Celsina |
| <i>O Imparcial</i> | 1910 – 1920 | Rio de Janeiro | Leontina, Celsina, Rogociano, Hersília |
| <i>Diário da Bahia</i> | 1856 – 1917 | Salvador | Leontina, Celsina, Rogociano, Hersília |

Fonte: APMC. AFBC. Quadro elaborado pela autora.

Como leitoras de periódicos, algumas mulheres da família Teixeira, da segunda e da terceira geração, podem ser consideradas leitoras e propagadoras de periódicos por outros territórios. Enviavam os jornais lidos e comentavam, em carta conjunta, aquilo sobre o qual repousavam seu interesse ou o que chamava sua atenção. Além de *A Penna*, o *Bem-te-vi* e o *A Tarde*, outros jornais também eram incluídos nessa rede de ampliação da comunicação impressa que, conforme vimos, não envolviam somente as mulheres da família, mas outros familiares. Na carta escrita em Salvador, Leontina envia a seu tio Rogociano, que residia no Rio de Janeiro, alguns outros jornais²²⁹: “Junto a esta envio a Vm^{ce} o (*Imparcial*) e o *Diário da Bahia*, que traz a notícia do desastre [...]”^{230 231}.

²²⁹APMC.AFST.RPT.1.94.17

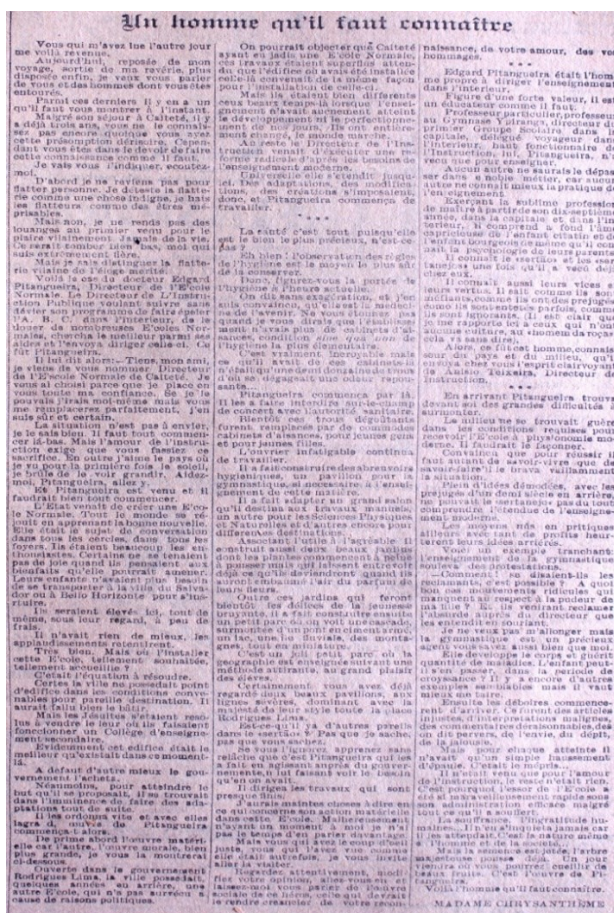
²³⁰Gomes (2017), a partir do levantamento sobre festejos do centenário da Independência do Brasil, no VI Sul-Americano de Seleções de Futebol, ocorrido em 1922, no Rio de Janeiro, analisou periódicos (*O Imparcial* e o *Correio da Manhã*) para discutir críticas ao regime político da época, em alinhamento favorável ao processo republicano em início no ano de 1921. Estava em destaque a quebra da lógica política dos governos estaduais do Brasil.

²³¹Certamente, a autora da carta quis se referir ao *Diário Oficial*, a fim de que o tio Rogociano pudesse acompanhar informações publicadas nesse impresso, uma vez que essa era uma prática entre os pares. De todo modo, recorremos a estudos sobre periódicos de Salvador no período em que a autora escreve a carta e ao trabalho *A Bahia chora “lágrimas de sangue”*. Na obra *O bombardeio da cidade do Salvador: morte, rebeldia e disputa de poder na Bahia republicana da década de 1910*, o autor Hugo Santiago Mendes (2016), além de abordar um fato histórico relevante ao estado da Bahia (o bombardeio da capital pelas Forças Armadas Nacional), o aborda a partir da leitura de periódicos de Salvador.

Também Celsina, em Caetité, envia carta para seu filho, no dia 08 de novembro de 1928²³², na qual faz referências a jornal local. Informa-lhe sobre Anísio e outros familiares, sobre chuvas e sobre um artigo em francês nos jornais *A Penna* e *O Democrata*²³³: “[...] Q^{to} a Penna o artigo em francêz, parece que é do Dr. Lessa. O 2º número do Democrata v verás, que não está tão bom, pois, está usando uma crítica acrimoniosa [...]”.

Para ressaltar o entrelaçamento das produções escritas, identificamos, conforme carta escrita por Celsina, o jornal *A Penna* (n. 449, ano XVII, p.1) com a apresentação do texto em francês. Como documento microfilmado, fica difícil garantir a qualidade da imagem. Para tentar melhorá-la, optamos por apresentar a referência do jornal e o recorte somente da reportagem anunciada.

Figura 14 - Matéria Un homme qu'il faut connaître, de *A Penna*



Fonte: APMC, Jornal *A Penna*, Edição, de 08/11/1928, p. 1.

²³²APMC.AFST.ETL.1.3.31

²³³Conforme o Arquivo Histórico Digital de São Roque, através da Lei de Incentivo à Cultura nº 4.084, da Prefeitura da Estância Turística de São Roque (Edital nº 01/2014 do Fundo Municipal de Cultura), fez-se possível preservar acervos como o jornal *O Democrata*, fundado em 1º de maio de 1917 por Antonio Villaça, Manuel Martins e Argeu Villaça. Com edição de quatro páginas, no começo, passou por tipos diferentes de impressão, a tipográfica e a linotipa (impressão a quente). Na atualidade, com uma média de 28 páginas, tem impressão computadorizada e em cores.

Ainda que pouco legível, o texto indica a abordagem preferida por Celsina, que comenta com o interlocutor que também o leria, algo que parece ser do consenso de ambos, demonstrando o domínio da língua francesa. O homem sobre o qual a matéria se refere é o Dr. Lessa.

De edição regional, *A Penna*, segundo Lobão Gumes (1975), foi um periódico que surgiu para divulgar acontecimentos de cunho cultural e social: “[...] o primeiro número de ‘A PENNA’ em 05 de Março de 1897, para a sua manutenção e desenvolvimento foi necessário alienar um dos seus imóveis para adquirir uma máquina de pedal [...]” (LOBÃO GUMES, 1975, p. 95). Segundo Nogueira (2015), *A Penna* foi impresso no período de 1897 a 1943 e apresenta como o seu proprietário e principal redator João Gumes (1858 - 1930)²³⁴, considerado um autodidata, exercia ofícios de escritor, professor, jornalista, tradutor e compositor. Ainda de acordo com a autora, João Gumes “[...] era um cidadão atuante. Participou ativamente da vida cultural de sua terra natal, da qual só esteve ausente por um período de oito anos, quando exerceu a profissão de mestre-escola em fazendas do atual município de Palmas de Monte Alto” (NOGUEIRA, 2015, p. 61).

Com publicação quinzenal, o jornal *A Penna* possuía de duas a seis páginas. O Abecedário (livro manuscrito de registro de assinaturas do *A Penna*)²³⁵, embora com capa rasurada, apresenta os nomes dos assinantes, entre os anos de 1924 e 1927. Também indica o lugar onde residiam, sendo que vários assinantes eram da região e muitos outros eram de localidades distantes, como os assinantes residentes na Chapada Diamantina, em Salvador, em lugares de Minas Gerais, no estado de São Paulo, no Rio de Janeiro e em outras localidades. Consta, ainda, o momento em que começou a assinatura e o registro dos que pagavam em cada ano, embora não conste o valor da assinatura. Totalizavam 443 assinantes. Pelo Abecedário, verificamos a abrangência territorial de difusão de *A Penna*. Foi impresso, primeiramente, pelo editor-chefe Gumes e, após o seu falecimento, em 1930, teve sua produção continuada pelos filhos. Foi esse o jornal mais citado nas correspondências analisadas.

Sobre o jornal *O Bem te vi*²³⁶, trata-se de um periódico produzido por crianças da família Teixeira: Mario Teixeira Rodrigues Lima e Anísio Spínola Teixeira. O primeiro era

²³⁴Para maiores detalhes sobre o periódico *A Penna* e o seu autor, ver Nogueira (2015), especificamente o capítulo I, “Imagens do Alto Sertão: os muitos registros e a visão de uma época”, e no capítulo II, “Relações de Gênero na Cultura do Alto Sertão Baiano: entre os registros literários de Gumes e outros escritos”. Ver, também, Reis (2010) pelo trabalho: Instâncias formativas, modos e condições de participação nas culturas do escrito: o caso de João Gumes (Caetité – BA, 1987 – 1928).

²³⁵Fundo: Acervo da Família Gumes; série: livro de registro, data limite: 1924 - 1927; resumo sinóptico do jornal *A Penna*; notação: mç.02, Cx.01.

²³⁶APMC.AFST. P.0.17.17

filho de Alzira e o segundo, seu irmão, de modo que tio e sobrinho trabalhavam na sua produção: “[...] fundado por Anísio Teixeira na década de 1910, e no final da década de 1920 teve outra edição por crianças que faziam parte da ‘Liga da Bondade’” (CARNEIRO, 2018, p. 13). Em uma das edições, de 17 de abril de 1914, está registrado o valor da assinatura: para assinantes de Caetité, por seis meses, o valor era de 1\$200 (um conto e duzentos réis); para assinantes fora da cidade, o valor era de 1\$500 (um conto e quinhentos réis). No acervo do APMC, encontra-se o total de 31 jornais entre os anos de 1912 e 1914. Na edição impressa em 19 de novembro de 1912²³⁷, na sessão “Aniversários”, aparece a data de aniversário de Alice, comentado, também, por ela em carta para Celsina, em 27 de dezembro de 1912.

Figura 15 - *O Bem te vi*, n. IV, ano I, p.01



Fonte: APMC, Arquivo da Família do Barão de Caetité, Série: Periódicos, Dossiê: *O Bem te vi* (P.O.17.2).

Pelo entrelaçamento de leituras, outro jornal bem acompanhado pelas leitoras é o *A Tarde*²³⁸. Impresso em Salvador, sua produção foi iniciada no dia 15 de outubro de 1912 e está

²³⁷ (P.O.17.2) Acervo do APMC. Sobre o assunto, ver estudo **De pennas vacillantes em mãos infantis à produção do Jornal o Bem-ti-vi: culturas do escrito e crianças de elites em Caetité, BA (1899-1914)** de Giane Araújo Pimentel Carneiro (2021) que analisou o jornal infantil – O Bem-ti-vi – a fim de compreender a relação entre as crianças de elites e as culturas do escrito, entre os anos de 1899 e 1914, na cidade de Caetité-BA.

²³⁸De acordo com o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC FGV), texto de Consuelo Novaes Sampaio, o jornal *A Tarde*, como jornal vespertino, foi fundado por Ernesto Simões Filho e foi considerado o maior e o mais importante do estado da Bahia. Teve seus primeiros números impressos numa velha Marinoni manual. Sua instalação situou-se num pardieiro à rua da Preguiça, Salvador. Começou a

em atividade até os dias de hoje. Naquele período, como parte das mulheres deste estudo encontrava-se em vínculo com a capital baiana, o início da produção do jornal *A Tarde* foi importante condição para ampliar a troca de informações.

Sobre a publicação do novo jornal *Correio de Caetité*, não encontramos informações sobre o seu período de circulação. As imagens apresentadas abaixo indicam a sua existência e ossuem as datas 20 de agosto de 1916 e 24 de setembro de 1916. A carta de Hersília faz referência à publicação do dia 19 de março de 1916²³⁹ sob “auspícios” do Bispo, o que nos leva a pensar ser uma publicação mensal. Pelas imagens, aparentemente era vinculado a fins religiosos, comunicando práticas pastorais da Diocese de Caetité. Observamos a padronização de textos do jornal, a exemplo da primeira coluna, presente nos dois “Evangelho da Domingo”, uma apresentação comentada do Evangelho.

circular com apenas quatro páginas. A partir de novas instalações foi se transformando ao longo dos anos. Sobre o surgimento desse jornal, a autora diz ser um período complexo para o cenário do Brasil da República Velha. Destaca o bombardeamento da cidade de Salvador (10/01/1912) e fala sobre J. J. Seabra, ministro da Viação na presidência Hermes da Fonseca. Ao falar do início da carreira política de Simões Filho, insere seu aprendizado jornalístico, dizendo ter sido, de início, em apoio a Seabra, e acompanhou as facções oposicionistas locais sob o comando de Pinheiro Machado, que vivenciou as consequências da política de Seabra. De forma gradual, foi o jornalista do *A Tarde* se desligando de Seabra e, com oposições, em articulação, promoveram-se a chamada “revolução sertaneja” e o domínio de Seabra teve fim. Quando as manifestações operárias ameaçaram ultrapassar o limite desejado pela elite em oposição, o *A Tarde* assumiu atitude conciliatória e Simões Filho foi feito mediador entre operários e patrões. O acordo resultante não foi cumprido pelos empresários e o movimento grevista ressurgiu mais forte em setembro de 1919, quando os operários rejeitaram a intermediação de quaisquer indivíduos estranhos à sua classe. Em contraste, o *A Tarde* estimulou, até o estabelecimento da intervenção federal (20/02/1920), as lutas entre os “coronéis”, incitando-os a avançar em direção a Salvador. A agitação interiorana foi rotulada de “revolução sertaneja”, destinada a “libertar a capital do jugo dos opressores”. A intervenção federal, contudo, não favoreceu a oposição. Seabra rejeitou a proposta do presidente Epitácio Pessoa para renunciar em benefício de um candidato de conciliação e governou a Bahia pela segunda vez (1920 - 1924). Tendo Francisco Marques de Góis Calmon para o governo do estado (1924 - 1928), Simões Filho foi eleito deputado federal em abril de 1924. *A Tarde* passou a servir à elite no poder. Radicado no Rio, Simões Filho não perdeu contato com o jornal, mas não o dirigia de forma direta. O jornal, portanto, na primeira e terceira fases (1912 - 1924 e 1930 - 1937) esteve em ação de combate aos governos estabelecidos. Para isso, o Simões Filho (1886-1957) foi jornalista propulsor.

²³⁹APMC.AFST. Carta de Hersília para Celsina, de 22/03/1916.

Figura 16 - Correio de Caetité, n. 6, ano I, p. 1.



Fonte: APMC, Arquivo da Família do Barão de Caetité, Série: Periódicos, Dossiê: Correio de Caetité (P.0.5C.1).

Figura 17 - Correio de Caetité n. 7, ano I, p. 1



Fonte: APMC, Arquivo da Família do Barão de Caetité, Série: Periódicos, Dossiê: Correio de Caetité (P.0.5C.2).

A carta escrita por Leontina, em Salvador, para sua mãe Anna, no dia 21 de junho de 1927²⁴⁰, indica práticas leitoras, pois fala sobre o postal recebido do irmão Anísio, que se encontrava no exterior e, também, sobre a leitura de revistas e jornais. Diz, ainda, em carta dirigida à irmã, Celsina, no dia 24 de agosto de 1944²⁴¹, que lhe enviaria cinco jornais das moças e vida doméstica. Pela leitura partilhada, a exemplo do *Jornal das Moças* (1914 - 1965), segundo Oliveira e Silveira (2016), estavam em evidência as práticas de mulheres cariocas dos anos de 1920 e isso nos leva a perceber a alusão aos costumes europeus, especialmente aos da França, naquele período. Como o próprio título sugere, o jornal abordava assuntos ligados à moda, conselhos domésticos, dicas de beleza, culinária, moldes de roupas, romances, partituras musicais, anedotas, entre outros.

4.3 Os livros e revistas

Quais famílias em Caetité, no século XIX, teriam acesso a livros, revistas e até a textos escritos em outros idiomas, como o francês? Quais seriam os livros e as revistas que circulavam entre as mulheres, crianças e homens das famílias analisadas? Embora as cartas não deem claramente os detalhes das revistas lidas, enviadas e assinadas, os indícios e o diálogo com outras pesquisas possibilitaram aproximação a esse outro universo da leitura do grupo familiar analisado.

A carta de Hersília, escrita em Salvador no dia 15 de dezembro de 1950, apontou o intenso movimento em torno de assuntos cotidianos de uma família em busca do conhecimento e de outros interesses. Também nos remeteu ao início da temporalidade deste estudo, quando motivações econômicas atraíram essas famílias para a região e, com eles, as experiências de leitura e de escrita: “[...] a emergência de uma leitura de massa que iria atingir proporções gigantescas no século XIX, com o desenvolvimento do papel feito à máquina, as prensas movidas a vapor, a linotipo e uma alfabetização quase universal [...]” (DARNTON, 2011, p. 217). Para muitos países, conforme o autor citado, havia “uma alfabetização quase universal” (DARNTON, 2011, p. 217).

Para o Alto Sertão da Bahia, no século XIX, as correspondências da primeira geração, produções, nessa época, indicam as experiências de leitura e de escrita, em privilégios de alguns

²⁴⁰APMC.AFST. Carta de Leontina para Anna. Bahia, 21/06/1927.

²⁴¹APMC.AFST. Carta de Leontina para Celsina. Bahia, 24/08/1944.

grupos²⁴², a exemplo das famílias que vieram para a aquisição de terras e da exploração de outras riquezas como os diamantes na Chapada Diamantina²⁴³. Em carta escrita em Salvador para Celsina, em Caetité, no dia 15 de dezembro de 1950²⁴⁴, já apresentada neste trabalho, Hersília diz: “Fiquei admirada de V. ter encontrado um método francez que foi da nossa tia Mariana em 1866. Com certeza estava nas malas que vieram do sobrado de Titia [...]”. Além das experiências de alfabetização, em alguns casos, provavelmente era uma prática desenvolvida entre os pares na família identificar algum vínculo com outros idiomas, fator a evidenciar herança cultural bem mais ampliada para essas mulheres.

Quais crianças, em Caetité, no início do século XX, tinham acesso a impressos, a ponto de receber dezenove números de uma só vez? Alegria e entusiasmo pelo prazer de poder ler eram, sim, privilégios de algumas poucas crianças na Caetité da época. Na carta de Hersília, escrita em Caetité no dia 04 de fevereiro de 1908²⁴⁵, além de comunicar os sentimentos de saudades, comenta sobre o vazio da casa durante o dia, porque os meninos iam para a escola, ficando somente ela e a mãe, e conta: “Jayme ficou muito satisfeito com o livro do Bom Homem Ricardo, porém ainda não teve paciência de lêr; está também muito contente na escola de Mariquinhas, hontem foi o primeiro dia que ele foi, deu duas lições”²⁴⁶. Sobre o impresso que muito satisfiz o menino Jayme, trata-se de um almanaque escrito por Benjamin Franklin em meados do século XVIII, traduzido e difundido em vários países e, no Brasil, amplamente difundido desde o início do século XIX (NASCIMENTO & SALES, 2014; TAMBARA, 2015)²⁴⁷. Foi publicado em português com o título de “Sciencia do bom homem Ricardo” e o subtítulo “O caminho da fortuna”, em 1884.

²⁴²Para discutir o tema da educação restrita aos privilegiados, ver **Educação não é Privilégio** (2007), de Anísio Teixeira; **Cartas à Guiné –Bissau: registros de uma experiência em processo** (1978), de Paulo Freire e **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam** (1999), do mesmo autor. A partir desses estudos, em épocas e contextos diversos, a discussão vai indicar a importância da democratização das práticas de leitura e de escrita para fins de melhorias da vida das pessoas.

²⁴³Ver trabalhos **Agora um pouco da política sertaneja: a trajetória da família Teixeira no alto sertão da Bahia (Caetité, 1885-1924)** (2011) e **Entre a Política e a Magistratura. O Barão de Caetité e suas Articulações no Império (Alto Sertão da Bahia e além, 1840-1880)**, ambos de autoria de Lielva Azevedo Aguiar (2019).

²⁴⁴APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 15/12/1950.

²⁴⁵APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Caetité, 04/02/1908.

²⁴⁶Conforme o memorialista Flávio Neves, o ensino de Caetité, no ano de 1867, registrou escolas de latim. No início do século, foram registradas uma escola pública estadual masculina, regida pelo Mestre Alcântara; uma escola estadual, feminina, a cargo da D. Jovina; uma escola paroquial, e a Escola Pública Municipal, para meninos. Assim diz: “[...] a mais prestigiosa, sob a regência da Professora Maria Theodolina, a D. Mariquinha [...]” (NEVES, 1986, p. 07). Consideramos, ainda, sobre especificidades de cada experiência do ensino primário em outros locais. Ver trabalho **500 anos de Educação no Brasil**, organizado por Eliana Marta Teixeira Lopes, Luciano Mendes de Faria Filho e Cynthia Greive Veiga (2011).

²⁴⁷Sobre o impresso, ver o trabalho **Almanaque do Bom Homem Ricardo: práticas educacionais norte-americanas e sua circulação no Brasil oitocentista**, das autoras Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento e

A escrita de Hersília retrata o entusiasmo dos irmãos com a escola, questão que nos leva a pensar sobre a leitura nesse ambiente escolar e indagar: como deveria ser? Na carta escrita em Caetité em 05 de maio de 1909²⁴⁸, Anna conta a Celso, seu filho, sobre a leitura feita por dois dos irmãos e do terceiro a ouvir: “Os meninos estão muito contentes porque receberam 19 n° do Ticoticos de uma vez; estão lendo Anísio, e Jayme, e Nelson ouvindo [...]”. Nessas circunstâncias, uma leitura parece convidar novos leitores a nos levar a pensar que poderia, também, sair dos ambientes familiares: “Ler em voz alta, para os outros ou para si mesmo, ler em grupos, ler por obrigação e trabalho ou por prazer são atos que não desaparecem com a revolução da leitura no silêncio e na intimidade [...]” (CHARTIER, 1991, p. 113).

Entre leitura em grupo e em voz alta, tem-se, pela atuação comunitária, a possibilidade de envolver os que não sabiam ler. O destaque dado à condição de ouvinte, por exemplo, por parte do menino Nelson, chama a atenção e indica que os membros da família eram cientes e constantemente atualizados sobre o desenvolvimento de cada um deles. Além disso, realça o ser leitor pelo reconhecimento da nota e da merecida menção. Pelas cartas em que apontam experiências comunitárias das mulheres, é possível identificar que esse saber era compartilhado com parte da comunidade, certamente marcada pelo analfabetismo presente naquele momento. Na carta datada de 14 de março de 1920, escrita em Caetité por Carmen para seu tio Rogociano: “Esta tem por fim agradecer a Vm^{ce} a assignatura do Tico-Tico e o Livro de história que teve a bondade de mandar-me. Só agora soube que foi Vm^{ce} quem assignou o Tico-Tico para mim, tenho apreciado as histórias que são sempre engraçadas. [...]”.²⁴⁹ Novamente, Carmen escreve carta em Caetité para o seu tio Rogociano, em 27 de janeiro, provavelmente de 1921²⁵⁰, e manifesta preocupações de perder a assinatura do *Tico-Tico* e diz: “Tenho recebido com constância o Tico-Tico, que assignasteis, mas estou com receio de ser suspensa assignatura por ter a mesma findado em 31 de Dezembro. [...]”.

Em carta datada de 23 de abril de 1937²⁵¹, Hersília, em Caetité, faz comentário sobre encomendas que Celsina fizera, incluindo o livro de histórias para Deoclecianinho. Entre os assuntos, comenta sobre aniversário de inauguração da Escola Normal, no dia 21, com realizações de diversas atividades comemorativas, a exemplo de missa, passeata, jogos e

Tâmara Regina Reis Sales (2014). Ver, também, o trabalho **A ciencia do bom homem Ricardo**: um texto de leitura escolar no Brasil imperial - The science of the poor Richard's: a school reading text in the imperial Brazil, dos autores Eduardo Arriada, Elomar Antonio Callegaro Tambara, Sheila Duarte (2015).

²⁴⁸ APMC.AFST. Série: Celso Spínola Teixeira. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Anna Spínola Teixeira. Caetité, 05/06/1909.

²⁴⁹ APMC.AFST.RPT.1.34.1

²⁵⁰ APMC.AFST.RPT.1.34.8

²⁵¹ APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Caetité, 23/04/1937.

reuniões culturais, e evidencia as práticas leitoras nessa situação festiva. Ainda sobre leitura e escrita no ambiente familiar, Leontina, a mãe orgulhosa, escreve carta no dia 28 de setembro de 1924, de Salvador, para o tio Rogociano, falando que seu filho, Ernani, já estava lendo de forma fluente:

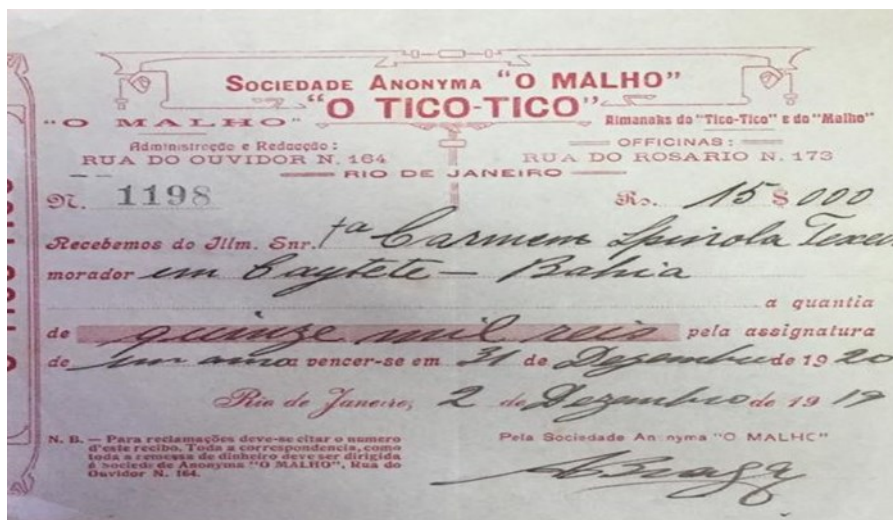
[...] já está lendo correntemente e compreende facilmente tudo que lê, o que é de admirar, pois elle completou 6 annos e não forçamos muito o estudo d'elle. Jayme mandou um livro para elle, que gostou muito e leu todo em menos de 3 dias, muito interessado em saber a história de “Pinocchio”. As vezes era preciso eu tomar o livro das mãos d'elle, porque elle queria ficar todo o dia lendo, e conta muito direitinho tudo que lê. Para escrever é que elle não tem muita paciencia, mas já está escrevendo alguma cousa. ²⁵² ²⁵³

O entrelaçamento das leituras foi nos revelando os saberes entre as pessoas que receberam impressos em envolvimento com as outras gerações. Embora os impressos tenham sido enviados aos meninos da família e a leitura, tenha sido realizada entre os pares, em ambiente familiar privilegiado, não se pode negar a coexistência de ações envolvendo a leitura e a escrita na comunidade: “A força dos modelos culturais dominantes não anula o espaço próprio de sua recepção. Sempre existe uma brecha entre a norma e o vivido, o dogma e a crença, as normas e as condutas” (CHARTIER, 2010, p. 46). É necessário atentar-se, pois, para as articulações entre as práticas estabelecidas e analisar esse espaço de recepção como lugar de novas e intensas relações, por mais complexas que sejam. Apresentamos, na figura 12, o recibo datado do dia 02 de dezembro de 1919, referente à assinatura do *Tico-Tico* e *d’O Malho*, uma doação do tio Rogociano a Carmem que, em sua escrita, expressou ter recebido o *Tico-Tico* de forma constante, o qual agradece.

²⁵² *Le avventure di Pinocchio. Storia di un burattino* é um romance escrito pelo italiano Carlo Collodi, em Florença, no ano de 1881 e publicado dois anos depois com ilustrações de Enrico Mazzanti. Trata-se de um clássico da literatura infanto-juvenil (COLLODI, 2020).

²⁵³APMC.AFST.RPT.1.94.7.

Figura 18 - Recibo de assinatura de O Tico-tico



Fonte: APMC.AFST.CST.6.1.1

A carta e o recibo de assinatura apresentados são registros de vínculos de leitura, um patrocínio do tio para a sobrinha. Em lugares diferentes, criaram condições de recebimento dos impressos. *O Tico-tico* era uma revista contendo textos e ilustrações, e trata de assuntos diversos²⁵⁴, como literatura, artes, educação, teatro, cinema, dentre outros. Segundo Alencar (2015), *O Tico-Tico*²⁵⁵ é uma produção da editora *O Malho*, do Rio de Janeiro, e objetivou oferecer entretenimento e instrução às crianças brasileiras. Sobre elementos constituidores do impresso:

[...] o cabeçalho apresenta a figura de um pássaro, no centro, apoiado em um poleiro amparado pelo hífen da palavra “Tico-Tico”, caracterizado com chapéu, óculos e um livro debaixo da asa. Vê-se ainda que são incorporados ao 38 cabeçalho da revista alguns dos personagens mais atuantes do periódico como o menino Chiquinho, o casal Faustina e Zé Macaco, os amigos Reco-Reco, Bolão e Azeitona, Jujuba, Kaximborn

²⁵⁴O sumário da edição de novembro de 1920, que possui 50 páginas, se organiza da seguinte forma: Página de abertura - desenho original de chin; O Brazil deve ser forte no mar - por E. W. Muniz Barreto; S. E. O Sr. Cardeal Arco Verde - quadro de R. Chambelland; O barril de lágrimas - por João do Norte; Festas mundanas. O rio triste, o "film" do centenário; O último farrroupilha - por Homero Trates; O fim de uma injustiça - por Mozart Lago; A coroação de D. Pedro II — reprodução de um quadro de M. de a. Porto Alegre; O baile de 28 de agosto de 1821 - por Alfredo Balthazar da Silveira; Uma visita a' escola de Bellas Artes - por Adalberto Mattos; Educação e ensino - por Leôncio Correia. Estado do Paraná; Primavera - Mármore de G. Michel; Sob o Céu de Osiris - por Felipe d'Oliveira; No estaleiro - agita forte de Argemiro Cunha; D. Pedro II. Dona Thereza Christina; Campeonato de cavallo de armas - pelo tenente-coronel Dr. João Mortiz Barreto de Aragão; Baixos relevos da escola de Bellas Artes; O Pantheon do Rio Grande do Sul. Sociedade. Vida que passa... - por Álvaro Moreyra; Os jesuítas e a colonisação do Brazil - por Eduardo Prado; Djebbl-el-libman - por Afonso Lopes de Almeida; A obra de um poeta - por Severo Valente; O rio, dos ares... Db São Paulo - por Mario de Andrade; Semear para colher - por Tobias Moscoso; Mostras de arte - por A. Mattos; Música - por F. B.; Theatro - por Victor Marcai; Gente de cinema. O velho Rio de Janeiro. Chronica econômica e financeira. Por Victor Viana.

²⁵⁵**O Tico Tico. Centenário da Primeira Revista de Quadrinhos do Brasil**, de Roberto Elísio dos Santos e Waldomiro Vergueiro (2005), procura contar a trajetória de 70 anos da marca *O Tico-Tico*, desde o seu nascimento em 1905, como publicação semanal, até seu último número como revista periódica, em 1957, e em edições especiais até o seu final, nos anos 1970. Obra ilustrada com mais de 800 imagens e com um encarte do fac-símile da edição integral de *O Tico-Tico* nº 1, de 1905.

e Pipoca além dos personagens estrangeiros Mickey e gato Félix. Todos olhando em direção ao pássaro. O cabeçalho apresenta ainda quatro cores: o azul, amarelo, vermelho e preto (ALENCAR, 2015, p. 37 e 38).

Segundo Gonçalves (2019), o impresso é a revista infantil mais longeva, tendo seu primeiro número publicado em 1905 e com periodicidade diversa. Ao dizer que *O Tico-Tico* surgiu durante o processo de segmentação dos impressos da *Sociedade Anônima O Malho*, o autor fez a defesa pela sua constituição a partir de quatro pilares principais: educação cívica e pedagógica; o ensino da História, principalmente, da pátria; a divulgação da língua portuguesa pela leitura e pela escrita e a educação para o consumo: “[...] Em meio ao interesse de publicização de história ou divulgação histórica, observamos a predileção para a escrita da história da nação ao lado de edificação de um panteão de heróis e de afirmação de um discurso de superação do passado colonial e imperial pela República” (GONÇALVES, 2019, p. 148).

O mesmo tio Rogociano, que propiciou a assinatura da revista a Carmen quando esta concluía os estudos em Caetité, anteriormente enviou outras revistas para a sobrinha Evangelina, que residia na fazenda em Gurutuba, conforme diz em sua carta, já apresentada neste estudo: “[...] Recebi as revistas que vm.ce teve a bondade de mandar-nos, muito agradeço, deram-me horas de agradável distração”. Na mesma escrita, comenta sobre distração naquele lugar, com o uso da vitrola e, ainda, o aborda em solicitação de informação sobre os preços de Apólices Federais. Em outra carta também ao tio, no dia 30 de dezembro de 1919²⁵⁶, muito além das notícias (informes sobre familiares, a seca na região), agradece-lhe pelas revistas recebidas: “[...] Eu e Chiquinho muito agradecemos as revistas que nos enviou [...]”. Embora não especifique os impressos recebidos, evidencia gosto por eles. Do lugar onde não gostaria de morar, apresenta as práticas de leitura como condições de se sentir envolvida e em entretenimento. O mesmo tio que envia os impressos é o que, diante das queixas de Evangelina de não desejar residir em uma fazenda, a convenceu a se casar e aceitar viver naquela localidade.

As cartas de Leontina evidenciam o acompanhamento dos estudos dos filhos, irmãos e sobrinhos. Por essa condição, incentivou a leitura entre eles, conforme carta já apresentada neste estudo, quando, de Salvador, no dia 24 de abril de 1924, diz a sua mãe sobre o prazer do filho Ernani em ler e escrever. Também, indicou seu envolvimento com a cultura pela carta de 14 de dezembro de 1945, já apresentada neste estudo. Através dessa comunicação, Leontina noticia o sucesso de peça teatral *Opereta Conde de Luxemburgo* e comenta sobre o noticiário em gazetas e diz que a irmã irá acompanhar o episódio pelos jornais (*A Tarde* e outros). No

²⁵⁶APMC.AFST.RPT.1.52.7

final, registra: “Junto envio-lhe algumas revistas”. Na carta escrita por Angelina para Hersília, sem local, em 18 de novembro de 1943²⁵⁷, diz: “[...] Já recebemos suas cartas que foram para Contendas. Segue por Rogociano a mala de Doclecininho as encomendas e umas revistas. Não [...] manteiga, não há no comércio”. Em Salvador, no dia 15 de março de 1944, Hersília escreve carta para Celsina²⁵⁸, em Caetité, abordando vários assuntos: “Deoclecininho fez o exame vestibular no dia 09, saíu muito bem com aprovação 9,4. Os professores da banca ficaram admirados de Deoclecininho ter estudado no interior e estar tão bem preparado. Fez o exame com calma e desembaraço”²⁵⁹.

O desenvolvimento das práticas pelos familiares envolvia, inclusive as crianças e jovens, sendo incentivados, no cotidiano familiar, e se estendendo a outras instâncias do saber, superando as expectativas – ao menos na versão da tia orgulhosa. Os textos complementares poderiam estar relacionados também às recomendações institucionais, como as que vinham da Igreja Católica, podendo, por vezes, envolver leituras não permitidas. Considerando, no entanto, o contexto da época, em 1944, segundo Lacerda (2003), ao falar das histórias de leitura de escritoras no Brasil, destaca o esforço de Maria José, com apoio de Monteiro Lobato, Caio Prado Jr., Artur Neves e o seu esposo, Leandro Dupré, para fundarem a Editora Brasiliense. A pesquisadora indica os conflitos políticos, as dificuldades com a publicação de livros infantis e os romances. Sobre o caso específico da escritora citada, traz a censura a títulos como “Luz e Sombra” (1934), “Gina” (1945), “Os Rodrigues” (1946), “D. Lola” (1949), entre outros²⁶⁰.

Essa tensão aparece, também, quando Hersília relaciona a mudança das atitudes do sobrinho à leitura não permitida e não recomendada, provavelmente a leitura de livros como os de Maria José. Isso também nos leva a relacionar à leitura literária: “livros da Lola” como uma provocação para a procura maior pela literatura²⁶¹. A carta de Leontina, escrita em Salvador, em 09 de abril de 1943²⁶², já apresentada neste texto, está dirigida a sua irmã, Angelina,

²⁵⁷APMC.AFST.HST.1.B1.1

²⁵⁸APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Leontina Spínola Teixeira. 15/03/1944.

²⁵⁹Sobre leitura, livros e história da leitura, ver trabalho organizado por Márcia Abreu (2007), que consiste em uma coleção de histórias de leitura a agregar trabalhos de estudiosos (nacionais e internacionais) de diferentes áreas do saber em uso dos livros e da leitura de diversas condições sociais e culturais.

²⁶⁰Através do romance **Éramos Seis**, a autora traz o cenário da capital paulista, no período entre o ano de 1910 e 1940 e destaca Lola ao lado do marido e de seus quatro filhos, retratando um cotidiano de alegrias, dramas e adversidades envolvendo essa família e os episódios marcantes do início do século XX, em São Paulo. Aborda também os fatos resultantes das movimentações políticas de 1924 e 1932.

²⁶¹Ver o trabalho **Leitura Literária e outras Leituras**, de Regina Zilberman (2005). A obra faz uma discussão sobre a relação entre leitura e as práticas de linguagem e de educação, conforme abordam os trabalhos da coleção **Leitura: práticas, impressos, letramentos**, organizada por Ana Maria de Oliveira Galvão e Antônio Augusto G. Batista (2005).

²⁶²APMC. AFST. ASST.1.4.3

expressou tristeza pelo falecimento de Alzira, sua irmã, mas também comunicou o envio de revistas.

Mesmo estando em lugares diferentes, enviavam e recebiam materiais impressos para fins de formação religiosa, principalmente por parte de Hersília e Celsina, que também desejavam às demais. No dia 25 de março de 1947, Hersília escreve carta para desejar feliz Páscoa, diz ter recebido correspondência e que mandou Deoclecianinho visitar Godson, e comunica o seu estado de saúde. Por fim, pede para entregar o livro “Glórias de Maria” a Padre Osvaldo e escreve que encomendou imagens de santos²⁶³. Na carta do dia 20 de julho de 1947, já apresentada neste texto, como são vários assuntos, diz: “Vou procurar os livros que V. encomendou de hynos, benditos e cânticos populares para a Igreja, talvez encontre na Livraria do Arcebispado [...]”. No dia 17 de setembro de 1947, Hersília, por carta a Celsina²⁶⁴, traz os assuntos religiosos, comentando sobre os preparativos para a festa do Sagrado Coração de Jesus, em Caetité, que seria realizada no dia 28 do mesmo mês e do mesmo ano, e comunicando que enviaria as encomendas por um bom portador: “Vão as revistas para V. Livrinhos de história, copo, lápis de côr para Dirvansinho e Eduardo”.

Hersília ocupou-se, no cotidiano da família, de preparativos religiosos, como diz em carta de Salvador no dia 26 de maio de 1948²⁶⁵, que enviava por Celina o preparatório para a primeira comunhão de Marylene: “[...] quanto ao livro pode encontrar na livraria de Celina [...]”. Na carta escrita no dia 29 de junho de 1948, já apresentada neste estudo, Hersília, de Salvador, envia encomendas para Celsina: estandarte, sapato, o livrinho, o terço, o cetim e as franjas. Na carta de Hersília para Celsina, escrita em Salvador, no dia 06 de julho de 1945²⁶⁶, dentre os vários assuntos, comunica a encomenda de “santinhos” pelo falecimento de Edivaldo. Fala que pagou pela assinatura de revista *Franciscana*, socializa as contribuições e ofertas. Na escrita do dia 27 março de 1947, já referida neste estudo, Hersília comunica a Celsina o envio de impressos, tanto a revista *O Cruzeiro*²⁶⁷ – uma produção ilustrada e editada no Rio de Janeiro

²⁶³APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeira. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 25/03/1947.

²⁶⁴APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeira. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 17/09/1947.

²⁶⁵APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeira. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 26/05/1948.

²⁶⁶APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeira. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 06/07/1945.

²⁶⁷Em 1981, retorna, mas há problemas financeiros e a morte do seu fundador (VELASQUEZ, 2020). Ver, ainda, o estudo **A Máscara da Modernidade: a mulher na revista *O Cruzeiro* (1928 - 1945)** (2006), de Leoní Serpa, uma análise das mudanças trazidas pela modernidade e pelo Estado Novo nas representações simbólicas das mulheres.

(1928 a 1975) como revista de variedades – quanto a revista *O Gury*²⁶⁸ (1940 - 1968), também do Rio de Janeiro.

Vimos que na escrita de Hersília houve a especificação dos impressos, mas nem sempre isso acontecia. Tais impressos, por sua vez, formaram uma rede de circulação entre eles, indicando uma diversidade de leituras realizadas por meio de vários suportes, como podemos verificar, pela escrita de algumas das mulheres, a exemplo da carta de Hersília, escrita em Salvador, no dia 10 de novembro de 1948²⁶⁹, para Celsina, que se encontrava em Caetité. Hersília indica a leitura de impressos e a busca de informação por meio da rádio: “[...] V. de tão longe aproveitou pela rádio alguma coisa do Congresso de Porto Alegre. Li na ‘Tarde’ e revistas [...]”. Não indicou o tema do congresso, podendo-se sugerir ser de cunho religioso, considerando o contexto de envolvimento das irmãs em comunicação, tanto pelas cartas, quanto pelos impressos (jornal e revista).

As mulheres de elite eram as que representavam a leitura e a escrita. Nós as identificamos em ampla rede de sociabilidade. Os seus textos, pelas entrelinhas, expressaram parte do cotidiano de outras mulheres, em circunstâncias adversas, a exemplo das escravizadas, já mencionadas neste estudo. Conforme Falci (2000), sobre essas outras mulheres, seus desejos, sonhos e anseios, não se pôde saber. Sua participação, muitas vezes, em associação aos intensos e difíceis trabalhos manuais indicaram a não leitura e a não escrita.

Por isso, nosso empenho em entender a complexidade do cotidiano das mulheres de elite com presença e participação em lugares como o Alto Sertão da Bahia, podendo também discutir o entrelaçamento das culturas. Sabemos que o cotidiano nos dá oportunidade de conhecimento das necessidades humanas na sociedade, revelando o “não dito”, muitas vezes, pelos pequenos vestígios nem sempre evidentes. Desse modo, nos quadros abaixo, mostramos um resumo das leituras (livros e revistas) citadas nas correspondências das mulheres da segunda e da terceira geração:

²⁶⁸Foi lançada em abril de 1940 pelo jornalista Assis Chateaubriand, do Diário da Noite, com o título completo **O Gury - O Filhote do Diário da Noite**, uma referência ao principal jornal do grupo daquele empresário. Teve quatro versões entre 1940 e 1968 (O GURI, 2019).

²⁶⁹APMC.AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeira. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 10.11.1948.

Quadro 7 - Livros lidos e difundidos pelas mulheres da família Spínola Teixeira

| Livros | Período de circulação | Local de produção | Leitoras |
|--|---|-------------------------------|---|
| Método <i>francez</i> | O ano de 1886 foi indicado como registro do livro | Não identificado | Tia Mariana e Celsina |
| Bom Homem Ricardo | 1732 - 1754. No Brasil em 1884 | Rio de Janeiro | Hersília e Jaime |
| Livros de Lola (Provavelmente de Maria José Dopré) | 1943 – 2014 | Em 1943 – Editora Brasiliense | Deoclecianinho e provavelmente Hersília e Celsina |
| Glória de Maria | Não identificado | Não identificado | Hersília e Celsina |
| Livrinhos de histórias | Não identificado | Não identificado | Hersília e Celsina |
| Livros de hynos, benditos e cânticos populares | Não identificado | Não identificado | Hersília e Celsina |
| Livro preparatório para a comunhão | Não identificado | Não identificado | Hersília e Celsina |
| Livro História de Pinocchio | 1881 | Florença - Itália | Jayme e o sobrinho, Ernani, filho de Leontina |
| Gramática elementar ²⁷⁰ | Não identificado | Não identificado | Hersília, Celsina, Deoclecianinho e Diva |
| Aritmética | Não identificado | Não identificado | Hersília, Celsina, Deoclecianinho e Diva |
| Geografia | Não identificado | Não identificado | Hersília, Celsina, Deoclecianinho e Diva |

Fonte: APMC. AFBC. Quadro elaborado pela autora.

²⁷⁰Segundo carta de Hersília para Celsina, em 15/03/1948, esses três livros deveriam estar na gaveta de livros de Deoclecianinho, na mesinha vermelha, para Diva apreender.

Quadro 8 - Revistas lidas e difundidas pelas mulheres da família Spínola Teixeira

| Revistas | Período de circulação | Local de produção | Quem lia |
|----------------------------|------------------------------|--------------------------|---|
| <i>O Tico-tico</i> | 1905 - 1957 | Rio de Janeiro | Carmem, Anísio, Jayme, Néilson e, provavelmente, a família toda |
| <i>O Malho</i> | 1904 - 1910 | Rio de Janeiro | Carmem, Anísio, Jayme, Néilson e, provavelmente, a família toda |
| <i>O Cruzeiro</i> | 1928 - 1975 | Rio de Janeiro | Hersília e Celsina |
| <i>O Gury</i> | 1940 - 1968 | Rio de Janeiro | Hersília e Celsina |
| <i>Revista Franciscana</i> | Não identificado | Não identificado | Hersília e Celsina |
| <i>Vida Doméstica</i> | 1920 - 1960 | Rio de Janeiro | Hersília, Celsina e provavelmente as irmãs. |

Fonte: APMC. AFBC. Quadro elaborado pela autora.

4.4 Leitura poética: deleite e prazer

A leitura, no entanto, não parecia ter somente como motivação a informação, a instrução ou a participação nos debates políticos, culturais, familiares. Havia a leitura por prazer, entretenimento, distração. Além dos cartões trocados por Alice e sua amiga Dinah, que apresentaremos no próximo capítulo, há também os cartões como convites para jantares familiares. Nesse caso, Maria Victória, sem identificação de local e de data, evidencia sociabilidade de leitura pelo convite ao jantar em sua casa. Com esses indícios, recorreremos ao acervo da biblioteca do Barão de Caetité e a outros documentos de Lima Júnior²⁷¹, o esposo de Alzira Teixeira Spínola Rodrigues Lima, onde encontramos os seus manuscritos, produções

²⁷¹Ver Xavier (2018).

literárias, de cunho poético, político e social, referentes aos anos finais do século XIX e aos iniciais do século XX. Como ele era filho de Maria Victória de Albuquerque Gomes Rodrigues Lima, integrar esses elementos de leitura e de escrita nos revela a herança da cultura leitora e de escrita, inclusive literária. Observamos, ainda, o pertencimento dos livros, em grande escala, a Lima Júnior, questão a nos indicar ser essa família envolvida com as práticas leitoras e de escrita.

A carta de Evangelina para a irmã Celsina, no dia 13 de março de 1916²⁷², além das notícias sobre saúde de Alzira, confirma o cotidiano familiar do início do século XIX, integrado às práticas leitoras, seja na família, seja em outras instâncias educativas: “[...] Carmita está estudando commigo e sempre com muito gosto. Está aprendendo uma poesia para recitar domingo no baptizado de boneca de Zelinda [...]”. A comunicação entre as irmãs indica as brincadeiras de criança em práticas de leitura, em criação e invenção infantil, uma imitação das vivências dos adultos, reproduzindo situações religiosas (o batizado) e as educativas e de lazer (poesia e o recital). Na carta para Celsina, em Caetité, já apresentada neste estudo, Hersília faz comentário sobre encomendas que Celsina fizera, incluindo o livro de histórias para Deoclecianinho. Entre os assuntos, conta sobre aniversário de inauguração da Escola Normal e que Celina pediu a Zilda para discursar e declamar poesias feitas por uma aluna sobre o inconfidente Tiradentes. A carta comunica o envio de impressos aos integrantes da família e anuncia benefícios a serem propiciados pela Escola Normal, a exemplo de novos leitores, Zilda e a aluna, no exercício de produzir poemas, e as novas leituras, proposição do aniversário de data de inauguração da Escola Normal com discurso e poesias. Notamos o esforço dos integrantes da escola em ampliar as práticas de leitura e de escrita, ao criar condições de sua implementação, mesmo em meio aos desafios.

Para a primeira geração, as correspondências eram escritas informativas ente os pares. Para as demais gerações, mudanças para com o uso da leitura e da escrita foram identificadas. As mulheres, em participações sociais, se não estavam diretamente integradas, ao cotidiano delas, conversavam entre si sobre o uso dessas práticas, conforme carta do dia 23 de abril de 1937, em que as irmãs (Hersília e Celsina) discutem sobre poesia (produzida, declamada e ouvida) a partir da reintegração da Escola Normal em 1926.

Outros lugares foram identificados como veiculação das práticas leitoras na sociedade, em indicação do uso da leitura e da escrita, conforme indica que, no século XIX, novas

²⁷²APMC. AFST. CTL.1.50.6

categorias de leitores (mulheres, crianças, trabalhadores) foram apresentadas à cultura impressa e, ao mesmo tempo, também, nesse período, tem-se a industrialização da produção de impressos em uso de novos materiais e modelos para a leitura (CHARTIER, 2007).

Por isso, a apresentação das três gerações de mulheres e suas práticas leitoras e de escrita entre os pares e, no decorrer do processo, em participação para envolver a sociedade, identificando a atuação das mulheres em instâncias educativas, a exemplo das escolares, filantrópicas e outras afins. Isso, no entanto, não representou o envolvimento geral da população da época.

No próximo capítulo, a partir da identificação das práticas de escrita das mulheres, nas três gerações, iremos abordar os usos que se fizeram dela (a escrita), buscando discutir as práticas escritas, nos diversos espaços de sociabilidade e sobre as condições de realizá-las.

5 PRÁTICAS DE ESCRITA NO UNIVERSO FEMININO

Figura 19 - Carta de Evangelina para Anna (14/06/1923)

Rio 14 de junho de 1923.

Mãe -

Desejo que Nm., Papae e todos continuem com boa saúde.

Há 8 dias que estamos aqui e se hoje me foi possível escrever esta primeira carta. Silvinha tem escrito sempre e com certeza já deu notícias da viagem, etc.. Ella está muito bem e continua calma e satisfeita. Tem passado sempre comigo, Tio Rogociano e os meninos. Já esteve no Bom Pastor e diz que vai n'estes dias definitivamente para lá. Tio Rogociano acha que ella querendo assim, se deve e deixar. Confiamos, será o que Deus quizer.

-Foi ao consultorio do Rodrigues Lima que receitou-me dois remedios para tomar aqui, prometendo dar outros para o var. Acabei-me enfraquecida.

Fonte: APMC.AFST.AST.1.12.3

Neste capítulo, iniciamos com uma carta de Evangelina para a sua mãe. Encontrava-se no Rio de Janeiro e estava com parte da família, porque Hersília insistia em viver a experiência de ser freira. A carta traz outros elementos em indicação do uso da escrita. Desse modo, no texto, buscamos identificar a escrita e o seu entorno, tentando compreender como e em que espaços e em que condições essa prática se dava. Certamente há diferenças, tanto no volume de escritos produzidos por cada geração, quanto nos – aparentemente – distintos níveis de domínio da habilidade da escrita entre as correspondentes. Consideramos que, ao longo da história, havia diferentes acessos à aprendizagem dessa prática para homens e para mulheres:

Embora maior, a familiaridade com a escrita não é igual para todos. Na Europa, as porcentagens de assinaturas mostram uma série de diferenças. A primeira, entre homens e mulheres. Por toda parte, os homens sempre assinam mais que as mulheres

e muitas vezes com uma vantagem que pode chegar a 25% ou 30%. Se esta diferença atesta claramente que as mulheres participam menos do mundo da escrita, não devemos porém tomá-la como a medida exata de uma desigual capacidade de leitura. De fato, nas sociedades antigas a educação das meninas inclui a aprendizagem da leitura, mas não a da escrita, inútil e perigosa para o sexo feminino (CHARTIER, 1991, p. 117).

Se na Europa a participação no mundo escrito é indicadora de diferenças entre homens e mulheres, é interessante a reflexão de que o domínio da leitura não significava o domínio da escrita, especialmente no caso das mulheres. Isso acentua nosso interesse em conhecer o lugar do “escrever” no cotidiano desses sujeitos. Então, cabe-nos investigar se havia escrita para além da produção de cartas no Alto Sertão da Bahia ou, em consonância com Galvão (2010), compreender os lugares simbólicos e materiais que o escrito e o ato de escrever ocupavam para esse grupo de sujeitos em específico.

Ao buscarmos por outros gêneros textuais, finalidades e suportes para a escrita feminina, procuramos igualmente identificar se a escrita epistolar concorria com outras formas de comunicação, como o rádio e o telegrama. Verificamos, no capítulo anterior, que os jornais noticiavam os conteúdos comentados nas cartas, mas uma análise aprofundada nos permitiu afirmar que a leitura dos jornais não eliminava a função informativa das cartas, ou seja, ambas funcionavam como textos complementares entre si. Buscamos investigar, portanto, qual é o lugar ou os lugares ocupados pelo “escrever” no cotidiano das mulheres em estudo, o que escreviam, onde e quando o faziam.

5.1 Condições materiais e afetivas da escrita

O objetivo de analisar as práticas de escrita que indiretamente estão apresentadas por meio das correspondências nos levou a buscar identificar a escrita e o seu entorno, além de analisar os espaços e as condições de como essa prática se dava. A seguir, cabe-nos detalhar algumas das especificidades dessa escrita epistolar, seja pela ocultação de ideias, seja por sua revelação²⁷³.

²⁷³Ver trabalho **As correspondências**: uma história das cartas e das práticas de escrita no Vale de Itajaí, de autoria de Marlon Salomon, cujo objetivo é realizar aquilo o que há anos ficou conhecido entre os historiadores como “uma crítica interna do documento” (SALOMON, 2002, p. 18).

5.1.1 “*Esta foi escripta a noite, e vou mandar só para não deixar de escrever [...]*”:
frequência da escrita

O trecho da carta de Evangelina, que inicia este subtítulo, refere-se a uma escrita realizada no Rio de Janeiro, no dia 14 de junho de 1923²⁷⁴, direcionada a sua mãe, Anna. Além das notícias de familiares, como a informação de que Oscar tinha ido para o Mato Grosso, fala de sua falta de inspiração para a escrita, mesmo estando numa grande cidade: “[...] Apesar de estar em uma grande cidade não acho assumpto para cartas! [...] P.S Esta foi escripta a noite, e vou mandar só para não deixar de escrever. Peço rasgar [...]”.

Ficamos nos perguntando: por que Anna não rasgou a carta? A ausência de conteúdo que Evangelina alegou na escrita não era justificativa, observando algo a mais que a materialidade que a carta carregava. Da mesma forma perguntamos: se não havia assunto, por que a escreveu? Respondeu “para não deixar de escrever” para não interromper um ritmo esperado? De quem era a necessidade? De quem escrevia ou de quem recebia a carta? Será que, por conhecer a “angústia do hiato”, Evangelina não gostaria que a mãe a experimentasse? Por fim, como a noite interferia negativamente na escrita?

Como Anna não atendeu ao pedido de sua filha Evangelina para rasgar a carta, tornou-se possível estender o assunto para além daquele momento. Este estudo, por exemplo, favoreceu-nos a identificação das práticas de escrita das mulheres, a discussão delas, pelo fluxo das trocas, um ritmo do ir e vir das cartas e dos sentimentos envolvidos, como alegria, insatisfação, constrangimentos, tristeza, desânimo, saudades, curiosidade, carinho, além de outros elementos. Consideramos, pois, a complexidade existente, conforme Melo e Castro (2000, p. 14): “[...] entre o receber das cartas e o lê-las, há, para mim, um hiato de angústia que não depende nem da natureza nem do conteúdo [...]”. O autor se refere à recepção e à leitura das cartas e indica os dois momentos, em defasagem inevitável²⁷⁵. No entanto, diante de um novo texto, podemos dizer, comparados a outros, que temos possibilidade da recepção de escrita para novas leituras. Para cada experiência, algo singular: “Todos os dias, o carteiro tinha que ir aos correios recolher a correspondência dirigida aos seus companheiros e entregá-la em mãos a cada um deles” (CASTRO, 2014, p. 508, tradução nossa)^{276 277}.

²⁷⁴Sobre esse tema, ver o trabalho **Narrador, registro e arquivo**, de Teresa Malatian (2015).

²⁷⁵Sobre esse tema, ver **O que é um autor?** de Michel Foucault (1992).

²⁷⁶“Cada día, el cartero debía ir a la oficina de correos para recoger la correspondencia dirigida a sus compañeros y entregarla en mano a cada uno de ellos”.

²⁷⁷Sobre experiências com práticas epistolares e o modo como circularam entre os envolvidos com a comunicação, levando-se em conta a sua mudança ao longo da história e as especificidades em culturas epistolares de lugares como Espanha, França, Itália, Portugal e América, desde a Idade Média, ver o livro **Cartas – Lettres – lettere:**

Havia um intervalo de tempo usual entre uma carta e outra? Esse intervalo dependia de que condicionantes? Esse tempo era equivalente para quem escrevia e para quem esperava a chegada da carta? Certamente, as cartas eram bastante esperadas, para compensar a ausência física dos familiares, dispersos por motivos diversos, por uma vasta extensão territorial rural e urbana que, em alguns casos, era interestadual. Logo, escrever era a garantia de comunicação e estímulo por parte de quem compunha essa rede de sociabilidade. Entretanto, nem sempre a frequência prevista atendia aos interesses de locutores e locutórios. Os motivos eram os mais diversos, conforme Bouza (2019), nem sempre a expectativa de quem espera por uma resposta coincide com a disposição daquele que sabe da necessidade de responder a uma carta, mas enfrenta a situação.

Essa prática não se dava somente entre as mulheres, mas também entre elas e os filhos, conforme a escrita de Anna para Oscar²⁷⁸, em situação de ausência: “Recebi sua carta de 23 de Março e ontem recebi seu cartão; estimei saber que v. fez boa viagem e que tem gosado saúde [...]”. Na sequência da comunicação, a mãe demonstra piedade para com o filho pela longa viagem do sertão até Machado Portela, lugar de embarque de trem. Além da viagem longa e cansativa, comentou sobre o sol muito quente. Na carta escrita em Caetité, no dia 24 de agosto de 1909²⁷⁹, Anna se dirigiu novamente ao seu filho Oscar: “Não tenho lhe escrito, porque estou sempre tão ocupada, que não tenho tempo de escrever. E as meninas escrevem sempre dando notícias de todos, que vae me dispensando de escrever [...]”. A falta de tempo e a falta de necessidade, uma vez que outras pessoas já se ocupavam de mandar notícias, era a alegação de Anna a seu filho, que evidencia a necessidade de escrita por parte dele, o filho. Essa carta ilustra que a relação que se estabelece entre correspondentes condiciona certas obrigações e estabelece lugares de ocupação de cada um (mãe e filhos) no processo. Conforme Bouza (2019, p. 518, tradução nossa), “[...] expressar o desgosto provocado por um correspondente que demorava a responder era um dos problemas de mais difícil solução nas práticas epistolares”²⁸⁰. No caso de Anna, justificar diante de uma suposta cobrança de seu filho, Oscar, ou simplesmente uma autocobrança, era necessário, ainda que não fosse confortável para ambas as partes.

discursos, prácticas y representaciones epistolares siglos XIX - XX, organizado por Antonio Castillo Gómez e Verónica Sierra Blas (2014).

²⁷⁸APMC. AFST.OST.1.1.1

²⁷⁹APMC. AFST.OST.1.1.3

²⁸⁰“[...] expressar el disgusto provocado por un corresponsal que se tardaba em contestar era uno de los bretes de más difícil solución em las prácticas epistolares[...]”.

O ritmo de escrita das cartas também aparece em Alzira, que escreve em Salvador ao tio Rogociano, em 23 de abril de 1921²⁸¹, quando diz que está escrevendo pouco. Informa sobre o estado de saúde de Quincas e sobre seus filhos, além de comentar sobre o noivado de Celso com Colosinha. Também na carta de Evangelina, escrita em Gurutuba, no dia 15 de maio de 1925²⁸², ela informa sobre a saúde dos parentes e noticia sobre o seu modo de viver em um ambiente rural. Diz que fez um jardim em frente à casa e o descreve. Sua escrita ao tio, indica ainda as lamentações pelo fato da vida isolada que passou a ter, ficando distante das informações, que, certamente, na convivência próxima aos demais familiares, seriam cotidianas: “Em Caetité, tinha notícias de Vm. ce pelas cartas e jornaes dirigidos a Papai; aqui não tendo este meio peço mandal-as [...]”. Leitora de jornais e de outros impressos, Evangelina reclamou a falta deles e das cartas em sua nova moradia, onde já chegou com o diferencial da leitura e da escrita: “[...] leitor e escritor são faces da mesma moeda [...]” (LAJOLO, 2005, p. 33).

Outro tipo de condições ou limitações interferiam no fluxo de escrita e envio de cartas. Na escrita de Anna para Deocleciano, sem local e sem data²⁸³, ela diz: “Este vai pelo Ignacio que leva sua correspondência. Lembranças a Celsina, Juca e Edivaldo. Não escrevo a Celsina, porque estou escrevendo a **noite** e o Ignacio vai de madrugada [...]” (grifo nosso). Ao escrever sua carta, Anna expressa limitações para realizar novas produções quando diz que era noite, argumento frequentemente utilizado pelas escritoras. Conforme questionamos anteriormente, o que a escrita à noite traria de obstáculos?

No caso de Anna, a mãe, poderia ter outros afazeres durante o dia ou poderia ser um momento de maior intimidade e de silêncio, fatores que muito podem contribuir para a escrita. Também, poderá ser esse o horário, já que o envio da carta está condicionado ao uso do portador. Havia a preocupação em não tomar tempo dele que, poderia ter surgido de repente, e com horário de partida na madrugada. Consideramos, ainda, a falta de iluminação adequada, dentre outros possíveis impedimentos para a escrita de todas as cartas que a autora gostaria de realizar.

Na carta de Carmen para a sua mãe, do dia 05 de junho de 1925²⁸⁴, sua preocupação é com o modo de escrever e fez, no final, observação aos erros: “[...] foi escripta **11 h. da noite**, m^{to} às pressas, está, portanto, cheia de erros. Não mostra a ninguém por favor” (grifo nosso).

²⁸¹APMC. AFST.RPT.1.6.8

²⁸²APMC. AFST.RPT.1.52.14

²⁸³APMC. AFST.DPT.1.24.4

²⁸⁴APMC.AFST.AST.1.4.2

Com esse trecho, temos um conjunto de cartas que, escritas à noite, não possuíam a qualidade esperada. Provavelmente a escrita de cartas, para muitas mulheres, requeria tempo e um esforço intelectual que não condizia com a pressa, com as limitações de iluminação. Não por acaso, era comum a produção de rascunho antes da versão a ser enviada.

Na carta datada de 21 de agosto de 1927, Leontina diz sobre o desejo de escrever, mas fala no adiamento dele e descreve as razões. Utiliza um papel pautado contendo um desenho de flores coloridas na parte superior da folha, dizendo a sua irmã:

[...] Há muito faço tenção de lhe escrever, mas ora uma cousa, ou outra, e também um pouco de **preguiça**, vou sempre adiando, peço não levar a mal essa escassez de notícias da minha parte.
V também tem demorado muito de me escrever, a última carta sua é de abril, mas v tem razão pois esteve **adoentada**. [...]”.²⁸⁵ (grifo nosso).

Na carta escrita em Salvador, no dia 27 de setembro de 1925, já apresentada neste estudo, Carmen escreve para Anna, sua mãe e diz:

Minha muito querida Mamãe
Tenho quase certeza que a Mamãezinha não está zangada com a sua filhinha que não sabe por qual motivo levou estes dias todos, sem a escrever. So posso culpar a minha falta de ordem no cumprimento dos **deveres**.
D agora em diante farei o possível para não deixar de escrever-lhe **todas as semanas**.
[...]. (grifo nosso).

Percebemos que entre irmãs a honestidade leva Leontina a admitir a preguiça como um dos motivos para não escrever. Já na relação com a mãe, Carmen justifica sua falta de organização e faz referência à possibilidade da mãe ficar zangada com a ausência das cartas. Para ela, a escrita frequente de cartas para a mãe indica um dever a ser cumprido. Assim, nos apresenta indícios de que a correspondência semanal seria uma boa medida.

Em razão dos estudos, Carmen foi morar em Salvador. Na carta escrita no dia 23 de agosto de 1925²⁸⁶, questionou sobre o fato da mãe não lhe escrever e informou sobre a carta recebida do irmão Anísio, enviada da Ilha da Madeira. Em carta datada de 10 de setembro de 1925, expressou fatos do cotidiano familiar entre lugares como Salvador, Caetité e o Rio de Janeiro, e demonstrou preocupação por não conseguir escrever com mais detalhes e com maior frequência:

²⁸⁵APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Leontina Spínola Teixeira. Bahia, 21/08/1927.

²⁸⁶APMC. AFST.AST.1.4.4

Vou indo bem de estudos tenho tido boas notas; vou enviar-lhe uma notacinha dizendo-lhe todas ellas [...]”. Não tenho escripto mais a miúdo, por estar um pouco **atarefada com os estudos**, pois falta apenas um mez e meio para começarem os exames.

Zelinda vai bem.

Tive esta semana três dias de férias 7, 8 e 9. No dia 9 houve inauguração do Busto do Barão de Macahubas na Escola Normal. Os Perdões foi. Estas festas são umas verdadeiras paulificações. Eu e Zelinda não fomos desta vez, más em recompensa tomamos um carãozinho do Director.[...].²⁸⁷ (grifo nosso).

Em uma outra carta à sua mãe, escrita no dia 26 de maio de 1925, desabafou sobre dificuldades no relacionamento conjugal da irmã Leontina, e lamentou por sentir-se solitária na capital baiana:

[...] Tenho sentido muito a falta de cartas dahi. Quando se está n’um meio estranho, nada nos anima e alegre tanto, como uma carta dos paes ou irmãos.

Eu raramente tenho essa alegria, pois **quasi ninguem me escreve, estou um pouco esquecida pelos parentes**, não há dúvida. Até Dindinha que me escrevia com muita frequência, só me escreveu **este anno, 2 vezes!** [...].²⁸⁸ (grifo nosso)

Estar em centros desenvolvidos e distanciar-se da família certamente foi compensado pela escrita de cartas. A ausência delas era sentida pelos interlocutores, o que aumentava a sensação de urgência em recebê-las. Assim, para diminuir distâncias, ampliou-se a frequência da escrita. Um exemplo disso está na produção de Hersília, em Salvador, para Celsina, em Caetité, entre os anos 1945 e 1950. Entre as trocas de informação nesse período, as queixas de ausência das cartas podem ser entendidas como possibilidade de diminuição das distâncias entre elas, conforme carta de Hersília, no dia 11 de janeiro de 1949²⁸⁹: “Há bem dias que não recebo carta sua. Já lhe respondi as cartas de 4 e 12 de Dezembro”. Na mesma registrou: “Diga a Divansinho que escreva dando notícias”. Desse modo, a prática da escrita era como uma espécie de companhia, uma forma de estar com quem se queria, mesmo estando geograficamente distante.

5.1.2 “Estou lhe escrevendo de bordo”: lugares e condições da escrita

As mulheres, no exercício da escrita, além das queixas pela ausência das cartas que, às vezes, demoravam a chegar, também relatavam os modos e os lugares dessa produção. Na carta de Leontina a Celsina, a autora afirma: “Estou lhe escrevendo de bordo, a viagem tem sido m^{to}

²⁸⁷APMC. AFST.AST.1.4.5

²⁸⁸APMC. AFST.AST.1.4.1

²⁸⁹APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 11/01/1949.

bôa, porque o vapor não joga o mar sempre muito calmo e também, porque vamos em paz [...]”²⁹⁰. Em uma outra carta, escrita em Alagoinhas, no dia 02 de junho de 1927, Angelina não apenas noticia a chegada de viagem e o passeio pela cidade, a qual considera “bem bonitinha”, mas faz a seguinte observação na margem esquerda do papel: “Esta vai escripta a lápis pois estamos em viagem não temos tinta”, e continua:

Querida mamãe
 Muita saúde e felicidades em companhia de todos é o que o mais desejo
 Aqui chegamos ontem as 10 horas da noite fazendo boa viagem, já andamos nas ruas,
 fomos ao mercado e ao telegrapho, a cidade é bem bonitinha.
 Não esperávamos passar tantos dias na Bahia, mais a [...] nos deixou vir mais cedo.
 Jayme veio commosco saltamos aqui e elle seguiu para Joazeiro, elle estava com
 febre.
 Deixamos todos bons na Bahia, inclusive Celina que tinha feito a operação no nariz
 muito dolorosa e já estava boa, ella veio ao nosso embarque que, assim como Carmita,
 D. Amphrisia, Nelson, Mario, Oswaldo e outros.
 Estamos a espera dos automóveis que automóveis que vem de Cipó.
 Como vae todos d’ahi? Sinsinha vae melhor, diga a ella que não esqueço de pedir por
 ella junto de Jesus e Maria.
 Muitas saudades a todos, e com papae queira abençoar a filha
 Angelina²⁹¹

O período de viagem, bem como os percursos e os acontecimentos ao longo da jornada também mereciam registros, mesmo que em condições nem sempre ideais. Nesse sentido, escrever a bordo do barco, em paradas das longas viagens, em algum ambiente doméstico, contando ou não com os instrumentos de escrita (tinta, por exemplo) são questões que aparecem nas cartas e estão como oportunidades para realizar a escrita e para revelar os lugares. Sobre a ideia de se considerar a materialidade presente no processo de escrita, recorremos aos estudos de Frade e Galvão (2016, p. 330): “[...] a materialidade dos suportes e dos instrumentos (ou a ausência deles nas vidas dos sujeitos e das escolas) é um elemento central e definidor dos usos que deles são feitos”.

Associando essa discussão às mulheres deste estudo, observamos que as duas últimas gerações, principalmente, puderam escolher formas de escrita diferentes da caneta-tinteiro ao produzirem seus textos. A carta de Angelina para Celsina escrita em Salvador, no dia 03 de julho de 1928²⁹², por exemplo, está datilografada, o que nos aponta o acesso a um recurso não disponível a muitas pessoas naquele período. Nesse caso, o uso da máquina provavelmente significava a necessidade de solicitar que alguém finalizasse a carta, caso não houvesse o

²⁹⁰APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Leontina Spínola Teixeira. Sem local, 04/10/1941.

²⁹¹APMC. AFST.AST.1.2.1

²⁹²APMC. AFST.CTL.1.9.2

equipamento ou o domínio de seu uso. Outros elementos visíveis têm relação com a caligrafia, que é bem legível, além do uso do papel em indicação de zelo para com a produção. Angelina, a segunda filha mais jovem de Anna e Deocleciano, foi a que menos escreveu cartas na terceira geração – ou de quem se tem menos cartas: 17, comparadas às centenas de suas outras irmãs. Se dominava a técnica da datilografia ou se solicitou a alguém que datilografasse, não se sabe, a materialidade dessa escrita indica um maior distanciamento entre interlocutores, se comparada à carta manuscrita (BOUZA, 2019). Seria Angelina menos afeita às trocas epistolares? O contraste em relação ao baixo índice de cartas seria um indicativo disso, o que a escrita datilografada irá confirmar?

Algumas vezes, para aproveitar a ida de um portador a Caetité, várias pessoas escreviam ao mesmo tempo, distribuídos pela casa, utilizando a mesa de jantar e outros espaços. A carta de Angelina para a irmã e madrinha Celsina, sem local e sem data, já apresentada neste estudo, evidencia isso. Relata o recebimento de alimentos, agradece pelos produtos e presta contas de sua distribuição entre os familiares:

Dindinha e Sinsinha
 Deoclecianinho acaba de chegar tendo feito viagem regular.
 Recebi as cartas e os requeijões, queijos, doce e biscoitos que muito agradeço, e já fiz algumas distribuições. Só vieram 5 requeijões.
 Esta vae por Edson que segue amanhã. Ele esteve agora aqui e saiu com Deoclecianinho, volta daqui a pouco p^a levar as cartas de Ivone e Nice q estão escrevendo na sala de jantar e também esta.
 Por ele segue uma carta p^a Dindinha, que era p^a **Gilberto levar**, mais este não apareceu.
 Nice não poderá ir na Semana Santa porque as aplicações que está tomando começaram hoje e tem que ser 10, uma por dia e sendo assim só terminam no sábado da aleluia.
 Fiz sua cama lhe esperando mais na dúvida porque Dindinha não mandou dizer nada.
O portador não tarda a chegar.
 Um abraço para vocês da irmã afetuosa
 Angelina²⁹³ (grifo nosso)

Os diversos lugares e suas circunstâncias, como o cotidiano da vida em Salvador e, em Caetité, também, eram assuntos para a escrita da carta, conforme Angelina, que fez sua produção, de Salvador, no dia 05 de setembro de 1927. A autora afirma “[...] Elles serão carta viva ahi [...]”:

Bôa Sinsinha.
 Com grande prazer recebi sua amada cartinha de 21 de Agosto.
 Esta vae por Celso que segue quinta-feira, vae com elle Zelinda; Celina fica para ir com Vigidinha pelo S. Francisco.

²⁹³APMC. AFST.CTL.1.9.8

Elles **serão carta viva ahi**, a quem invejo a sorte de também não só ser.
 Eu ainda estou tomando os tais banhos de luz. O que tem me dado um sonno e uma preguiça! Que não tenho ido nem a missa, podendo fazer a novena como v fala e também escreverei a Dindinha, se fôr de effeito melhor, se não fôr, seja feita a vontade de Deus. Não tenho recebido carta de Dindinha, quando receber notícias ahi, o que será mais fácil do que aqui, envia-me o que ficarei muito agradecida.
 Todos aqui vão indo bem, e sem novidades.
 Alzira está gostando muito do desterro, perguntamos se queria ir para S. Paulo para ficar com as freiras do Bom Pastor disse que não queria, se queria ir para ahi, disse que não queria, nem passear aqui, ella não queria, eu achei mais magrinha.
 Didi chegou agora do collegio, elle vae indo bom, estudando muito, outro dia elle esteve adoentado, com dor no estomago, foi ao consultório de Dr. S. Paulo que deu umas injeccões para ele tomar, mais ainda não achou uma pessoa para dar.
 Pelo que vejo a festa do Bispo de a'ahi foi bem bonita, com missão etc e perdendo nessa Bahia aborrecida.
 A vida é da'aqui é sair, o que eu detesto, eu sahio 3 vezes por semana para o consultório, fora as vezes que se vae para compras visitas etc, eu ahi era raros os domingos que saia, e aqui é quase todos os dias!...
 lembranças a todos e um abraço da irmã e afilhada muito amiga
 Angelina
 F de M
 P.S.
Esta é só para v. rasgue
 Como vae Joanhina,
 faça ella estudar sempre.
 Vae um vestinho para ella e um terço.
 D.S.B.²⁹⁴ (grifo nosso)

Ao final da carta, Angelina pede para a leitora que a rasgue. Talvez por haver “carta viva” acompanhada a ela, sua necessidade perdia o sentido ou poderia ser uma forma de reafirmar intimidade entre os interlocutores, não desejando que essa carta chegasse a outras pessoas. Angelina, em comunicação com sua mãe, no dia 02 de junho de 1927, em carta já apresentada neste estudo, diz: “[...] lembranças a Maria América e a Juanninha diga a ella que proceda bem senão não levo uma coisa que ella me pediu [...]” e ao lado da carta registrou: “Esta vai **escripta a lápiz** pois estamos em viagem **não temos tinta**” (grifo nosso). Embora não possamos dizer que o encerramento da carta se deu pelo fato de não contar com instrumento propício à escrita, ou seja, a tinta, trazemos esse fator material como um possível indicativo de término dela, mas não o único. Se estava em viagem, outros também podem ter interferido na conclusão da escrita, a exemplo do tempo escasso, já que se encontrava em espera do transporte para a continuidade da viagem ao destino.

No final da carta, Angelina expressa afeto e autoridade ao perguntar sobre Joanhina, o que nos remete a outra carta, neste caso escrita por Carmem, no dia 10 de abril de 1927²⁹⁵, em Salvador, que também indica a educação de Joanhina: “Faça-a estudar muito e não estar ociosa;

²⁹⁴APMC. AFST.CTL.1.9.1

²⁹⁵APMC. AFST. ASST. 1.1.A1

tenha bem cuidado para que ella não se torne malcriada e desobediente; obriga-a a rezar direitinho, falando as palavras inteiras [...]”.

Angelina não teve filhos e algumas de suas irmãs se associaram às atividades filantrópicas pelo apoio às crianças e aos idosos. Quando Angelina se refere a Joantina, em aquisição do estudo, falando de apoiá-la, no processo de educação, associamos o fato ao trabalho social, embora não possamos afirmar. A carta escrita em Salvador, no dia 23 de agosto de 1925, já apresentada, neste estudo, é de Carmen e se dirige à mãe Anna. Tem as margens pretas, indicativas de luto, e está bem conservada e vai indicar a autora em preparação de sua carreira estudantil e diz: “Quando me lembro que só faltam 2 mezes para os exames, fico horrorizada! Apesar de ter quase todos os cursos bons e optimos, tenho muito medo dos exames. Reze sempre por mim para que me saia bem em todos [...]”.

Naquelas circunstâncias, como não poderia fazer parte do grupo em viagem ao sertão, expressa seu sentimento de perda. Outra carta narra o recebimento, em Salvador, dos alimentos (requeijão, doces, biscoitos, etc.), em associação às trocas, como a de saberes (jornais por exemplo). De Salvador enviavam, às vezes, gêneros alimentícios, a exemplo dos frutos do mar, levando-nos a inferir sobre a sociabilidade cultural dada pela abrangência e pela conquista de novas familiaridades de costumes culinários e culturais.

A carta do dia 26 de abril de 1927, de Hersília para o seu tio, foi escrita em São Paulo²⁹⁶. Nela, a sobrinha justifica a ele o motivo de não escrever com mais frequência pelo fato dos muitos afazeres: “Aproveito o regresso de uma de nossas Irmãs para ahi, para escrever esta, sendo portadôra d’esta vou pedir-lhe para procurar Vm^{ce} e dar minhas notícias [...]”. Havia os portadores da carta e a própria carta como portadora de notícias: a carta escrita no dia 22 de fevereiro de 1928²⁹⁷, de Hersília para o seu tio, diz: “Esta é portadora das minhas affectuosas felicitações pelo vosso feliz aniversário à 17 de março, escrevo com alguma antecedência, porque entrando na quaresma, não nos é mais possível escrever, n’esta época [...]”. É interessante notar que a Quaresma imprimia também a abstinência em escrever.

A carta de margens pretas, escrita por Angelina para Celsina no dia 14 de fevereiro de 1945, sem local, diz:

Sinsinha:
Envio novamente aqui meu abraço pesaroso pela morte do nosso querido Didi, que Deus o tenha no céu pelo muito que sofreu nesta vida.
[...]

²⁹⁶APMC. AFST.RPT.1.74.27

²⁹⁷APMC. AFST.RPT.1.74.31

Para você a falta será enorme, apesar dele ser doente, não deixa de ser o filho querido que se perde e sua dôr é imensa [...].

Você deve estar ai com Dindinha não é? Acho que devia vir com ela em março, o ambiente aí não é favorável a sua saúde, e como você sabe a nossa casa está a suas ordens para o tempo que quiser.

Esta **vae por D. Neizinha**, que mora defronte de Elvirinha-

Vanvan chega amanhã as 11 horas - Iaia está com Marieta passando uns dias.

Todos vão passando sem novidade

Maria Rosa já **telegrafou** ter chegado bem –

Sem mais, lembranças a todos e aceite um afetuoso abraço da irmã e afilhada que deseja-lhe muita tranquilidade, paz, saúde e felicidade.

Angelina

P.S.

Desculpe a letra, pois a penna está péssima e escrevo às pressas p^a aproveitar Celina q vae levar esta a pensão. (grifo nosso)^{298 299}

Trata-se de uma carta de consolo à irmã que perdeu o filho. Afetiva e cheia de detalhes cotidianos, podemos falar de uma ausência-presença configurada entre essas irmãs, que mesmo em lugares diferentes estão intimamente envolvidas por meio da escrita. Além da margem preta, sinalizando o sentido principal da carta, que é o luto, ao final, registra a preocupação com a letra, pede desculpa e diz que escreve às pressas e com uma pena ruim. Novamente vimos aqui a urgência na escrita pela disponibilidade da portadora.

Essa mesma preocupação com a escrita aparece em carta escrita por Hersília, em Salvador, para Celsina, no dia 25 de novembro de 1947³⁰⁰. Dentre os vários assuntos, no canto esquerdo da longa carta (nove folhas) consta a observação: “Não repare o desalinho desta que escrevo a noite [...]”. Em outra carta datada de 13 de outubro de 1948³⁰¹, Hersília, também em Salvador, conta a Celsina sobre diversos assuntos e no canto esquerdo da primeira folha, para concluir seu pensamento, diz no canto esquerdo: “Não repare o desalinho [...]”. Disse também: “A pena da caneta pa her está péssima, pelo que, a letra está ruim”. Demonstrando os cuidados com a escrita, Hersília culpa a caneta por estar péssima, o que faz a letra ficar ruim. Na carta escrita em Salvador no dia 28 de outubro de 1948³⁰², consta: “Sinto não poder ser mais extensa e responder toda sua carta. Não repare a letra e a péssima redação”.

Ainda que a correspondência envolvesse pessoas próximas com as quais se tinha intimidade, a preocupação com a estética ou com a organização da escrita sugere que se tem a referência de protocolos que deveriam ser atendidos, que pode ser os manuais de escrita

²⁹⁸ Discutiremos sobre telegramas no próximo tópico.

²⁹⁹APMC. AFST.CTL.1.9.4

³⁰⁰APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 25/11/1947.

³⁰¹APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 13/10/1948.

³⁰²APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 28/10/1948.

epistolar ou uma forma tradicionalmente adotada e que se reproduz (BOUZA, 2019). Em relação a esses protocolos, notamos, particularmente na primeira geração, a recorrência na ausência do local de escrita e da data. Seria reflexo da falta de hábito em escrever e, portanto, de seguir os protocolos epistolares³⁰³? Ou revela o desprendimento a eles, indicando que, para a correspondência familiar, a data e o local eram irrelevantes? Os tempos eram imprecisos no percurso de longas distâncias pelos meios variados e pelas possibilidades de intempéries, logo, a data não importava?

No dia 24 de abril de 1950, em Salvador, Hersília escreve cartão para Celsina³⁰⁴ e, ao dar boas notícias da viagem realizada entre o sertão e a capital, faz recomendações para guardar os pertences que havia esquecido (caneta, almofadas, livros): “Esqueci de trazer a minha caneta quando tiver portador certo peço-lhe me enviar”. No dia 29 de abril de 1950³⁰⁵, sua escrita vai referir-se ao objeto de necessidade: “Peço-lhe me mandar a minha caneta que me faz falta”. Pela insistência em receber o instrumento da escrita, percebemos o quanto essa prática lhe era íntima ou que as canetas para escrever cartas não eram bens tão facilmente substituíveis. Imaginamos que não se devia ao preço, mas pela disponibilidade.

Pudemos ver, neste capítulo e no anterior, a importância ocupada pelos portadores no processo de circulação de cartas, outros impressos e mercadorias. Na presente análise, vimos a interferência desses sujeitos na escrita apressada e que não merecem ser guardada, na grafia desarranjada, nos erros e na escrita noturna, que resulta em uma quantidade menor de cartas. Os/As portadores/as não possuem flexibilidade no tempo, realizando o trabalho em viagens já programadas, devendo as mulheres se adaptar a isso. Pelo modo como os portadores são mencionados, pode-se dizer que são membros da família ou pessoas conhecidas, como Gilberto e D. Neizinha. Os portadores são preferidos aos correios e estes, quando são mencionados, são associados a atraso e extravio.

5.1.3 “Telegrafei ontem a Dindinha não sei se recebeu [...]”: outros suportes da escrita (telegramas, cartões, cartões postais, cadernos de notas, recibos e contratos)

³⁰³O estudo **Escribir a corazón abierto**: Emoción, intención y expresión del ánimo en la escritura de los siglos XVI y XVII, de autoria de Fernando Bouza (2019), no entanto, vai indicar que nas cartas dessa época, muito além de notícias, há a materialidade a nos presentear em outros usos, a exemplo da prescrição nítida das formas materiais de sua escrita ou a recepção por parte dos leitores que apreciavam e souberam direcionar o sentido diferenciado dessas materialidades.

³⁰⁴APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 24/04/1950.

³⁰⁵APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 29/04/1950.

Muitas cartas falam do uso de telegramas por parte das mulheres em estudo, como foi possível observar. A carta de Angelina ironiza sobre a chegada ou não das correspondências, insinuando que a prática do desvio de correspondências fosse algo corriqueiro: “[...] telegrafei ontem a Dindinha não sei se recebeu, ou ficou o telegrama aí pelos caminhos fazendo companhias às cartas [...]”³⁰⁶. Leontina faz o mesmo, na carta escrita para Anna, em Salvador, no dia 10 de junho de 1925³⁰⁷. Ela comenta sobre o aniversário de Ernani e sobre o recebimento do telegrama de Anna, Deocleciano e Angelina. Na carta escrita por Alzira para seu tio Rogociano, datada de 13 de setembro de 1923 e escrita na fazenda Espinho³⁰⁸, informa ter recebido telegrama de Quincas comunicando a morte de Rodrigues Lima e dá notícias de seu marido e dos filhos.

Além das cartas e, por meio delas, encontramos outras práticas de escritas que mostram um repertório mais amplo do que informações sobre assuntos familiares. É o caso dos telegramas, por exemplo. Quando surgiu o telegrama? Como funcionava e onde havia esse recurso naquele período?

Eles são resultantes da grande descoberta da tecnologia elétrica no século XIX³⁰⁹ e constituíram novas intervenções, como a captação de informações e melhorias pela atualização da notícia com alterações de parte do processo de comunicação³¹⁰. No âmbito da circulação entre os familiares das mulheres deste estudo, os telegramas trazem também outras modalidades de escrita. Por isso, geralmente eram usados para comunicar notícias urgentes (nascimento, falecimento, datas comemorativas, etc.). A carta escrita por Celsina, em Salvador, no dia 04 de

³⁰⁶APMC. AFST.ASST.3.2.2

³⁰⁷APMC. AFST.AST.1.15.16

³⁰⁸APMC. AFST.RPT.1.6.13

³⁰⁹Sobre o tema, ver artigo **A introdução da telegrafia elétrica no Brasil 1852-1870**, uma produção de Mauro Costa da Silva e Ildeu de Castro Moreira (2007), que apresentam e analisam o início da telegrafia elétrica no Brasil, durante o Segundo Império, com enfoque nas linhas terrestres construídas pela Repartição Geral dos Telégrafos sob a direção de Guilherme Schüch de Capanema. É mostrado o crescimento das linhas telegráficas durante os anos iniciais e o efeito da Guerra do Paraguai sobre a extensão dessas linhas.

³¹⁰Ver artigo **Questões sobre o marco histórico do telegrafo no jornalismo do século XIX 1870-1900**, de autoria da professora Letícia Cantarela Matheus (2012), do Centro Universitário Plínio Leite, Rio de Janeiro. Trata-se de uma pesquisa que se propôs investigar o impacto do telégrafo no jornalismo do século XIX (1870-1900), ampliando e detalhando a base de análise de uma pesquisa em andamento sobre a relação entre atualização da notícia, o uso do telégrafo na captação das informações e a sensação de aceleração vivida no final daquele século em função de alterações em parte dos processos comunicacionais – pelo menos na sua porção jornalística. Foram observadas a publicação ou não dos telegramas em alguns dos principais diários que circularam na Corte do Rio de Janeiro e na Província de Niterói, entre 1870 e 1900 *Jornal do Commercio*, *O Fluminense*, *Jornal do Brasil*, *Gazeta de Notícias*, *Diário do Rio de Janeiro*; *Gazeta da Tarde e O Paiz*, e também a dinâmica narrativa dentro daquele sistema particular de comunicação. Aquele foi um momento em que os jornais representavam um amálgama de textos de interesse histórico e de interesse imediato sobre o cotidiano, ao mesmo tempo em que se desenhava o valor da notícia como novidade. Este artigo questiona se esse novo parâmetro de notícia foi fomentado ou pelo menos intensificado pelo poder de atualização que o telégrafo deu aos jornais.

julho de 1908³¹¹, era dirigida a sua mãe e explica a razão da demora em escrever, comenta sobre o passeio em Altamira, que havia sido agradável – informa o recebimento de um telegrama de Deocleciano, pedindo que se vacinassem. O uso do telegrama também foi indicado para Maria Rosa, como forma rápida de dizer que havia chegado bem ao destino.

A carta escrita por Alice em Salvador no dia 18 de agosto de 1924, com mais de quatro páginas, está direcionada a sua tia-mãe Anna. Nela, a autora abordou diversos assuntos referentes ao cotidiano da família, além de indicar possibilidades de comunicação, como o uso de cartão e de telegrama:

[...] O Salles foi com a família pr^a as aguas do Sipó, pra despedida mandou-me um **cartão**, cousa que sempre faz pessoalmente, isto porque a consciência lhe doeu pela infame notícia que a meu respeito, e injustamente teve a triste ideia de **telegrafar** pr^a ahi, no que não lhe competia fazer, a não ser, que houvesse, prar m^a desgraça motivos imperiosos pr^a tal assim proceder [...].³¹² (grifo nosso)

Falamos de articulação entre os familiares por meio da constante busca de portadores para o envio de correspondências. Também estamos pontuando alguns exemplos de escrita para indicar a extensão pelo vínculo de amizade, como representado por Sales e família. O fato de se sentirem à vontade para enviar ao sertão um telegrama à família de Alice, nos indica as relações de conveniência entre as famílias, pautadas pelo apoio aos interesses familiares e pela configuração de fortalecimento das relações.

Os cartões, inclusive os postais, também fazem parte das correspondências das mulheres da segunda e da terceira geração. Por serem numerosos, optamos por apresentar alguns. Um deles é o cartão para Elvira Teixeira Rodrigues Lima, a sobrinha a quem a remetente trata de “A Senhorinha”³¹³: “À querida Elvirinha. Abraços e felicitações com votos de venturoso porvir envia a tia am^a. Evangelina”. Apresentaremos adiante os cinco cartões recebidos por Alice, destacando não só o conteúdo, mas também os outros elementos constituidores da produção, que expressam o gosto pela poesia. A estrutura textual em linhas descontínuas nos leva a observar a diferença estética do texto, uma mudança para a linguagem subjetiva, com o uso de palavras conotativas.

Pelo exercício poético das amigas, podemos falar das saudações afetivas. Nos versos, observamos a combinação de texto verbal (palavras) com o não verbal (imagens), conforme representação a seguir – do primeiro ao quinto. As referências a eles já estão apresentadas de

³¹¹APMC. AFST.AST.1.5.1

³¹²APMC. AFST.AST.1.1.3

³¹³APMC. AFST.ETPO.3.1.1

forma individual neste estudo e, de forma conjunta, os cartões indicam o nome “Alice”. A esse conjunto, nós denominamos de Amizade Poética.

Figura 20: Amizade Poética



Fonte: APMC, Fundo: arquivo da família Spínola Teixeira, série: Alice S. Teixeira Santos, Subsérie: correspondências usuais, dossiê: Dinah, de 1904 a 1906. Registro da autora.

O modo diferenciado de escrever indicou amizade e poesia, como está posto no conjunto dos cinco cartões. No cartão um, datado de 25 de dezembro de 1904, está escrito:

Minha D. Alice gosta de poesias e ahi lhe vai uma: Um lago, encantadoras criancinhas e uma pensativa! Esta revê certamente sonhos felizes, venturas, pois sorri, que a si não falem também e que se traduzam em bella realidade! São os votos que faz a sua melhor amiga.³¹⁴

A amiga de Alice, pelas palavras, indicou uma descrição da imagem contida no cartão e conta sobre seu gosto pela poesia. Utiliza um adjetivo no sentido conotativo para a caracterizar, considerando-a “doce”. Nesse exercício metafórico, um novo modo de escrita indica, entre as mulheres, uma prática de escrita inventiva e criativa, e não apenas o relato de fatos, demonstrando visão romantizada³¹⁵. No cartão datado de 5 de janeiro de 1906³¹⁶, os versos confirmam a ideia e a autora continua: “É como o imam que me attrahe a vida de dia a dia reforça a minha amizade, não sei bem como isso me veio, mas sei que é este um irresistível affecto que transborda o coração da sempre dedicada [...]”.

O segundo cartão recebido por Alice, já apresentado neste estudo, traz versos, em apresentação do mesmo conteúdo do anterior: “[...] no mundo [...] o meu, é este o amor mais

³¹⁴APMC. AFST.ASTS.1.2.1

³¹⁵Ver trabalho **Do sótão à vitrine**: memórias de mulheres, de Maria José M. Viana (1995), que indica a tardia alfabetização da mulher brasileira relacionada à rememoração romantizada da vida, tendo a privacidade doméstica e o recolhimento à família como lugar de segurança e de felicidade. Ver também **Recenseamento do Brazil** (1872).

³¹⁶APMC. AFST.ASTS.1.2.3

puro que a terra envia ao céu [...]”. E continua: “[...] É este pois D. Alice o amor que tenho a si releve-me confessá-lo [...] Envio-lhe mais algumas poesias escriptas por mim, não repare muito nas rimas”. Por fim, se despede: “[...] Mil beijinhos da sincera amiga Dinah”.

Outros cartões, como o quinto, expressam os sentimentos de amizade entre as duas, conforme a escrita de Dinah dirigida a Alice:

Tão boa, tão [...] como não encher-me o coração com a sua pessoa acostumei-me a vel-a sempre a amiga tão carinhosa, tão boa que não há esquecer-a. E o maior dos impossíveis temo até que vá me tornando aborrecida, mas creio na sinceridade de minh'alma. Ao nosso bom amiguinho a quem deveras estima mil coisas amáveis. De minha parte e minha amiguinha aceite um bouquet de beijinhos.³¹⁷

Elucidativos e de linguagem diferenciada das demais correspondências das mulheres, os cinco cartões que se encontram na série de Alice são exemplos de escrita poética. São sentimentos e emoções de quem, pela troca, pôde expressar a interioridade do ser. Além deles, há outros cartões que circulavam entre os familiares. Na carta de Anna para Celsina, escrita em Caetité, no dia 07 de maio de 1908, já apresentada neste estudo, a autora diz: “[...] Anísio hoje ficou muito chôrôso porque Jayme recebeu um cartão e elle não recebeu, Nelson também queixa que só elle não tem quem mande um cartão, Angelina recebeu os papagaios ficou muito contente. [...]”.

Como observamos, o ato de escrever pelo prazer está associado a um presente – papagaios recebidos por Angelina – em comparação à busca da escrita desde a infância. Nessa prática cotidiana, interessava não somente a utilidade, mas também o prazer. No cartão escrito por Hersília na fazenda Santa Bárbara, no dia 25 de abril de 1914, ela fala sobre a viagem pelo interior da região, passando por lugares como Lagoa Real, até chegar ao destino, de onde escreve para a sua mãe e lamenta a separação da família:

Até aqui fizemos boa viagem graças a Deus. Muito me tem custado a separação de todos d'ahi. Estaria mais satisfeita se voltasse para ahi. Nunca passei uma noite tão cumprida como essa. Todas as vezes que mamãe nos escrever, obriegue Angelina me escrever [...].³¹⁸

Por que obrigar Angelina a escrever? Quem estava precisando de receber a carta para se sentir próxima não deveria utilizar palavras afetivas pela busca de convencer a pessoa a sentir-se motivada à escrita? Pela carta Hersília não diz o porquê de ter se separado naquele momento dos familiares, nem diz por quanto tempo, mas evidenciou a sua insatisfação.

³¹⁷APMC. AFST.ASTS.1.2.5

³¹⁸APMC. AFST.AST.1.13.3

Entre situações cotidianas envolvendo os familiares, estão as relações de amizade e de compadrio e as viagens por interesses diversos e pelos muitos lugares rurais ou urbanos, evidenciando o movimento e mostrando a rede de comunicação das mulheres. Conforme o cartão de Carmen para Evangelina, escrito no Rio de Janeiro em 05 de janeiro de 1932³¹⁹, evidenciou-se uma recordação ao passeio naquele lugar, demonstrando entusiasmo pelo ato de dar e de receber conhecimento aos mais próximas e aos mais distantes geograficamente. Também pelo cartão-convite para um jantar³²⁰, embora sem identificação de local e de data, de forma padronizada, consta o nome de quem convida: “Maria Victória Gomes Albuquerque Lima, nos convida e a Exm^a Família para um modesto jantar, às 5 horas da tarde de domingo. Antecipa agradecimentos”. Certamente restrito a um grupo, o convite para o jantar, no entanto, emana sociabilidade de práticas leitoras entre os pares. Dizemos isso a partir da identificação de outros registros que evidenciaram reuniões literárias e beneficentes envolvendo as mulheres. Consideramos, também, o fato de Alzira ser nora de Maria Vitória e esposa do literato que fundou o Clube Literário (anexo H).

Em continuidade das práticas de escrita, um cartão postal datado de 24 de agosto de 1915, sem mencionar o local, identificamos Alzira expressando, pela sua escrita, as saudades do filho, suas preocupações maternas com os estudos dele, as informações de novos interesses do outro filho (cinemas e os passeios), além de reforçar a necessidade de encontrá-lo e de pedir para que o filho envie novas correspondências. A escrita de Alzira indica novas sociabilidades, tanto para a mãe quanto para os filhos:

Recebi tua cartinha escripta por ti mesmo, muito gostei. Porque não continuas? Estou afflicta por abraçar-te e a todos dahi. Talvez, estarei ahi, se Deus me ajudar, em princípios de Outubro, pois tenciono passar uns dias no Cipó. Benjamim vai bem tem se regalado de cinemas e passeios. Hontem vimos muitos bichos: onças, tigres, leões, macacos, ursos, veados, camelos, etc. Como vaes de estudo? Quero encontrar-te bem adiantado. Com muitos beijinhos.³²¹

Outros tipos de suporte também fizeram parte do cotidiano das mulheres em uso da leitura e da escrita. Vários foram os documentos identificados, como a subsérie “finanças, documentos pessoais e familiares”. Para a primeira geração, na série de Elvira, estão os seguintes documentos: contas de funeral, celebração de missas e arrolamento de dívidas³²². Para

³¹⁹APMC. AFST.ETPO.2.3

³²⁰APMC. AFBC.MVAGRL.2.3.1

³²¹APMC. AFBC.ASTR.3.5

³²²As contas de funeral e celebração estão assim organizadas: com a notação APMC. AFBC.EBA.4.1.1, para a despesa de enterro da sua mãe, Maria Victória Pereira de Castro, datada de 11/07/1867; com a notação APMC. AFBC.EBA.4.1.2., um certificado de celebração de missa em favor dos irmãos falecidos com data de 08/04/1868

as mulheres que integram a segunda geração, além das cartas, encontramos pertences de Maria Vitória, Alzira, Alice e de Anna. São documentos diversos, como anotações pessoais de organização financeira, cadernos de receitas culinárias, cartões de visita e outros³²³.

Com a data de 04/02/1893, encontra-se o recibo de pagamento de vestido; com a data de 15/02/1893, o recibo de pagamento de vestido; com a data de 11/09/1897, o recibo de Elgino Gustavo da Silva e Cia; com a data de 17/01/1908, o recibo da Paes Vieira e Cia; sem a referência da data, o recibo de costura; com a data de 01/05/1907, o controle financeiro da conta de Maria Victoria de Albuquerque; com a data de 1904, a conta de despesas com inventário; com a data de 17/06/1908, o recibo de pagamento de imposto; com a data de 17/06/1908, o recibo de pagamento de imposto; com a data de 17/06/1908, o recibo de pagamento de imposto; com a data de 20/05/1907, o recibo de pagamento de imposto; com a data de 03/02/1907, o cartão de visita; sem referência de datas, outros cartões de visita; com a data de 12/08/1896, o diploma de sócia do clube comercial.

Para os documentos pertencentes a Alice, identificamos, sem referência de data, o cartão de visita e a comprovação de pagamento do porto da Bahia com a data de 18/10/1923; também a fotografia de Noemia; com a data de 08/12/1908; a fotografia de Clóvis com data de 06/11/1913; a fotografia enviada por Sarita sem data; a fotografia de Alice, na data de 20/03/1912; a fotografia de Otília sem data; a fotografia da primeira comunhão de Hayde sem data; cópias de procuração sem data e, no dia 02/08/1919, uma procuração; o cartão com temática religiosa; sem data, o cartão com temática religiosa; sem data, o cartão com temática religiosa. Em finanças, com data de 16/06/1919, a solicitação de vencimentos do falecido

e, com a notação APMC. AFBC.EBA.4.1.3, para outro certificado de celebração de missa em favor de seus avós com data de 25/04/1868. Há, ainda, para o Arrolamento de Dívidas, com notação APMC. AFBC.EBA.4.2.1, uma lista de produtos cobrada aos herdeiros de João Caetano Xavier da Silva Pereira. Além disso outros documentos pertencentes aos familiares.

³²³ APMC.AFBC. MVAGRL.4.1.1; APMC.AFBC. MVAGRL.4.1.2; APMC. AFBC.MVAGRL.4.2.1; APMC. AFBC.MVAGRL.4.2.2; MVAGRL.4.2.3; APMC. AFBC.MVAGRL.4.3.1; APMC. AFBC.MVAGRL.4.3.2; APMC. AFBC.MVAGRL.4.4.1; APMC. AFBC.MVAGRL.4.4.2; APMC. AFBC.MVAGRL.4.4.3; APMC. AFBC.MVAGRL.4.4.4; APMC. AFBC.MVAGRL.5.1.1; APMC. AFBC.MVAGRL.5.1.2; APMC. AFBC.MVAGRL.5.1.3; APMC. AFBC.MVAGRL.5.1.4; APMC. AFBC.MVAGRL.5.1.5; MVAGRL.5.2.1; APMC. AFST.ASTS.4.1.1; APMC. AFST.ASTS.4.1.2; APMC. AFST.ASTS.4.2.1; APMC. AFST.ASTS.4.2.2; APMC. AFST.ASTS.4.2.3; APMC. AFST.ASTS.4.2.4; APMC. AFST.ASTS.4.2.5; APMC. AFST.ASTS.4.2.6; APMC. AFST.ASTS.4.3.1; ASTS.APMC. AFST.4.3.2; APMC. AFST.ASTS.4.3.3; APMC.AFST. ASTS. 4.3.4; APMC. AFST. ASTS. 5.1.1; ASTS.5.1.2; APMC. AFST. ASTS.5.1.3; APMC. AFST.ASTS.7.1.1; APMC. AFST.STS.7.2.1; APMC. AFST. ASTS. 7.3.1; APMC. AFST. ASTS. 7.3.2; APMC.AFST. ASTS.7.3.3; APMC. AFST.ASTS.7.3.4; APMC. AFST.ASTS.7.3.5; APMC. AFST. ASTS.7.3.6; APMC. AFST.ASTS.7.4.1; APMC. AFST. ASTR.5.1.1; APMC. AFST. ASTR.5.1.2; APMC. AFST. ASTR.5.2.1; APMC. AFBC. ASTR.5.2.1; APMC. AFBC. ASTR.5.2.2; APMC. AFBC. ASTR.5.5.1; APMC. AFBC. ASTR.5.5.2; APMC. AFBC. ASTR.5.6.1; APMC. AFBC. ASTR.5.7.1; APMC. AFBC. ASTR.5.8.1; APMC. AFBC. ASTR.6.1.1; APMC. AFBC. ASTR.7.1.1; APMC. AFBC. ASTR.7.1.2; APMC. AFBC. ASTR.7.1.4; APMC. AFBC. ASTR.7.2.3; APMC. AFBC. ASTR.7.4.1; APMC. AFST. AST.5.2.1; APMC. AFST. AST.8.3.1; APMC. AFST. AST.8.4.5.

esposo; sem data, a anotação de pagamentos recebidos; com data de 15/04/1942, a nota de Correios e Telégrafos; sem data, a nota de recebimento de quantia; com data de 01/06/1920, o recibo emitido por empresa; com a data de 08/01/1920, o recibo de pagamento; com a data de 08/01/1920, o recibo de procurador; com a data de 10/05/1920, o recibo de quantia recebida e com a notação, sem data, o quinhão referente a dívida.

Para a série de Alzira, tanto no acervo da família do Barão de Caetité, quanto na família Spínola Teixeira, constam documentos pessoais, escolares, fotografias, inventários, poesias, cadernos e outros (com data de 28/08/1911, a fotografia do sobrinho Edivaldo com 7 meses; a fotografia dela própria; com data de 04/08/1926, o contrato de casamento da filha de Alzira, Zelinda, com Rogociano Sobrinho, com a indicação do ano 1886 a transcrição de Alzira sobre bens do inventário de Dona Maria Rita Sofia Spínola Teixeira e sua filha Celina, bens herdados por Deocleciano P. Teixeira; sem data, o inventário de Aristides Spínola, contendo bens herdados por Alzira, com a data de 24/09/1894, o caderno de poesias presenteado pelo irmão, Mário Teixeira, sem referência de data, o caderno de receitas culinárias, com a data de 13/04/1898, a ata de admissão como aluna da Escola Normal de Caetité, sem data, em folhas avulsas, textos poéticos, sem data, o exame médico, com a indicação do ano 1912, a caderneta com atividades de Língua Portuguesa, atuação profissional na Escola Normal de Caetité, em indicação dos anos de 1928 a 1932, o caderno de notas de controle da produção e venda de rapaduras e mantimentos por parte dos meeiros, com a data de 18/08/1939, o caderno de notas do açougue Rui Barbosa registro da venda de gado, com a notação dos anos de 1930 a 1933, o caderno de despesas diárias, incluso, ainda, está um envelope da redação do *Jornal Reformador* endereçado ao seu esposo, com notação de 1930, o controle financeiro de conta conjunta dela e do pai, Deocleciano P. Teixeira, com data de 31/07/1913, e o recibo de assinatura da revista *Mensageiro da Fé*, dentre outros).

Sobre a série de Anna, constam documentos pessoais cartões de visitas, fotografias, documentos escolares, procurações, rascunhos e alvará, documentos complementares em sinalização da agregação ao apostolado da oração. Também, as correspondências, cartões com temáticas religiosas, santinhos, livretos e convite. Para exemplificar, sobre esses documentos, sem data, o boletim escolar de um dos filhos, com data de 02/12/1919, o recibo da Associação das Senhoras de Caridade de Caetité e para a data do dia 23/08/1928, o recibo de jornal *A Penna*, havendo, ainda, outros).

Para a terceira geração, pertencentes ao grupo (Evangalina, Celsina, Hersília, Leontina, Angelina e Carmen) constam documentos pessoais, familiares, finanças e complementares, destacando-os, como demonstrativos de um cotidiano escolar, como exames,

atividades de tradução do francês para o português, cadernos com conteúdo de religião, de francês e poesias³²⁴. Na série de Evangelina com data de 09/02/1900, o atestado de solicitação de sua matrícula na Escola Normal de Caetité, com data de 09/02/1900, o atestado de seu comportamento exemplar, com data de 19/02/1902, o pedido de deferimento do curso do 2º ano da Escola Normal de Caetité, com data de 03/03/1900, o certificado de seu exame de admissão para a Escola Normal de Caetité, com data de 18/02/1902, o certificado de aprovação em exame de História Universal, com data de 08/11/1901, a atividade escolar de tradução de texto do francês para o português, dentre outras.

Para a série de Celsina, identificamos diversos documentos. Como estão em fase de organização e de catalogação, escolhemos somente citar alguns denominados de: complementares (santinhos, convites, cartões, etc), pessoais (cartões de visitas, álbum vazio, cartões diversos, documentos escolares, fotografias, rascunhos e anotações, receitas médicas, procurações, atestados, documentos sobre a ASC, convite de participação em apresentação musical no Rio de Janeiro, carta de agradecimento pela renovação de assinatura “Lar, revista da Família”, etc), finanças (caderneta de banco, recibo do jornal *A Penna*, comunicação de débito no “Aéro-club de Caiteté”, Contas do Apostolado da Oração, Mensalidade da Associação dos Escoteiros de “Caiteté”, ordem de pagamento do Banco do Brasil, Caixa Escolar do Município, recibo de assinatura da revista de educação – Escola Normal, diversos livros e cadernos de notas, no período de 1915 a, estimadamente, a década de quarenta, em atuação administrativa).

Para a série de Hersília, o caderno com anotações escolares em francês, com data de 1904, o caderno incompleto de vocabulário em francês, com data de 19/08/1923, o caderno de anotações de cunho religioso, com referência do ano de 1927, o caderno de História Universal, com a pintura em tela feita por ela, sem referência da data, o caderno de poesias e anotações de cunho religioso, com data de 06/01/1906, o caderno recitativo e cantos, com data de maio de 1915, a revista *A Voz*, ano 3, n. 26, de cunho religioso e os recibos de mensalidade da Associação de Senhoras de Caridade, dentre outros.

Para a série de Leontina, identificamos fotografias, cartões e santinhos. Para exemplificar, em finanças, sem a data, estão as anotações referentes a ações pertencentes a ela,

³²⁴ APMC. AFST. ETPO.5.5.1; APMC. AFST. ETPO.5.5.2; APMC. AFST. ETPO.5.5.3; APMC. AFST. ETPO.5.5.6; APMC. AFST. ETPO.5.5.8; APMC. AFST. ETPO.5.6.1; APMC. AFST. HST.5.4.2; APMC. AFST. HST.5.4.3; APMC. AFST. HST.5.1.1; APMC. AFST. HST.5.4.6; APMC. AFST. HST.5.5.1; APMC. AFST. HST.6.3.2; APMC. AFST. HST.6.3.3; APMC. AFST. HST.6.5.1; APMC. AFST. HST. 7.1.1 e APMC. AFST. HST.7.1.14; APMC. AFST. LST.4.1.1; APMC. AFST. ASST.4.2.1; APMC. AFST. ASST.5.2.1 e APMC. AFST. CST.6.1.1.

na série Angelina, como exemplificação, sem referência da data, o caderno de desenho, também sem data, o livro Proezas de Raffles. Para a série de Carmen, como exemplificação, destacamos o recibo de assinatura de revista *O Malho e o Tico-tico*, apresentado neste estudo por ter sido identificado como um impresso acompanhado pela autora e, certamente, pelos pares, no período de sua escolaridade.

Esse conjunto mais amplo de fontes, que não analisaremos neste trabalho, reforçam a percepção de que se tratava de um grupo de mulheres que participavam de um cotidiano com uso da escrita em diversas situações. Com isso, evidenciamos a familiaridade delas com a escrita e o uso de anotações para fins pessoais. Além disso, as mulheres possuíam documentos de cunho instrucional que envolviam o idioma francês e lidavam com documentos cartoriais diversos.

5.1.4 “*Não te tenho escrito a mais tempo p’ não me axar com forças*”: a escrita pelo outro

Em uma das cartas de Maria Victória de Albuquerque Gomes Rodrigues Lima dirigidas à filha, a autora pede desculpas por não escrever com frequência e diz sentir saudades. Comunica sofrimento pela seca enorme, solicita que a filha escreva sempre e deixa transparecer o gosto pelo recebimento de cartas:

Aproveito a ocasião de escrever-te por Otacílio q^e ahi segue hoje a visitar m^u Tio. Desculpa eu não escrever-te, [...] uncam^e a falta de hábito em escrever. Tenho mt^{as} saudades tuas e peço sempre á Deus de proteger-te. Beija e abraça por mim Annibal e Alzira e recomenda-me mt^o ao Dr Rêgo, D. Ritta e Fil e D. Amélia. Estamos sofrendo de uma sêcca enorme. Teu pai está um pouco melhor. Escreve-me sempre q^e poderes. Recebe a bênção e mt^a saudade da mãe q^e mt^o te ama[...].³²⁵

Na carta acima, sem identificação de local e de data, Maria Victória fala da falta de hábito em escrever e evidencia a utilização de Otacílio, para que escrevesse por ela. Possivelmente sua experiência de escrita e a frequência com a qual realizava eram menores do que as das mulheres da terceira geração, sendo necessário o auxílio de outra pessoa. Além desse motivo, outras situações envolviam escritores e leitores ampliados, o que fazia com que essas cartas não fossem necessariamente restritas a remetente e destinatário. A mediação de outra pessoa certamente alterava o conteúdo e a expressividade possível na escrita, conforme discutido por Bouza (2019).

³²⁵APMC. AFBC.MVAGRL.2.4.1

Caetité 20 de maio de 1846.

No dia 1º de maio tivemos o gosto de receber cartas tuas e nosso pai que aqui estava muito enternecido **ficou a ler a carta que tu me dirigiste** mais bem depressa disso mudou na noite desse mesmo dia passei a noite mais amargurada [...] em vida, tendo diante de meus olhos nosso pai sucumbindo no leito da morte e ao amanhecer do dia 2 deste infausto mês de maio a morte nos roubou a mais preciosa existência. Não te tenho escrito a mais tempo p^r não me axar com forças p^a dar-te essa notícia p^r isso **pidi a Jacinto q. lhe escrevesse.** [...]. (grifo nosso)

Esta carta já apresentada neste estudo é de Rita Sofia. A autora, nesta parte, comunica ao irmão, o Barão de Caetité, que o pai leu a carta que o irmão havia enviado a ela. Com a morte do pai, menciona estar sem condições emocionais para escrever e recorre a outra pessoa. Não conhecemos o tipo de vínculo existente entre os “escrevedores” das cartas, Otacílio e Jacinto, e as mulheres. Não sabemos dizer se se trata de pessoas que, por ofício, escreviam para outrem. Entretanto, temos indícios de que essa prática, a escrita por terceiros, era eventual.

A escrita como ofício foi de fundamental importância em meio à sociabilidade conquistada entre as mulheres. Muitos são os exemplos para a comprovação da escrita como ofício para as mulheres da segunda e da terceira gerações. Um exemplo da escrita como ofício é o de Leontina. Já residindo em Salvador, entre outras ações, realizava a prática de escrever, conforme diz sua irmã Evangelina em carta escrita em Caetité, no dia 13 de março de 1916, já apresentada neste estudo: “[...] Leontina continua na mesma ocupação recebendo e respondendo cartas”. Na mesma carta, indica o uso da escrita pelo prazer da música e de sua aprendizagem entre os pares:

Tio Rogociano tem procurado uma música que elle mandou “Berceuse de Belle” (eu acho que é Bellini, mas elle diz que é Belle ou Belli não está meio das d’aqui, se v. a tem mande, que elle quer dar ao Guilhermino para tocar, porque é muito bonita. Elle já ouviu Tílinha e Leontina tocarem o bandolim, violino e violão, mas parece que não gostou, porque não pediu repetição, só tocaram uma noite.

Outras cartas reafirmam a escrita como um ofício e um modo de estar nos lugares de participação social. No dia 17 de setembro de 1947, conforme carta já apresentada neste texto, uma escrita de Hersília para Celsina, indica o envolvimento com a organização de festa religiosa, em Caetité, o que a fez enviar encomendas à irmã e se queixa sobre dificuldades para o envio do material: “Quando recebo as cartas pelo avião, este já voltou para Caetité [...]”. Demonstrando sua preferência pelos portadores, na mesma correspondência, fala sobre outras situações vivenciadas pela troca de escrita em indicação de outras necessidades: “[...] A impressão dos programas sahiu muito cara, 200 programas por 120,00 cruzeiros, pedi ao Irmão do S. Bento para deixar por menos [...]”. Na continuidade do diálogo, na carta do dia 26 de

setembro de 1947³²⁶, Hersília diz: “Recebi ontem as uma hora da tarde o seu telegrama de 24, dizendo que o avião estava aqui encomendando flôres naturaes para a festa do Sagrado Coração de Jesus [...]”.

Através da escrita e da leitura, as mulheres, mesmo estando em lugares diferentes, estabeleceram uma teia de sociabilidade e, por essa estratégia, falaram sobre vantagens e desvantagens, das escolhas e da aquisição de experiência da vida, demonstrando conexão entre os interlocutores a partir da produção de correspondências. A ampla produção de cartas de mulheres de famílias com condições econômicas e com acesso à leitura e à escrita, no Alto Sertão da Bahia, expressou os diversos usos da escrita e a sociabilidade estabelecida, a partir do ato de enviar e de receber as correspondências em indicação de vários gêneros textuais, muitas vezes, dentro de um único texto epistolar.

Em três gerações de mulheres, o texto é também marcado pelas diferenças, pois seus usos nem sempre eram os mesmos, além das temporalidades diferentes. A produção da escrita se deu pela utilidade, mas também pelo entretenimento e prazer. Pelo ofício da escrita, modos diversos de escrever que se cruzaram pela busca de novos interlocutores, seja os já esperados, em ambientes de residência, seja outros em lugares bem diferentes, como as fazendas, em Caetité, ou em grandes centros, como Salvador e o Rio de Janeiro.

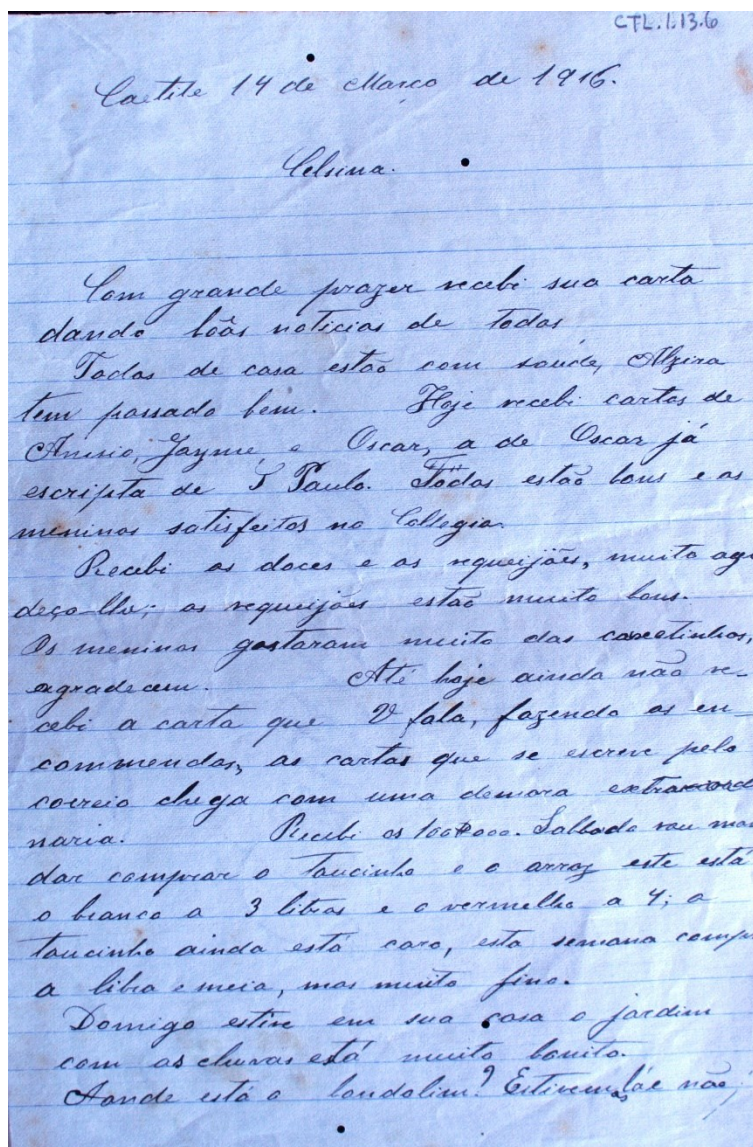
Entre os muitos lugares, as diversas autoras e os usos da escrita se apresentaram em condições materiais e afetivas bem diferentes. Em demonstração da frequência (menor ou maior), percebemos a intensidade de uns, em relação a outros, dos lugares e quais condições, sobre a escrita feita por outros, também, os suportes da escrita, a exemplo de telegramas, cartões, cartões postais, cadernos de notas, recibos e contratos. Esses usos revelaram diversas leituras (Paulino, 2004), em integração aos diversos saberes.

Portanto, coube-nos, conforme objeto de pesquisa, trabalhar as práticas de leitura e de escrita, ficando a parte referente à atuação das mulheres em instâncias educacionais (escolares ou não) como complemento dessa discussão. Esses lugares em que atuaram as mulheres, sujeitos da pesquisa, foram citados por elas nas suas correspondências e os apresentaremos no próximo capítulo.

³²⁶APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, de 26/09/1947.

6 INSTÂNCIAS EDUCATIVAS DE CIRCULAÇÃO DO ESCRITO

Figura 21 - Carta de Anna para Celsina



Fonte: APMC.AFST. CTL. 1.13.6

Neste capítulo, que se inicia com uma carta de Anna para a filha, Celsina, está a autora a enviar notícias da família, dizendo que recebeu cartas dos filhos (Anísio, Jayme e Oscar) e que recebeu encomendas enviadas (doces, requijões). Comenta sobre o não recebimento da carta que Celsina disse ter enviado pelos Correios. Pergunta-lhe ainda onde está o bandolim e que Evangelina irá enviá-lo.

A partir dessa apresentação, pautamos a discussão do capítulo, nas instâncias educativas, que contribuíram para a circulação do escrito e que, por terem sido mencionadas nas cartas, possuíam lugar relevante na participação das mulheres pelo envolvimento com

práticas de leitura e da escrita. Elegemos, portanto, algumas das instâncias educativas mencionadas, considerando sua recorrência, que nos permitiram identificar a abrangência e a diversidade para um grupo que tinha acesso a variados bens e instâncias culturais. Consideramos, pois, relevante indicar as instâncias escolares, como mencionados nas correspondências, por serem propiciadores da participação das mulheres, em práticas de leitura e de escrita, acrescentando, também, outras instâncias que tiveram essa mesma função.

Retomamos aqui a concepção de Chartier (2001) sobre as vias de acesso à escrita: “[...] os atos de leitura que dão aos textos significações plurais e móveis situam-se no encontro de maneiras de ler, coletivas ou individuais, herdadas ou inovadoras [...]” (CHARTIER, 2001, p. 36). Conforme estudos de Galvão (2017), Frade (2010), Jinzenji (2010) – para citar alguns –, a diversidade de experiências de leitura e de escrita utilizadas na realidade brasileira, do processo de escolarização da população em integração de conhecimentos e de socialização de saberes e de valores faz com que tenhamos várias instâncias educativas entrelaçadas, que possibilitaram diversos modos de participação nas culturas do escrito, inclusive por parte de instâncias além das historicamente reconhecidas para esse propósito, quais sejam, a família e a escola:

Outras instâncias, no entanto, também podem assumir um papel importante no ensino e, sobretudo, na difusão e circulação do escrito, como é o caso do trabalho, da burocracia do Estado, do espaço público da cidade, do comércio, das Igrejas de diferentes denominações e de bibliotecas, sociedades literárias, imprensa, tipografias e editoras. Podemos também pensar que espaços como as associações, os movimentos sociais e políticos, o teatro, o cinema, o rádio e, mais recentemente, a televisão e o computador/a internet, podem ainda contribuir para que as pessoas se familiarizem e se aproximem das lógicas do mundo da palavra escrita (GALVÃO, 2017, p. 17).

É indiscutível que as instituições escolares, nos diversos níveis de ensino, foram as instâncias mais mencionadas, conforme poderemos identificar a seguir, no primeiro tópico. No segundo tópico, ganha destaque a Igreja Católica: o processo de catequização das novas gerações e os ritos que faziam parte do cenário da cidade de Caetité e demais localidades são mencionados pela importância cultural que representavam em uma família predominantemente católica. As instâncias da administração pública, tratadas no terceiro tópico, eram igualmente espaços pelos quais as mulheres transitavam com facilidade, a fim de lidar com questões formais ligadas às propriedades da família e às demais necessidades burocráticas do dia a dia. Por fim, no quarto e último tópico, apresentamos o universo das artes que aparentava ser bastante valorizado, com incentivos para que as novas gerações se integrassem a ele, especialmente na aprendizagem da música e do desenho.

6.1 Estabelecimentos escolares

As três gerações de mulheres apresentam, em suas correspondências, o interesse pela escolarização de seus familiares, sejam eles filhos e filhas, irmãos e irmãs, ou sobrinhos. Além disso, indicam que a atividade docente e/ou a administração de estabelecimentos escolares também fizeram parte do envolvimento de algumas delas, em especial, das mulheres da terceira geração.

Nas correspondências da primeira geração de mulheres (1844 - 1888), não identificamos as instituições escolares onde estudaram ou se as frequentaram. Através delas, no entanto, conforme escrita do subtítulo acima, de autoria de Rita Sofia G. Lima, encontramos vestígios de seu interesse e envolvimento com escolas. Em comunicação com seu irmão, o Barão de Caetité, e sua cunhada, Rita escreve carta, a qual está sem registro de local e data:

Meu Querido Mano e minha Mana

Que esta vos achi com saúde é o q. mas estimo, Tive huma dor profunda quando soube q. Joazinho tinha sucombido tive m^{ta} pena, mas meu Mano e minha Mana q. se a de fazer com o decreto de D^s, estou rogando a D^s q. vos de força e comsolo p^a rizistirem tantos golpes tão profundos, Cazuzinha vai p^a lá a ver se tras Ritinha e Quimquim p^a ir p^a o colégio m^{tas} e m^{tas} saudades minha e de Sinhá a D^s de Sua mana q. muito vos ama. Rita S. G. Lima.³²⁷

Qual colégio e em qual localidade? Embora não se possa, pela carta de Rita Sofia, encontrar respostas a essas perguntas, ao reunirmos e cruzarmos as correspondências que fazem referência às escolas frequentadas pelos familiares envolvidos, é possível construir um cenário do desenvolvimento escolar em Caetité na primeira metade do século XX. Nas cartas, há referências ao “Collegio de Prescilla”. Ela era uma das irmãs de Anna, que se mudou para Caetité quando da vinda do casal Anna e Deocleciano. Estudou na Primeira Escola Normal de Caetité, da qual falaremos posteriormente. A carta de Anna a seguir, dirigida ao seu cunhado Rogociano, foi produzida em Caetité, no dia 26 de abril de 1904 e descreve o cotidiano escolar da família. Ao se referir à irmã Prescilla, indica a fundação de escola particular de nível secundário. É difícil, no entanto, esclarecer com precisão como se desdobrou esse trabalho. Conforme a memorialista Gumes (1975), Prescilla e Alzira (a primeira, irmã de Anna, e a segunda, filha de Deocleciano com outra irmã de Anna) eram alunas da primeira escola normal, cuja formatura da primeira turma foi realizada em 1901. Estariam Prescilla e Alzira nesse grupo? Em 1904, Prescilla fundaria o ensino secundário em Caetité? Vejamos:

³²⁷APMC. AFBC.JAGN.1.35.6

Com grande prazer recebi sua presada carta, a qual respondo. Agradecendo as visitas e retribuindo-as faço votos para que tenha gosado saúde.

Nelson vai bem, está muito gordo, esperto e forte, já está principiando a engatinhar; Anísio e Jayme continuam bem, este sempre impertinente e Anísio muito accommodado, já anda as voltas com uma carta de abc, que pediu-me para comprar, dizendo que ele também queria aprender a ler. Evangelina e Celsina não deixaram o desenho e o bandolim: Celsina já está tocando muito melhor; Evangelina é que tem menos gosto para música; ellas agora estão sem professor; o Borba foi para Conquista com a família. Celsina leccionando Desenho no Collegio de Prescilla que criou mais um curso secundário. Por enquanto só tem 5 alumnos; porém ellas esperam que appareça mais, Hersilia também já está aprendendo Desenho e música. Celso, Oscar, e Leontina continuam no collegio de Prescilla. Agradeço de coração dizer-me que já tem em vista um bom collegio ahi para deital-os o meu maior desejo era que elles estivessem sempre debaixo de suas vistas, fico mais tranquilla elles estando do que na Bahia, porem para o anno elles não podem ir porque ainda não estão prontos das primeiras letras desejo mandal-os mais adiantados.

Alzira está bôa e assim os meninos estes todos gordos e fortes. A sua affilhada já falla muito.

Alzira disse que recebeu o livro e m^{to} agradece. Recebi as peles de onça apreciei muito; agradeço-lhe a lembrança.

Mario esteve uns dias aqui. Continua morando no S. Francisco, porem pretende sahir.³²⁸

Vemos, pela carta, que Rogociano havia feito visita à família do irmão em Caetité. A escrita de Anna é, também, um agradecimento ao cunhado e uma descrição detalhada do modo como cada familiar estava vinculando-se ao processo educacional em Caetité naquele momento. A carta fala do estabelecimento aberto por Prescilla Spínola, que, no início de seu funcionamento, tinha como primeiros estudantes matriculados os seus sobrinhos. Pelo anúncio publicado no jornal *A Penna* (Figura 22) vemos que a escola se chamava Collegio N. S. de Lourdes.

Figura 22: Anúncio do *Collegio N. S. de Lourdes* publicado no jornal *A Penna*



Fonte: APMC, *A Penna*, 09 de janeiro de 1903, P.3, Nº 140, Ano VII.

³²⁸APMC. AFST.RPT.1.10.1

Além disso, uma das sobrinhas, Celsina, lecionava desenho, o que indica uma relação familiar com o estabelecimento de ensino. Outro trecho da carta aborda, possivelmente, uma prática comum nesse meio letrado e de forte vínculo com práticas de leitura, de escrita e de escolarização. O autodidatismo de Anísio Teixeira, com apenas três anos, apontou interesse pela aprendizagem da leitura antes mesmo do seu ingresso na escola primária. Saberia ele, da existência das cartilhas de alfabetização³²⁹? Ou teria pedido um livro para aprender a ler? Por que não contratar um tutor? Por que não foi encaminhado a uma escola primária?

Os elementos da carta da cunhada para o cunhado (Anna a Rogociano) apontam para uma família numerosa em busca de movimentação escolar em Caetité e revelaram intenções de continuidade desses estudos em centros maiores: “Agradeço de coração dizer-me que já tem em vista um bom collegio ahi para deital-os [...]”. Precisavam, entretanto, de uma base escolar, de segurança na alfabetização. Por isso justifica-se a busca de maiores informações sobre outras escolas, sendo Escola de Mariquinhas indicada em várias correspondências.

A carta escrita por Hersília em Caetité, no dia 04 de fevereiro de 1908, já apresentada neste estudo, para indicar o uso da leitura, expressa, ainda, o envolvimento dos irmãos nesta escola: “[...] está também muito contente na escola de Mariquinhas [...]”. Em outra carta escrita em Caetité, no dia 21 de fevereiro de 1908, Hersília fala também sobre a professora e sobre o modo como os irmãos estudam:

Mariquinhas está com mais uma menina, e por este motivo os meninos não tem ido estes dois dias a escola, porém o João Neves está substituindo-a; na segunda-feira eles irão. Estão aqui me atrapalhando, hoje, que não foram à escola, deitei-os para estudarem aqui no sótão commigo.

Todos os dias a noite, faço eles estudarem; Jayme continua impaciente só quer ler a lição uma vez, é preciso forçal-o para ler mais vezes.

Fale com Vanvan, que Anísio já está estudando Grammatica, e com muito gosto, porém, mamãe não quer, pois, ele está muito pequeno e assim cansa a memória muito cedo, elle não quer deixar, diz que quer passar Mário, que está perdendo a escola, amanhã, faz oito dias que ele e Benjamin estão na Serra com Yaya que volta para a semana.³³⁰

A escrita de Hersília evidencia que o exercício docente estava presente na realidade da família. Sobre essa prática em Caetité, a memorialista Gumes (1975. p. 86) diz: “A Escola Municipal regida pela Profª Mariquinhas era a mais frequentada da cidade [...]”. Essa carta apresenta vários elementos que nos auxiliam a compreender outros aspectos do envolvimento

³²⁹Sobre o tema alfabetização, ver texto **Instrumentos e suportes de escrita no processo de escolarização**: entre os usos prescritos e os não convencionais (Minas Gerais, primeira metade do século XX), de Isabel C. S. S. Frade e Ana M. de O. Galvão (2016).

³³⁰APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: correspondências usuais. Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Caetité, 21/02/1908.

das mulheres com a escola das crianças. As crianças frequentavam a escola municipal e, com a ausência da professora, que aparentemente tinha dado à luz a uma menina, estudavam em casa à noite com Hersília, irmã dos meninos Jayme e Anísio e tia de Mario e de Benjamin, filhos de Alzira.

Entre os pares, havia empolgação pelo ensino e pela aprendizagem, práticas presentes no cotidiano. Por parte do menino Anísio, a busca do estudo da gramática de forma autônoma era aparentemente motivada, além do gosto, por uma competição: “quer passar Mário”. Além de estabelecer uma rotina de estudos à noite, Hersília menciona a preocupação da mãe, Anna, com a precocidade de Anísio que, segundo ela, era muito novo e, assim, poderia cansar a memória. À época, Anísio tinha sete anos. Com essa notícia, destacamos a participação de Anna, opinando sobre o interesse do filho em relação aos estudos e sua opinião sendo difundida pelas cartas para suas outras filhas.

As correspondências revelaram outras instâncias escolares. Na carta de Carmen, escrita em Caetité para o tio Rogociano, já apresentada neste estudo, escrita, no dia 14 de março de 1920, por exemplo: “[...] Eu e Gigi estamos muito satisfeitas no Collégio Bom Pastor. Já estamos estudando música e desenho. Eu estou apendendo piano e Gigi bandolim. Zelinda veio do Espinho para o Collégio e está aqui em casa”³³¹. Carmen, no período, era uma adolescente, indica sua caligrafia não linear e evidencia os traços não cursivos, com rasuras e consertos. Nessa carta, agradece ao tio pela assinatura do jornal *Tico-Tico*. Outras cartas mencionam a Escola Americana e o Instituto São Luiz Gonzaga³³², conforme escrita de Deocleciano para o irmão Rogociano. Essa carta, escrita em Caetité no dia 15 de setembro de 1920, traz comentários sobre os últimos dois estabelecimentos:

[...] Otto teve uma empolação, q parecia sarampo, afinal ficou no* sangue* novo*; já esta bom e na escola onde nada aprendem elle e o Irmão, visto a tal escola Americana nunca ter tido professores. As mulheres dos protestantes aqui chamão q^l q^{cf} menina sem habilitação e ellas q não são professoras, se fazem directoras p^a darem nome à escola. Mario e Benjamim perderão alli 2 annos e assim outros. Os espiritas estão mandando os filhos p^a o Instituto Luis Gonzaga [...].³³³

³³¹Conforme Aguiar (2015), essa instituição escolar era administrada por freiras da Igreja Católica. Ver trabalho **Ensinando a viver a fé: a experiência educacional no colégio de freiras em Caetité** (2015).

³³²Ver trabalho **Presença jesuíta do sertão da Bahia: Instituto São Luiz Gonzaga/Caetité – 1912 a 1925**, de autoria de Fernanda de Oliveira Matos (2016). O estudo apresenta a atuação pedagógica da Missão Jesuíta Setentrional Lusitana Dispersa da Companhia de Jesus no Sertão da Bahia, a partir da trajetória do Instituto São Luiz Gonzaga – escola implantada e conduzida pela referida ordem religiosa na cidade de Caetité, entre os anos de 1912 e 1925. Ver, também, o trabalho **O processo de romanização no alvorecer do século XX em Caetité – BA: entre disputas e consolidação**, de autoria de Fabiano Nascimento Santos (2019), que objetivou analisar o processo de romanização implementado pela Igreja Católica no Alto Sertão da Bahia, entre os anos de 1905 e 1913.

³³³APMC. AFST. RPT.1.45.88

Deocleciano critica o ensino da Escola Americana, que havia sido fundada em 1912³³⁴. As informações sobre esse estabelecimento de ensino indicaram que ele funcionou até o ano de 1925 em Caetité, tendo utilizado métodos inovadores, ensinou a língua inglesa e supriu a vacância da primeira Escola Normal de Caetité. Tratava-se de uma iniciativa de missionários da igreja protestante na cidade. Assim, foi uma tensão religiosa que, possivelmente, motivou a crítica de Deocleciano, pois ele menciona, ainda, a preferência dos espíritas pelo colégio católico, o dos jesuítas, referindo-se ao Instituto Luiz Gonzaga, sobre o qual também buscamos informações.

O memorialista Flávio Neves (1986), ao descrever sua trajetória escolar na Caetité dessa época, diz que estudou na escola primária de Dona Mariquinhas e no Instituto São Luiz Gonzaga. Sobre a escola primária, destacou-a como instituição pública com alunos de todos os graus, desde a alfabetização até os adiantados da quinta série. Descreveu também o modo como a professora procedia no cotidiano escolar: enquanto tomava a lição, não perdia de vista os demais alunos. Referiu-se ao uso da tabuada, da soletração e da palmatória, mas relata como estabelecimento de ensino reconhecido, o que pôde comprovar quando passou a ser aluno do estabelecimento de ensino dos jesuítas. Sobre essa continuidade do trabalho em Caetité, indica um ensino voltado à humanização, à literatura, ao teatro clássico em francês e em latim, etc. O memorialista fala também sobre por que essa escola fechou no lugar depois de 12 anos e conta sobre as dificuldades de chegada de bancas examinadoras para os preparatórios naquela época.

Pela escrita de Anna, conforme carta de 26 de abril de 1904 dirigida ao cunhado Rogociano, já apresentada, neste estudo, é possível identificar incômodos relativos às limitações escolares em Caetité, principalmente quando fala sobre os planos de enviar seus filhos ao Rio de Janeiro, para ficarem sob os cuidados do cunhado. Reforça, no entanto, a sua preocupação por não considerarem preparados o suficiente para os estudos da capital. Em outra carta, mesmo incompleta, Anna, em Caetité, no dia 30 de março de 1908³³⁵, dirige-se, dessa vez, às filhas Celsina e Evangelina e deixa evidente que conseguiu realizar os seus planos para a continuidade dos estudos dos familiares fora de Caetité. Não diz, porém, o porquê da escolha pela capital baiana. Também expressou aflição por não receber com mais frequência as cartas das filhas, além de elogiar o filho Celso, por não deixar de lhe escrever, dando-lhe notícias

³³⁴O estudo **Conflitos e resistências durante a implantação e a atuação da Escola Americana de confissão de fé presbiteriana no Alto Sertão da Bahia (Caetité, 1900 - 1926)**, de Guimarães da Silva (2020) apresenta a Escola Americana, em Caetité, a partir da discussão sobre a trajetória dos sujeitos históricos envolvidos na implantação e na atuação desse trabalho em confissão da fé presbiteriana, nas primeiras décadas do século XX, período em que conflitos políticos e religiosos estiveram imbricados nos 14 anos de duração da instituição de ensino.

³³⁵APMC. AFST. CTL.1.13. 1

frequentes. Faz queixas maternas que se referem, também, ao pouco envolvimento do filho com os estudos e expressa sua preocupação com uma possível reprovação.

A carta de Anna, mencionada anteriormente, indica a vinculação dos familiares às escolas católicas, que em Caetité, como vimos, aconteceu pela participação no Nossa Senhora de Lourdes, no Colégio Bom Pastor e no Instituto São Luiz Gonzaga. Em Salvador, atuaram também no São Luiz Gonzaga, no Colégio António Vieira, no Educandário Sagrado Coração de Jesus – Perdões³³⁶, entre outros.

A escrita de Anna, no dia 30 de março de 1908, para Celsina e Evangelina, é portadora de notícias sobre o desenvolvimento escolar de parte da família em outros lugares: “[...] Hoje recebi cartas de Anísio, Jayme e Oscar, a de Oscar já escripta de S. Paulo. Todos estão bons e as meninas satisfeitas no colégio. [...]”. Essa carta indica o fato de não ter sido somente a capital baiana o único lugar de busca dos estudos para os filhos. Outras cartas da mãe Anna destacam as dificuldades de acompanhamento dos filhos em estudos e fazer queixas da falta de notícias. Pela carta escrita no dia 14 de março de 1916³³⁷, diz: “[...] Até hoje ainda não recebi a carta que v. fala, fazendo as encommendas, as cartas que se escrevem pelo correio chega com uma demora extraordinária [...]”. Também a carta de Evangelina para o tio Rogociano, escrita em Caetité no dia 04 de julho de 1910³³⁸, reforça sobre o cotidiano dos estudos na capital baiana: “[...] Anísio está estudando para fazer exame no fim do anno assim como Mario. Jayme é um pouco vadio, mas inteligente. Nelson que entrou este anno para a escola está satisfeito e tem gosto pelo estudo. Leontina está estudando francês, desenho, etc.[...]”.

Anna, que, pelas cartas, demonstra preocupação com a educação dos filhos e netos, fazia articulações para buscar melhores oportunidades para os mesmos e buscava acompanhar, de Caetité, o desenvolvimento e o desempenho de cada um deles. Os comentários individualizados que Evangelina, sua filha, produzia nas cartas, indica que essa preocupação e o acompanhamento de cada um fazia parte das preocupações familiares. No dia 26 de abril de 1909, Anna escreveu carta para o filho Celso³³⁹, cujo conteúdo demonstrou a firmeza materna com as cobranças para que o filho tivesse maior dedicação aos estudos: “Escreva sempre não espere só cartas minhas para responder. Estude muito, não perca o tempo; preste mais atenção

³³⁶Sobre essa modalidade escolar, ver o estudo **O Educandário do Sagrado Coração de Jesus: ideais e valores na formação da elite feminina baiana (1890-1936)** de autoria de Simone Maria Ramalho (2015), que analisa a cultura escolar do Educandário do Sagrado Coração de Jesus, anexo ao Recolhimento dos Perdões, durante a Primeira República, enfatizando o papel social da Igreja Católica na formação da elite feminina baiana.

³³⁷APMC. AFST. CTL.1.13.6

³³⁸APMC. AFST. RTP.1.52.1

³³⁹APMC. AFST. CST.1.1.1.1

para não escrever errado [...]”. No dia 06 de maio de 1910, a carta de Anna demonstra o acompanhamento escolar dos filhos:

[...] Por carta de Celso soube que v pode ser matriculado na escola anexa a escola comercial. Por Catharino também telegraphou dizendo que tinha combinado com Celso sobre sua colocação. Oscar, estimei saber que v teve poucas faltas no Gymnasio. Ambos estudem muito para aproveitarem bem o anno. [...].³⁴⁰

Em carta para Celso, no dia 13 de julho de 1910³⁴¹, Anna diz: “Os meninos continuam muito satisfeitos, na escola, até Angelina há três dias foi para a escola ella mesma mandou comprar uma carta de abc e foi, ficou muito contente com as notas tem sido sempre optimas. [...]”. Em contato com Celsina, Anna, em Caetité, lhe dá várias informações sobre a família e evidencia sua opinião sobre o modo de agir dos filhos em relação aos estudos, salientando não ter sido certa a ideia de não levar em consideração a escolha do filho, conforme carta datada de 18 de setembro de 1917: “[...] Arrependi-me de no principio do anno não ter mandado elle para Gymnasio porque não passara por essa agora de ver elle ser expulso do Collegio que é uma vergonha p^a todos. Mas é esta hestoria que tinha de não querer separar, queria que estudasse os dois juntos. [...]”³⁴². Em carta sem local e sem data, Anna diz à filha Celsina:

Tenho estado muito triste e aborrecida com o procedimento de Jayme não sei o que hei de fazer. O director do Collegio escreveu a Deocleciano que pelo mau procedimento que elle teve em um passeio que elle foi obrigado a não quere mais no Collégio. Não sei o que elle teria feito [...]”³⁴³

Sua escrita continua com o propósito de acompanhar o desenvolvimento educacional dos filhos. Na carta do dia 10 de outubro de 1917³⁴⁴, diz: “[...] O Padre Cabral escreveu a Deocleciano ilugiando muito Anísio e dizendo que elle ficou fraco com os estudos do ano passado para fazer 8 exames e que aconselhava para elle so fazer um exame e deixar os ouros para o anno [...]”. Na carta de 26 de novembro de 1917³⁴⁵, comenta: “[...] não queria que elle fosse para a escola militar e anda levando um anno como soldado! Pois o tempo que elle mais precisa estudar vai ser soldado! Elle me escreveu que todos dahai approvão nesta idea d’elle. Pois eu não quero que elle siga similhante carreira [...]”. As cartas da mãe Anna enviadas à filha Celsina no ano de 1917 são alguns exemplos que apontam essa filha como suporte aos

³⁴⁰APMC. AFST. CST.1.1.3

³⁴¹APMC. AFST. CST.1.1.4

³⁴²APMC. AFST. CT.L.1.13.15

³⁴³APMC. AFST.CT.L.1.13.21

³⁴⁴APMC. AFST.CT.L.1.13.17

³⁴⁵APMC. AFST. CT.L.1.13.18

irmãos mais novos. A mãe, que se encontrava distante por residir em Caetité, certamente encontrou nessa condição uma possibilidade de se fazer presente no acompanhamento dos estudos dos filhos.

Também para a família do Barão de Caetité, na época, a continuidade dos estudos tornou-se realidade na capital baiana. Na carta escrita no dia 04 de maio de 1906 pela filha de Maria Victória, apelidada de Zinha certamente porque recebeu o mesmo nome de sua tia, Rita Sofia informa sobre os estudos dos familiares em Salvador:

(M^a querida mãe) todos nós vamos regularmente, graças à Deus.
Braulio chegou bem, já tem estado aqui comigo. Senti muito quando soube da queda que meu padrinho tomou, porém disse-me Braulio que elle já estava sem novidade. O Braulito está muito espertinho, tem olhos azuis e é muito alvo, fomos nós os padrinhos eu e Maneca. Anita e Annibal estão fortes e vadios, o Annibal já esta no Allemão e Englez [...].³⁴⁶

Em movimentação, as famílias do Barão de Caetité e a Spínola Teixeira foram alargando os seus lugares de moradias e, nesse ir e vir, as práticas educativas, não somente em ambientes escolares, mas também em aulas particulares e em outras atuações, conforme carta do dia 30 de março de 1908, que versa, entre outros assuntos, sobre a contratação de professores de música:

[...] V. fez bem em tomar uma Professora, para lhe ensinar o bandolim. Deocleciano já tinha lembrado disto, e mesmo serve para v. ensinar Tulinha e Leontina. O José Elysio continua a vir sempre, mas, logo que v. chegar vou dispensar porque até hoje Leontina, não sabe uma nota da música [...].³⁴⁷

Em Caetité, no dia 16 de março de 1920, Hersília escreve carta a Rogociano³⁴⁸ para falar sobre a alfabetização do sobrinho e de seu envolvimento educacional com as novas gerações na família: “Os filhos de Mário gosam saúde. O Enoch sempre meu amiguinho. Está aprendendo o a, b, c.”. Em 17 de março de 1924, de Salvador, Leontina escreve carta ao seu tio Rogociano³⁴⁹, em que diz: “[...] Ernani vae indo bem e está com gosto aprendendo a ler e a escrever, já terminou a cartilha maternal de João de Deus, e se não fosse a moléstia que elle teve, já estaria mais adiantado, apesar de Celso não querer puxar muito por elle”.

Nesse período, alguns filhos das mulheres mais velhas se integravam pelos mesmos interesses aos filhos mais novos de Anna, a mãe, de forma que sobrinhos e tios se relacionavam,

³⁴⁶Série: Maria Victoria Gomes de Albuquerque Lima. Subsérie: correspondências usuais. Dossiê: Rita Sophia (Zinha). Carta. Bahia, 04/05/1906.

³⁴⁷APMC. AFST. CTL.1.13.1

³⁴⁸APMC. AFST.RPT.1.74.10

³⁴⁹APMC. AFST. RPT.1.94.4

em busca educacional, como podemos conferir, através da escrita³⁵⁰ de Hersília, produzida, no Rio de Janeiro, no dia 11 de outubro de 1924. Dentre os vários assuntos, faz comentários sobre educação escolar dos sobrinhos: “Senti saber que Otto, Edgard e Enoch, saíram do collegio S. Luiz onde elles muito aproveitariam no estudo e educação religiosa. Vejo o que me diz da nossa Zelinda, é uma santa e criteriosa menina. Há tempos recebi uma boa cartinha d’ella, a qual, ainda não me foi possível responder-a”. Na carta³⁵¹ escrita por Alice para Hersília, datada de 29 de novembro de 1943, diz “[...] Diga a Deoclecianinho q. m^{to} desejo que seja feliz nos exames, tal como tem sido nos anos anteriores. Como vae Nice, o n^o 7 está terminando? As meninas estão adiantadas na escola? [...]”. Na longa carta de Angelina para a sua madrinha Hersília, no dia 18 de novembro de 1943, dentre os vários assuntos registra sua opinião sobre decisão do irmão para não enviar filho para os estudos:

[...] Ficamos admiradíssimos da resolução de Celso de não querer q Deoclecianinho venha este ano estudar por motivo tão injustificável e sem razão de ser; tem mais de [...] meninos em todos os collegios d’aqui e se estivessem passando fome (um absurdo) o governo já teria fechado o collegio que se desse esse fato, pois sem fiscaes para isto e são muitos exigentes na alimentação das crianças.
O único lugar que não falta carne Verduras etc é nos collegios.
Imagine se todos os paes fizessem como Celso!
Deoclecianinho já tem o atrazo de um ano, e com esse agora são 2, parece q Celso não sabe quanto isso atraza o estudo, com 14 anos não pode mais matricular em colégio nenhum, disse-me Carmita hontem.
Tertulino está no Salesiano e diz que nunca viu tanta fartura de comida. Os meninos comem a vontade, e ele está bem gordo e satisfeito.
Diga isto a Celso, pois ainda está em tempo de refletir e ver melhor as cousas e não fazer o menino perder mais um ano, por receios infundados [...].³⁵²

Na carta escrita em Salvador, no dia 15 de março de 1944³⁵³, já apresentada, neste estudo, Hersília diz que o sobrinho, Deoclecianinho, havia conseguido aprovação satisfatória nos exames vestibulares. Indica preocupação em relação aos demais familiares. Pela correspondência para Celsina, no dia 04 de junho de 1947³⁵⁴, entre várias informações, conta: “Não tenho visto Anísio, porque estive lá, quando ele chegou e tão ocupado na Secretaria de Educação que não se encontra em casa. Soube que estive na Secretaria trabalhando até às 11 horas da noite, foi preciso Jayme Ayres ir buscal-o [...]”. Em articulação política, parte dos

³⁵⁰APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: correspondências usuais. Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Rio de Janeiro, 11/10/1924.

³⁵¹APMC. AFST. HST.1.A1.3

³⁵²APMC. AFST. HST.1.B1.1

³⁵³APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: correspondências usuais. Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 15/03/1944.

³⁵⁴APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: correspondências usuais. Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 04/06/1947.

familiares, inclusive algumas mulheres deste estudo, em meados do século XX, encontravam-se, na capital baiana.

6.1.1 *A Escola Normal de Caetité*

Em correspondência trocada entre os influentes políticos locais Durval Públio de Castro, residente em Caetité, e Rogociano Pires Teixeira, residente no Rio de Janeiro, observamos os comentários sobre a política de isolamento para com a região, além de registros sobre suas preocupações com a temática educacional do lugar e com o fechamento da Escola Normal de Caetité. A carta apresenta, ainda, o descaso do governo baiano em forma de não atendimento às solicitações encaminhadas: “Nada se solicita ao Governo do Estado que possa servir. Nem sei quem responde. Avalio que todos os empregados da ex-eschola normal daqui estão recebendo seus vencimen^{tos} e a eschola continua fechada [...]”.

Segundo Gumes (1975), a Escola Normal de Caetité foi criada pela Lei nº 117, de 24 de agosto de 1895, mas sua instalação foi efetivada no ano de 1898. O jornal *A Penna* (03 de janeiro de 1902, P.1, Nº113, Ano VI) publicou uma notícia sobre a formatura das primeiras alunas-mestras, um acontecimento recebido com muita comemoração. Por meio dessa matéria, vemos o comentário sobre a chegada da instrução para o lugar como uma ferramenta para a melhoria do nível moral e intelectual da população. Nessa mesma defesa, encontramos outra matéria do jornal *A Penna*³⁵⁵, do dia 26 de dezembro de 1902, com o título: “A instrução em Caetité” (anexo I), em apresentação otimista, pelo conteúdo apresentado, através da publicação, que, em tom de otimismo, aponta a educação local, como uma ação natural a gerir frutos. Enfatiza, ainda a criação do teatro, além de escola (pública e privada). No entanto, essa expectativa toda não se firmou, pois a Escola Normal foi fechada pelo Decreto de 29 de dezembro de 1903³⁵⁶.

O cenário começa a se modificar nas primeiras décadas do século XX. O governo de José Joaquim Seabra (1912 - 1924) durou em torno de 12 anos na Bahia e possuía um modelo de gestão centrado na capital. A posse de Goes Calmon, seu sucessor, em 1924, passou a ser alvo de expectativas de interioranos, como vemos em Aguiar (2011, p. 108): “[...] a família Teixeira viveu o momento de maior prestígio no alto sertão da Bahia. A vitória política brindada com o domínio sobre os cargos públicos da região [...]”. Em carta, Carmen, em Salvador, comunica-se com Celsina:

³⁵⁵Fonte: APMC, Jornal *A Penna*, Edição, de 26/12/1902.

³⁵⁶Conforme Gumes (1975, p. 65): “[...] com o término de seu mandato, Luiz Vianna foi substituído por Severino Vieira que, não adotando a linha política dos militantes caetiteenses, suprimira [...]”.

[...] Anísio com emprego que tem agora, tem que ficar algum tempo aqui, o que será muito bom para mim, pois já é mais um parente, e não ficarei muito só.
Temos sabido das desordens que têm havido por ahi, quando terminará tudo isto? O Goes já está no governo e as cousas continuam no mesmo pé!...
Dizem que ele não tratará tão cedo da política do sertão [...]³⁵⁷

Na temporalidade em que as irmãs trocam ideias e fazem referências à reabertura da Escola Normal³⁵⁸, Anísio encontrava-se à frente dos trabalhos de educação, como registrado na carta de Evangelina para Celsina, escrita na fazenda Gurutuba, no dia 15 de junho de 1924³⁵⁹: “Parece que é certa a abertura da Escola Normal ahi. Não é possível que o nosso Inspector não nos consiga isto. Elle continua ocupadíssimo”. Em 1926, mediante expectativas, conforme recorte do jornal *A Penna*, datado de 29 de abril de 1926, e pelas cartas trocadas entre as irmãs, demais parentes e amigos, era intensa a satisfação dos que acompanhavam as discussões sobre reabrir ou não reabrir a escola de Caetité. Houve manifestos pela reabertura da escola.

Sobre as ações de fechamento da primeira escola e o seu reestabelecimento em 1926, as correspondências das mulheres, as quais residiam, em diversos lugares, destacam o empenho pela reinstalação em Caetité, conforme está na carta escrita, em 01 de maio de 1926, já apresentada neste estudo. Por essa escrita, a mãe Celsina e o filho Edivaldo, em Salvador, acompanham as práticas educacionais da Caetité da época, descritas em forma de manifestações populares:

Anísio recebeu muitas manifestações do povo, dos professores, dos alumnos, das diversas escolas... Hontem houve um jantar que Anísio offereceu aos professores e depois foi a manifestação das escolas reunidas.
Anísio falou respondendo ao Chico Bastos que pronunciou um discurso depois do jantar, e falou também aos meninos.
Foi uma semana de festas.
Creio que já escrevi sobre as festas da E. Normal e sobre a manifestação dos professores, quando houve baile no sobrado até 2 horas da madrugada, reinando muita alegria até o fim.
Estão tratando de organizar um club fact-ball e já vieram me propor a compra das roupas que os p^{es} offereceram a Ass. de Caridade.

³⁵⁷ APMC. Fundo: Arquivo da Família Spínola Teixeira. Série: Celsina Teixeira Ladeia, Subsérie: Correspondências Usuais, Dossiê: Carmem Spínola Teixeira. Bahia, 11/04/1924.

³⁵⁸Sobre a *Escola Normal de Caetité*, há poucos estudos identificados. No entanto, já se começa um importante movimento pelo entendimento do modo como se deu a formação escolar a partir de 1926. Interessou-nos dialogar com esse tema pelo fato de ter sido a instância do saber como lugar de participação das mulheres em atuação leitora e de escrita. Nesse sentido, ver trabalho **Saberes na formação matemática dos discentes da segunda Escola Normal de Caetité-Bahia (1926-1961)**, de autoria de Fabrícia de Oliveira de Araújo (2020), que objetivou analisar os “saberes a ensinar” e “para ensinar” adotados na formação matemática dos discentes na segunda Escola Normal de Caetité (1926-1961). A autora deste trabalho, que consultou também a Revista da Educação produzida por essa escola, registrou que, além do curso normal, havia oferta do jardim de infância, do ensino primário em referência às “escolas de aplicação” e o ensino complementar que funcionou por dois anos como escolas complementares.

³⁵⁹APMC. AFST. CTL.1.50.22

Em carta escrita de Hersília, em São Paulo, para Celsina no dia 29 de abril de 1926³⁶⁰, dentre os vários assuntos, familiares ou não, a autora informou sobre a inauguração da Escola Normal:

Estava ansiosa por notícias, principalmente por saber que os revoltosos pretendiam ir até ahi. Graças a Deus, recebi no dia 29 do mez passado o telegrama de toda nossa família, dando-me a bôa noticia dos revoltosos terem passado por fora da cidade e também que Anísio está ahi, afim de inaugurar a E. Normal. Congratulo-me com todos por mais este proveitoso progresso na nossa terra, que N. S abençoe a toda população, dando a todos espirito de fé, paz e união.

O recorte da longa carta escrita por Hersília demonstra que as duas irmãs, mesmo distantes, estabeleciam um diálogo frutífero. Falavam de assuntos diversos, não somente sobre os acontecimentos familiares. A carta foi escrita em um tempo de reestruturação política, o que possibilitou a participação de Anísio Teixeira no processo administrativo da Educação da Bahia e, conseqüentemente, sua presença em Caetité para reinstalar a Escola Normal. A primeira turma de formatura (Figura 23) é de 1929 e apresenta alguns dos envolvidos diretos naquele evento³⁶¹.

Figura 23 - Primeira Formatura da Escola Normal de Caetité em 1929



Fonte: Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC).

³⁶⁰APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. São Paulo, 29/04/1926.

³⁶¹Em honra ao mérito, estão o governador da Bahia na época – Dr. Francisco M. de Goes Calmon – e o Dr. Anísio Spínola Teixeira. Outros foram homenageados, como o diretor da escola, o paraninfo da turma Dr. Edgard da Silva Pitangueira, o professor José Alfredo da Silva e o Dr. Antônio da Silva Ramos. Foram os formandos: Ena de Castro Mesquita, Eponina Zita dos S. Gumes, Evangelina N. Lobão, Joaquim da S. Souza, Judith M. da Cunha, Altamira Anízia de Souza, M^ª Julieta T. de Castro, Bellanisa Lima e Myrtes Uzeda Costa. No quadro, em recuo, é possível observar, ainda, uma imagem da Caetité da época, uma cidade pequena rodeada de morros.

As outras Figuras (24 e 25) foram também destacadas por dialogarem com o tema deste estudo, indicando práticas educacionais dos lugares de atuação de algumas das mulheres, sujeitos da pesquisa.

Figura 24 – “Pequenique Flor da Índia 932”



Fonte: Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC).

O registro, em tinta de caneta, “Pequenique Flor da Índia 932” indica o ano de 1932. Pela descrição, em frente ao casarão da fazenda Flor da Índia, propriedade, na época, pertencente à Diocese de Caetité, estão várias pessoas (mulheres, homens, adolescentes e crianças). Algumas delas com instrumentos musicais, não estariam em realização de práticas educacionais em integração de leitura e de escrita? Seria um passeio a envolver escola e a família? Seria um passeio envolvendo integrantes da Escola Normal e os das escolas complementares, considerando a presença de pessoas em diversas idades?

Os registros (termos de posse) pertencentes à Escola Normal de Caetité trazem o vínculo de Hersília, Celsina e Carmen como docentes da escola normal em alguns dos períodos deste estudo. A Figura 25 retrata os quadros das novas formaturas no ano de 1931 e no ano de 1935. Em participação docente e como professora homenageada, na formatura da instituição,

encontra-se, nos quadros, uma das mulheres, ou seja, Carmen Spínola Teixeira³⁶², questão a nos levar a integrar esses demonstrativos às discussões sobre práticas leitoras e de escrita.

Figura 25 – Formaturas da Escola Normal de Caetité nos anos de 1931 e 1935



Fonte: Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC).

Através do diálogo entre as irmãs (Hersília e Celsina), quando um dos assuntos tratados, entre elas, na escrita do dia 05 de fevereiro de 1935, já apresentada neste estudo, foi o ensino de Caetité, além dos indícios do uso de escrita e da leitura, no lugar, por parte das mulheres, observamos o interesse delas com as práticas educacionais na instituição escolar de atuação. Em outra situação, Hersília diz que a irmã, Alzira, havia ido com a filha, Elvirinha, para a fazenda Taperinha e que a outra filha, Celina, professora, havia ficado em casa em razão de tarefas escolares: “Desde o dia 1º que está em banca de exame, tem 100 alumnos que não tiveram media e ficaram obrigadas a fazer este exame da cadeira que ella ensina. Foram poucos os alumnos que passaram por media”.

³⁶²Além de Carmen, outras pessoas foram homenageadas: o professor Antônio de Meirelles, o engenheiro José F. Junqueira Ayres, o Dr. Antônio S. Ramos e a Dona Dulce de S. Araújo. Foram formandos daquele ano M^a de Lourdes Ramos, M^a de Lourdes N. Lobão, Newton Neves Cotrim, Valtelina M. Cerqueira, Wochton Silveira Lédo, Irary Públio de Castro, Heloysa dos Santos Gumes e Almerita B. Prisco. No segundo quadro, turma do ano de 1935, encontram-se as homenagens específicas: homenagem especial a D. Juvêncio de Brito, Bispo de Caetité; grande homenagem a Castro Alves; preito de gratidão ao Prof. Aloísio da Costa Short; preito de amizade à Prof^a M^a Constança Cardoso; honra ao mérito ao Eng^o José F. Junqueira Ayres e, no centro, a homenagem à professora Carmen S. Teixeira, como paraninfa da turma. Homens e mulheres formandos: Ivan Neves Freitas, Djalma Rodrigues Lima, José Britto, Rita M. de Lourdes Tanajura, Dirce de Castro Silva, Solon Ivo, João Antônio Mesquita, Waldemar Teixeira Costa, Zuleide Guedes, Carmen Guedes, Altair Públio da Silva, Antônia Gomes dos Santos, Annie Castro, Idalina Neves Vieira, Zelinda C. Magalhães, Carlita do C. Silva, Dagmar C. Mello, Joana Neves Ramos e Anna Lima.

Direta ou indiretamente, as mulheres foram identificadas em exercício das práticas educativas escolares. Algumas participando do fazer docente e outras em apoio aos familiares. Suas produções indicaram, também, as preocupações pelo reestabelecimento da Escola Normal de Caetité, como já falamos. Suas práticas de educação, nas instâncias escolares, expressaram participação nas culturas do escrito e em conhecimento do modo como as ações se davam na sociedade daquela época. A carta de Carmen para sua irmã Celsina no dia 27 de agosto de 1940³⁶³, diz sobre vários assuntos, mas um nos chamou atenção, não só pelo uso da linguagem metafórica, mas por indicar algumas tensões políticas envolvidas no processo de desenvolvimento da Escola Normal, quando diz: “Estes forasteiros que surgem por aí ‘passam de pato a ganso’ com muita rapidez... E como Caetité é cada dia mais ‘terra de ninguém’ sempre teremos de estar as voltas com esses indesejáveis, cujo prazer é criar ‘casos’”.

Carmen deveria ter propriedade para falar sobre o assunto, porque havia sido docente daquele estabelecimento de ensino e acompanhou de perto o modo como os trabalhos se desenvolveram. Podemos pensar em situações, como a falta de recursos financeiros, as dificuldades de deslocamento de profissionais para o desenvolvimento da instrução, nas diversas áreas do ensino e sobre recursos públicos em centralização para alguns lugares e em escassez para outros. Podemos pensar em quais eram os atrativos para os profissionais se envolverem com a formação educacional em lugares como Caetité e quais os que queriam formar quadro de permanência em fortalecimento do ensino interiorano. Seriam esses os que passavam de “pato para ganso”, os que criavam “casos”?

Entender melhor o modo como se deu o processo educacional no Alto Sertão da Bahia, enquanto lugar com práticas educacionais, na temporalidade deste estudo, inclusive, com o ensino público, requer aprofundamento do estudo, buscando entender o desenvolvimento de novas instituições para outros lugares do entorno. Sobre esse tema, há indícios nas correspondências bem significativos, principalmente, no processo de reintegração da escola normal para Caetité, situação que indicou a participação das mulheres e suas preocupações pela permanência da escola.

Algumas cartas indicaram entrelaçamento da escola com práticas de leitura e de escrita, questão a nos levar a discutir sobre instâncias de educação, inclusive, escolares. Observamos novas abordagens do conhecimento a partir da conquista de outras instâncias sociais, das quais, algumas, também, apresentaremos, a seguir, por terem sido mencionadas nas correspondências e por serem lugares de atuação social de algumas das mulheres deste estudo.

³⁶³APMC. AFST. CTL.1.18.8

Pela escrita de correspondências, a revelação de instâncias não escolares de atuação social de algumas mulheres, que as exigiram produzir documentos de criação para algumas dessas instituições. Não conseguimos, no entanto, realizar, a partir da leitura dos diversos escritos apresentados, uma interpretação mais contextualizada, porque não se fez possível, por fatores como o tempo. Coube-nos, neste estudo, apresentar as instituições como lugares de atuação das mulheres em participação social.

6.1.2 *Associação de Senhoras de Caridade*

A carta de Evangelina para o tio Rogociano, escrita em Caetité, no dia 23 de dezembro de 1918³⁶⁴, diz: “[...] Celsina lembrou-se de fundar uma Associação de Senhoras de Caridade e, para isto ella, Alzira e Mário estão organizando um festival para 1 de Janeiro e então nessa ocasião expõe-se a ideia, apresenta-se o estatuto e as Senhoras que quiserem serão admitidas como sócias [...]”. A ata de fundação da ASC, com data de 10 de janeiro de 1919, foi assinada por 26 mulheres de Caetité. Entre elas, Celsina, Hersília, Anna, Alzira e Evangelina. Juntamente com outros documentos³⁶⁵, indica o propósito da instituição que foi criada para acolher, auxiliar e dar assistência à saúde de crianças e idosos. Para a manutenção, as associadas fariam arrecadação de dinheiro, de medicamentos, alimentos, roupa e outras necessidades.

Entre as mulheres da família Spínola Teixeira, Alzira e Celsina atuaram como presidente. Celsina exerceu esse cargo em vários períodos ao longo da história da instituição, que também se preocupou com ações educacionais, inclusive, para a escolarização a crianças pobres, como está na carta de Angelina, destinada à irmã Celsina: “E você como vae com a escola das crianças pobres?”³⁶⁶.

³⁶⁴APMC. AFST. RPT.1.52.4

³⁶⁵Naquela época, mediante a eleição, formava-se a primeira diretoria. Nos planos de trabalho, uma primeira preocupação foi a conquista de um hospital ou, ao menos, uma casa própria para abrigar indigentes sem famílias e os necessitados de assistência à saúde. Em 1920, a ASC realizava, provisoriamente, suas atividades numa casa localizada na praça da Igreja Matriz, cedida pelo Intendente (prefeito) José Antonio de Castro Tanajura. Esse lugar provisório era conhecido por “Casa Preta”, nome dado pela população da época, por ser construção baixa, com pouca luminosidade, em condições insalubres. Desde o surgimento, a ASC conta com a contribuição voluntária de beneficentes, buscando curar, cuidar e assistir pessoas desamparadas. Contou, em seus primeiros anos, com o auxílio oficial de 9\$00 (nove mil réis), o que contribuiu para a constituição do seu patrimônio inicial: posses, casas e dinheiro ao longo dos seus cem anos. Em 1921, de São Paulo, foi recebida a quantia de 500\$00 (quinhentos mil réis), mandada pelo Dr. Constantino Fraga. Com a doação do terreno pelo Intendente Cel. José Antonio de Castro Tanajura, no dia 27 de novembro de 1924, tornou-se possível o lançamento da pedra fundamental de construção da sua sede. Com sede própria, outras formas para conseguir recursos para a sua manutenção foram adotadas: festas beneficentes, peças teatrais, a cantina, dinamizada a partir da venda de bolos e doces que eram feitos pela Senhora Veneranda, mulher negra, que auxiliava nos trabalhos da culinária.

³⁶⁶APMC. AFST.CTL.1.9.5

Angelina encontrava-se em Salvador e acompanhava a ação filantrópica de algumas das mulheres em trabalhos pela Associação de Senhoras de Caridade de Caetité (ASC). Nessa mesma correspondência, escrita no dia 29 de maio de 1945, ainda complementa: “Penso que o governo é que deveria pagar a professora e a ASC daria então a roupa o calçado e os livros, o que já seria um grande auxílio a pobreza, não acha?”. Conhecedora do processo de organização dessa instituição, de certo modo, denuncia a falta de recursos governamentais para a educação interiorana, levando-nos a pensar a educação negligenciada pela escolarização na Bahia. Souza (2006) discute o assunto na temporalidade correspondente ao período de 1870 e 1890³⁶⁷, contribuindo para entender a dificuldade da escolarização na Bahia, a ponto de, em meados do século XX, ainda se falar em “escolas para os pobres”, fazendo com iniciativas como a ASC, entre reuniões, atas, balancetes, relatórios e negociações com instituições bancárias e governamentais, pudessem amenizar parte da situação, negligenciada pelo Estado.

6.2 Instâncias Religiosas

Estudos como os de Souza (2017) e Reis (2018) exploram o papel das igrejas e demais instâncias religiosas, na ampliação da circulação do escrito e das práticas de leitura, contribuindo para diversificar os modos de participação nas culturas do escrito. Os sujeitos aqui analisados estão vinculados majoritariamente ao catolicismo³⁶⁸ e as cartas possibilitam visualizar como essa adesão se traduzia, em práticas diversas, das quais faziam parte igualmente as crianças mais jovens.

Como uma espécie de apoio educacional, em integração a instâncias de poder, a exemplo das religiosas, algumas das mulheres indicaram participação social. Hersília é uma em destaque nessa experiência. No dia 07 de abril de 1908, em Caetité, Hersília escreve para a irmã Celsina:

[...] fizemos muitas capelas e bouquets; esteve bonita, isto é, bem illuminada, ornamentada e concorrida, só faltou a sua presença para apreciar melhor. O padre depois que faz a leitura explica, no dia de sua novena elle falou muito bem, sobre o descobrimento do Brasil. Ele tem falado todos os dias e pede encarecidamente ao povo para terem respeito e fazerem silêncio na Egreja.

³⁶⁷A autora afirma que, na transição do trabalho escravo, especificamente no final do Império (últimas três décadas), pela necessidade de preparar mão de obra, a escolarização das primeiras letras (ler, escrever e contar) em concomitância com a jornada de trabalho, era proposta de formação de sujeitos em preparação para os serviços manuais e o próprio sustento. Destaca, ainda, que o projeto buscava constituir o cidadão participante do progresso e de civilização nacional.

³⁶⁸ Em carta de Anna para Celsina em 07 de maio de 1908, temos indícios do envolvimento de Prescilla com o espiritismo: “Pela carta de Prescilla vejo que já está mais satisfeita por que diz que senão fosse os estudos de espiritismo que ficaria ahi; é signal que tem gostado”.

No domingo também depois de festejarem as novenas do cruzeiro; houve a festa, Mamãe foi uma das juízas. Vejo o que v diz sobre a semana santa d'ahi, sempre é assim se faz os castellos muito melhor, não acha?

[...] Mamãe foi somente a missa no dia do baptizado, foi obrigada porque não podia negar [...]

Vou contar-lhe uma graça: o Dr. Borges trouxe a notícia que V. diz que só se casa na igreja do Bomfim. Achamos muita graça de Juca depois de zangar-se um pouco diz que aceitará a proposta indo também.³⁶⁹

O trecho escolhido evidencia o modo de realizar as práticas religiosas em articulação a outras áreas do conhecimento, a exemplo da história do Brasil. Destacou a formação educativa no momento do culto religioso. Também com tom expressivo de humor, diz: “O povo está muito catholico, papae não perde a missa nos domingos e, assim, muitas outras pessoas”. E continua: “O padre pediu a D. Jovina para arranjar umas moças para cantar, proibiu as velhas de cantarem, dizendo que perturbam a missa, com bem razão, não acha?”. O assunto se alongou: “Já cantamos três domingos, sendo eu, as meninas de D. Eugenia, a do Sr. Hermelino, e a escola de d. Jovina [...]”.

A escrita de Hersília indica instâncias como família, igreja e escola em integração pelo envolvimento na sociedade da época. Conforme carta do dia 25 de abril de 1908, Hersília faz comentário para Celsina, que se encontra em Salvador, sobre o seu envolvimento social na igreja e destacou a participação masculina: “Os homens da alta sociedade d’aqui, não perdem a missa dos domingos, para ouvir a boa pregação do padre, e os bendictos”. Na mesma carta, diz:

No domingo de Paschoa houve o chirmsa, chirmsaram umas 60 crianças. De Alzira chirmsaram Zelinda, sendo a professora Constança madrinha, e eu chirmei Elvirinha, Benjamim também era para chirmar, estava muito satisfeito, porém, como v. sabe, elle é muito escabiado, quando viu a confusão, fugiu da Igreja. Osvaldo já baptizou foram os padrinhos: o C^{el} Cazuzinha e Mariquinhas por procuração de Zinha.³⁷⁰

Celebrar os sacramentos religiosos era uma prática indicativa dos interesses econômicos e sociais, uma extensão das práticas familiares e de outras, como as escolares, de forma que os mesmos da família, encontravam-se, na escola, na igreja, e, em outras instâncias, de poder. Se não pudessem estar presentes no momento da celebração, recorria-se a documentos, como a procuração e, por esse instrumento, garantia-se a participação entre os pares. Os eventos religiosos estavam em atuação com as práticas escritas e de leitura, podendo,

³⁶⁹APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Caetité, 07/04/1908.

³⁷⁰APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Caetité, 25/04/1908.

nesse exercício cotidiano, melhorá-las: “[...] celebrações contribuíram para a alfabetização e para o desenvolvimento da fluência em leitura” (SOUZA, 2017, p. 115).

Em Caetité e em outros lugares foram organizando uma sociabilidade, conforme escrita de Angelina, no dia 05 de setembro de 1927, carta já referida neste estudo. A autora que se encontrava, na capital baiana, diz a Celsina, sobre as práticas religiosas, em Caetité, e discorre sobre os aborrecimentos com tratamento de saúde que estava fazendo. Outra escrita, também, de Salvador, no dia 05 de junho de 1925, é de Carmen para a mãe Anna, já apresentada neste estudo, e diz:

[...] Mamãe já deve ter sabido da chegada do novo Arcebispo. Houve muita festa no dia da sua chegada, todos os collegios em alas pelas ruas para receber a sua benção. Porem quando estávamos no melhor do gosto, veio um aguaceiro tão forte que nos deixou completamente ensopados; nunca tomei uma chuva tão forte, mas graças a Deus nada tive.
 - A semana passada passei 3 dias de retiro nos Perdões. Foi muito bonita a comunhão do último dia dada pelo Arcebispo, quasi que trezentos alunos comungaram nesse dia!
 - Como foram de festas do Mez de Maria? Escreva-me contando tudo ou mande Gigi fazer por Mamãe [...].

Também em Salvador, onde Carmen se encontrava para os estudos, a integração das instâncias de poder (família, igreja, escola) e as práticas educativas ultrapassavam o ambiente escolar. A carta de Celsina, escrita em Caetité, no dia 20 de setembro de 1927, é dirigida a seu filho Edivaldo³⁷¹: “Hoje começa as novenas de maio [...]”. Também, outros registros vão confirmar a familiaridade com os trabalhos religiosos em Salvador. A carta de Evangelina para Celsina aborda essa participação nos dois lugares (Caetité e Salvador): “As festas de hontem aqui foram muito bonitas, nós assistimos da casa de Clovis. Didi tem vindo aqui. Elle está gordo e forte. Sinto não está ahi para compartilhar destas festas, creio que com este novo bispo o povo está mais fervoroso”. Em carta datada de 24 de agosto de 1925, escrita por Leontina, em Salvador, para a irmã Celsina³⁷², entre vários assuntos, ela comenta sobre o trabalho da irmã frente aos festejos da padroeira Sant’Anna, em Caetité.

Em São Paulo, no dia 29 de abril de 1926, Hersília escreve para Celsina³⁷³, e lhe pede desculpas pela demora em não responder as muitas cartas recebidas: “[...] as suas tão boas e prezadas cartas de 20, 29 de janeiro e 9 de fevereiro”. Diz que demorou para respondê-las e discorreu sobre muitos assuntos, como sua profissão no convento e eventos religiosos. Outra

³⁷¹APMC. AFST. ETL.1.3.26

³⁷²APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. São Paulo, 29/04/1926.

³⁷³APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 24/08/1925.

carta escrita por Hersília em Caetité, no dia 02 de agosto de 1937³⁷⁴, traz, entre outros assuntos, o impedimento dos filhos de Celso em receber o sacramento da crisma, tendo como padrinho Anísio Teixeira. Nesse caso, a consulta ao bispo indicaria a resposta negativa: “Creio que já lhe escrevi que o Mons. Bastos foi encarregado pelo Bispo de trazer a resposta, que foi a seguinte: - que Anísio não podia ser Padrinho porque era um ímpio, um ateu. E assim os três meninos de Celso ficaram sem chrismar”.

Correspondências de diversos momentos retratam a experiência vocacional de Hersília – do antes, do durante e do depois de sair do convento, quando retorna sem os votos perpétuos. No dia 17 de março de 1923, Hersília, em carta para o tio³⁷⁵, informa que pretende ser religiosa e diz que irá ao convento Bom Pastor para iniciar o seu noviciado. Vocacionada, como revelaram suas cartas, enfrentou dificuldades junto à família e, especificamente, junto à mãe. Na correspondência, já apresentada neste estudo, por exemplo, Anna, em 24 de maio de 1923, entre os vários assuntos escritos para o cunhado, comenta sobre a insistência de Tilha pela vida religiosa interna em convento. Como sabemos, Hersília foi interna em casas religiosas entre o Rio de Janeiro e São Paulo no período de 1924 a 1928 e, no dia 21 de abril de 1924, pela carta escrita para o tio do Mosteiro Provincial de N. S. de Caridade do Bom Pastor³⁷⁶, deseja-lhe uma feliz Páscoa e pergunta se ele tem notícias dos familiares de Caetité. Hersília também escreve para o tio no dia 29 de junho de 1924³⁷⁷, do mesmo mosteiro e diz: “[...] a minha profissão religiosa está marcada para o dia 20 d’este, querendo Deus. Espero que não falte n’este dia com a vossa presença, pois, como sabe, dar-me-á grande consolação [...]”. No mesmo lugar, escreve também em outros dias – 10 de novembro de 1925³⁷⁸; 16 de dezembro de 1925³⁷⁹ e 04 de janeiro de 1926³⁸⁰.

Pela forma de expressar ao tio, do convento, no Rio de Janeiro, Hersília demonstrou sentimentos de abandono por parte da família e insinua ser por causa de sua decisão sobre a experiência religiosa. Suas cartas dessa época revelaram sua escolha diferenciada ao que se esperava de uma mulher de elite. Conforme carta escrita em Salvador, no dia 14 de dezembro de 1928³⁸¹, Hersília conta ao tio sobre o seu veredito. Diz que a madre provincial, após reunir conselho, resolveu não lhe conceder os votos perpétuos, devido a ataques nervosos que teve em

³⁷⁴APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Caetité, 02/08/1937.

³⁷⁵APMC. AFST. RPT.1.74.19

³⁷⁶APMC. AFST. RPT.1.74.22

³⁷⁷APMC. AFST. RPT.1.74.23

³⁷⁸APMC. AFST. RPT.1.74.24

³⁷⁹APMC. AFST. RPT.1.74.25

³⁸⁰APMC. AFST. RPT.1.74.26

³⁸¹APMC. AFST. RPT.1.74.32

São Paulo e Caetité: “[...] Nosso Senhor permitiu que houvesse grande exagero nas notícias [...]”.

Com votos perpétuos não feitos, de forma resignada diante dos planos interrompidos, retornou a Caetité para os trabalhos religiosos e educacionais na Escola Normal. Em outra comunicação, desta vez dirigida ao Cônego Luiz Pinto Bastos, pároco de Caetité, sem local e sem data, informa que precisará ficar fora da cidade por mais de um mês:

Ex^{mo} e Rev.^{mo} Director Sr. Cônego Luiz Pinto Bastos e minhas queridas irmãs em Maria.

Aproveito a oportunidade para comunicar-vos que tendo de retirar - me d'esta cidade por tempo indeterminado, e estando por todo este mez, peço-vos que digneis conceder-me a minha do cargo de Presidente, que imerecidamente ocupo.

Levarei saudosa recordação d'esta Congregação que me é bastante querida, pela qual continuarei, em minhas fracas orações, suplicar sempre à nossa querida Mãe do Céu, pelo progresso espiritual e grande zelo das nossas queridas Congregadas, fazendo votos a Deus para que sempre continuem a dar provas de verdadeiras Filhas prediletas de Maria e com o exemplo de pureza e humildade edifiquem o próximo [...].³⁸²

Dona de uma produção escrita extensa, principalmente, feita de ambientes do convento, isso nos levou a questionamentos. Por exemplo, seria o ambiente a lhe favorecer condições maiores para ler e escrever?

Como o tema é propiciador de outros estudos, cabe-nos, somente, indicar as expectativas da autora e a interrupção de seus planos pessoais por decisões de instâncias (família e igreja). Depois do convento, ficou à frente de trabalhos religiosos em Caetité e, posteriormente, para a capital baiana.

Algumas cartas das mulheres deste estudo indicaram a presença de outras práticas religiosas, a exemplo do espiritismo, uma opção, entre familiares das mulheres deste estudo. Conforme Reis (2018), havia, entre as religiões, a disputa de poder expressa na escrita em jornais: “[...] no município foi um elemento estruturante nas disputas ideológicas travadas entre católicos e espíritas pela legitimidade do espaço religioso (REIS, 2018, p. 17). A pesquisadora refere-se aos impressos, como forma de comunicação entre os pares, uma possibilidade para expressar assuntos em discussão social, buscando, certamente, persuadir as pessoas pela conquista de novos integrantes para o cotidiano religioso do seu grupo de propagação da fé.

³⁸²APMC. AFST. HST.3.1.1

6.3 Instâncias da administração pública

A familiaridade das mulheres deste estudo com a escrita e a leitura demonstra que documentos ligados a finanças familiares, registros de imóveis e demais documentos cartoriais faziam parte do repertório desse universo. Iniciamos, no entanto, a discussão em torno dos correios, referidos sempre de forma lamentável, para o envio de cartas, mas também, de documentos de grande importância. As queixas em relação à insegurança e ineficiência dos correios, discutidos anteriormente, indicam o contato com esse meio de comunicação, por meio do envio e recebimento de cartas e também de telegramas.

A carta de Hersília, escrita em Caetité, no dia 25 de abril de 1908³⁸³, para Celsina, em Salvador, traz vários assuntos, dentre eles, aborda a falta de segurança dos serviços de correios naquela época: “Pela carta de Yaya Papae soubemos que a caixa que vai para o Rio estava nas mesmas condições, talvez, as cartas que tenho escrito ao meu padrinho tenham acontecido o mesmo [...]”. A carta de Hersília para Celsina do dia 22 de março de 1916³⁸⁴ diz, dentre vários assuntos sobre serviços precários dos correios na região: “Há poucos dias recebemos uma cartinha sua, a qual chegou muito retardada. Os serviços do correio em Monte Alto é péssimo não tenho nenhuma confiança”.

Na carta escrita em Salvador, no dia 11 de maio de 1923³⁸⁵, Leontina apresenta à destinatária da correspondência, sua mãe, o nome da portadora, ou seja, Jovina. Leontina informa sobre sua saúde, diz estar muito magra e doente e pede para sua mãe perguntar ao irmão, Celso, se as encomendas foram do gosto dele. Termina a escrita dando notícias dos irmãos Nelson, Hersília e Anísio. Em carta apresentada anteriormente, Celso, em comunicação com Alice, no dia 22 de junho de 1923, tratou de informar sobre administração cartorial dos bens da irmã e pede-lhe para remeter documento via correios: “[...] v tiver, como penso, remeta-me pelo correio [...]”.

Em carta de Evangelina Spínola Teixeira, no dia 08 de setembro de 1926, já apresentada neste estudo, identificamos a autora, em residência na fazenda Gurutuba quando escreveu sobre os serviços da instância “Correios” como inseguros. Se em Caetité os serviços públicos eram precários, na localidade da fazenda, eram ainda mais. Sobre essa temática, muitas foram as cartas que evidenciaram a preferência delas pelos portadores, conforme aquela escrita

³⁸³APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: correspondências usuais. Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 25/04/1908.

³⁸⁴APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: correspondências usuais. Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Caetité, 22/03/1916.

³⁸⁵APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: correspondências usuais. Dossiê: Leontina Spínola Teixeira. Bahia, 11/05/1923.

por Angelina para Celsina, sem local e sem data, já apresentada neste estudo: “[...] O portador não tarda a chegar. Um abraço para vocês da irmã afetuosa [...]”.

A crítica à ineficiência dos correios segue sendo constante até meados do século XX, demonstrando que, aparentemente, esse serviço não sofreu aprimoramentos. Pela escrita, as autoras continuaram com as queixas, conforme relata Hersília, com carta escrita de Salvador, no dia 10 de janeiro de 1946³⁸⁶, para Celsina: “Os telegramas d’ahi chegam com 6 dias, quando vem mais depressa [...]”. Também na carta escrita no dia 10 de fevereiro de 1946, em Salvador, disse a Celsina: “Hontem lhe telegrafamos com certeza o telegrama vae demorar no caminho como é de costume. Celina me disse que tem recebido telegrama com um mês de atraso”. Na mesma carta, retoma o assunto e diz:

Por sua carta e a de Deoclecianinho vejo o entusiasmo que estão ahi com o campo de aviação e já estão conseguindo boas quantias para este fim. Que esta idea vá para diante afim da comunicação para aqui seja mais rápida, não levando tantos dias para as cartas e telegramas para chegar aqui. Então como diz breve terá a linha de avião correio [...].³⁸⁷

Na carta do dia 07 de março de 1946, já apresentada neste estudo, escrita em Salvador, também a Celsina, encontra-se Hersília em indicação do quanto estava atenta ao horário certo para o envio ao correio, de forma que não perdesse o despacho: “Só terminando porque tenho que sahir e passar no correio para pôr esta carta afim de alcançar o vapor d’amanhã”. A mesma autora, em contato com Celsina, em Caetité, indica, através da carta de 04 de julho de 1948, também em carta, já apresentada neste estudo, e sua escrita de Salvador, vai apresentar sobre os serviços de escritório de aviação para o envio das correspondências e similares: “Mandei no escritório da aviação saber se tinha carta e se tinha voltado alguma encomenda [...]”. Na carta incompleta do dia 16 de agosto de 1948, faz queixas dos serviços:

Senti saber que o seu vestido não chegou para a festa. Imagine que dei todas as providências, remetendo-lhe 6 dias antes da festa, pelo avião e não chegou a tempo! Perdi a confiança da Agência, promete remeter e não enviam. Recomendiei muito, que se não fosse no dia seguinte, quarta-feira, não servia mais, de nada adiantou, o tal Piloto leva o que quer e acha conveniente.³⁸⁸

³⁸⁶APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: correspondências usuais. Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 10/01/1946.

³⁸⁷ APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: correspondências usuais. Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 10/02/1946.

³⁸⁸APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: correspondências usuais. Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 16/08/1948.

Entre muitos assuntos, pela escrita, as mulheres revelaram a atuação em diversas instâncias educativas. No início do século XX, por exemplo, na carta sem local e sem data, Alice dirige-se a sua irmã Alzira³⁸⁹, tratando de negócios como a venda da fazenda. Recém viúva, ao mesmo tempo em que demonstrou sofrimento, Alice também apresentou resistência para sair da fazenda mediante negociação precipitada. Pela carta datada de 13 de setembro de 1916³⁹⁰, em Altamira, Alice entra em contato com o pai para solicitar o envio de documentos importantes para fins de inventário de seu marido. A procuração datada de 27 de agosto de 1918³⁹¹, documento em cobrança de vencimentos do esposo de Alice, comprova a sua escrita.

Na carta escrita em Salvador, no dia 29 de outubro de 1919, em contato com o tio Rogociano³⁹², Alice descreve seu cotidiano, descrevendo a mudança dos negócios e a nova moradia na capital baiana. Evidenciou suas dificuldades, mas também indicou ter o livro de notas e de ações, o que a permitiram ter poupado quantia em depósito a bancos. Na carta de Celso para Alice, escrita em Salvador, em 22 de junho de 1923³⁹³, diz: “[...] só tenho recebido, os juros de apólices, que tem o seu nome todo Alice Spínola Teixeira Santos, os das outras apólices só v mesmo, e como já lhe disse [...] conveniência de uniformizar o seu nome [...]”. A escrita de Alice indica que o irmão possui procuração para ajudá-la com negócios que envolviam o esposo.

6.4 As Artes

As correspondências das mulheres, principalmente as da segunda e da terceira geração, registraram uma diversidade de práticas educacionais na cultura, nas artes e no lazer (viagens, música, teatro, cinema, pintura, desenho, costura e rádio), conforme carta de Evangelina, escrita na fazenda Gurutuba, lugar de sua residência após casamento. Por essa condição, ficou afastada do meio urbano e, nesse novo lugar, diz que a música passa a ser uma forma de se manter algum tipo de contato com o mundo urbano. Escreve ao tio Rogociano, em 04 de outubro de 1919: “[...] nos distrahimos com a Victrola, que mandamos vir há pouco tempo. Anísio, porém, comprou poucos discos e todos em italiano e a maior parte de Caruso, que muito apreciamos, mas, o pessoal daqui prefere peças brasileiras ou de música que tencionamos comprar [...]”³⁹⁴.

³⁸⁹ APMC. AFST. ASTRL.2.1

³⁹⁰ APMC. AFST. DPT.1.14.10

³⁹¹ APMC. AFST. ASTS.4.3.2

³⁹² APMC. AFST. RPT.1.5.9

³⁹³ APMC. AFST.ASTS.2.1

³⁹⁴ APMC. AFST. RTP.1.52.6

Evangelina com a música italiana propiciava encontros e diz que os outros participantes preferiam a música brasileira. Adaptando-se à experiência de vida matrimonial, distante de centros considerados civilizados, para a autora da carta, a criatividade propiciava a si e aos outros melhorias de vida. O que seria ouvir Caruso em terras rurais do sertão? Difícil responder essa pergunta, entretanto consideramos o processo de socializar a prática de ouvir música. Está em destaque, também, o gosto de diferentes membros da família pela música, conforme as cartas, nas quais há relatos, tanto do apreço pelos espetáculos, quanto pelo incentivo para a aprendizagem de instrumentos musicais e pelo acompanhamento desse progresso.

Na carta escrita por Alice, em Altamira, no dia 29 de agosto de 1904³⁹⁵, já apresentada neste texto, a autora comenta sobre o gosto de Celsina pela música e registra acompanhar uma ópera como prática recorrente: “[...] porém já assistir por várias vezes na ópera do Guarany, a ‘Ave Maria de Gounod’[...]”. Já relatamos em vários pontos deste trabalho sobre a aprendizagem de instrumentos pelas crianças, tanto meninos, quanto meninas, muitas das quais fazendo parte deste grupo. A aprendizagem não se resumia na prática performática, mas também na aprendizagem da escrita e leitura musical, como está explicitado na carta do dia 07 de abril de 1908, em que Hersília, em Caetité, comenta sobre os estudos de música de Celsina, em Salvador³⁹⁶: “Hontem papae recebeu uma carta de Yaya, dizendo que ia para Altamira, em vista de V.V demorarem mais ahi, v. com o estudo de bandolim e Vanvam com o conserto dos dentes”. Ainda, diz: “Estou tocando mais de leve e treinando **as notas de maior valor e as colche – as ligadas** – porém, só depois que você chegar, terei melhor explicação [...]” (grifo nosso). Em seu retorno a Caetité, Celsina já era esperada como futura professora dos meninos menores, devido ao seu adiantamento em música. Assim, Anna escreve, na mesma carta apresentada neste texto, e indica expectativas:

[...] V. fez bem em tomar uma Professora, para lhe ensinar o bandolim. Deocleciano já tinha lembrado disto, e mesmo serve para v. ensinar Tulinha e Leontina. O José Elysio continua a vir sempre, mas, logo que v. chegar vou dispensar porque até hoje Leontina, não sabe uma nota [...].

Diversos instrumentos musicais (piano, bandolim, violino, violão e gramofone) foram identificados no cotidiano das mulheres, produtoras de cartas da família Spínola Teixeira principalmete. Além da música, o desenho e a pintura também estavam entre as artes

³⁹⁵APMC. AFST. CTL.1.3.1

³⁹⁶APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 07/04/1908.

incentivadas na família. No dia 07 de maio de 1920, em Caetité, Hersília escreve carta para o tio Rogociano³⁹⁷, e, além de enviar notícias dos familiares, envia ainda o seu primeiro trabalho de pintura. Na carta enviada no dia 19 de agosto de 1920³⁹⁸, Hersília, em comunicação com o tio, também o informa sobre o cotidiano familiar em Caetité e agradece-lhe pelo presente recebido, uma caixa completa para a pintura. A escrita de Hersília leva-nos a questionar: será que não estava pelo interesse de persuadir o tio, pois recebeu, em contrapartida, os materiais para a continuidade das práticas em aprendizagem? Outras artes, como o desenho e a pintura já mencionados em outras passagens deste trabalho, indicam o gosto pelo desenvolvimento de outras sensibilidades. Em 07 de abril de 1908, conforme carta já apresentada neste texto, Hersília diz a Celsina:

Não tenho desenhado, agora estou lhe esperando para dar-me boas lições, assim como de bandolim que estou no mesmo, admirei v. ter achado meu desenho bom, porque além não saber, nem pincel tenho a não ser 2 que não vale nada e outro muito grosso, me da muito trabalho não sahe coisa que preste.

As práticas artísticas das mulheres estão, no cotidiano familiar, mas se estendem ao social, pois, em atuação na sociedade, nas diversas instâncias, realizavam ações e buscaram buscavam dinamizá-las.

Nas primeiras décadas do século XX até meados desse século, passam a ser recorrentes as menções ao cinema e ao rádio como meio de lazer para os mais jovens. Não são mencionados os filmes que viram ou que eram de sua preferência, mas disseram sobre a ida aos cinemas. Quanto ao rádio, eram tidos como meio de informação, mas também de fruição. A escrita de Hersília, uma produção já apresentada, neste estudo, foi elaborada, em Caetité (carta do dia 05 de fevereiro de 1935), destaca os investimentos familiares nessa nova forma de comunicação e instrução, como exemplifica sobre o uso da rádio no dia de Natal: “Na véspera de Anno Bom, como era aniversário de Lisette e estava anunciando na rádio de Celso que havia um programa especial [...]”. Por conta desse anúncio, a autora da carta diz que eles foram para a casa do irmão Celso. Naquele lugar, a principal atração era o acompanhamento do programa de rádio e evidenciou ter sido um programa regular por causa das descargas de transmissão. Indicou, ainda, pela carta escrita em Caetité, no dia 26 de junho de 1937³⁹⁹, que a rádio de Celso estava funcionando mesmo e, de Caetité, Oscar a ligou por dois dias. O rádio como agente de

³⁹⁷APMC. AFST. RPT.1.74.11

³⁹⁸APMC. AFST. RPT.1.74.13

³⁹⁹APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Caetité, 06/06/1937.

letramento e instância educativa é discutida em trabalhos como os de Cota (2016) e Neves (2018).

A carta de Alice para Celsina⁴⁰⁰, escrita na capital baiana, no dia 19 de outubro de 1945, dentre os vários assuntos, diz: “Pela rádio foi avisado, q. no Rio, foi lembrado o nome de Anísio p^a Ministro de educação, e parece q ele aceita, mas isto só dep^s das eleições e que se sabe de tudo certo [...]”. A crença em seu potencial para influenciar os ouvintes pode ser percebida pela carta de Hersília do dia 29 de julho de 1947, já apresentada neste estudo. Em meio a vários assuntos, discorre sobre a preferência juvenil pelo cinema e pelas novelas de rádio e emite sua opinião: “[...] uma verdadeira escola de perdição, tem passagens tão livres que não se pode nem se deve ouvir [...]”. Como quem demonstrou saber usar o recurso de forma adequada, pela carta que escreveu em Salvador, no dia 17 de outubro de 1947⁴⁰¹, evidencia que acompanhou a programação de rádio e indicou curas realizadas pelo Padre Antônio Pinto em Rio da Casca, em Minas Gerais: “[...] O que os Jornaes descrevem e o radio, são curas assombrosas de cegos, paralyticos, etc. Tinha dia de dar a benção a seis mil pessoas, agora foi para a fazenda de um amigo para descansar estes 2 meses, até Dezembro [...]”.

O desenvolvimento educacional no Brasil, além de ter se dado em atraso, se comparado com alguns outros países, não foi uma prática desenvolvida de forma democrática, tratando-se de experiências singulares em diversas regiões. Em lugares como o Alto Sertão da Bahia, instâncias educativas de circulação do escrito foram experiências educativas isoladas. Em Caetité, por exemplo, desde o século XIX, podemos falar em práticas educacionais para uma parte da população, observando a leitura e a participação na escrita. Para o início do século XX, no entanto, a efetivação foi se ampliando o que permitiu expansão social, inclusive, a outros municípios do entorno.

Essa ação deu-se de forma complexa, considerando as dificuldades como as provenientes do modo de se fazer política no Brasil. Nessas circunstâncias, o plano administrador é, quase sempre, a indicar o abandono de conquistas históricas e culturais, principalmente, se não estiverem em valorização econômica ou em desenvolvimento territorial e populacional.

⁴⁰⁰APMC. AFST. CTL.1.3.62

⁴⁰¹ APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 17/10/1947.

As práticas de circulação do escrito evidenciadas nas cartas pelo envolvimento de mulheres estão em indicação educacional (Escola Normal de Caetité, Associação de Senhoras de Caridade), em instâncias religiosas, na administração pública e pelas artes em geral. De acordo com Galvão (2017), as instâncias educacionais possibilitaram condições do escrito, sendo elas escolares ou não.

Podemos, pois, dizer que essas instituições, a exemplo da Escola Normal em Caetité, mas também outras não escolares, foram se configurando, como lugares sociais da necessidade educacional em que leitura e escrita se integraram com outras áreas. As diferenças de uso, se compararmos com o conteúdo dos primeiros textos (escrita de 1844), são evidentes, quando apresentamos a escrita das outras gerações de mulheres, até a temporalidade do estudo (1950).

Pelas três gerações de mulheres, em práticas leitoras e de escrita, em especificidades, por suas correspondências, a partir da segunda geração, importantes mudanças indicando a atuação de algumas dessas mulheres em práticas educacionais (de leitura e de escrita), nas diversas instâncias do saber, constituindo participações do escrito e formas de integração com experiências educativas de grandes centros. Sobre o assunto que não é nosso, no momento, fica a expectativa para novos trabalhos.

7 CONCLUSÃO

Figura 26 - Carta de Carmen para Anna

Bahia 24 de setembro de 1925. AST.1.4.6

Minha muito querida Mãe,

Tenho quasi certeza que a Mãezinha não está zangada com a sua filha, que não sabe por qual motivo levou estes dias todos, sem lhe escrever. Só posso culpar a falta de ordem no cumprimento dos deveres. De agora em diante farei o possível para não deixar de escrever-lhe todas as semanas.

Como vão todos dahi?

Eu graças a Deus vou bem de saúde e tão bem de estudos.

Esperamos terça-feira (29) Oscar com a respectiva senhora. Julgava que elle já estava em Caeté, quando recebemos um telegramma de Tio Rogaciano

Fonte: APMC.AFST.AST.1.4.6.

Para início das discussões, apresentamos a carta de Carmen para a sua mãe (Anna). Pede-lhe desculpas pela demora do envio de notícias. Promete-lhe escrever com mais frequência. Diz que vai bem de saúde e de estudos e, dentre os vários assuntos cotidianos, evidencia suas práticas de estudo na capital baiana.

Entre diversos assuntos, as cartas favoreceram observar as amplas conexões estabelecidas pelas mulheres. Em limitação para este trabalho, empiricamente, desenhado a partir de principais fontes, as correspondências de mulheres, consideramos importante nos deter no propósito estabelecido neste estudo, deixando outros assuntos em apresentação, para que venham despertar novos interesses de pesquisa.

Neste texto, em apresentação os resultados deste estudo. Recorremos ao nosso objetivo geral neste trabalho, que foi compreender os modos de participação das mulheres pertencentes

à família do Barão de Caetité (José Antônio Gomes Neto; 1822 - 1889) e à família de Deocleciano Pires Teixeira (1844 - 1930) nas culturas do escrito, através da análise de suas correspondências, entre meados do século XIX e meados do século XX.

Por esse propósito, vimo-nos diante de amplo acervo de correspondências recebidas e enviadas e, mesmo percebendo o desafio do estudo pela escolha de uma temporalidade longa, aceitamos enfrentá-lo. Essa opção trouxe o receio de não encontrarmos um caminho para realizar a problematização do conteúdo, mas foi a leitura insistente das correspondências de mulheres que nos levou a persistir no plano desenhado. Além do desafio de organizar o material, outros se impuseram, como a articulação com os referenciais teóricos e, entre a diversidade de desdobramentos, realizamos o caminho da pesquisa.

Começando pelo panorama da investigação, por ele apresentamos as doze mulheres – das três gerações – que possuíam o domínio da escrita e a utilizavam para fins não só privados como também públicos. Falamos delas como leitoras ativas de impressos (jornais, livros, revistas), e que, além de lê-los, também os compartilhavam, a ponto de formarem uma rede de sociabilidade. Apresentamos e discutimos, desse modo, o cenário da pesquisa, o Alto Sertão da Bahia, lugar demarcado pela desigualdade social, pela adversidade climática, pela confluência de grupos diversos que chegavam para explorar, plantar, fazer criações, entre outros. Nesse contexto, Rita Sofia, Elvira, Maria Victoria, Alzira, Alice, Anna, Evangelina, Celsina, Hersília, Leontina, Angelina e Carmen viveram experiências de vida bem diferentes. Algumas faleceram nesse lugar, outras, na capital baiana, onde passaram a viver a partir da continuidade dos estudos.

Observamo-las como membros de famílias influentes política, econômica e socialmente. Foram mulheres que tiveram acesso ao aprendizado da leitura e da escrita, além do acesso às artes e a lazeres que não eram usufruídos por grande parte da população naquela época. Graças a isso, puderam se comunicar por escrito, deixando vestígios riquíssimos para que pudéssemos conhecer um pouco de como participavam desse universo. Por isso, nossa pergunta norteadora era: como compreender essas práticas leitoras e de escrita no Alto Sertão da Bahia?

Respondê-la exigiu-nos problematizar o modo como participaram da cultura escrita e, nesse sentido, a organização, em três gerações, indicou a especificidade de cada uma, possibilitando a discussão entre a objetividade e a subjetividade da escrita feminina. Observamos a escrita inserida em relações de poder e, portanto, não tão livres. Nesse caso, escreviam o que deveriam registrar e não necessariamente o que gostariam de expressar.

Entender a complexidade cotidiana da leitura e da escrita de mulheres de elite no Alto Sertão da Bahia foi ação desafiadora, considerando as adversas relações oriundas das permanências e das mudanças ao longo dos processos históricos. Por essa discussão, além das especificidades da leitura e da escrita, em diferentes tempos, com as contribuições na cultura, identificamos, pelas três gerações de mulheres, a expressividade muito mais em termos de valores, costumes e de visões de mundo. Se não os discutimos com o aprofundamento que os textos indicaram, ao menos, os apresentamos na perspectiva de que haja interesses de continuidade a partir de novas problematizações.

Ao compararmos a circulação das cartas de cada uma das gerações, constatamos o aumento da distância geográfica entre as mesmas, condicionada aos movimentos de deslocamento realizados pelos familiares, seja em busca de escolarização, seja em função de atividades políticas ou profissionais e em processo de fixação de residência em outras localidades. Observamos também deslocamentos que chegaram a ser interestaduais e até internacionais, o que ocasionou uma ampliação da quantidade de cartas e dos diferentes contextos, tanto urbanos, quanto rurais.

Pela análise do conteúdo das correspondências, foi possível compreender que o repertório de leitura era diversificado, particularmente, para a terceira geração e essas mulheres leram, escreveram e socializaram essas práticas onde estiveram, tanto em ambientes rurais e urbanos, na região do Alto Sertão da Bahia, quanto em outros lugares, pois faziam circular os diversos impressos que liam, em especial jornais e revistas.

Em adoção da história cultural, mobilizamos autores representantes dessa perspectiva em interlocução mais direta com os estudos de Roger Chartier. Acionamos, também, outros teóricos em adesão à discussão das práticas leitoras e de escrita em promoção de sociabilidade. Ao focalizar, portanto, o estudo na participação das culturas do escrito Galvão (2007; 2010), recorreremos a Darnton pela necessidade de discussão do modo como se deu a circulação das cartas, chegando a apresentar estudos de Mollier (2008; 2009) e falando das singularidades de cada região pela expansão da leitura e da escrita.

Pudemos observar a importância dos portadores como movimentação das práticas (leitoras e de escrita) e, no que se refere às discussões, trouxemos o gênero como produção cultural, elegendo Marcuschi (2010), que traz a ideia da intervenção do ser humano na história. Trouxemos gênero, também, como diz Scott (1992), a partir da ideia de que cabe aos historiadores, antes de qualquer ação, examinar o modo como as identidades construídas e relacionadas estiveram como organizações na sociedade.

Esse diálogo se estendeu aos estudos de Petrucci (2019) e Emerson Tin (2005), dentre outros que nos ajudaram a discutir o conteúdo das cartas a partir de uma tipologia de funções: informativa, compartilhamento, poética e contemplativa e persuasiva, sem perder de vista que outros teóricos poderiam ser acionados neste estudo em envolvimento de correspondências.

Desse mesmo modo, identificamos e analisamos as práticas de escrita que, direta e indiretamente, foram apresentadas por meio das correspondências. Apresentamos essa escrita e o seu entorno, tentando compreender como, em que espaços e em quais condições essas práticas se davam. Identificamos que, além das próprias cartas, algumas mulheres utilizavam o telegrama para notícias mais rápidas e urgentes, além dos cartões – Alice, que gostava de poesias e as recebeu, provavelmente, também as escrevia. Além disso, fazia parte do cotidiano dessas famílias abastadas o uso de cartões de convite para jantares.

A qualidade da letra e do próprio texto aparecem como elementos importantes, na escrita de cartas, mesmo sendo pessoais, entre membros familiares próximos. A escrita pelo outro também pôde ser identificada pelos vestígios entre as linhas, seja pela falta de hábito de escrever, seja por indisposição física. Devido aos precários serviços públicos da época, a exemplo dos Correios. Em uso dos portadores, meio preferido para o envio de cartas e demais itens de necessidade, as mulheres demonstraram ampla participação social. Em algumas situações, calculavam o tempo que esses sujeitos ditavam como prazo de entrega e o tempo da escrita, construindo, assim uma teia de sociabilidade de leitura e de escrita. A materialidade, ou seja, suas condições de produção estabeleciam a escrita e as condicionavam à produção de cartas consideradas “inadequadas”, como a escrita a bordo de barco, a falta de tinta e a escrita noturna.

A partir das cartas, identificamos e buscamos discutir sobre algumas das instâncias por meio das quais as práticas de leitura e de escrita foram possibilitadas e ampliadas. Entre elas, encontram-se estabelecimentos escolares, destacando-se a Escola Normal de Caetité, na qual Prescilla, irmã de Anna, e Alzira estudaram, e Celsina, Hersília e Carmen foram professoras. As escolas e colégios privados aparecem como espaços em que filhos e sobrinhos estudaram. O desempenho e o aproveitamento, na escola, eram acompanhados cuidadosamente pela mãe e avó Anna, e por outros familiares (tias, tios, mães, primos e irmãs das crianças).

A Associação de Senhoras de Caridade, organizada por mulheres, teve sua primeira reunião realizada na casa de Alzira. Além dela, outras mulheres da família participaram: Anna, Celsina, Evangelina e Hersília. Foram, portanto, sócias-fundadoras. Alzira e Celsina ocuparam o cargo de presidente, sendo que Celsina assumiu o cargo em vários períodos. Além de ações filantrópicas, estabeleceram uma escola para crianças pobres e, entre as instâncias não

escolares, a Igreja Católica e seus ritos eram frequentados e estimados pelos familiares, sendo essa prática reforçada para as novas gerações. Alguns indícios apontam para o uso de instâncias da administração pública, estando entre elas os Correios, os telégrafos e os cartórios. Além disso, as artes faziam parte do cotidiano, incluindo óperas, cinema, estudo de música, desenho e pintura.

Por meio das cartas, as mulheres construíram uma rede de sociabilidade que também era de solidariedade e de interesses, articulando-se para noticiar, persuadir, compartilhar impressões, desejos e sentimentos. Demonstraram interesse pela política local, espaço de atuação de seus familiares antepassados, de seus contemporâneos e, possivelmente, de seus descendentes, os quais eram preparados por essas mulheres. Foi possível observar que elas não se limitaram aos papéis de esposa e de mãe, visto que tomavam a frente nos negócios de venda e compra de pessoas escravizadas e de imóveis. E, quando puderam, resistiram, a exemplo de Evangelina, descontente com o casamento arranjado, com a morada na fazenda, com a distância da cidade e de seus planos, a exemplo do que evidenciou, quando disse sobre seu propósito de continuidade no envolvimento com as práticas educacionais no lugar onde residia. Por fim, foi convencida a assumir seu papel na malha social patriarcal. Outro exemplo de resistência foi Hersília, que chegou a fazer experiência em convento no Rio de Janeiro e em São Paulo, mas foi impedida de concretizar seu plano de vida por pressão da família, apoiada pela Igreja.

Entre as doze mulheres, as seis irmãs (filhas de Deocleciano e de Anna) e as duas primas-irmãs (Alice, filha do primeiro casamento de Deocleciano, e Alzira, do segundo) participaram ativamente do desenvolvimento de Anísio Teixeira, acompanhando, desde a sua infância, o seu interesse pela aprendizagem da leitura e o seu processo de inserção na política, atuando em defesa da instrução pública.

Sobre essa questão, Nunes (2001), pela interpretação da trajetória de Anísio, diz que ele não nasceu educador, que esse foi um aprendizado em sua trajetória política e social. Indicou, pois, sua obra em meio a momentos de ruptura e diz que sua voz foi calada pela opressão política. Sua análise, no entanto, não desconsidera a obra de Anísio Teixeira. Pelo contrário, é sugestão para resgatá-la em defesa da transformação social e da derrubada de privilégios. Diz que, desde os anos 1930, Anísio defendeu o diálogo da ciência com a arte e, sob seu ponto de vista, trazer essa discussão para o diálogo atual é salutar pela necessidade de problematizá-la: “tanto a liberdade de pensamento quanto a liberdade de criação apontam para uma escola que desestabilizada no seu papel de agência de controle e punição social se torne um ateliê de todos os talentos humanos” (NUNES, 2000, p. 15).

De fato, resgatar os trabalhos construídos no processo dessa atuação educacional, tanto de Anísio, quanto das suas irmãs, mesmo sabendo que foram construídos em contextos opressores é, como disse Nunes (2000), uma possibilidade de levantar perguntas para questionar o modo de fazer política, inclusive, a educacional. Entre diversas fontes, além das correspondências, temos a leitura e a escrita, como práticas de mulheres, não mais invisibilizadas. Estão em integração às práticas de leitura e de escrita produzidas por homens da mesma temporalidade.

Às mulheres, tradicionalmente, secundarizadas na busca do desenvolvimento local, seja por meio da caridade e da filantropia, seja diretamente na educação pública, evidenciamos suas práticas de participação nas culturas do escrito. Consideramos o que diz Nunes (2000), em relação ao legado deixado por Anísio, pela defesa da escola pública, relacionando-a à ideia de que sua obra é experiência de sua vida e também estará em possibilidade de vinculação com a vida de cada um de nós. Em adesão à necessidade de aprofundamento sobre a participação de mulheres, nas culturas do escrito, perguntamos: por que, então, não nos aproximarmos mais do pensamento de Anísio Teixeira, buscando conhecê-lo e nos conhecer?

Estudar as correspondências de mulheres, a partir de três gerações, compondo uma ampla temporalidade para a análise, no Alto Sertão da Bahia, tornou-se esclarecedor, porque contribuiu para descortinar o modo como se conduz o que se chama de desenvolvimento social. Por isso, este trabalho “abre portas” e possibilita novos questionamentos a partir das cartas, que não foram esgotadas, foram apenas desdobradas. Elas nos deixaram em estado de inquietude, fazendo-nos lembrar dos momentos em que algumas de suas autoras pediam ao destinatário para que rasgasse as cartas após a leitura.

Com perguntas e com a ideia de que “o tempo é este”, concluímos este trabalho com uma apresentação da circulação do escrito no Alto Sertão da Bahia desde o século XIX, a qual revela um lugar conectado com outras localidades e onde práticas leitoras e de escrita eram realizadas. As fontes indicam o ato de se mover em continuidade diante de planos interrompidos, não importando as razões que levaram as pessoas ao enquadramento social naquele momento. É essa provocação ao debate sobre uma educação sem privilégios e sobre uma educação democrática com capacidade de abertura ao diálogo entre as pessoas, inclusive, de lugares interioranos como o Alto Sertão da Bahia, que nos move a caminhar em busca da democratização do saber.

Entre as possibilidades, em uso das diversas leituras e dos diversos textos, inserimos este trabalho sobre práticas de leitura e de escrita. Observamos a necessidade de ressignificar as práticas leitoras e de escrita. Além de contribuição para tirar as mulheres do anonimato

social, por ser estudo longitudinal, tem-se o processo da escrita e da leitura, também, em mudança cultural, destacando mulheres em atuação em várias instâncias do saber, não necessariamente, em escolas. Está, pois, esta pesquisa como avanço para os sujeitos historicamente sem reconhecimento na sociedade. Em amplo recorte temporal e em diálogo com outras pesquisas, vem aprofundar a ideia de geração para entender as especificidades da leitura e da escrita.

Em análise de outras contribuições de diversos estudiosos sobre cultura escrita, em mais de 100 anos de cartas, elegemos os textos epistolares, em um contexto social do período e da região, e discutimos sobre amabilidades, deslocamentos das mulheres, sociabilidades, representações e outras relações cotidianas, de mulheres, muitas vezes, em reprodução, das relações de gênero, pela atuação educacional. Observamos, portanto, as contradições existentes na escrita feminina a dizer sobre privilégios de algumas em relação a outras. Não deixamos de analisar, no entanto, situações de pessoas alfabetizadas e a ausência de propostas para um público leitor, quando indicamos exemplos de pesquisa, Jinzenji (2010), em uso da cultura escrita, na temporalidade, e em outras regiões.

Por esse diálogo, podemos, então, dizer que esta pesquisa passa a ser convite ao destinatário a envolver-se na comunicação e expressão, na expectativa de que venha, ao menos, escrever missivas, como fizeram as mulheres estudadas, contribuindo, para que essa participação social seja instrumental para novos estudos. O tempo é este!

REFERÊNCIAS

FONTES DOCUMENTAIS MANUSCRITAS, IMPRESSAS E ICONOGRÁFICAS

Arquivo Público Municipal de Caetité

Manuscritas

Correspondências da Família do Barão de Caetité

Correspondências da Família Spínola Teixeira

Livros de nascimento, casamento e óbito

Livros de Razão

Atas da Câmara

Relação de Escravos

Impressas

Acervo bibliotecário da Família Spínola Teixeira (Publicação Oficial do Município de Caetité.

Notas e Notícias)

Periódicos (*A Penna*, *Bem-ti-vi* e *A Tarde*)

Revistas (*de Educação “Orgam da Escola Normal de Caetité”*)

Livros:

GUMES, M. L. **Caetité e o “Clã” dos Neves**. Salvador: s/r da editora, 1975.

GUMES, J. **Os Analfabetos**. Salvador: EDUNEB, 2014.

GUMES, J. **O sampauleiro**. Caetité: Typografia d’A Penna, v. I, 1922.

GUMES, J. **O sampauleiro**. Caetité: Typografia d’A Penna, v. II, 1932.

NEVES, F. **Rescaldo de Saudades**. Belo Horizonte: Academia Mineira de Medicina, 1986.

NEVES, M. J. das. **Lavras Diamantinas**. Romance 1870, editado por (Maria Theodolina Neves Lobão), 1. ed. Salvador: Oficinas Gráficas da Fundação Gonçalo Moniz, 1967.

SANTOS, H. L. **Caetité: pequenina e ilustre**. Salvador: Escola Gráfica N. Sra. Lorêto, 1976.

Iconográficas

Acervo fotográfico

Arquivo do Instituto de Educação Anísio Teixeira

Livros de Posse e de Ponto (Escola Normal de Caetité)

Arquivo da Cúria Diocesana

Livros de Batismo

Acervo da Associação das Senhoras de Caridade de Caetité

Livro de Atas

Casa Anísio Teixeira

Acervo fotográfico

LIVROS, TESES, DISSERTAÇÕES E ARTIGOS

ABREU, M. (Org.) **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 2007.

A ERA VARGAS: DOS ANOS 20 A 1945 – EURICO GASPAR DUTRA. **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/eurico_gaspar_dutra. Acesso em: 27 abr. 2020.

AFFONSO, L. P.; MORAES, C. A. de. **Diálogo sobre patrimônio cultural de Caetité, Guanambi e Igaporã**. São Paulo: Zannettini Arqueologia, 2011.

AGUIAR, L. A. **“Agora um pouco da política sertaneja”**: A trajetória da família Teixeira no alto sertão da Bahia (Caetité, 1885 - 1924). 2011. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) – Departamento de Ciências Humanas V, Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus/BA, 2011.

AGUIAR, L. A. **Entre a Política e a Magistratura**. O Barão de Caetité e suas articulações no Império (Alto Sertão da Bahia e além, 1840 - 1880). 2019. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

AGUIAR, R. A. de. Ensinado a viver a fé: a experiência educacional no Colégio de Freiras em Caetité. III ENCONTRO ESTADUAL DE ENSINO DE HISTÓRIA ANPUH (BA), 3., 2015. **Anais [...]**, Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2015, p. 30-40.

ALENCAR, P. M. G. **A revista “O Tico-Tico” e a escrita infantil em circulação no encarte “Meu jornal”**: seus autores e leitores (1935 - 1940). 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

ALMEIDA, D. B.; JACQUES, A. R. Entre a mão que escreve e os olhos que leem: laços familiares e de amizade em escritas epistolares. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, Salvador, v. 03, n. 09, p. 912-929, set./dez. 2018.

ALVES, S. D. S. **A Igreja Católica na Bahia: fé e política**. 2003. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

ÂNGELO, F. V. M. **Herdeiros: o papel da família na educação das futuras gerações nos termos de Sabará e de Ouro Preto**. 2017. Tese (Doutorado em Educação: Conhecimento e Inclusão Social). Programa de Pós-Graduação em Educação – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

ARAÚJO, F. O. de. **Saberes na formação matemática dos discentes da segunda Escola Normal de Caetitê-Bahia (1926 - 1961)**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, 2020.

ARRIADA, E; TAMBARA, A. C.; DUARTE, S. A Sciencia do Bom Homem Ricardo: um texto de leitura escolar no Brasil Imperial. **Revista História da Educação**, Santa Maria, v.19, n. 46, p. 243-259, May./Aug. 2015. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/heduc/v19n46/2236-3459-heduc-19-46-00243.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2021.

ASSOCIAÇÃO DAS SENHORAS DA CARIDADE DE CAETITÉ (1910 - 2010). Salvador: EGBA, 2010.

AZEVEDO, F. *et. al.* **Manifestos dos pioneiros da Educação Nova (1932) e dos educadores (1959)**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

BAKHTIN, M. Gêneros do Discurso. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo** (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trans.). Edições 70. (Obra original publicada em 1977). Lisboa: 2006.

BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S.; MIGNOT, A. C. V. (org.) **Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002.

BASTOS, Z. **Carmen Spínola Teixeira: uma biobibliografia**. Salvador: EDUFBA, 2009.

BASTOS, Z. Anísio Teixeira e o Projeto Educacional do Centro Educacional Carneiro Ribeiro. *In: Conjunto Escola Parque*. Textos: Alberto P. Carletto *et al*; Coordenação: Milena M. Rocha. Salvador: IPAC, 2014.

BERNARDES, M. T. C. C. **Mulheres de ontem?** Rio de Janeiro, século XIX. São Paulo: T.A. Queiroz (1 janeiro 1989), 1988.

BESSE, S. K. **Modernizando a desigualdade**: reconstrução a ideologia de gênero no Brasil, 1914 - 1940. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

BESSONE, T. *et al.* **Cultura escrita e circulação de impressos no oitocentos**. São Paulo: Alameda, 2016.

BICCAS, M. de S. Roger Chartier: contribuições para a história da educação. *In*: LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M. de (org.). **Pensadores sociais e história da educação**: Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: lembranças dos velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, A. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 35. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BOUZA, F. Escribir a corazón abierto: Emoción, intención y expresión del ánimo en la escritura de los siglos XVI y XVII. *In*: GRAMMONT, G. de; ALMADA, M. (org.). **Cultura Escrita no Mundo Moderno. Varia História**, Belo Horizonte, vol. 35, n. 68, p. 405-412, mai./ago. 2019.

BRASIL, **Recenseamento do Brazil em 1872**. Bahia. Parochia de Sant'Anna do Caetité. T. de O. LEUZINGER & Filhos. Ouvidor 31: Rio de Janeiro.

BURKE, P. Abertura: a Nova História, seu passado e seu futuro. *In*: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992, p.7-37.

CAMARGO, M. R. R. M. de. Cartas adolescentes. Uma leitura e modos de ser. *In*: MIGNOT, A. C. V; BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S. (org.) **Refúgios do eu**: educação, história, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 203-228.

CAMARGO, M. R. R. M. de. Escreva-me urgente... um estudo dos elos comunicativos na carta. *In*: BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S.; MIGNOT, A. C. V. (org.). **Destinos das letras**. História, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF, 2002, p.159-180.

CÂNDIDO, A. e CASTELLO, J. A. **Presença da Literatura**: história e antologia. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

CARLETTI, A. P. *et al.* Conjunto Escola Parque. Coordenação de Milena Marinho Rocha. **Caderno do IPAC**, n. 8. Salvador: IPAC, 2014.

CARNEIRO, G. A. P. **As práticas educativas familiares no processo de distinção geracional criança-adulto em Caetité-BA, 1908-1930**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

CARNEIRO, G. A. P. **A Participação das Crianças nas Práticas de Leitura e Escrita (Caetité, 1908 - 1930)**. 10º CONGRESSO BRASILEIRO DA EDUCAÇÃO (CBHE), 2018, **Anais [...]**. Belém: Sociedade Brasileira de História da Educação, 2018.

CARNEIRO, G. A. P. **De pennas vacillantes em mãos infantis à produção do Jornal o Bem-ti-vi: culturas do escrito e crianças de elites em Caetité, BA (1899-1914)**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021

CARVALHO, J. C. A. R. **Cotidiano e poder [manuscrito]: a trajetória da família Spínola Teixeira em Caetité – Bahia (1894 a 1944)**. 2018. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2018.

CASTILLO G. A. “Como o polvo e o camaleão se transformam”: modelos e práticas epistolares na Espanha Moderna. *In*: BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S.; MIGNOT, A. C. V. (org.). **Destinos das letras**. História, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF, 2002, p.13-55.

CASTRO, G. A. Cartas entre alambradas. El correo en los campos de refugiados durante el primer exilio /español. (1939-1945). *In*: GÓMEZ, Antonio Castillo; BLAS, Verónica Sierra (Orgs.). **Cartas - Lettres - Lettere. Discursos, prácticas y representaciones epistolares (siglos XVI-XX)**. Obras colectivas Humanidades - 38. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2014, p. 499-515.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: 1. artes do fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, R. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, R. As práticas da escrita. *In*: ARIÈS, P.; DUBY, G. (org.) **História da vida privada**. Da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. v. 3, p. 113-161.

CHARTIER, R. As práticas da escrita. *In*: ARIÈS, P.; CHARTIER, R. (Org.) **História de vida privada**. Da Renascença ao Século das Luzes. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.113-155.

CHARTIER, R. **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHARTIER, R. **A Aventura do Livro: do leitor ao navegador**. Conversações com Jean Lebrun. Tradução: Reginaldo C.C. de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 1998.

CHARTIER, R. Do livro à leitura. *In*: CHARTIER, R. (org). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 35-73.

CHARTIER, R. As revoluções da leitura no ocidente. *In*: ABREU, M. **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 2007, p. 19-26-31.

CHARTIER, R. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

- COLLODI, C. **Wikipédia**, a enciclopédia livre. 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Carlo_Collodi&oldid=56339035. Acesso em: 16 abr. 2020.
- CORRÊA, M. **Repensando a família patriarcal brasileira**: notas para o estudo das formas de organização familiar do Brasil. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, nº 37, maio de 1981. pp. 5-16. p. 6.
- COSTA, L. M. C. da. Pandemias de influenza e a estrutura sanitária brasileira: breve histórico e caracterização dos cenários. In.: **Revista Pan – Amazônica de Saúde** 7 (1): 11.25, março, 2016.
- COTA, L. M. C. **Rádio, educação e formação da identidade Nacional**: um estudo da Rádio Inconfidência de Minas Gerais (1936-1945). 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
- CRUZ, L. A. P. **A Guerra do Atlântico na costa do Brasil**: rastros, restos e aura dos u-boats no litoral de Sergipe e da Bahia (1942-1945). 2017. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. Disponível em: https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/2_a_guerra_do_atlantico_na_costa_do_brasil._rastros_restos_e_aura_dos_u-boats_no_litoral_de_sergipe_e_da_bahia._1942-1945.pdf. Acesso em: 02 mai. 2020.
- CUNHA, M. T. S. “Por hoje é só...”: cartas entre amigas. In: BASTOS, M. H. C.; MIGNOT, A. C. V. (org.) **Destinos das letras**: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF, 2002, p. 181-204.
- CUNHA, M. T. S. Entre Netuno e Clio: primeiras aproximações às cartas do Almirante Henrique Boiteux (Santa Catarina – Século XX). **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, Salvador, v. 03, n. 09, p. 900-911, set./dez. 2018.
- DALL’AVA, J. P. A imprensa jornalística como fonte documental para a história das doenças: as epidemias de febre amarela e de gripe espanhola em Sorocaba. Departamento de Medicina Preventiva-USP. **Cadernos de História da Ciência**, São Paulo, vol.8, n.1, jan./jun. 2012.
- D’INCAO, M. Â. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, M. D. (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 222-240.
- DARNTON, R. **The kiss of Lamourette**. Reflections in Cultural History. New York: Orton & Company Inc., 1990.
- DARNTON, R. **A questão dos livros**: passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DARNTON, R. História da Leitura. In: BURKE, P. (Org). **A Escrita da História**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 2011.

DAUPHIN, C; POUBLAN, D. Maneiras de escrever, maneiras de viver: cartas familiares no século XIX. *In*: BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S.; MIGNOT, A. C. V. (org.). **Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002, p. 75-87.

DEWEY, J. **Democracia e Educação** (Introdução à Filosofia da Educação). São Paulo: Nacional, 1959.

DEL PRIORE, M. (org). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2000.

DIAS, M. O. S. Hermenêutica do Quotidiano na Historiografia Contemporânea. **Revista Projeto História**, n. 17, São Paulo, p. 1-36, nov. 1998.

DIAS, M. O. L. da S. Teoria e método dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano. *In*: BRUSCHNI, Cristina; COSTA, Albertina de Oliveira (orgs.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

DICK, S. M.; CARRERA, G. O; VENAS, R. F. (org.). **A Bahia na história da Educação**. Salvador: EDUFBA, 2018.

ESTRELA, E. S. **Os sampauleiros: cotidiano e representações**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP: FAPESP: Educ, 2003.

FALCI, M. B. K. Mulheres do Sertão Nordestino. *In*: PRIORE, M. D (org). **História das mulheres no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 241-278.

FARIA FILHO, L. M. de. Fazer História da Educação em E. P. Thompson: trajetórias de um aprendiz. *In*: FARIA FILHO, L. M. de (org). **Pensadores sociais e história da educação**: Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FARIA FILHO, L. M. de *et. al.* Educar para Civilizar. **Revista do Arquivo Público Mineiro (APM)**, Belo Horizonte, ano XLIV, n. 1, p 72-87, jan./jun. 2008.

FARIA FILHO, L. M. Instrução elementar no século XIX. *In*: LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. **500 anos de Educação no Brasil**. 5 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

FERNANDES NETO. O. **Teodoro Sampaio e a Chapada Diamantina**: trechos da expedição de 1879/1880. Brasília: Ed. do autor, 2005.

FERNANDES, E. A. **Ofícios Urbanos: trabalho e sobrevivência no Alto Sertão da Bahia, 1890-1930**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – UNEB/ Campus VI, Caetité, 2017.

FRADE, I. C. A. S. **Uma genealogia dos impressos para o ensino da escrita no Brasil no século XIX**. *Revista Brasileira de Educação (Impresso)*, s/l, v. 15, ed. 44, p. 264-281, agosto, 2010.

FONSECA, T. N. de L. e. História da educação e história cultural. *In*: FONSECA, T. N. L.VEIGA, C. G. (orgs). **História e historiografia da educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 195-196.

FONSECA, T. N. L.; SANTOS, A. C. A. **Cultura e educação na América portuguesa**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Tradução Antônio Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Portugal: Veja/Passagens, 1992.

FREYRE, G. **Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 29. ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.

FREIRE, P. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 37. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

GALVÃO, A. M. de O. **Ler/ouvir Folhetos de Cordel em Pernambuco (1930-1950)**. 2000. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

GALVÃO, A. M. de O. **Leitura: práticas, impressos, letramentos**. Organização Antônio Augusto Gomes Batista. 2.ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GALVÃO, A. M. O. *et al.* (org.). **História da Cultura Escrita: séculos XIX e XX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GALVÃO, A. M. de O. História das culturas do escrito: tendências e possibilidades de pesquisa. *In*: MARINHO, M.; CARVALHO, G. T. (org.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 218-248.

GALVÃO, A. M. de O. Em busca de universos mentais estranhos: uma leitura de Robert Darnton. *In*: LOPES, E. M. T. e FARIA FILHO, L. M. de. (org.). **Pensadores Sociais e História da Educação**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2012, p.241-268.

GALVÃO, A. M. de O; FRADE, I.C.A. S. Dossiê: História da cultura escrita – Apresentação. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá/PR, v.16, p. 207-314, jan./abr. 2016.

GALVÃO, A. M. de O; FRADE, I. C. A. S. **Cultura escrita em Minas Gerais nas primeiras décadas republicanas**. 2017.

GALVÃO, A. M. de O. e MELO, J. F. de. Análise de impressos e seus leitores: uma proposta teórica e metodológica para pesquisas em história da educação. *In*: VEIGA, C. G.; OLIVEIRA, M. A. T. de. **Historiografia da educação: abordagens teóricas e metodológicas**. 1. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2019, p. 223-257.

GALVÃO, W. N, GOTLIB, N. B. (org.). **Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 241-250.

GUIMARÃES DA SILVA, J. **Central Brazil Mission: Conflitos e resistências durante a implantação e a atuação da Escola Americana de confissão de fé presbiteriana no Alto Sertão da Bahia (Caetité, 1900 - 1926)**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação Cultura, Filosofia e História da Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

GOMES, E. de S. A reação republicana e a imprensa carioca no VI Sul-Americano de futebol em 1922: uma análise nas páginas de O Imparcial e Correio da Manhã. **Revista Latino-americana de Jornalismo**, João Pessoa, ano 4, v. 4, n. 1, p.147-171, jan./jun. 2017.

GÓMEZ, A. C.; BLAS, V. S. (dir.) **Cartas - Lettres - Lettere**. Discursos, Prácticas y Representaciones epistolares (siglos XIV - XX). España: Universidade de Alcalá, Servicio de Publicaciones, 2014.

GOMES, A. de C. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, A. de C. (org.). **Escrita de Si**. Escrita da História. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 7-24.

GONÇALVES NETO, V.; CARVALHO, C. H. de (org.); CARVALHO, C. H. de; FARIA FILHO, L. M. (coord.). **História da Educação em Minas Gerais: da Colônia à República**. Volume. 3: República. Uberlândia: EDUFU, 2019.

GONÇALVES, R. F. **As Aventuras D'O Tico-Tico: formação infantil no Brasil Republicano (1905 - 1962)**. 2019. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

GOULART, A. T.; SILVA, O. V. da. **Introdução ao estudo da literatura**. Belo Horizonte, MG: Ed. Lê, 1994.

HAREVEN, T. K. Tempo de família e tempo histórico. In: **Revista Questões e debates**. Curitiba: n.5, 1984. p 3 a 26.

HEINZ, F. M. (org.). **História social de elites**. São Leopoldo: Oikos, 2011.

HISTÓRIA DE ITABUNA. **Projeto Memória Grapiuna** (Fundação Jupará). Disponível em <https://www.aregiao.com.br/art/hist/enchente.htm>. Acesso em: 29 mar. 2020.

IVO, I. P. **Homens de Caminho: trânsitos culturais, comércio e cores nos sertões da América Portuguesa. Século XVIII**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2012.

JINZENJI, M. Y. **Cultura Impressa e Educação da Mulher no Século XIX**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010, p. 298.

JINZENJI, M Y.; GALVÃO, A. M. de O.; MELO, J. F. de (org). **Culturas orais, culturas do escrito: intersecções**. Campinas: Mercado de Letras, 2017.

JÓZSEF MINDSZENTY. **Wikipédia: a enciclopédia livre**. 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/J%C3%B3zsef_Mindszenty. Acesso em: 17 abr. 2020.

JULIO, K. L. "**Os têm tratado e educado**": as mulheres e suas ações para a manutenção da família e a educação de menores no termo de Vila Rica, MG (1770-1822). Tese (Doutorado em Educação: Conhecimento e Inclusão Social (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

KALMAN, J. **Escribir em la plaza. Espacios para la lectura**. Mexico: Fondo de Cultura Economica, 2003.

KALMAN, J. Querido Santo Antônio: Escrita Vernácula e Instabilidade Social. *In*: MARINHO, M.; CARVALHO, G.T. (org.). **Cultura Escrita e Letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

LACERDA, L. de. **Álbum de leitura**: memórias de vida, histórias de leitura. São Paulo: UNESP, 2003.

LAJOLO, M. Carlos Drummond de Andrade: uma história exemplar de leitura. *In*: _____ . **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2005.

LEITE, M. M. da S. B. **Educação, Cultura e lazer das mulheres de elite em Salvador, 1890-1930**. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1997.

LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (org.). **500 anos de Educação no Brasil**. 5 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LOPES, E. M. T. Não te esqueça da tua Constancinha. *In*: JINZENJI, M Y.; GALVÃO, A. M. de O.; MELO, J. F. de (org). **Culturas orais, culturas do escrito**: intersecções. Campinas: Mercado de Letras, 2017, p.211-224.

LOPES, E. M. T.; CHAMON, C. S. (org.); FARIA FILHO, L. M. de; GONÇALVES NETO, V.; CARVALHO, C. H. de. (coord.). **História da Educação em Minas Gerais**: da colônia à República. Vol. 2. Império. Uberlândia: EDUFU, 2019.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

MAGALDI, A. M. B. de M. **Lições de casa**. Discursos pedagógicos destinados à família no Brasil. Belo Horizonte: FAPERJ, Argumentvm, 2007.

MALATIAN, T. Cartas: narrador, registro e arquivo. *In*: PINSKY, C. B.; LUCA, T. R. de (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 195-221.

MAUAD, A. M. A vida das crianças de elite durante o Império. *In*: PRIORE, M. D. (org.). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: contexto, 2000, p. 137-176.

MANOEL, I. A., **Igreja e educação feminina (1859-1910)**. Uma face do conservadorismo. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). **Gêneros Textuais & Ensino**. São Paulo: Parábola Editora, 2010.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, A. P.;

MARINHO, M.; CARVALHO, G.T. (org.). **Cultura Escrita e Letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

MARQUES, R. P. de P. **República Política e usos da Constituição no governo Vargas: a segurança nacional e o combate ao comunismo**. 2011. Dissertação (Mestrado em Direito) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Direito, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

MATHEUS, L. C. Questões sobre o marco histórico do telégrafo no jornalismo do século XIX (1870-1900). **Revista Brasileira de História da Mídia**, Centro Universitário Plínio Leite, Rio de Janeiro, v. 1. n. 1, 2012, p.1-11. Disponível em: <http://www.unicentro.br/RBHM/ed01/artigos/04.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.

MATOS, D. A. **Salvador e suas comemorações: memória e identidade em narrativas**. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2018.

MATOS, F. de O. **Presença Jesuíta no Sertão da Bahia**: Instituto São Luiz Gonzaga / Caetité. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Departamento de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Campus I, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2016.

MEGIANI, A. P. Escritos breves para circular: Relações, notícias e avisos durante a Alta Idade Moderna (sécs. XV-XVII). **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 35, n. 68, p. 405-412, mai./ago. 2019.

MELO E CASTRO, E. M. G de. Odeio Cartas. *In*: GALVÃO, W. N, GOTLIB, N. B. (org.). **Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 241-250.

MENDES, H. S. A Bahia chora “lágrimas de sangue”. O bombardeio da cidade do Salvador: morte, rebeldia e disputa de poder na Bahia republicana da década de 1910. VIII ENCONTRO DE HISTÓRIA. **Anais [...]**, Feira de Santana: ANPUH – BA, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2016, p.1-12.

MIRANDA, T. C. P. R. A arte de escrever cartas: para a história da epistolografia portuguesa no século XVIII. *In*: GALVÃO, W. N.; GOTLIB, N. B. (org.). **Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre as cartas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 41-54.

MOLLIER, J. Y. **A Leitura e seu público contemporâneo: ensaios sobre história cultural**. Tradução Elisa Nazzarin. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

MOLLIER, J. Y. **O Camelô**: Figura Emblemática de Comunicação. Tradução Fátima Murad. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

MOREIRA, R. de C. História e educação feminina na Bahia na prosa poética de Mabel Velloso. *In*: DICK, S. M.; CARRERA, G. O.; VENAS, R. F. (org.) **A Bahia na história da Educação**. Salvador: EDUFBA, 2018.

MORAES, R. de. O gênero epistolar. **Scribd**. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/15698960/O-GENERO-EPISTOLAR>. Acesso em: 1 ago. 2011.

MUNIZ, D. do C. G. **História e Educação em Minas Gerais (1835 - 1892)**. Brasília: Editora da UNB, 2003.

NASCIMENTO, C. V. do. O Sexo Feminino em Campanha pela emancipação da mulher (1873-1874). 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

NASCIMENTO, E. F. V. C. de; SALES, T. R. R. Almanaque do Bom Homem Ricardo: práticas educacionais norte-americanas e sua circulação no Brasil oitocentista. **Cadernos do Tempo Presente**, s/1, n.15, p. 72-85, mar./abr. 2014.
Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/tempo/article/view/2812>. Acesso em: 28 abr. 2020.

NEVES, E. F. **Uma comunidade sertaneja**: da sesmaria ao minifúndio (um estudo da história regional e local). Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 1998.

NEVES, E. F. **Estrutura Fundiária e dinâmica mercantil**: Alto Sertão da Bahia, séculos XVIII e XIX. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS, 2005.

NEVES, E. F. **Posseiros, rendeiros e proprietários**: Estrutura Fundiária e Dinâmica Agro-Mercantil no Alto Sertão da Bahia (1750-1850). 2003. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2003.

NEVES, F. de C. **Getúlio e a seca**: políticas emergenciais na era Vargas. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.21, n.40, p. 107-131, 2001.

NEVES, S. A. **O rádio como agente de letramento literário de crianças**: um estudo sobre o programa radiofônico Encontro Com Tia Leninha, da Rádio Nacional da Amazônia (1979-1999). 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

NOGUEIRA, M. L. P. S. **Mulheres, história e literatura em João Gumes**: Alto Sertão da Bahia, 1897 - 1930. Prefácio de Maria Odila Leite da Silva Dias. São Paulo: Intermeios, 2015.

NOGUEIRA, M. L. P. S. **Mulheres baianas nas artes de escrita**: tessituras de experiências, memórias e outras histórias (1926 – 1960). 2016. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

NUNES, A. A. A educação na Bahia Imperial (1823 - 1889). *In*: LUZ, J. A.; SILVA, J. C. (org.). **História da educação na Bahia**. Salvador: Arcadia, 2008, p. 122-159.

NUNES, C. **Anísio Teixeira**: a poesia da ação. São Paulo: EDUSF, 2000.

NUNES, C. **Anísio Teixeira: a poesia da ação**. Bragança Paulista: EDUSF, 2001.

NUNES, C. “Anísio Teixeira: o amigo das crianças”. **Tema livre**, Salvador, v. 3, n.20, p. 4-5, jul. 1998. Disponível em: <http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/amigo.html>. Acesso em: 11 dez. 2020.

O BRASIL NO SEGUNDO GOVERNO VARGAS – OTAVIO MANGABEIRA. **Dicionário Biográfico Brasileiro pós 1930**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/otavio_mangabeira. Acesso em 01 mar. 2021.

O GURI. **Wikipédia**: a enciclopédia livre. 2019. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Guri. Acesso em: 16 abr. 2020.

OLSON, D. R.; TORRANCE, N. **Cultura Escrita e Oralidade**. Tradução Valter L. Siqueira. São Paulo: Ática, 1995.

OLIVEIRA, R. dos S. de. **Da literatura à educação: imagens da educação na literatura do século XIX**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2012.

PANDOLFI, D. C. Fato & Imagens: A Revolta Comunista. **CPDOC – FGV: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil**. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/RevoltaComunista> Acesso em: 27 abr. 2020.

PAULINO, G. *et al.* **Tipos de textos, modos de leitura**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

PAULINO, G. Saberes literários como saberes docentes. **Presença Pedagógica**, v. 10, n. 59, p. 55-61, set/out 2004.

PERROT, M. **Os excluídos da história, operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução: Denise Bottmann. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PETRUCCI, A. **Escribir Cartas: uma história milenária**. 1. ed. 1ª reimpressão. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ampersand, 2019.

PIMENTEL, A. O. **Memória de uma mulher da elite: a correspondência de Celsina Teixeira Caetité-BA, 1916 - 1926**. 2013. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista/BA, 2013.

PIRES, M. F. N. **O crime na cor: escravos e forros no alto Sertão da Bahia – 1830 - 1888**. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2003.

PIRES, M. F. N. **Fios da Vida: tráfico interprovincial e alforrias nos Sertoins de Sima – BA (1860 - 1920)**. São Paulo: Annablume, 2009.

- PROENÇA FILHO, D. **Estilos de Época na Literatura**. São Paulo: Ática, 1995.
- RAMALHO, S. M. **O Educandário do Sagrado Coração de Jesus: ideais e valores na formação da elite feminina baiana (1890-1936)**. 2015. **Dissertação (Mestrado)** – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.
- RAMOS, E. R.; BRITO, G. M. A expansão da alfabetização de adultos na Bahia na administração de Anísio Teixeira (1946 a 1949). *In*: DICK, S. M.; CARRERA, G. O.; VENAS, R. F. (org.). **A Bahia na história da Educação**. Salvador: EDUFBA, 2018.
- REIS, J. P. M. **Instâncias formativas, modos e condições de participação nas culturas do escrito: o caso de João Gumes (Caetité- BA, 1987-1928)**. 2010. **Dissertação (Mestrado em Educação)** – Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- REIS, J. P. M. **Letramentos em uma instância religiosa (manuscrito): o caso do Centro Psicico de Caetité, Bahia (1905 - 1930)**. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.
- RIBEIRO, M. P. **Mulheres e Poder no Alto Sertão da Bahia: A Escrita Epistolar de Celsina Teixeira Ladeia (1901-1927)**. São Paulo: Alameda, 2012.
- RIBEIRO, M. P. **Mulheres sertanistas: transmissão e sedimentação cultural do trabalho feminino na formação das primeiras fazendas de gado dos sertões baianos (1704 - 1838)**. 2019. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- RIO ITAPICURU. **Wikipédia: a enciclopédia livre**. 2019. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Itapicuru. Acesso em: 29 mar. 2020.
- RITZKAT, M. G. B. Preceptoras alemãs no Brasil. *In*: LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M. de; VEIGA, C. G. (org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 269-290.
- ROCHA, J. A. de. L. **Breve história da vida e morte de Anísio Teixeira: desmontando a farsa da queda no fosso do elevador**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- ROCHA, A. de. C. **Notas sobre a Irmandade de São Benedito no alto sertão da Bahia: Uma história em construção (Caetité, 1864-1904)**. 2016. Trabalho de conclusão de curso. (Graduação em Licenciatura em História) – Universidade do Estado da Bahia/Campus VI, Caetité/BA, 2016.
- SARDICA, J. M. O poder visível: D. Carlos, a imprensa e a opinião pública no final da monarquia constitucional. **Análise Social**, 203, XLVII (2.), p.344-368, 2012.
- SALOMON, M. **As correspondências: uma história das cartas e das práticas de escrita no Vale de Itajaí**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.
- SAMPAIO, C. N. Verbete: A Tarde. **CPDOC – FGV: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil**. Disponível em:

<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/tarde-a>. Acesso em: 23 abr. 2020.

SAMPAIO, T. **O rio São Francisco e a Chapada Diamantina**. Salvador: Imprensa Gráfica da Bahia, 1998.

SANTOS, F. N. O processo de romanização no alvorecer do século XX em Caetité-Ba: entre disputas e consolidação. *In*: MARANHÃO FILHO, E. M. de A., SÁEZ, O. C. (Orgs.). **Anais do II Simpósio Internacional da ABHR / XV Simpósio Nacional da ABHR / II Simpósio Sul da ABHR. História, Gênero e Religião: Violências e Direitos Humanos (Vol. 1)**. Florianópolis: UFSC, 2016.

SANTOS FILHO, L. **Uma comunidade rural do Brasil Antigo**: aspectos da vida patriarcal no sertão da Bahia nos séculos XVIII e XIX. Biblioteca Pedagógica Brasileira, Série 5ª, Brasiliana, v. 9, São Paulo: São Paulo Editora S/A, 1956.

SANTOS, M. **Bandeirantes Paulistas no Sertão de São Francisco**: Povoamento e Expansão pecuária de 1688 a 1734. São Paulo: USP, 2009.

SANTOS, P.H.D. Veredas dos sertões da Bahia: economia e vida material nos relatos de viajantes. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, vol.21, n.1, p. 180-208, abr. 2013.

SANTOS, P.H.D. **Léguas Tirana**: sociedade e economia no alto sertão da Bahia Caetité, 1890-1930. 2014. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SANTOS, R. E. dos; VERGUEIRO, W. **O Tico Tico**. Centenário da Primeira Revista de Quadrinhos do Brasil. 1. Ed. Opera Graphica, 2005, p.256. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Centen%C3%A1rio-Primeira-Revista-Quadrinhos-Brasil/dp/8589961559>. Acesso em: 02 mar. 2021.

SCAPATICIO, M, NICOLIELO, B. A carta de Pero Vaz de Caminha: como interpretar nosso primeiro documento. **Nova Escola**, 01 set. 2012. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/2097/a-carta-de-pero-vaz-de-caminha-como-interpretar-nosso-primeiro-documento>. Acesso em: 13 jun. 2020.

SCOTT, J. História das Mulheres. *In*: BURKE, P (org.); **A Escrita da História**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

SERPA, L. A Máscara da Modernidade: a mulher na revista *O Cruzeiro* (1928-1945). **Revista PJ: Br Jornalismo Brasileiro (ECA/USP)**, São Paulo, ed. 07, p. (s/r), 2º semestre, 2006.

SEVCENKO, N. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. *In*: SEVCENKO, N. (org.). **História da vida privada no Brasil**. Coordenador geral da coleção Fernando A. Novais. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, vol.3, p. 513-619.

SILVA, J. C. de A. **O recôncavo baiano e suas escolas de primeiras letras (1827 - 1852)**: um estudo do cotidiano escolar. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

- SILVA, J. C. de A. **As Aulas Régias na Capitania da Bahia (1759 - 1827):** pensamento, vida e trabalho de “nobres” professores. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.
- SILVA, Z. R. **Territórios e fronteiras na conformação do Império – a vila de Caetité-BA no Antigo Regime português tardio (1808-1820).** VII ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA COLONIAL. 2018. Anais [...], Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.
- SILVA, G. A. N. Escravos que viviam por si: sobrevivências, autonomias e hierarquias sociais no “Certam de Sima do Sam Francisco” (XVIII). In: PIRES, M. de N.; SANTANA, N. P.; SANTOS, P. H. D. (org.). **Bahia, Escravidão, Pós-abolição e Comunidades Quilombolas:** estudos interdisciplinares. Salvador: EDUFBA, 2018.
- SILVA, R. de C. da S.; GOODWIN JR, J. W.; SARAIVA, L. F. (org.). **Na saúde e na doença:** história, crises e epidemias. Reflexões da história econômica na época da covid-19. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 2020.
- SILVA, M. C. da; MOREIRA, I. C. de. A introdução da telegrafia elétrica no Brasil (1852-1870). **Revista da SBHC**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 47-62, jan./jul. 2007.
- SILVA, J. C. de A. **O recôncavo baiano e suas escolas de primeiras letras (1827-1852):** um estudo do cotidiano escolar. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia/UFBA. Salvador, 1999.
- SIMMON-MARTIN, M. La educación epistolar: los intercambios de cartas entre mujeres burguesas como fuente de desarrollo personal en la Inglaterra victoriana. **Revista História da Educação**, Santa Maria, v. 24, p. 1-31, 2020. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/98600/pdf>. Acesso em: 02 mar. 2021.
- SIRINELLI, J. F. A geração. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. **Usos & Abusos da História Oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- SOUSA, I. C. J. de. **Escolas ao povo:** experiências de escolarização de pobres na Bahia – 1870 a 1890. 2006. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- SOUZA, M. J. F. de. A Igreja Católica como instância de difusão de textos e de práticas de leitura: o caso de uma comunidade rural no norte de Minas Gerais. In: JINZENJI, M Y GALVÃO, A. M. de O.; MELO, J. F. de (org.). **Culturas orais, culturas do escrito:** intersecções. Campinas: Mercado de Letras, 2017.
- SUAREZ, R. **Nota sobre o conceito de Bildung** (formação cultural). *Kriterion: Revista de Filosofia*, Belo Horizonte, nº 112, vol.46, p. 191-198, Dez/2005.
- TEIXEIRA, M. S. **“Bois de Açougue”.** Estudo Anatômico e Fisiológico. Escola Agrícola da Bahia: Litho-Typ. E Encad. Wilcke, Picard & C. 3, 1898.

TEIXEIRA, A. **Educação para a democracia**: introdução à administração educacional. Apresentação de Luiz Antônio Cunha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

TEIXEIRA, A. **Educação não é Privilégio**. 9. ed. Comentada por Marisa Cassi; organização Coleção Clarice Nunes; apresentação Marisa Cassim. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

TIN, E. (org). **A arte de escrever cartas**: Anônimo de Bolona, Erasmo de Rotterdam, Justo Lípio. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005.

UM TEATRO QUASE ESQUECIDO. **Painel das décadas de 1930 e 1940 no Recife (década de 1930)**. Disponível em: <https://issuu.com/cultura.pe/docs/>. Acesso em: 01 mai. 2020.

WELLER, V. A atualidade do conceito e gerações de Karl Mannheim. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 25, n. 2, p.205-224, mai./ago. 2010.

WEFFORT, F. **O populismo na política brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

VARTULI, S. M. R. **Por mãos alheias**: usos da escrita na Minas Gerais colonial. 2014. Tese (Doutorado em Educação: Conhecimento e Inclusão Social) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

VEIGA, C. G. A escolarização como projeto de civilização. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 21, p.90-103, set./dez. 2002.

VELASQUEZ, M. C. C. Verbete: O Cruzeiro. **CPDOC – FGV: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil**. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/cruzeiro-o>. Acesso em: 16 abr. 2020.

VENANCIO, G. M. Cartas de Lobato a Vianna: uma memória epistolar. *In*: GOMES, Angela de Castro (org.). **Escrita de Si**. Escrita da História. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 111-137.

VIANA, M. J. M. **Do sótão à vitrine**: memórias de mulheres. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1995.

VIANNA, M. de A. G. As rebeliões de novembro de 1935. **Revista Novos Rumos**, São Paulo, nº 34, p. 01-40, 18/03, 2003.

VIANNA, C. Contribuições do conceito de gênero para a análise de feminização do magistério no Brasil. *In*: CAMPOS, M. C. S. de S.; SILVA, V. L. G. da (org.). **A feminização do magistério**: vestígios do passado que marcam o presente. 1. ed. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

VIDAL, D. G.; CARVALHO, M. P. de. Mulheres e magistério primário: tensões, ambiguidades e deslocamentos. *In*: VIDAL, D. G.; HILSDORF, M. L. S. (org.). **Brasil 500 anos**: tópicos em História da Educação. São Paulo: EDUSP, 2001.

VILLELA, H. de S. O Mestre-escola e a professora. *In*: LOPES, E. M T.; FARIA FILHO, L. M. de; VEIGA, C. G. (orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

VILLALTA, L. C. O que se fala e o que se lê. Língua, instrução e leitura. *In*: SOUZA, L. de M. e (org.). **História da vida privada no Brasil**. Cotidiano e vida privada na América Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, v. 1.

XAVIER, J. G. **Cultura Escrita no Alto Sertão da Bahia (fim do século XIX e início do XX)**: a produção cultural de Joaquim Manoel Rodrigues Lima Júnior. 2020. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Licenciatura em Letras) – Universidade do Estado da Bahia/Campus VI, Caetité, 2020.

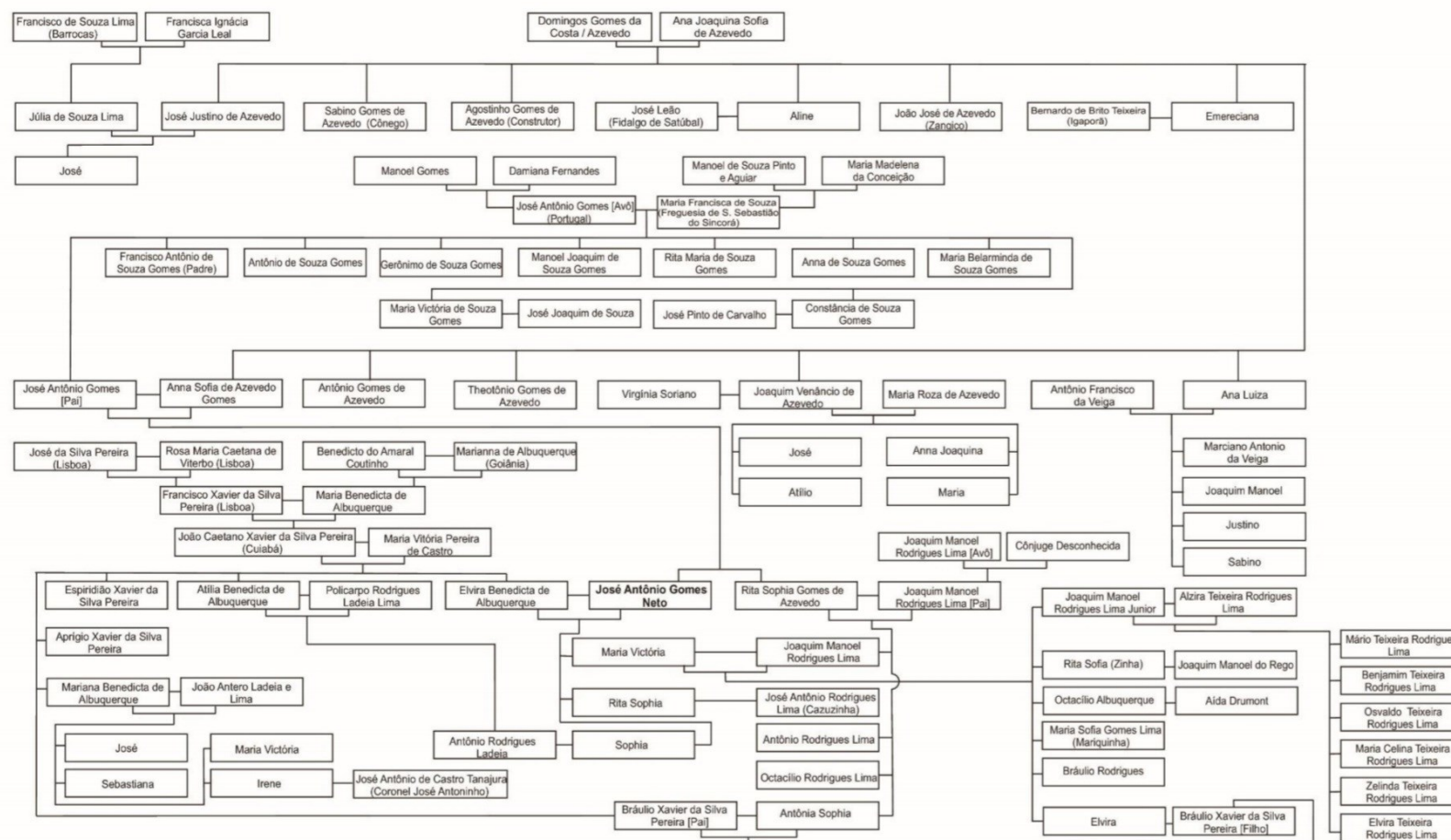
YUNES, E. **Tecendo um leitor**: uma rede de fios cruzados. Curitiba: Aymar, 2009.

ZILBERMAN, R. Bibliotecas: escolhas e acervos. **Revista da FAEEBA**, Salvador, v.1, n.1, p. 191-195, jan./jun.1992.

ZILBERMAN, R. Leitura literária e outras leituras. *In*: GALVÃO, A. M. de O.; BATISTA, A. A. G. (org.). **Leitura**: práticas, impressos, letramentos. 2. ed. 1. Reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ANEXOS

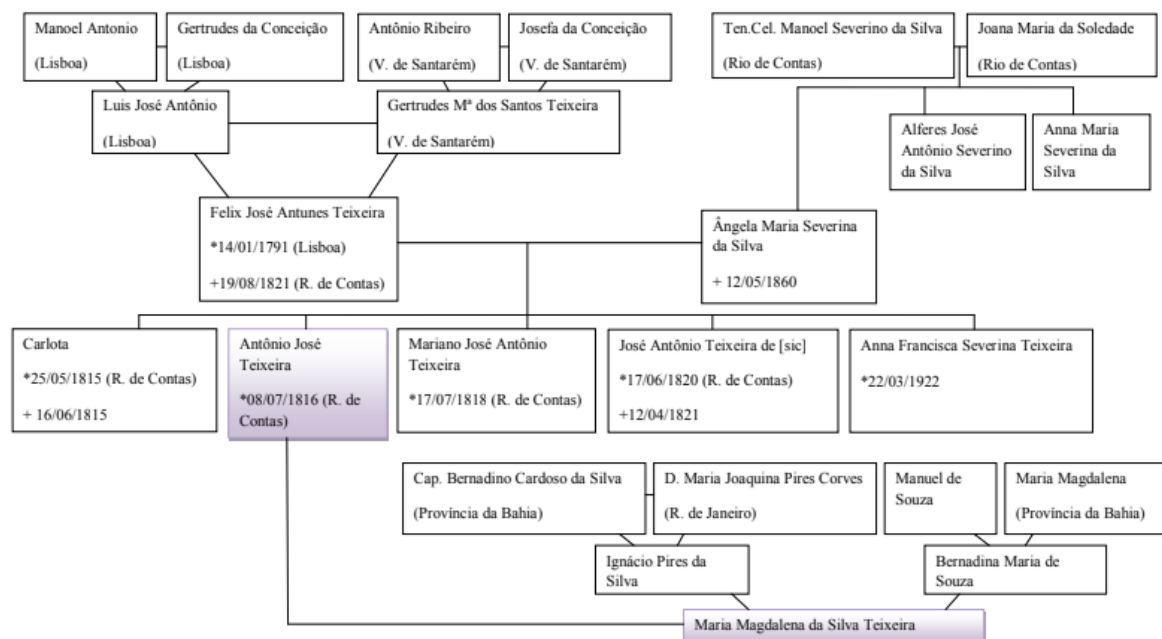
ANEXO A – GENEALOGIA DA FAMÍLIA DO BARÃO DE CAETITÉ



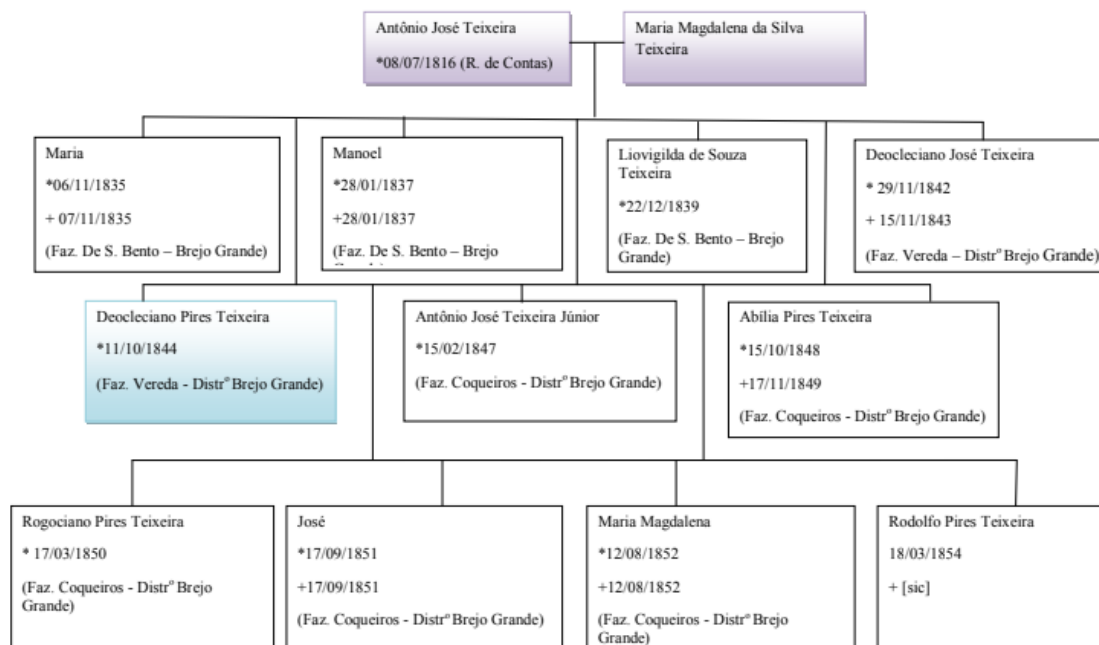
Fonte: AGUIAR, 2019, p. 354.

ANEXO B – GENEALOGIA DA FAMÍLIA TEIXEIRA

Parte 1

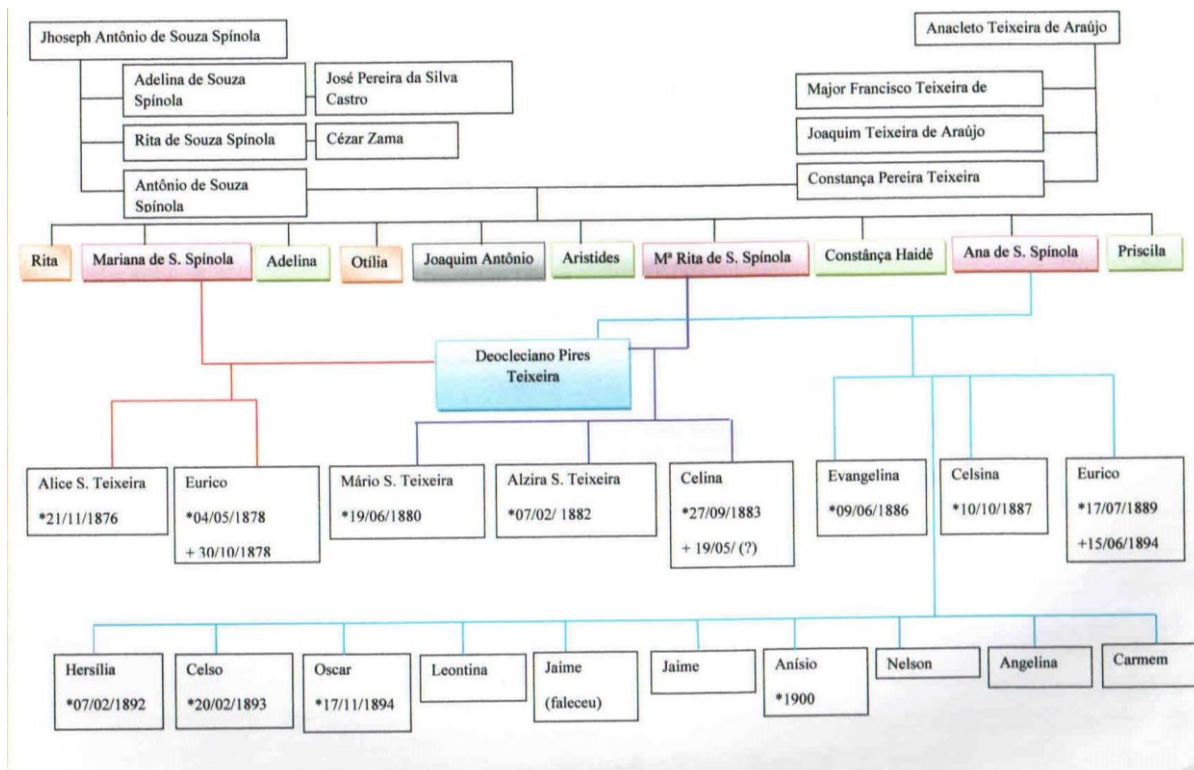


Parte 2



Fonte: AGUIAR, 2011, p. 160-161.

ANEXO C – GENEALOGIA DA FAMÍLIA SPÍNOLA TEIXEIRA

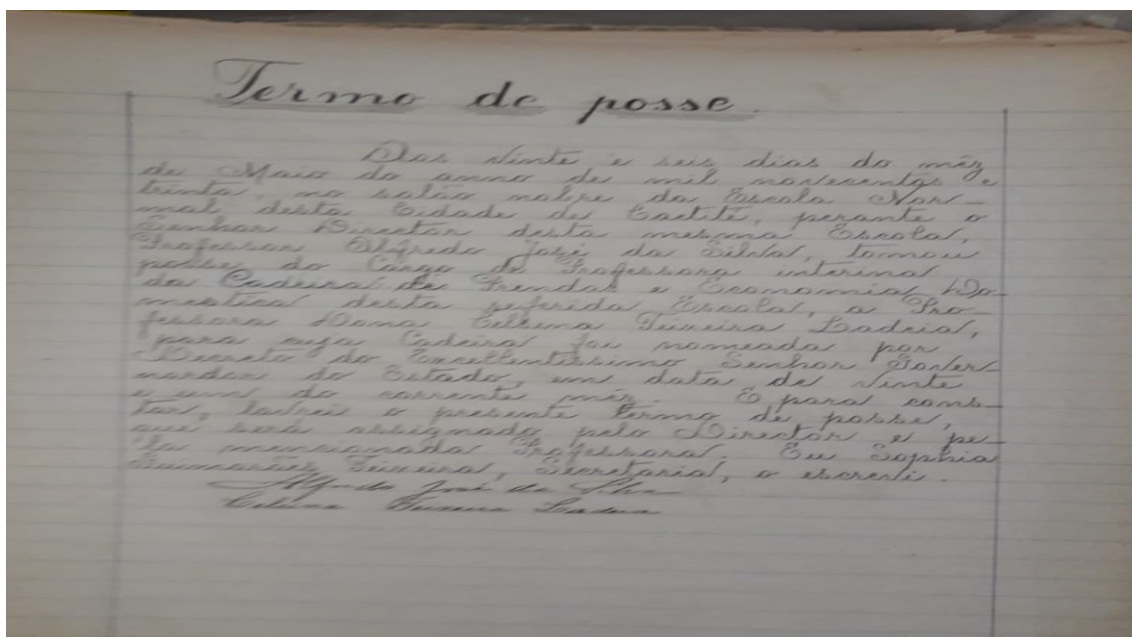


Legenda:

- Filhas casadas, mas, sem herdeiros (filhos)
- Filhas que se casaram com Deocleciano Teixeira
- Filhos celibatários
- Filho que se casou e deixou outros herdeiros netos
- Filhos do primeiro casamento de Deocleciano Teixeira
- Filhos do segundo casamento de Deocleciano Teixeira
- Filhos do terceiro casamento de Deocleciano Teixeira

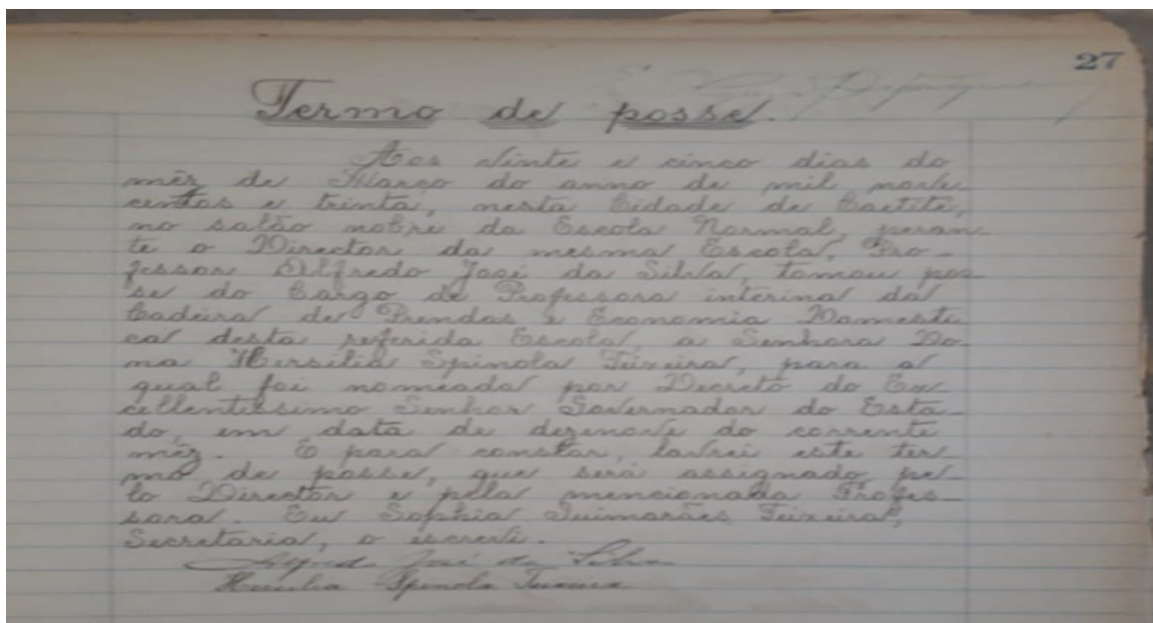
Fonte: SANTOS, Helena Lima. *Caetité Pequena e Ilustre*, 2 ed. Tribuna do Sertão: Brumado, 1997.
 APEB. Sessão: Judiciário. Série: Inventários. ID: Mariana de Souza Spínola Teixeira. Est. 05, cx. 2083, maço: 2554, doc. 10. 1878. Auto com 46 fls.
 APEB. Sessão: Judiciário. Série: Inventários. ID: Antônio José Teixeira. Est. 05, cx. 2150, maço: 2619, doc. 04. 1886. Auto com 120 fls.

ANEXO D – TERMO DE POSSE DE CELSINA TEIXEIRA LADEIA (26/05/1930)



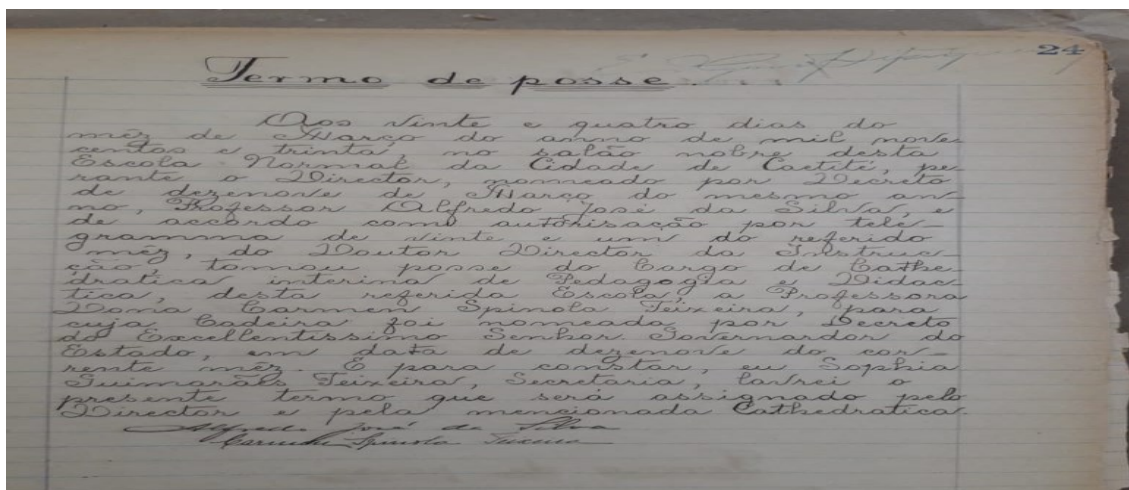
Fundo: Arquivo do Instituto de Educação Anísio Teixeira (IEAT)

ANEXO E – TERMO DE POSSE DE HERSÍLIA SPÍNOLA TEIXEIRA (25/03/1930)



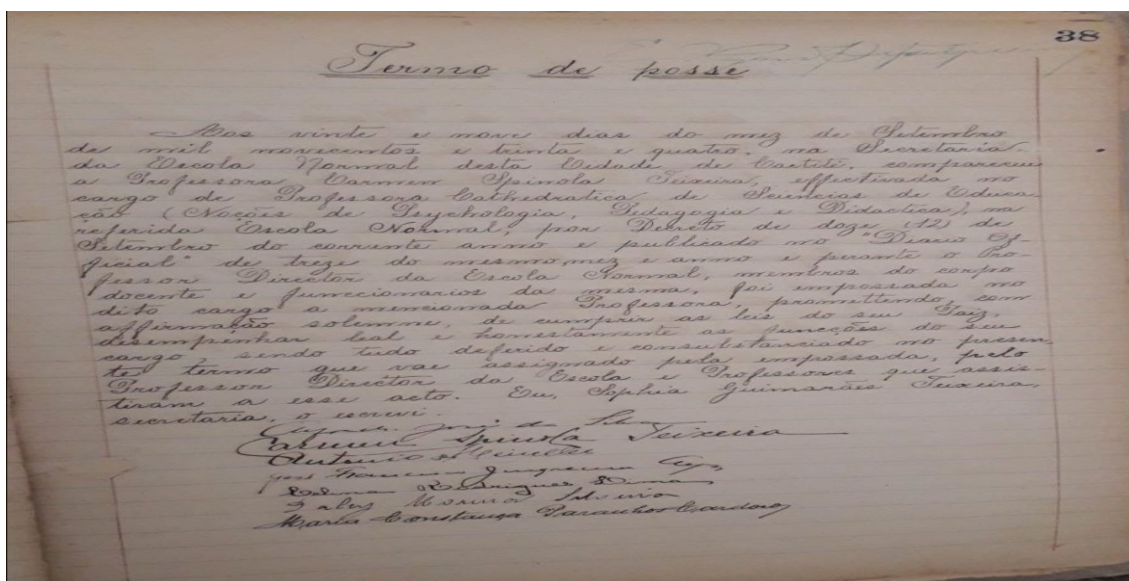
Fundo: Arquivo do Instituto de Educação Anísio Teixeira (IEAT)

**ANEXO F – TERMO DE POSSE DE CARMEN SPÍNOLA TEIXEIRA
(PROFESSORA INTERINA EM 24/03/1930)**



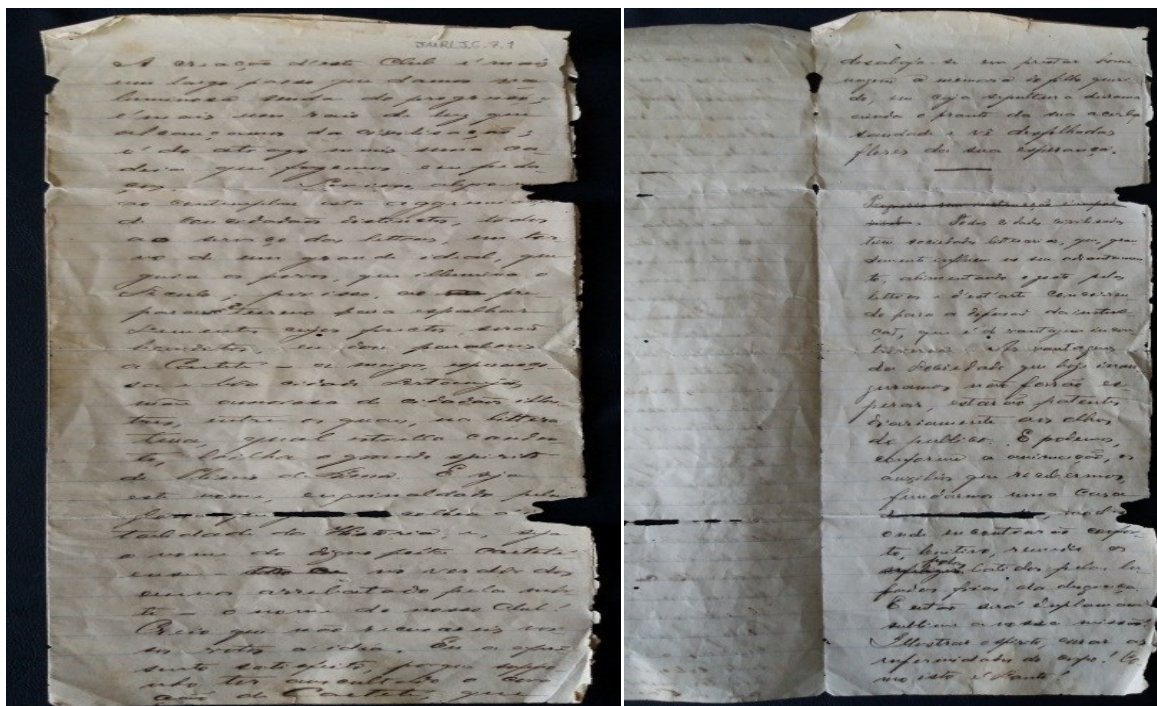
Fundo: Arquivo do Instituto de Educação Anísio Teixeira (IEAT)

**ANEXO G – TERMO DE POSSE DE CARMEN SPÍNOLA TEIXEIRA
(PROFESSORA EFETIVA EM 29/09/1934)**



Fundo: Arquivo do Instituto de Educação Anísio Teixeira (IEAT).

**ANEXO H – CLUBE LITERÁRIO CASTRO ALVES CRIADO EM 1894
FOTOMONTAGEM FEITA POR XAVIER (2019)**



Fonte: Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC).

ANEXO I – A INSTRUÇÃO EM CAETITÉ

Abriu

| ASSIGNATURAS | | | A PENNA | Caetité - Bahia - Brasil |
|--------------|-------------|-------------|---------|--------------------------|
| Ano | 1º Semestre | 2º Semestre | | |
| Na Comarca | 80000 | 80000 | | |
| Vers | 80000 | 80000 | | |

Annuncios e pequenos apodites, 500
reia litta corpo S. Outras publicações
mediante contrato.

NUMERO 140

PAGAMENTOS ADIANTADOS

João Gomes

ANNO VII

RETRALHOS

Deus seja louvado, que presen-
tamos aqui quando formos jovens na
transacção chronica; pois a ryzgia
trouxe-nos abundantes chaves.

Item disse o condor bahiano: «A
balança desce, a balança sobe...»
Assim foi, assim é, assim sempre
será.

A balança sobe. Phebo roriz as or-
cancas, de rosto nã e radiante, a
sucudir a sua ignca cabelleira e a
quillibir a Teira de aureas focos.
No entanto, triste e despropozido,
parecemos chorar quando no lãco co-
lhem as graxas longas do suor. A balân-

Deus seja louvado! B que Deus seja lou-
vado.

João Gomes

A INSTRUÇÃO EM CAETITÉ
(Concluido)

Ha um anno apenas que o pa-
metro tuina inercio ja bastante
reduzido d'aquelles que som dia 70
gl'ria inopreciavel para o Caetité
assistiram a inauguração da Escola,
formava-se o com um juramento so-
lennno (congratava-se de grande co-
nducto, e ja cutra terna a escola

baesin que se se tivesse feito as-
sistir a solemnidade da inauguraçã do
gran. submettendo-se a influencia
potente, irremediavel, despendida do
conjuncto harmonico de tantas
conscienças esclarecidas, de tantas
caracteres illustres, de tantas ruz-
ças reunidas n'um só pensamento,
em nome de sauz sauz da ino-
cência. Não foi sem razão que o legi-
slador exigiu para essa acta a
maxima solemnidade.

Do facto, como não impressionar
erao expantavel?

Vide-se: todos os professores, — to-
das as autoridades, as mais com-
plices illustres da sociedade cae-
tense, — os pais, as familias mais
gradas, as nunciaturas convidadas,
entre as quozs hospedes illustres da
cidade, e todos reunidos em um só
pensamento, reunidos em um acclio-
so reverencia, das galas e esplendores
quozdães acento para as grandes
quozdães solemnidades. «Ho nos

viado pelo Congresso Nacional. Foi
a litta forte por causa de pucto
assumido pelo presidente Brazil no
voto (artigo publicado em 31 de
out p.p.), e uma justissima exposto
contra a prezada do governo. Con-
tinuo firme e certo no caminho
indicado pela sciencia e pelo patri-
otismo, como prometteu, até ser a-
commetido pela traiçoeira maldade
quozlo preparava-se para recom-
pôr o exercicio da cadeira de leito. A
leito, festejante repuziva ar-
tisticamente nos braços do não suozavel,
pallexu no dia 6 de Novembro,
pobre, apraz de ter occupado as
mais elevadas posições ecclesiar.

D'elles sahi, na phrase do illu-
stre Dr. Paulo Guimarães: «como o
muito humilde des quozrta que a
estu lado trahinharam na leito de
estu para nada tendo que legar co-
stas além do nome que tanto co-
stos e sejam exultantes palavras
quozdães ligitas actas trahidães do
d'elles de sobre deputado primario

Fonte: Jornal A Penna, Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC).